CPAD

SÉRIE
Comentário Bíblico

APOCALIPSE

As coisas que brevemente devem acontecer

Stanley M. Horton

Reedição do livro *A Vitória Final*

SÉRIE
Comentário Bíblico

APOCALIPSE

As coisas que Brevemente devem acontecer

Stanley M. Horton



CPAD

Todos os Direitos Reservados. Copyright © 2001 para a língua portuguesa Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

Título do original em inglês: *The Ultimate Victory*
Gospel Publishing House, Springfield, Missouri, USA
Primeira edição em inglês: 1991
Tradução: Cláudio Rogério

Revisão: Marcos Tuller
Capa: Flamir Ambrósio
Editoração Eletrônica: Olga Rocha dos Santos

CDD 220 – Comentários Bíblicos
ISBN 85-263-00332-5

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD visite o nosso site:
http://www.cpad.com.br

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
2000-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

7ª impressão/2011

Prefácio

Neste livro, o Dr. Stanley M. Horton brinda os seus leitores com um excelente tratado sobre o último livro da Bíblia Sagrada.

O Apocalipse mostra um excitante quadro do Senhor Jesus Cristo - a pessoa e tema centrais do livro. Ele é apresentado como o Cordeiro de Deus que cumpre as profecias do Antigo Testamento, e garante o triunfo final do grande plano de Deus à salvação da humanidade.

Ao lado destas grandes verdades, acham-se muitas figuras simbólicas.

Consequentemente, por ser o Apocalipse conhecido como o livro mais difícil do Novo Testamento, muitas escolas teológicas vêm desenvolvendo-se à medida que os estudiosos tentam desvendar as verdades nele contidas.

O Dr. Horton, porém, não faz especulação. Em seu costumeiro modo acadêmico, através de rigorosa investigação exegética, apresenta uma perspectiva equilibrada do assunto. Os leitores não serão somente abençoados por passarem a entender melhor as verdades proféticas, mas também serão levados a ter uma apreciação mais profunda do Cordeiro de Deus sacrificado para redimir-nos a fim de que, no final dos tempos, nossa vitória seja completa.

Somos gratos ao Dr. Horton por presentear-nos com mais um dos seus ricos tesouros. Possa o Senhor Jesus, o Mestre por excelência, desviar a mente dos leitores das especulações vãs, e direcioná-la a ouvir-lhe a voz.

G. Raymond Carlson
Presidente da Convenção Geral das
Assembléias de Deus nos Estados Unidos.

Sumário

Prefácio 4
Introdução 6
Capítulo 1 12
Capítulo 2 23
Capítulo 3 39
Capítulo 4 51
Capítulo 5 59
Capítulo 6 67
Capítulo 7 78
Capítulo 8 87
Capítulo 9 95
Capítulo 10 106
Capítulo 11 113
Capítulo 12 124
Capítulo 13 134
Capítulo 14 145
Capítulo 15 158
Capítulo 16 163
Capítulo 17 174
Capítulo 18 185
Capítulo 19 199
Capítulo 20 213
Capítulo 21 224
Capítulo 22 237
Notas 247

Introdução

Título, Autor, Destinatário

"A Revelação de Jesus Cristo" (Ap 1.1) é o título inspirado pelo Espírito Santo para o livro de Apocalipse. "De Jesus Cristo" pode significar "por", "de" ou "a respeito de" Jesus Cristo. Três sentidos se encaixam aqui. O que neste livro temos é um novo e excitante quadro de Jesus. Apesar de ser o mesmo Jesus dos evangelhos e do restante do Novo Testamento, em Apocalipse mostra-se triunfante. Somente Ele é digno de desatar os selos do livro da ira de Deus. Cumpre as profecias do Antigo Testamento referentes ao Dia do Senhor, trazendo tanto o julgamento como a restauração. Ele reivindica a justiça divina e completa a consumação do grande plano redentivo de Deus. Todavia, é ainda o Cordeiro de Deus no último e derradeiro cumprimento do governo divino na nova Jerusalém, no novo céu e na nova terra.

O livro informa-nos ter sido esta revelação de Jesus Cristo dada a João enquanto o evangelista era prisioneiro na Ilha de Patmos. Sua mensagem foi inicialmente direcionada às sete igrejas da Ásia. Estas comunidades cristãs foram, provavelmente, fundadas por Paulo durante seu ministério em Éfeso (At 19.10,20).

Características Literárias

Os eruditos identificam o estilo literário deste livro como apocalíptico. "Revelação" em Ap 1.1 é "Apokalupsis", no grego; tem o sentido de "desvendar, descobrir, revelar". Sua revelação de Jesus relaciona-se ao desvendamento dos segredos dos fins dos tempos. Muitas das verdades reveladas neste livro estiveram escondidas até este tempo. Outros tipos de literaturas apocalípticas são encontradas no Antigo Testamento, especialmente em Ezequiel e Daniel. Tais literaturas são marcadas por imagens simbólicas e visões dramáticas e previsões sobre o final dos tempos. O Apocalipse, contudo, identifica-se a si mesmo como uma profecia (Ap 1.3, 22.7,10,18,19). É ordenado a João que, escreva o que vê. O livro tem muitos pontos em comum com outros do Antigo Testamento. À semelhança dos livros proféticos, contém não somente profecias, mas cartas, discursos, diálogos, cânticos e hinos.

Os cânticos e hinos são proeminentes por causa da presença e da glória de Deus Pai e do Cordeiro que inspira adoração (veja 4.8,11, 5.8-13, 7.9-12, 11.15-18, 15.2-4, 19.1-8).

A linguagem do livro reflete o estilo dos escritores proféticos do Antigo Testamento. Na Ilha de Patmos, João deve ter meditado muito nas profecias, especialmente nas de Daniel, Ezequiel e Zacarias. Todavia, nenhuma delas é citada diretamente. As criaturas viventes de Apocalipse 4.5, por exemplo, são descritas com linguagem similar à das criaturas de Ezequiel 1. Neste, as criaturas são idênticas uma às outras. Em Apocalipse, entretanto, elas são diferentes uma das outras. Portanto, as criaturas de Apocalipse não são as mesmas descritas por Ezequiel. João está registrando uma nova revelação.

O livro é caracterizado também pelo uso de números, especialmente o sete: sete cartas, sete bênçãos (Ap 1.3, 14.13, 16.15, 19.19, 20.6, 22.7,14), sete selos, sete trombetas, sete trovões, sete taças. As sete cartas apontam para os eventos do final dos tempos. Os sete selos antecipam tais eventos. As sete trombetas trazem julgamento parcial, e antecipam o julgamento mais completo das sete taças da ira de Deus. As sete bênçãos e os sete trovões reforçam as promessas e os julgamentos divinos. Sete é considerado número sagrado, pois Deus descansou no sétimo dia. O sete, em Apocalipse, enfatiza que os propósitos divinos estão sendo executados.

As várias sequencias do número sete são seguidas por três visões do fim: o fim do sistema mundial de Babilônia, o fim do Anticristo e seu reinado, e o fim de Satanás e seu domínio. Então, todo o povo de Deus será reunido para estar em glória com Cristo na Nova Jerusalém. As diversas partes do livro são amarradas por repetições que dão suporte a todo o material, e atraem a nossa atenção à necessidade de se focalizar o livro como um todo.

A expressão "e eu vi" frequentemente introduz uma mudança no cenário, ou algum item novo no livro. Trovões, vozes e terremotos são mencionados em importantes pontos do livro (ver Ap 4.5, 8.5, 11.19, 16.18). Os interlúdios também são uma marca do Apocalipse, e ajudam a entrelaçar a mensagem de todo o livro numa unidade perfeita. Os interlúdios, ou parênteses, são encontrados de Ap 7.1 a 8.1, entre o sexto e o sétimo selo; e no capítulo 10.1 a 11.14, entre a sexta e a sétima trombeta. Também há personagens e anjos introduzidos entre as trombetas e as taças. Os sete trovões do capítulo 10 são importantes, pois deixam-nos cientes de que algumas coisas hão de acontecer, as quais nos são agora reveladas. Consequentemente, fica claro que o Apocalipse não é uma fotografia completa de tudo o que há de ocorrer no futuro. Há coisas que estão sob a autoridade do Pai, e que não foram nem o serão reveladas até que se tornem realidade (At 1.7).

Além disso, algumas coisas são colocadas a partir de uma perspectiva celestial, e outras são postas sob uma ótica terrena. A queda de Babilônia, por exemplo, é anunciada no capítulo 14; mas, nos capítulos 17 e 18, são-nos dados mais detalhes do evento. O livro é igualmente cheio de

contrastes, os quais classificam os caracteres e os símbolos; todos eles olham à frente, ao triunfo final de nosso Deus e do seu Cristo.

Data

A maioria dos pais da Igreja e dos historiadores data o Apocalipse por volta de 95 a.D., no fim do reinado de Domiciano (81-96 a.D.). O imperador romano, nesse tempo, aproximava-se do ponto culminante de sua grandeza e prosperidade. Seus exércitos haviam adicionado os territórios da Grã-Bretanha e Alemanha a Roma, mas fracassaram na Dácia (Sudeste da Europa, incluindo a moderna Romênia). É bom notar que a Alemanha Oriental, Polônia, Escandinávia e Rússia jamais fizeram parte do Império Romano. Muitos acham isto significativo quando consideram a futura federação das dez nações dirigida pelo Anticristo. Tal federação parece ser composta de nações que, uma vez, constituíram o antigo Império Romano.

Alguns eruditos buscam datar o Apocalipse entre 54 e 58 a.D., durante o reinado de Nero. Segundo Papias, João teria morrido antes da destruição de Jerusalém em 70 a.D. Mas esse antigo escritor não merece confiança por ter errado em muitas outras coisas. Aliás, não temos rigorosamente os escritos de Papias, mas somente o que o historiador da Igreja, Eusébio de Cesaréia, que morreu em torno de 340 a.D., alega ser proveniente de Papias. ([1])

Outros tomam o número 666 (Ap 13.18) para referir-se a Nero. ([2]) Nos dias do Império Romano, as letras eram usadas como números, pois os algarismos arábicos ainda não estavam em uso. A primeira letra do alfabeto, por exemplo, era usada para o número um; a segunda, para o número dois, e assim por diante. Ao se colocar "Nero César" (Imperador Nero) em letras hebraicas, estas somam 666. ([3]) Todavia, o Apocalipse foi escrito em grego. O uso do Alfa e do Ômega (primeira e última letra do alfabeto grego) mostra que se tinha em mente o alfabeto grego, não o hebraico. Além disso, a situação geral do livro encaixa-se no tempo de Domiciano, não no de Nero. A condição das Igrejas e a pressão dos tempos indicam um período posterior. Consideremos também de que são pequenas as evidências de que a perseguição de Nero aos cristãos houveram se estendido às províncias romanas da Ásia. Portanto, aceito 95 a.D. como a data em que o Apocalipse foi escrito.

As Diversas Interpretações

Muitos tentam fazer do Apocalipse um livro de adivinhações. Relacionam-no aos acontecimentos de suas respectivas épocas, para

descobrir o que há de acontecer no futuro próximo. Esta interpretação é muito proeminente entre os que têm uma visão meramente histórica do livro. Estes intérpretes vêm comparando o Apocalipse com a história da Igreja desde o primeiro século, para realçar coisas como o aparecimento do papado e as invasões muçulmanas.

Por conseguinte, não conseguem ver a Grande Tribulação no final dos tempos, pois espalharam os eventos do livro no decorrer da história da Igreja. Como se vê, cada geração de eruditos vem retrabalhando a interpretação do Apocalipse, numa tentativa de encaixar as profecias em suas respectivas épocas.

Outros possuem uma visão preterista do livro, e tentam relacionar suas profecias com os eventos registrados no final do primeiro século, tendo-se Roma e seus imperadores mais proeminentes como pano de fundo. Noutras palavras: os preteristas creem que a maior parte do Apocalipse já foi cumprida a muito tempo atrás, restando-nos dele apenas interesse histórico. Devemos observar, porém, que o relacionamento que eles fazem entre o texto e o evento é muito subjetivo e precário.

Há ainda outros que rejeitam a tentativa de se identificar os eventos do livro com as fontes históricas. Optam por uma visão idealística do Apocalipse. Veem os símbolos e figuras simplesmente como representantes da disputa progressiva que há entre o bem e o mal, com a certeza do triunfo derradeiro da justiça. Acham que não haverá cumprimento literal de nenhum evento do livro. O que vemos porém é que, apesar de o Apocalipse ter muitas figuras simbólicas, representam estas algo real. O Anticristo é chamado de a besta, mas será uma pessoa real, e cumprirá as predições feitas sobre ele noutras profecias, tais como 2 Ts 2.3-12, onde se diz que Cristo virá pessoalmente trazer o triunfo final.

A maioria dos pentecostais e fundamentalistas têm uma visão futurista do livro. Sob esta perspectiva, tudo, ou quase tudo que é narrado após o capítulo quatro, será cumprido num curto período de tempo (sete anos) após o término da dispensação da Igreja. Será um período de tribulação, ira e julgamento, que terá o seu clímax com o retorno de Jesus em glória para destruir o exército do Anticristo, e estabelecer seu reino milenial.

Encontramos este período de sete anos nas Setenta Semanas de Daniel 9.27. De acordo com alguns, apenas os últimos três anos e meio desse tempo profético. Período este chamado também de a Grande Tribulação. Por isso, quando os futuristas falam da Tribulação, ou da Grande Tribulação, não estão se referindo às tribulações comuns, sofrimentos e pressões, que são parte do viver diário da história da Igreja neste presente século. Sofrimentos estes causados tanto pelo mundo quanto por Satanás. Durante a Grande Tribulação, é bom que se diga, será o próprio Deus quem trará a ira e o julgamento sobre o mundo que rejeita a

Cristo. A perspectiva de um curto período de tribulação ao findar a presente era, é sustentada por todos os futuristas, sendo eles ou não dispensacionalistas.

Os futuristas são também culpados pela forma como divulgam suas interpretações do Apocalipse. À semelhança dos historicistas, alguns vêm estabelecendo datas para acontecimentos futuros, ou tentando deslumbrar qual será o próximo evento, ou identificar o Anticristo com sistemas e indivíduos. Todavia, reconhecemos que os futuristas levam mais a sério a realidade do julgamento e a certeza da segunda vinda de Cristo do que os outros intérpretes. Creio ser a visão futurista a que melhor se encaixa nas profecias do Antigo Testamento; é também a que menos problemas de interpretação apresenta. Consequentemente, este comentário é claramente futurista.

Os intérpretes do Apocalipse estão também divididos na forma como abordam o Milênio (os mil anos mencionados repetidamente no capítulo 20). A maneira como se encara o Milênio afeta a interpretação do Apocalipse como um todo. É necessário levantarmos, aqui, alguns pontos.
O amilenismo ensina que não haverá nenhum milênio, pelo menos não na terra. Alguns simplesmente dizem que, como o Apocalipse é simbólico, não há sentido algum em se falar em milênio literal. Outros interpretam os mil anos como algo que ocorrerá no céu. ([4]) Pegam o número "mil" como um algarismo ideal; um período indefinido. Assim, esperam que este período da Igreja termine com a ressurreição e julgamento geral, tanto do justo como do ímpio, seguindo-se imediatamente o reinado eterno no novo céu e na nova terra.

A maioria dos amilenistas consideram Agostinho (o bispo de Hipona, no Norte da África, 396-430 d.C.) um dos principais promotores do amilenismo. Como Agostinho, apropriam-se das profecias do Antigo Testamento concernentes a Israel, e as espiritualizam, aplicando-as à Igreja. Mas vejamos o exemplo de Ezequiel 36. Nesta passagem, Deus promete restaurar Israel por causa do seu santo nome, embora hajam-no profanado. E claro que este texto se refere à nação israelita. Por isso, rejeito o amilenismo. Este sistema, além de espiritualizar em demasia, não dá espaço nem para a restauração de Israel nem para o reinado de Cristo sobre a terra. Um reinado, aliás, claramente profetizado tanto no Antigo como no Novo Testamento. ([5])

O pós-milenismo, outra corrente, começou a espalhar-se a partir do século XVIII. Seus adeptos interpretam os mil anos do Milênio como uma extensão do período atual da Igreja. Ensinam que o poder do Evangelho ganhará todo o mundo para Cristo, e a Igreja assumirá o controle dos reinos seculares. Após isto haverá a ressurreição e o julgamento geral tanto do justo como do ímpio, seguido pelo reinado eterno no novo céu e na nova terra. O pós-milenismo também espiritualiza exacerbadamente as profecias

da Bíblia, não dando espaço à restauração de Israel ou ao reinado literal de Cristo sobre a terra durante o Milênio. Menospreza o fato de que os profetas do Antigo Testamento (e o próprio Cristo) mostraram que o Reino será introduzido através de um julgamento. A estátua de Daniel dois, por exemplo, representa o presente sistema mundial. A rocha que representa o Reino de Deus, ao invés de penetrar na estátua e a transformar, acerta-a em cheio e a esmigalha. Somente quando isto acontecer é que o reino divino encherá a terra.

O pré-milenismo interpreta as profecias do Antigo e do Novo Testamento de maneira literal, observando porém se o contexto assim o permite. Seus adeptos presumem que a forma mais simples de se interpretar estas profecias é colocar o retorno de Cristo, a ressurreição dos salvos e o Tribunal de Cristo antes do Milênio. No final deste, Satanás será temporariamente solto para enganar as nações, mas há de ser prontamente derrotado para todo o sempre. Segue-se o julgamento do Grande Trono Branco, que sentenciará o restantes dos mortos. Aí, sim, teremos o reino eterno no novo céu e na nova terra.

Com respeito ao Apocalipse como um todo, muitos pré-milenistas no século XIX eram historicistas. Contudo, a maior parte dos pré-milenistas, hoje, são futuristas.

Reconheço haver cristãos que se consideram a si mesmos evangélicos, nascidos de novo, e que sustentam diferentes posições de se interpretar o Apocalipse. Não lhes questiono a salvação. Contudo, depois de muitos anos de estudo e de ensino, creio que há mais evidências em favor da visão pré-milenial e da interpretação literal do que das outras. A perspectiva pré-milenista e a futurista, juntas, encaixam-se melhor nas orientações de Jesus. Seus ensinamentos e parábolas mostram que devemos esperar, para breve, o seu retorno. Ao mesmo tempo, devemos ser fiéis em propagar o Evangelho a todas as nações até que Ele venha.

Apocalipse

Capítulo 1

Os cristãos da Igreja Primitiva, como os primeiros a receber o Apocalipse devem ter ficado maravilhados com as suas profecias. Embora tantos séculos já tenham se passado, o livro continua a merecer atenção e estudo, pois bênçãos são prometidas a todos os que guardam a sua mensagem. Suas profecias centralizam-se em Jesus e nos últimos tempos, revelando o clímax e o triunfo final do plano divino. É-nos lembrado que Deus nos ama de tal maneira que enviou Jesus para morrer em nosso lugar na cruz do Calvário, proporcionando-nos condições para que compartilhássemos do seu triunfo e glória (Rm 5.8,9).

O livro inicia-se com João na Ilha de Patmos, escrevendo às sete igrejas da província da Ásia Menor. Ficava esta no Sudoeste da moderna Turquia, parcialmente cercada por três mares, o Negro, o Egeu e o Mediterrâneo. Esta região deve ser distinguida do atual continente de mesmo nome.

A razão e a autoridade com que o apóstolo escreve vêm da tremenda visão de Jesus como "um semelhante ao Filho do Homem" (Ap 1.13), identificando-o com o mesmo personagem visto por Daniel (Dn 7.13,14), a quem foi dado "o domínio e a glória, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem". Esta é uma identificação que o próprio Jesus fez de si mesmo durante seu ministério terreno (Mt 26.64). Além de utilizar o linguajar de Daniel, a descrição de Jesus feita por João usa também uma linguagem extraída de Ezequiel. Este tipo de descrição do Antigo Testamento, aliás, é aplicada somente a Deus Pai. Através dela, os leitores de João são lembrados de que Jesus é a revelação do Pai (Jo 14.9-11). A ordem vem de igual modo diretamente de Jesus, que determina a João que escreva às sete igrejas (Ap 2 e 3).

I - A Revelação de Jesus Cristo Dada a João (Ap 1.1-3)

> *"Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou, e as notificou a João seu servo. O qual testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto. Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo."*

O próprio título do livro é a chave de sua mensagem: "A revelação de Jesus Cristo". O Evangelho de Mateus enfatiza Jesus como o filho de Davi, filho de Abraão, e como aquEle que haveria de cumprir as promessas e profecias entregues a Israel. Marcos chama Jesus de Filho de Deus, e assim, mostra-o em plena ação. Lucas dirige sua mensagem ao gentio Teófilo a quem apresenta um Jesus que se importa com as pessoas com toda a ternura e divino amor. João, em seu Evangelho, volta ao princípio de tudo, quando Jesus estava com Deus Pai no trabalho da criação dos céus e da terra. O quarto evangelista prossegue reafirmando o poder e a deidade do Nazareno para confirmar a fé dos fiéis. Os Atos e as epístolas dizem como Jesus continuou a trabalhar com poder e sabedoria através do Espírito Santo na Igreja. Obra esta que continua ainda hoje. O ambiente para que se completasse toda a revelação do Novo Testamento dá-se em Patmos, quando é confiado a João um novo, envolvente e dramático quadro de Jesus. "Revelação" (em grego apokalupsis significa "desvendar, descobrir") descobre-nos as verdades sobre Jesus e os eventos que hão de preceder-lhe o retorno, incluindo os não revelados em profecias anteriores.

Este livro não é para todos os tipos de público. É dirigido aos "seus servos" (literalmente, "escravos"); é destinado àqueles que pertencem a Jesus, e estão totalmente comprometidos em servi-lo. As coisas reveladas, garantiu o Senhor Jesus, devem começar a acontecer rapidamente, sem demora. A João é enviado um anjo, que se identifica como "servo" de Deus. A maioria dos escravos naqueles dias era constituída de pessoas que haviam sido capturados na guerra. A semelhança delas, João e os outros crentes eram também prisioneiros de Cristo, pois haviam sido capturados ao exército de Satanás para se tornarem servos do Senhor Jesus. E bom observar o que Jesus disse aos seus discípulos na última ceia. Deste momento em diante, Ele não mais os chamaria servos ou escravos, mas amigos. Um senhor nada confidencia aos seus escravos, mas aos seus amigos, abre o coração e expõe todos os seus planos (Jo 15.15). Esta era a forma como Jesus tratava a João e aos outros crentes: revela-lhes os planos de Deus. A revelação feita ao apóstolo vem sendo uma benção aos cristãos através da história da Igreja, especialmente em tempos de dificuldades e tribulações.

Apesar de a palavra *apóstolo* não ser usada aqui, a tradição da Igreja Primitiva garante que o João que testemunha todas estas coisas era realmente o "discípulo a quem Jesus amava" (Jo 21.20). Escritores e pais da Igreja Primitiva testificam que João ministrou em Éfeso, onde morreu no final do primeiro século. ([1])

O *bem-aventurado* do versículo três é a primeira das sete bênçãos pronunciadas no livro. A referência ao ler (grego, *anaginoskon*) significa ler em voz alta. Isto implica numa leitura feita na igreja, onde os crentes se aglomeravam para ouvir. As bênçãos e bem-aventuranças vêm tanto sobre

os leitores como os ouvintes, desde que guardem as palavras da profecia. As bênçãos não vêm sobre leitores negligentes ou ouvintes desatentos, mas sobre aqueles que, amorosamente, obedecem aos preceitos e mandamentos encontrados no livro.

II - Saudações às Sete Igrejas na Ásia (Ap 1.4-6)

> *"João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete espíritos que estão diante do seu trono; e da parte de Jesus Cristo, que é afiei testemunha, o primogênito dos mortos e o príncipe dos reis da terra. Aquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai: a ele glória e poder para todo o sempre. Amém."*

João trata todo o livro de Apocalipse como se fosse uma carta, por isso envia-o com saudações às sete igrejas da Ásia. A maioria dessas igrejas, se não todas, foram fundadas por Paulo durante seu ministério em Éfeso. O apóstolo não viajou pela província enquanto ministrava em Éfeso, mas fez da cidade um centro. Dela, "todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos... assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia" (At 19.10,20)

As sete igrejas achavam-se em cidades-chaves da província. Olhando o mapa é fácil ver a sequencia geográfica que se inicia em Éfeso, e que, com intervalos regulares de aproximadamente setenta e cinco quilômetros, se estende a todas as outras. Estas igrejas eram mui provavelmente as mais importantes da província. Seus problemas representavam as situações das demais, pois o Cristianismo já ia em sua terceira geração. Mas o alvo de Jesus é muito mais abrangente que o círculo das sete igrejas; Ele inclui uma mensagem às demais igrejas no final de cada carta (Ap 2.7,11,17,29; 3.6,13,22).

A saudação de João nos versículos 4-6 combina com as saudações da graça, oriunda do Novo Testamento; e com a da paz, procedente do Antigo Testamento; ambas vindas do Deus eterno e verdadeiro que era, que é e que há de vir, o Deus que não tem princípio nem fim, e que vive para todo o sempre. Mas João não para aí. A fonte da graça e da paz é a Trindade. A graça e a paz vêm dos sete Espíritos, que é a sétupla manifestação do Espírito Santo. Trata-se de uma referência aos sete Espíritos que repousaram sobre o Messias conforme profetizado em Isaías 11.2, bem como aos sete castiçais de Zacarias 4.2,6,10. A menção dos sete Espíritos, aqui, é uma antecipação da futura manifestação do Espírito, que está em Apocalipse 4.5 e 5.6. Alguns interpretam essa passagem como sendo uma referência aos sete anjos (Ap 8.2).

A seguir, João enfatiza o fato de a graça e a paz virem através da obra de Jesus Cristo, identificado de três maneiras diferentes no versículo cinco. Primeiramente, é a "testemunha fiel". Em seu evangelho, João afiança-nos ter Jesus mostrado, ou revelado,

Pai cheio de graça e verdade (Jo 1.14,18). Ele é a testemunha verdadeira (Jo 5.31-37), pois veio para dar testemunho da verdade (Jo 18.37). Por intermédio de Romanos, descobrimos que Jesus trouxe-nos a totalidade do amor divino (Rm 5.5-11).

Em segundo lugar, Jesus é o "primogênito dos mortos". Ele foi o primeiro a ser ressuscitado com o novo corpo imortal e incorruptível, que nunca se decomporá, nem há de se deterioriar ou morrer. O termo "primogênito" também fala de governo. Jesus tomou o lugar de liderança "que, de acordo com os antigos costumes hebreus, pertencia ao herdeiro. Vejamos Salmos 89.20,26- 27. Nesta passagem, Deus promete fazer de Davi o seu primogênito, para que este seja "mais elevado do que os reis da terra". Em Colossenses 1.15-18, é usada a mesma terminologia para declarar a primazia e o senhorio de Jesus Cristo como o mais sublimado Senhor de todas as coisas. Comparemos as seguintes passagens ainda: Êxodo 4.22; Deuteronômio 28.1; Romanos 14.9; Coríntios 15.20. Através de sua graça e verdade, Jesus tornou- nos herdeiros juntamente com Ele (Rm 8.17) e participantes do seu triunfo final.

Em terceiro lugar, Jesus é o "príncipe dos reis da terra"; é o Rei dos reis e Senhor dos senhores (1 Tm 6.15; Ap 17.14; 19.16).

Não satisfeito em repetir as palavras "graça" e "paz", João começa a louvar o grande amor de Cristo, que o levou a lavar os nossos pecados através do derramamento de seu sangue no Calvário (v.5), introduzindo assim um tema proeminente em todo o Apocalipse (Ap. 5.6; 7.14; 12.11): a redenção por meio do sangue do Cordeiro de Deus. João conhecia a realidade de nossa contínua purificação à medida que andamos na luz (1 Jo 1.7).

Em virtude dessa purificação já somos, aos olhos de Deus, o que Ele sempre desejou que o seu povo fosse: "reis e sacerdotes". Quando Deus libertou a Israel do Egito, e o trouxe para junto de si, almejou que o seu povo viesse a lhe pertencer de uma forma especial: um reino de sacerdotes, e uma nação santa (Êx 19.4-6).

O propósito de Deus à Igreja é o mesmo que destinara a Israel. Somos um templo espiritual, uma nação santa, uma geração escolhida (uma raça eleita, ou pessoas cujas características sejam as recebidas diretamente de Deus, e não as herdadas dos pais), um sacerdócio real (reis que ministram como sacerdotes de Deus), uma nação santa (que inclui tanto gentios como judeus salvos; Ef 2.12-20), e um povo que é possessão exclusiva de Deus (1 Pe 2.5,9). Por sua graça, através da fé, entramos neste sacerdócio real, e temos acesso ao Santo dos Santos na presença de Deus

(Hb 10.19,20). Esta é a nossa posição agora. E, quando Ele vier, temos a promessa de que reinaremos com Ele (2 Tm 2.12). Não é portanto de se admirar quando ouvimos João a exclamar que o nosso Senhor merece a glória, a honra e o domínio para todo o sempre.

III - A Esperança da Igreja (Ap 1.7)

> *"Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele. Sim. Amém".*

Apesar de João estar aproximando-se do fim de sua longa vida, esta esperança ainda acha-se firme nele. A vinda de Jesus, nas nuvens, será o cumprimento de Daniel 7.13, uma profecia que o próprio Cristo aplicou-se a si mesmo (Mt 26.64).

No versículo sete, João olha para o futuro, e vislumbra-nos o que discorrerá com mais detalhes no capítulo 19. Com o pensamento no poder e no domínio de Cristo, o evangelista imediatamente manifesta a esperança da Igreja: "Ele vem com as nuvens". A maioria das pessoas a quem está escrevendo é gentia que, à semelhança dos crentes em Tessalônica, haviam se convertido dos ídolos para Deus, para servir Aquele que é vivo,

Quando de seu retorno, "todos" (nações, povos e tribos)" lamentar-se-ão num terrível gemido por causa de sua presença. Contudo, este não é o desejo de Deus. A promessa feita a Abraão era de que este e a sua semente (Jesus) trouxessem a benção sobre todas as famílias da terra. Mas devido à rejeição do mundo aos planos divinos, Jesus terá de retornar "como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Ts 1.7). É claro que a Igreja não estará mais na terra quando Cristo retornar trazendo este julgamento. Nós já estaremos com Ele. São os que não foram arrebatados, por ocasião do rapto, é que hão de se lamentar sobre Ele.

Nos dias atuais, temos o privilégio de obter a salvação e receber o Espírito Santo. Entretanto, quando Jesus já houver retornado, triunfando sobre os exércitos do Anticristo, só restará aos descrentes o batismo do fogo do julgamento. João aqui adiciona "sim, certamente". Com esta dupla afirmativa, não deseja necessariamente que o julgamento venha sobre o mundo, mas confirma a verdade da profecia. A vitória e o reino pertencem verdadeiramente ao Senhor.

IV - O Mediador de Nossa Esperança Responde (Ap 1.8)

> *"Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-poderoso".*

O versículo oito conclui a saudação e a introdução do livro com uma resposta daquEle que é adorado nos versículos cinco e seis, e daquEle que está voltando do versículo sete. No versículo quatro, o Deus Pai é descrito como aquele que há de vir, o Eterno. Aqui, Jesus descreve-se a si mesmo como o Alfa e o Ômega - a primeira e a última letras do alfabeto grego - e declara de si mesmo como não tendo nem princípio nem fim.

Num certo sentido, Jesus é sempre apresentado como aquEle que há de vir. No Antigo Testamento, a palavra traduzida como "visitar" é usada sempre para descrever a vinda do Senhor para abençoar ou julgar. O Novo Testamento mostra-nos que o Senhor Jesus é o Mediador entre Deus e o homem (1 Tm 2.5). Ele jamais deixará de vir a nós. Na realidade, onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome, aí estará Ele (Mt 18.20). Contudo, este versículo dá ênfase especial ao seu futuro retorno em triunfo. Tudo o que Deus revelou acerca de si mesmo, no Antigo Testamento, vemos expressamente revelado em Jesus no Novo. Ele está vindo novamente para trazer a revelação completa do Deus Todo-poderoso.

V - A Voz Como a de Uma Trombeta (Ap 1.9-11)

> *"Eu, João, que também sou vosso irmão, e companheiro na aflição, e no reino, e paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da Palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo. Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombe- ta, que dizia: O que vês, escreve-o num livro, e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, e a Esmirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardo, e a Filadélfia, e a Laodicéia."*

Além de identificar-se a si mesmo como escravo de Jesus, João identifica-se também como "irmão" - um companheiro, membro da família de Deus como os demais crentes das igrejas da Ásia. Ele recebe esta revelação de Jesus Cristo enquanto achava-se no exílio e na prisão; não porque houvesse sido condenado por algum motivo justo, mas por causa da "Palavra de Deus", a qual proclama fielmente, e devido ao ardoroso testemunho que dá de Jesus Cristo. Tal testemunho é compartilhado por tantos quantos suportam perseguições e maus- tratos, mas permanecem firmes, sem negar-lhe o nome. Jesus está não somente com João, mas faz-se presente ao círculo no qual vive o apóstolo. Consequentemente, a realidade da presença de Jesus é um conforto tanto a ele como a todos os irmãos na Ásia e aos que estão sendo perseguidos em todo o império romano.

O local onde João está exilado não é agradável nem divertido. Patmos é uma ilha rochosa, sem vegetação, e relativamente pequena; acha-se localizada a aproximadamente noventa quilômetros ao sudoeste de Éfeso. Lá estava, quem sabe, sentenciado a trabalhos1 forçados nas pedreiras. Contudo, não sente pena de si mesmo nem pensa estar padecendo excessivamente pelo Senhor Jesus.

Como crente cheio do Espírito Santo, João é "arrebatado no espírito no dia do Senhor". "No Espírito" é uma expressão de realce deste livro, e indica uma atividade especial do Espírito Santo (Ap 4.2; 17.3; 21.10). O "dia do Senhor" pode ser uma referência ao domingo. Mas é possível também que o Espírito Santo estivesse levando João ao Dia do Senhor que os profetas do Antigo Testamento haviam se referido.

Enquanto João experimentava este especial e intensivo mover do Espírito, uma voz, como a de trombeta, explode nos ares. O que lhe dirige a palavra identifica-se a si mesmo como Aquele que havia falado no versículo oito - o "Alfa e o Ômega", o primeiro e o último. Como as igrejas da província da Ásia falavam o grego, compreenderam esta identificação não somente como o princípio e o fim de todas as coisas, mas como a mesma eternidade. Como o "princípio", Jesus ocupa o mais proeminente lugar nos planos de Deus; como "o fim" jamais alguém ocupará o seu lugar. Nenhum outro messias o substituirá; ninguém, exceto Ele, será o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. Seu trono será eterno. Todos os que dizem ser o messias são falsos. O próprio Jesus alertou-nos sobre os tais. Ele também nos dá a certeza de que virá subitamente, numa hora da qual não sabemos. Se alguém, portanto, reivindica ser o messias, o Cristo, ou uma manifestação de Jesus, estejamos certos de que tal pretensão é totalmente descabida (1 Ts 4.17).

João deveria não somente ouvir e ver, mas também escrever o que estava testemunhando. Quando o livro estivesse completo, deveria enviá-lo a cada uma das sete igrejas da Ásia. Jesus tinha uma mensagem individual a cada uma delas. Mas desde que se achavam enfeixadas num único livro, as mensagens deveriam circular para que todas as igrejas lessem.

VI - O Filho do Homem entre os Castiçais (Ap 1.12-16)

> *"E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro; e no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do Homem, vestido até aos pés de um vestido comprido, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro. E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os seus olhos como chama de fogo; e os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a sua voz como a voz de muitas águas. E ele tinha na sua destra sete estrelas; e da sua boca*

saía uma aguda espada de dois fios, e o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece."

Quando João volta-se para ver quem estava falando, a primeira coisa que vê são os sete castiçais de ouro que amparavam lâmpadas incandescentes. O ouro fala da deidade e glória de Cristo. Os castiçais representavam as sete igrejas da Ásia, pois a Igreja é o corpo de Cristo. O azeite que queima nas candeias tipifica o Espírito Santo que reside no crente, e que movimenta a Igreja (Zc 4.2,6 e Mt 5.14-16). É por isto que até mesmo nas perseguições, as igrejas ainda possuem o poder e o calor do Espírito Santo, e a luz de Cristo que esparge sobre o mundo.

A atenção de João, contudo, não está sobre as sete igrejas, mas sobre Jesus. Aqueles crentes precisavam saber que o Senhor Jesus ainda estava com eles como o Sumo Sacerdote cheio de compaixão, e como o Rei conquistador. Precisavam saber, principalmente, que Ele já havia cumprido as profecias de Daniel, onde "um semelhante ao Filho do Homem" receberia o reino (Dn 7.13). Jesus já havia também se identificado a si mesmo quando estivera diante do Sinédrio; e, por causa disso, procuraram matá-lo (Mt 26.64). Mas, agora, João via um Jesus triunfante que haveria de descer das nuvens para receber "o domínio, a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem" (Dn 7.14).

As vestes de Jesus, descritas nos versículos 13-15, indicam tanto o ofício sacerdotal quanto a dignidade real. O vestido longo até aos pés era idêntico aos dos sacerdotes, juízes, governantes e reis. O cinto de ouro puro, em volta de seu peito (ver Daniel 10.5), é marca da realeza triunfante, que contrastava com o cinto de pano, ou de couro, usado pelos trabalhadores e servos. Ele é o Rei-Sacerdote profetizado no Antigo Testamento e também identificado como Jesus no livro de Hebreus (Hb 4.14,15). Ele está, agora, ao lado direito do Pai, intercedendo por nós (Hb 4.16; 1 Jo 2.1).

A descrição dada nos versículos 14 e 15 aplica-se ao próprio Deus, especialmente ao poderoso Juiz e Governante do Universo. João procura deixar bem claro que todos os atributos do Pai, no Antigo Testamento, são também atributos do Filho. Ao Filho são dados todo o poder e a autoridade tanto para reinar como para julgar (Mt 28.18; Jo 5.22,27). Apesar de Jesus ser antes de todas as coisas (Cl 1.17), a ofuscante brancura dos seus cabelos (ver Daniel cap 7) representa pureza e santidade, e não velhice. Os olhos como "chama de fogo" (ver Daniel 10.6) fala de sua profunda sabedoria e justo julgamento. Os pés "semelhantes ao latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha", isto é, o polimento do bronze refinado no fogo (como os usados nos incensários) falam-nos não somente da resistência, mas do altar de bronze do Tabernáculo (Êx 38.30), e, por extensão, do sacrifício de Cristo, pelo qual Ele triunfou sobre Satanás.

Alguns creem que este bronze, em vez de ser uma mistura comum de cobre e estanho, era uma mistura especial de cobre e ouro ([2]). A voz de Jesus é a voz de Deus; ela parecia com o som de muitas águas, isto é, cheia e forte (veja Ezequiel 1.24; 43.2). Nesta visão, Jesus apresenta-se a João e às sete igrejas como o Mediador entre Deus e a Humanidade, e também como aquEle em quem habita a plenitude da divindade (Cl 2.9).

As sete estrelas que Jesus tinha na sua destra (na sua mão direita) representam os anjos que ajudam as igrejas ou, mais provavelmente, os líderes, ou pastores, das igrejas. Estar em suas mãos significa estar protegido, e muito mais do que isto, pois a mão direita é a da ação. Portanto, estas estrelas estão sempre prontas para serem usadas por Jesus. Nenhum perseguidor, nenhum inimigo, será capaz de impedi-los de levar a igreja a fazer a vontade de Deus, e de saírem vencedores sobre todos os obstáculos e circunstâncias.

A "aguda espada de dois fios" que saía da boca de Jesus seria a sua arma de guerra. Ela é também chamada de a espada do Espírito, a poderosa Palavra de Deus (ver Isaías 11.4; 49.2; Efésios 6.17; Hebreus 4.12; Apocalipse 19.15). Pode ser que a espada fale também do juízo e punição às igrejas, pois o julgamento deve começar pela casa de Deus (1 Pe 4.17). (Ver também Apocalipse 19.15, onde espada significa julgamento das nações).

A face de Cristo é "como o sol, quando na sua força resplandece", isto é, quando se torna insuportável aos olhos humanos devido ao brilho de sua plenitude num dia de verão. Sua aparência após a ressurreição, quando seu corpo foi transformado e viu-se livre dos limites do tempo e do espaço, revela a plenitude de sua glória. É possível que a totalidade daquela glória só foi restaurada por ocasião da ascensão (ver João 17.5). Podemos ver que, no caminho de Damasco, a resplandecente luz de sua glória foi suficiente para cegar Saulo (ver Atos 9.3,8). O que João vê é a plenitude da glória de Deus resplandecida no rosto de Jesus; esta mesma plenitude não foi permitida nem a M CM sés ver (Ex 33.18-23, especialmente verso 22; compare com Êx 34.29; Jz 5.31; Mt 13.43; 17.2). Quando adoramos a Cristo, agora, o Espírito Santo faz-nos sentir sua presença. Contudo, somente quando nosso corpo for transformado na ressurreição, ou por ocasião do rapto da igreja, é que será possível contemplá-lo na plenitude de sua glória, "assim como Ele é" (1 Jo 3.2; veja também 1 Co 15.51,52).

VII - A Reconfirmação do Cristo Imutável (Ap 1.17-20)

> *"E eu, quando o vi, caí a seus pés como morto; e ele pôs sobre mim a sua destra, dizendo-me: Não temas; Eu sou o primeiro e o último; e o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno. Escreve as coisas*

que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer: o mistério das sete estrelas, que viste na minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas."

Ao fazer a oração sacerdotal (Jo 17.5), Jesus rogara fosse a sua glória restaurada junto ao Pai, para que fosse a mesma de quando o mundo ainda não existia. Juntamente com Pedro e Tiago, João já havia tido uma pequena visão desta glória no Monte da Transfiguração. Lá, o rosto de Jesus brilhara como o sol, e suas roupas cintilaram e reluziram como centelhas de luzes que emanavam da sua glória (Mt 17.2). Mas aquilo fora somente um prenuncio; os discípulos ficaram apavorados, mas não foram lançados por terra. Entretanto, a glória de Jesus foi restaurada quando Ele ascendeu para estar ao lado direito do Pai, pois Saulo 1 não resistiu e caiu diante dela no caminho para Damasco (At 9.3,4). Da mesma forma, João em Patmos não é capaz de suportar o impacto da plenitude da glória de Deus que estava em Cristo, e cai num estado que deve ter sido de inconsciência, ou coma.

A mesma mão direita que estivera segurando as sete estrelas é colocada sobre João. Ele sente o mesmo gentil toque, e ouve o mesmo "não temas", que por tantas vezes encorajara a ele e aos outros discípulos por ocasião do ministério de Jesus aqui na terra. Que paz João não deve ter sentido naquela hora: a maravilhosa e doce paz que vem do Salvador (veja João 14.27).

Junto com o "não temas", Jesus reafirma e reconforta a João de maneira maravilhosa, pois Ele continua o mesmo. Ele é ainda "o primeiro e o último", o eterno e imutável Cristo; "o mesmo ontem, hoje e eternamente" (Hb 13.8). Ele almeja ser a pessoa mais importante em nossa vida para que nos preparemos ao seu retorno.

Jesus reafirma ser o mesmo Cristo vivo que ressuscitou dentre os mortos, o inspirador da fé de seus seguidores após a sua terrível morte sobre a cruz. Ele vive para todo o sempre, e o futuro está em suas mãos. (O grego diz literalmente "de era a era", que é a maneira de dizer "para todo o sempre").

"O que está vivo" é na realidade um título de Deus (ver Josué 3.10; 1 Samuel 17.26,36; 2 Reis 19.4,16; Salmos 42;2; 84;2; Isaías 37.4,17; Jeremias 10.10; 23.36; Oséias 1.10; João 5.26). Como "aquEle que está vivo", Deus é a fonte da vida e da cura. Mas Ele virá como o Senhor dos Exércitos para trazer a ira às nações pagãs, e estas hão de perecer. Por outro lado, o coração e a alma do crente continuam a anelar por Ele.

Além de ser o soberano Senhor da vida, Jesus possui também "as chaves da morte e do inferno". Inferno, ou *Hades*, no Novo Testamento, é o nome grego do local de punição, para onde o perverso e o descrente são enviados após a morte, e onde estarão até o grande e último julgamento do

Trono Branco, quando então a morte e o inferno serão lançados no lago de fogo. No Antigo Testamento, parece que é Deus quem tem as chaves da morte, e por conseguinte as do *Hades* (*Sheol* em hebraico). Ora, uma vez que é Deus quem detém o controle de tudo, Satanás não tem chave alguma (veja Jó 2.6). Agora é Jesus quem tem as chaves, porque o Pai lhe confiou todo o poder e autoridade nos céus e na terra (Mt 28.18). De igual modo, Deus "o tem colocado à sua direita nos céus. Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés" (Ef 1.20-22). Isto significa que nada prevalecerá contra sua igreja (Mt 16.18).

O toque de Jesus em João não foi somente para reanimá-lo, mas também para comissioná-lo a escrever tanto a revelação que ele acabara de receber, como aquela que ainda receberia. O versículo 19 parece indicar as três divisões do Apocalipse: a visão preliminar do capítulo um, "as coisas que viste"; as mensagens às igrejas nos capítulos dois e três, "as coisas que são"; e os eventos futuros descritos a partir do capítulo 4 ao 22, "as coisas que hão de vir". O desejo de Deus é que esta revelação seja uma bênção, e revigore não somente as sete igrejas da Ásia, mas também a nós.

No versículo 20, Jesus explica o "mistério", simbolicamente falando, das sete estrelas e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos, ou mensageiros, das sete igrejas. A palavra grega pode ser traduzida tanto para anjo como para mensageiro. Alguns estudiosos da Bíblia identificam estes anjos como "defensores da Igreja”. (3) (Compare com Daniel 10.13; 12.1). Outros pensam serem eles os pastores das igrejas, uma vez que João está escrevendo uma mensagem especialmente a eles. Outros ainda pensam que poderiam ser visitantes, ou delegados, enviados pelas igrejas, cuja missão é levar-lhes o livro de volta (ver 2 Coríntios 8.23, onde os mensageiros são delegados). Entretanto, desde que os pastores são os ensinadores do rebanho, eles é quem eram os responsáveis pela leitura do livro em voz alta à igreja (Ap 1.3). Então é mais provável que estes mensageiros sejam, de fato, os pastores das igrejas.

Apocalipse

Capítulo 2

A primeira carta é enviada a Éfeso, uma das principais cidades da Lídia e de outras províncias romanas da Ásia. A igreja de Éfeso fora fundada por Paulo. Esmirna (a atual Izmir) era uma linda cidade no Mediterrâneo, localizada a sessenta quilômetros ao norte de Éfeso. Pérgamo, a moderna Bergama, era importante cidade do distrito de Mísia, e antiga capital daquele próspero reino; ficava mais ou menos a setenta e cinco quilômetros ao norte de Esmirna. Tiatira, fundada por gregos macedônios no distrito da Lídia, estava a sessenta quilômetros ao sudeste de Pérgamo. Era uma agitada cidade industrial, conhecida pelas tinturarias que produziam a púrpura. Sardes, ex-capital da Lídia, era rica e próspera em virtude do comércio e das indústrias têxteis, tinturarias e joalherias. Estava localizada a quarenta e cinco quilômetros ao sul de Tiatira. Filadélfia ("amor fraternal) estava também na Lídia, a mais ou menos quarenta e cinco quilômetros ao leste de Sardes; era um dos principais centros da cultura grega. Laodicéia ficava no distrito da Frígia, e tinha uma grande colônia de judeus, e distava aproximadamente sessenta quilômetros ao sudeste de Filadélfia.

Além da sequencia geográfica, muitos fundamentalistas veem nas cartas às sete igrejas da Ásia uma sequencia histórica. A igreja de Éfeso encaixa-se com a igreja do final do primeiro século. As outras seguem em sequencia, terminando com Filadélfia e Laodicéia, as quais simbolizam, respectivamente, a igreja fiel e fervorosa, e a igreja nominal que aparecerá nos fim dos tempos. Todavia, devemos observar que a mensagem destas cartas é endereçada às igrejas do fim do primeiro século, onde já existiam, de fato, todas as situações registradas em cada uma das missivas.

Cada carta começa com uma revelação de Jesus acerca de si mesmo, e com um elogio, seguido normalmente por uma admoestação e por um desafio. Observemos, porém, que Jesus elogia as virtudes da igreja muito mais do que as repreende por suas faltas. Ele sabe exatamente o que está acontecendo em cada igreja. Sabe dos êxitos, fracassos, vitórias, problemas, dificuldades. Muito mais do que isto, sabe do que a igreja necessita. É importante notar que cada carta tem palavras de encorajamento e de advertência a cada crente dedicado que deseja viver e trabalhar para o Reino de Deus.

I - Jesus Anda Entre as Sete Igrejas (Ap 2.1)

> *"Escreve ao anjo da igreja que está em Éfeso: Isto diz aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro."*

Ao líder da igreja que estava em Éfeso, Jesus identifica-se a si mesmo como aquEle que tem "as sete estrelas" firmemente seguras "em sua mão direita". Todos os líderes das sete igrejas estão sob sua direção e proteção. Ele não somente os conhecia, mas demonstra preocupação para com eles. Como um guarda andando entre eles, submete-os a uma rígida inspeção. O seu objetivo, entretanto, é encorajar, preservar e desafiar a cada um deles.

II - Éfeso É Elogiada (Ap 2.2,3)

> *"Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são, e tu os achaste mentirosos. E sofreste, e tens paciência; e trabalhaste pelo meu nome, e não te cansas-te."*

O linguajar de Jesus demonstra não somente o seu conhecimento do trabalho e das obras da igreja em Éfeso, mas também que não os havia esquecido, e que estava honrando tal serviço. Ele elogia os crentes por resistirem pacientemente os sofrimentos, e por não suportarem o mal que os rodeava, pois estavam cercados por uma cultura cheia de práticas perniciosas pagãs.

Não é fácil ser uma testemunha fiel a Cristo em meio tanta oposição perseguição. Mas ao invés de se calarem, eles demonstraram por palavras e através de suas próprias vidas que não aceitavam sob hipótese alguma o mal. Seu zelo chegava ao ponto de testarem, por intermédio das Escrituras, os falsos profetas.

Ainda no tempo de João, muitos eram os falsos ensinadores e profetas. O apóstolo Paulo, aliás, já tivera problemas com eles (2 Co 11.13-15). Os tais buscavam dar autoridade aos seus falsos ensinos, chamando a si mesmos de apóstolos. Todavia, a igreja de Éfeso não tolerava tais mestres, nem suas mensagens. A congregação permanecia pura na doutrina, crendo somente nos ensinos ministrados pelos apóstolos genuínos e pelo próprio Cristo. Pelo fato de Jesus ter honrado o Antigo Testamento, e ter transmitido seus ensinos diretamente a Paulo e aos demais apóstolos que escreveram o Novo Testamento, temos de considerar toda a Bíblia como o nosso único fundamento de doutrina e prática.

Além do elogio (Ap 2.3), Jesus reconhece que os crentes em Éfeso são infatigáveis no seu trabalho para o Reino de Deus. Eles têm uma força de vontade, um vigor e uma resistência constantes. Por causa do nome Cristo suportam pacientemente todos os obstáculos que aparecem em seu caminho. Vinham trabalhando e lutando não só física, mas mental e espiritualmente. Estas dificuldades e oposições nunca os levaram a perder o zelo.

III - Seu Primeiro Amor É Esquecido (Ap 2.4-6)

> *"Tenho, porém, contra ti que deixaste a tua primeira caridade. Lembra-te pois donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres. Tens, porém, isto: que aborreces as obras dos nicolaítas, as quais eu também aborreço."*

Apesar de seu zelo e de seu trabalho árduo para o Senhor, os efésios tinham um serio problema. Haviam deixado, ou esquecido, o seu primeiro amor. O grego utilizado, aqui, traz a idéia de um abandono espontâneo, uma deliberada desistência. Os crentes daquela igreja deram ao Senhor o seu serviço, mas não a si "mesmos Apesar de se empenharem no trabalho do Senhor, já não tinham mais uma íntima comunhão com Ele.

"Amor" (Ap 2.4) é a mesma palavra (ágape) traduzida por "caridade" em 1 Coríntios 13, em algumas versões antigas. No início, aqueles irmãos haviam cultivado este "ágape", que é sublime, santo e altruísta, totalmente expressado no ato de Deus dar o seu Filho no Calvário. Inicialmente, haviam aberto seus corações e correspondido a este amor. Agora, contudo, estavam satisfeitos com a doutrina c em cumprir o que consideravam as suas obrigações diante do Senhor. Porém, seu trabalho já não demonstrava mais a compaixão cristã. Suas vidas eram cheias de atividades, mas estéreis e infrutíferas. Eles precisavam corrigir essa falha e voltar àquele amor que os havia caracterizado quando de sua conversão ao Senhor.

Três palavras destacam-se no versículo cinco: "lembra-te", "arrepende-te", e "pratica". Ao lembrá-los de como haviam correspondido inicialmente ao amor do Calvário, mostra-lhes a que estado tinham chegado. Por isso, precisavam urgentemente de arrependimento. "Arrepende-te" significa uma mudança de mente para que se produza nova atitude. A igreja precisava voltar à sua antiga atitude de amor.

Aqueles crentes precisavam também voltar a "praticar as primeiras obras". Alguns pensam que isto significa que devamos voltar a repetir cerimônias religiosas tais como o batismo em água e a Ceia do Senhor. Mas isto conduzir-nos-ia a um frio formalismo se a atitude do coração continuasse a mesma. "Primeiras obras" referem-se a um trabalho feito em

resposta ao derramamento do amor de Cristo em nossos corações a fim de que se tornem plenos de compaixão. ([1]) (Ver João 15.8,9,12,17; I Pedro 1.22; 1 João 4.11, 20-21; 2 João 5.6,7). Se a igreja de Éfeso não se arrependesse, poderia esperar por um julgamento certo. O "castiçal" seria removido de seu lugar, significando que a igreja seria tirada da presença de Jesus. Noutras palavras: Jesus não andaria mais no meio dela.

A igreja de Éfeso tinha, porém algo a seu favor: não tolerava as obras dos nicolaítas, que parecem terem sido os modernistas, os liberais daqueles dias. Irineu, um dos pais da Igreja, escreveu cem anos mais tarde que eles eram os seguidores de Nicolau, mencionado em Atos 6.5, um discípulo que se desviara para uma vida de "desregramento desenfreado". ([2]) Não há, porém, nenhuma base para essa informação. Entretanto, o que sabemos é que existiu uma seita de nicolaítas entre os gnósticos no terceiro século Eles ensinavam, por exemplo, que os cristãos eram livres para se entregarem aos prazeres da carne. Se os nicolaítas do primeiro século promoviam este tipo de pecado, não é de se admirar porque o Senhor odiava tanto suas obras (1 Co 6.9,10).

IV - Os Vitoriosos Comerão da Árvore da Vida (Ap 2.7)

> *"Quem tem ouvidos, ouça o que o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus."*

Após a mensagem à igreja, Jesus faz uma exortação que é tanto uma promessa como um desafio, aos crentes de todas as igrejas em todas as épocas. Esta exortação é destinada a todos os que vencerem. A palavra "vencer" é forte e trás a ideia de um crente que é vitorioso em todas as batalhas sobre o mundo e sobre os desejos pecaminosos (ver João 2.16,17). Obtemos tais vitórias somente através de Cristo, ou seja: somente quando estamos em Cristo pois Ele jamais perdeu uma batalha. Através dEle, e do seu amor, é que o crente coloca-se como mais que vencedor (Jo 16.33 eRm 8.37). Isto não significa que sejamos absolutamente perfeitos nesta vida, ou que nunca falhamos. Significa que guardamos nossa fé em Jesus, e que quando caímos, levantamo-nos e prosseguimos. Estamos do lado vencedor, e avançamos à perfeição (Fp 3.12).

Jesus dará pessoalmente ao crente verdadeiro, o fruto da árvore da vida. Devido ao pecado de Adão, toda a humanidade foi cortada da árvore da vida, sujeitando-se a partir daí à morte física. Em Jesus, porém, passamos a usufruir novamente desse direito; um dia não haverá mais morte. A árvore da vida está, agora, com Deus, no paraíso, no terceiro céu (ver 2 Coríntios 12.2,4).

Caso recusemos a mensagem, e deixemos de estar do lado vitorioso, recusando-nos a aceitar a provisão de Cristo para a vitória, o resultado será a condenação eterna (ver Hebreus 10.35,39). Não há meio termo: ou vencemos ou perdemos. Não há nenhuma indicação de que os "vencedores" sejam um grupo especial de crentes melhores ou mais espirituais que os outros. Eles apenas guardam a fé em Jesus e prosseguem para o alvo.

V - Esmirna É Elogiada (Ap 2.8,9)

> *"E ao anjo da igreja que está em Esmirna, escreve: Isto diz o primeiro e o último, que foi morto, e reviveu: Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são, mas são a sinagoga de Satanás."*

A carta à igreja de Esmirna começa por lembrar aqueles irmãos acerca da eternidade de Cristo, e o fato de sua morte e ressurreição. Alguns acham que isto é devido à própria história da cidade, que havia sido totalmente destruída quatrocentos anos antes e, depois, reedificada. Tendo isto em mente, podemos ver a compaixão de Jesus por esses crentes, que eram participantes de seu sofrimento. Sua mente tinha de ser reavivada quanto à sua natureza, salvação e vitória final.

Os cristãos de Esmirna eram obreiros do Senhor, e estavam sofrendo grande perseguição, pois a cidade era o centro de adoração a Zeus e das deusas Cibele e Sipeline. A perseguição atingia seus empregos, e os levava à pobreza. Todavia, eles eram "ricos" na aprovação e bênçãos de Deus.
Eram também perseguidos pelos judeus que rejeitavam a Cristo, e clamavam ser os verdadeiros adoradores de Deus, enquanto que, na realidade, estavam sendo controlados por Satanás ("são sinagoga de Satanás"). À semelhança dos judeus que procuraram matar a Jesus, estes eram filhos do diabo (Jo 8.34,41,44). Na realidade, desonravam a Deus pela forma como tratavam os crentes (Rm 2.23-34).

Pouco tempo depois de João ter escrito a esta igreja, Policarpo, que viveu entre 69 a 156 a.D, tornou-se bispo em Esmirna. Ele convivera e fora discípulo de muitos dos apóstolos, incluindo João. Policarpo pastoreou num período de perigo e perseguição. Contudo manteve-se fiel aos ensinos e verdades do Evangelho que lhe haviam sido transmitidos. Quando de seu martírio, recusou-se a salvar a si mesmo, pois o preço era renegar ao seu Senhor. O triste é que foram os judeus de Esmirna que, além de rejeitarem a Cristo, quebraram a observância de seu sábado, trazendo as madeiras necessárias para queimar Policarpo até a morte. ([3])

VI - Não Temas (Ap 2.10)

> *"Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida."*

As aflições e perseguições que os crentes de Esmirna sofriam, causavam-lhes medo. Está implícito que esse medo estava num processo de crescimento. Jesus, então, exorta-os a que parassem de sentir pavor quanto ao que estavam por sofrer. Ao mesmo tempo, não dá nenhum falso encorajamento, nenhuma falsa esperança de paz e prosperidade. A perseguição haveria de aumentar. O diabo lançaria alguns deles na prisão, e haveriam de enfrentar diversas provações. Outros morreriam por sua fé. Mas teriam de enfrentar o futuro sem medo. Mas duas coisas deveriam ter em mente: seus sofrimentos brevemente chegariam ao fim (após "dez dias"); e, o mais importante: a morte física não poderia roubar-lhes a vida que haviam recebido de Cristo.

Após a morte, "a coroa da vida" estaria a esperá-los. Esta seria a coroa do vencedor. A palavra "coroa", no versículo dez, não se refere à coroa de rei, mas à de louros destinada ao vitorioso, ou vencedor, numa corrida ou competição atlética. Assim, mesmo que o cristão morra, é um vencedor.

Satanás é o mentor da perseguição. Somente no segundo e terceiro séculos, ocorreram pelo menos dez períodos de perseguições promovidos pelos imperadores romanos. Algumas não duraram muito; outras não alcançaram todas as províncias do império. Não obstante, milhares de cristãos foram queimados em fogueiras, jogados aos leões, torturados e mortos das mais terríveis maneiras. Contudo, nem a morte, nem as forças do inferno foram capazes de impedi-los de divulgar o Evangelho nem de conter o avanço e o crescimento da Igreja. No tempo de Constantino (306-337), a população cristã era tão grande que o levou a fazer do Cristianismo a religião oficial. As perseguições praticamente já não existem hoje. Infelizmente, esta liberdade de culto não tem trazido crescimento espiritual, exceto por avivamentos ocasionais. O declínio tem se tornado a regra geral. Por isto, devemos considerar motivo de alegria as tribulações e provas que enfrentamos (Tg 1.2).

VIII - Os Vencedores Não Sofrerão o Dano da Segunda Morte (Ap 2.11)

> *"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da segunda morte."*

Ao concluir esta carta, o Espírito relembra a todas as igrejas de que há alguma coisa pior do que a morte física. Há a "segunda morte", a separação final (Ap 20.11-15; 21.8). Esta morte implica numa eterna separação do plano, promessas, amor, misericórdia e graça de Deus. Fé, ou confiança, em Deus, não mais existirão; a salvação será impossível, e ninguém esperará por mudanças no futuro. A comunhão com Deus será para sempre perdida. Aqueles que estiverem no lago de fogo, achar-se-ão cheios de ódio contra os que os tiverem feito chegar lá.

Por outro lado, os que são vitoriosos à medida que habitam no amor de Cristo pela fé, nunca terão medo da segunda morte, pois Deus tem lhes reservado um lugar na Nova Jerusalém, no novo céu e na nova terra.

A implicação contida nesse versículo é que, se alguém não for vitorioso, sofrerá a segunda morte, no lago de fogo. Em Mateus 25.41, Jesus enfatiza que o fogo eterno não foi preparado para os homens, mas "para o diabo e seus anjos". Mas os que se recusarem a se arrepender, e se desviarem, ou descrerem no Filho de Deus, compartilharão do mesmo destino de Satanás. Quer aceitem ou não, o fato é que são escravos do pecado e do diabo; e só terão oportunidade de salvação nesta vida, pois, após a morte, só o juízo os espera (Hb 9.27).

IX - Pérgamo É Elogiada (Ap 2.12,13)

> *"E ao anjo da igreja que está em Pérgamo, escreve: Isto diz aquele que tem a espada aguda de dois fios: eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás; e reténs o meu nome, e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita."*

Jesus chama a atenção da igreja em Pérgamo à sua espada aguda de dois fios, que significa a sua vitória sobre todos seus inimigos, humanos e demoníacos. Significa ainda a forma como Ele trata a alguns da igreja por lhe terem sido infiéis. Com certeza, a igreja em Pérgamo estivesse precisando de alguma forma de separação, de juízo. Quando Jesus estava aqui na terra, ensinou que a fé, nEle, implicava na separação até mesmo dos mais íntimos familiares (Lc 12.51-53).

A Bíblia ensina que o julgamento deve começar pela casa de Deus (1 Pe 4.17). Um ensino como este não contradiz as promessas divinas. O

Senhor prometeu abençoar todo o Israel, mas trouxe julgamento sobre as dez tribos e sobre Judá, antes que viesse a julgar os inimigos de seu povo - os assírios e babilônios (ver Isaías 10.5,12; Ezequiel 9.6; Amós 3.2; Habacuque 1.5-11; 2.4-20). Embora Deus seja fiel e nos abençoe, Ele é igualmente justo para julgar-nos. Contudo, não é um julgamento para destruir, mas para levar o seu povo a participar de sua glória. (Ver Provérbios 3.11,12). Na realidade, 1 Pedro 4.18 mostra que o caminho do pecador é mais que tortuoso, pois se "o justo" (o que está na justiça de Cristo), "apenas se salva", o que será do ímpio? Este não escapará do julgamento do Grande Trono Branco e do lago de fogo - o destino final do perverso. Conforme está escrito em João 15.2,6,7, é melhor deixar Deus usar a foice para podar, do que para cortar e lançar na fornalha. Assim, a Palavra de Deus é uma espada que trabalha em ambas direções; entre outras coisas, ajuda-nos a evitar o seu julgamento.

Pérgamo era a capital romana das províncias da Ásia na ocasião em que João teve a visão do Apocalipse. Na acrópole da cidade, estava o grande altar a Zeus, o chefe das divindades gregas. Em suas redondezas, ficava o elegante templo dedicado à deusa Athena. Fora dos muros da cidade, localizava-se o santuário ao deus da medicina, Esculápio, que ostentava como símbolo uma serpente. Consequentemente, Jesus identifica a cidade como o lugar onde Satanás habita e tem o seu trono. A cidade era, de fato, um centro tanto de idolatria, como de perseguição aos cristãos.

Apesar da oposição satânica, os cristãos de Pérgamo perseveravam na fé e na obra de Deus. Até mesmo quando a perseguição tornara-se insuportável, a igreja como um todo permaneceu fiel ao nome de Jesus, dando testemunho de seu caráter, natureza, trabalho e redenção. A morte não pôde detê-la. Aqueles cristãos recusaram-se a negar a sua fé, e a comprometer, ou rejeitar, as verdades do Evangelho. Um de seus membros, Antipas, já havia sido martirizado por causa do testemunho de Jesus. Ele não é mencionado em nenhum outro lugar da Bíblia, mas seu nome deve ser lembrado em virtude de seu fiel testemunho. Jesus o chama de "minha testemunha" (Ap 2.13). Antipas não somente deu testemunho das verdades sobre Jesus, mas tinha um relacionamento pessoal com o Salvador ao qual pertencia. Que contraste com aquele Antipas, pai de Herodes, o Grande, e aquele outro Herodes Antipas que assassinou a João Batista!

X - Pérgamo E Chamada ao Arrependimento (Ap 2.14-16)

> *"Mas umas poucas de coisas tenho contra ti: porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos sacrifícios da idolatria, e se prostituíssem. Assim tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas: o que eu aborreço. Arrepende-te,*

pois, quando não em breve virei a ti, e contra eles batalharei com a espada da minha boca."

Apesar de a igreja em Pérgamo, como um todo, ser fiel a Cristo e às verdades do Evangelho, alguns dentre eles faziam-se passíveis da repreensão do Senhor. Os tais estavam comprometendo sua fé com os baixos padrões morais e costumes pagãos daqueles dias. Tinham um comportamento idêntico aos dos israelitas nos dias de Moisés. Seguindo os conselhos de Balaão, um vidente e falso profeta, Balaque, rei de Moabe, usou belas jovens de seu reino para seduzir os israelitas, e induzi-los a participarem de suas festas idolatras, nas quais a imoralidade era praticada em nome da religião (ver Número 25.1-5; 31.15,16).

Jesus chama a isto de prostituição (Ap 2.14). Deus não aceita ritos e cerimônias como desculpa para se quebrantar os seus mandamentos. (Ver 2 Pedro 2.15,16, onde, por dinheiro, Balaão tenta manipular Deus para que amaldiçoasse a Israel).

A advertência contra o comer comida sacrificada aos ídolos, no versículo 14, não contradiz o que Paulo escreveu sobre o consumo de carnes oferecidas aos ídolos (ver 1 Coríntios 1.25-30). Paulo referia-se a carne comprada no mercado da cidade, e trazida para casa. Contudo, alguns membros da igreja em Pérgamo estavam juntando-se às multidões que adoravam falsos deuses e praticavam atos sexuais com os sacerdotes e sacerdotisas pagãos como forma de honrar seus deuses. Pode ser que os cristãos que estivessem cometendo tais atos dissessem que, desde que os ídolos nada são, era-lhes lícito participar desses ritos sem prejuízo algum. Ou, talvez, alegassem: "Desde que a graça de Deus é superabundante, podemos cometer qualquer tipo de pecado, pois seremos automaticamente perdoados". Mas a Bíblia deixa claro que o crente não é para permanecer no pecado (Rm 6.1,2). Aqueles que participam da mesa do Senhor, não podem tomar parte na mesa dos demônios (l Co 10.21).

Alguns estudiosos veem no nome hebreu de Balaão (Ap 2.14) um equivalente no grego Nikolaos, identificando os balaamitas como os nicolaítas do versículo 15. Entretanto, pelo contexto parecem ser dois grupos diferentes. Pode ser que os nicolaítas encorajassem o mesmo tipo de desregramento desenfreado que os balaamitas, mas sem envolver idolatria. É claro que ambos os grupos possuíam perspectivas erradas acerca do amor e da liberdade do cristão, pois estavam comprometendo os princípios evangélicos com a prática da licenciosidade. São como alguns de nossos dias que se dizem cristãos, mas não condenam, antes incentivam os pecados execrados pela Bíblia.

Embora o Cristianismo oriente-nos contra o legalismo, deixa claro que não devemos usar da liberdade cristã como desculpa à operação da carne (ver Gálatas 5.13). Como cristãos, devemos andar (viver) no Espírito.

Assim fazendo, não nos deixaremos dominar pelos ardentes desejos da velha natureza pecaminosa (G1 5.16). Jesus tem aversão pelos ensinamentos e ações daqueles que acham o pecado algo sem importância, e desencorajam o viver santo.

Podemos ver como Jesus odeia os ensinamentos permissivos quanto ao pecado, pela severidade como chama os impenitentes ao arrependimento no versículo 16. Os que erram devem arrepender-se, isto é, devem mudar sua atitude quanto a Deus. Caso contrário: Jesus lutará contra eles "com a espada de sua boca". Tudo o que Cristo tem a fazer é pronunciar a Palavra para trazer a punição. Ao se comprometerem espiritualmente, mesmo dizendo-se membros da igreja, os tais haviam se colocado ao lado dos inimigos do Senhor, aos quais Ele destruirá na sua vinda. A semelhança do Anticristo e do falso profeta, serão derrotados e lançados definitivamente no lago de fogo preparado ao diabo e seus anjos.

XI - O Maná e Uma Pedra Branca Serão Dados aos Vencedores (Ap 2.17)

> *"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe."*

Pela advertência à Pérgamo, todos somos chamados a ouvir a voz do Espírito Santo, que fala a todas as igrejas em todos as épocas. Devemos continuar nossa vida de vitória pela fé em Cristo Jesus. Assim, em vez de participarmos de festas pagãs, comeremos do "Maná escondido", onde Cristo partilhar-nos-á de sua própria natureza (ver João 6.48-51,58,63, onde Jesus diz ser o verdadeiro Maná, o verdadeiro pão do céu, e que precisamos comer de seu corpo e beber de seu sangue). Não por formas, nem por cerimônias, mas é através do crer em Jesus que nos alimentaremos de sua Palavra. A semelhança do pão, Ele tem sido distribuído e partido, e deve ser tomado como Senhor e Salvador para que participemos de sua vida. Como pão, Ele sustém nossa vida espiritual à medida que, continuamente, alimentamo-nos dEle.

Ao invés de sermos atraídos pela imoralidade, concupiscência e desejos mundanos, e por eles termos de pagar alto preço, miremos a "pedra branca" do perdão e da absolvição. Naqueles dias, uma pedrinha era usada nos tribunais para indicar a ausência de culpa. Nossos pecados já foram apagados; fomos tornados justos como se nunca tivéssemos pecado. Além disso, receberemos um "novo nome" que, na Bíblia, significa nova natureza, nova autoridade; enfim: uma herança completa.

XII - Tiatira É Elogiada (Ap 2.18,19)

> *"E ao anjo da igreja de Tiatira escreve: Isto diz o Filho de Deus, que tem seus olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao latão reluzente: Eu conheço as tuas obras, e a tua caridade, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras."*

Jesus começa por chamar a atenção da igreja de Tiatira à sua filiação divina. Apesar de ter se tornado totalmente homem - qualificado portanto a tomar-nos o lugar, levando-nos os pecados e a culpa sobre a cruz - Ele permaneceu totalmente Deus. Ele esvaziou-se de si mesmo e dos sinais externos de sua glória durante seu ministério na terra, mas nunca deixou de possuir a natureza divina e seu poder.

Em segundo lugar, o Filho do homem diz que seus olhos são como "chama de fogo" (Ap 1.14), pronto a queimar qualquer coisa que talvez a igreja esteja fazendo de errado, ou quem sabe, algum pecado que esteja tentando esconder. Enganam-se os que pensam poderem esconder alguma de Deus ou de seu Filho.

Em terceiro lugar, Ele relembra-os de que seus pés são como "o latão reluzente" - o mais fino dos bronze (Ap 1.15), não tendo mistura ou contaminação. No seu ministério aqui e no céu, Jesus jamais cometeu quaisquer pecados. Portanto, tem condições de julgar o pecado, é um direito seu.

Jesus conhecia todas as coisas que os irmãos de Tiatira tinham a seu favor (versículo 19). Conhecia suas obras, por isso os elogiava. Era evidente que o serviço que prestavam a Deus não era em nada inferior aos das outras igrejas.

Diferentemente da igreja de Éfeso, a igreja de Tiatira não havia ainda perdido seu primeiro amor. Pelo contrário: aqueles irmãos mostravam um tipo de fidelidade, um amor leal, que era uma resposta e um reflexo do amor de Deus demonstrado no Calvário. Eles eram canais deste amor que é o fruto básico do Espírito - o fruto que resume e representa todos os outros frutos (G1 5.22,23; 2 Pe 1.5-7).

Eles haviam sido reconhecidos pelo "serviço" (v.19). A mesma palavra grega (diakonia), também traduzida por "ministério", é usada para designar o ministério dos apóstolos, profetas, diáconos e de outros líderes da igreja (At 1.17; 6;4; 20.24; 2 Co 4.1; 6.3; 1 Tm 1.12). Esta palavra é usada ainda para o ministério dos dons do Espírito (2 Co 3.8). É usada de igual modo como ideia de ajuda, sustento e contribuição, aos necessitados (At 6.1; 11.29, onde é traduzida por "socorro"). Os cultos de adoração em Tiatira devem ter trazido glória a Deus e edificação à congregação. Estes cristãos devem ter tido também um coração voltado aos pobres, aos

humilhados, às viúvas, aos órfãos e aos estrangeiros. Seu cristianismo era evidente no viver diário.

Sua "fé" também foi destacada (v.19). Não somente conservavam a fé em Deus e em sua Palavra, como também manifestavam o dom da fé - desenvolviam a fé e a fidelidade como fruto do Espírito.

Eram reconhecidos, de igual modo, pela sua "paciência" que tem o sentido de constância, estabilidade e perseverança no meio do labor e do sofrimento. Esta força de vontade era parecida com a de Cristo; somente poderia vir através de uma comunhão constante com o Espírito Santo. A presença de Jesus, no meio deles, deve ter sido uma realidade constante.
Além disto, seu trabalho ao Senhor havia crescido de forma progressiva desde o início ("suas últimas obras são maiores que as primeiras"). Havia uma devoção crescente para com a pessoa de Jesus, e um crescimento contínuo do serviço a Ele prestado. Este era, na realidade, um grande elogio que lhes era feito ("seu trabalho" não é mera repetição, é algo a ser conectado à última cláusula do versículo 19).

XIII - Jezabel É Julgada (Ap 2.20-23)

> *"Mas tenho contra ti que toleras Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensinar e enganar os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria. E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua prostituição; e não se arrependeu. Eis que a porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem de suas obras. E ferirei de morte a seus filhos, e todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda os rins e os corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras."*

Apesar de todas as coisas boas que Jesus disse sobre a igreja em Tiatira, Ele tem contudo outras contra ela. O problema em Pérgamo parece ter se originado de pressões vindas de forças pagãs ("o trono de Satanás" 2.13), de fora da igreja. Mas o problema em Tiatira foi iniciado e fomentado por uma mulher apóstata, membro da igreja. No lugar de "aquela mulher", alguns antigos manuscritos trazem "sua mulher", que poderia significar "sua esposa", ou seja: esposa do pastor. Qualquer que seja o caso, o pastor e a igreja toleravam-na porque a consideravam profetisa. Jesus, entretanto, a chama de Jezabel.

Na realidade, ela é pior do que a Jezabel do Antigo Testamento, esposa do rei Acabe, que tentou substituir a adoração ao Senhor, em Israel, pelo culto a Baal, buscando fazer deste um deus nacional. Esta Jezabel, que se diz profetisa, colocava suas palavras e ensinamentos acima dos de Cristo e dos apóstolos. Não somente ensinava que era lícito, aos olhos de Deus,

cometer adultério espiritual - participar das adorações idolatras e imorais - como também seduzia, com muita perspicácia, os crentes que realmente procuravam servir ao Senhor, e que lhe eram fiéis. Note que Jesus chama a estes de "meus servos". As boas coisas que Jesus disse da igreja poderiam ser ditas sobre eles. Contudo, estavam agora sob a influência das profecias e ensinos desta Jezabel. Dando-lhe atenção, tornaram-se suas vítimas.

As profecias devem ser testadas pelas Escrituras; não podem estar baseadas num único versículo, ou metade num versículo aqui e a outra noutro lugar. As profecias devem estar de acordo com os grandes ensinamentos da Bíblia. Os que pertençam ao corpo de Cristo devem julgá-las (1 Co 14.29). Assim, à medida que nos aprofundamos no conhecimento das Escrituras, o Senhor mesmo iluminará nossos corações e mentes, concedendo- nos sua maravilhosas luz.

Jesus já havia tratado com esta Jezabel, e lhe dado um período de tempo ("espaço") para que se arrependesse. Mas ela não se arrependeu de sua fornicação - o adultério moral e espiritual. Ela não mudou suas atitudes básicas, e ainda ensinava que a mistura da verdadeira adoração com práticas e adorações pagãs não constituíam qualquer pecado.

No Antigo Testamento, Deus já havia pronunciado severos julgamentos sobre aqueles que tentavam adorá-lo simultaneamente a outros deuses. A Idade das Trevas surgiu porque a Igreja degenerou-se ao aceitar idéias e práticas pagãs. No início, os primeiros cristãos recusavam-se a ter imagens nas igrejas, porém, ao imitarem os pagãos, começaram a dar atenção a santuários e relíquias sagradas. Os falsos profetas de hoje são ainda piores; dão mais atenção a idéias e filosofias humanas do que a Palavra de Deus. Torcem as Escrituras para que se encaixem em idéias meramente humanas e falsos ensinos. A semelhante de Jezabel, não se arrependem. Proclamam cada vez mais alto que suas profecias e ensinos devem ser considerados verdades inquestionáveis em detrimento da Palavra de Deus.

No versículo 22, Jesus promete que julgará tanto esta Jezabel, como os que têm cometido adultério espiritual com ela, prestando culto aos deuses pagãos e participando de ritos licenciosos. Jesus afiança que a "lançará numa cama". Este julgamento contém uma ironia intencional, pois ela é culpada exatainente de adultério espiritual e de fornicação. A "cama" é provavelmente o sofrimento, ou a doença, que a levaria à morte física. Quanto aos seus seguidores, atravessariam por "grande tribulação" - tristeza e aflição, acarretando-lhes angústia de coração e de alma. Não está implícito que Jesus quer realmente isto; o que Ele deseja é que os tais arrependam-se das obras praticadas sob a influência de ensinos e profecias falsos. Ele é paciente até mesmo com Jezabel; dá a todos oportunidade a que se arrependam.

Jesus continua a advertência no versículo 23, e o faz de modo mais severo. Ele "ferirá" a seus filhos espirituais, isto é, aos seguidores de Jezabel, "de morte". "Ferir de morte" é a maneira hebraica de se enfatizar a certeza da morte física. Isto significa que o Senhor trará algum tipo de doença grave, ou pestilência sobre eles. Contudo, pode ser também uma referência à segunda morte (o lago de fogo) onde perderão não somente suas vidas, mas também a salvação.

Os falsos profetas do Antigo Testamento que buscavam dinheiro, fama e poder, provavelmente ensinavam que Deus não importa se você adora ou não falsos deuses, desde que você apresente seus sacrifícios ao templo (Dt 13.1-5; Am 5.22,26, Os 7.11,13). Esta Jezabel ignorava o fato de Jesus conhecer seus motivos e atitudes, pois ela estava tentando escondê-los dos outros e de si mesma. A igreja precisava saber, com urgência, que o Senhor Jesus era mais que um gentil salvador. Ele é também juiz; "sonda", examina, investiga os rins (considerado pelos antigos como o centro dos sentimentos) e corações. Ou seja: sonda a parte mais profunda de nosso ser, nossos motivos, atitudes e sentimentos (Hb 4.12). Ele conhece o que, de fato, acha-se dentro de nós; conhece o que está atrás de nosso trabalho, obras e ações. Como juiz impar- ciai, recompensará a cada um de nós "de acordo com as (nossas) obras", não como as vemos, mas como Ele as vê (ver João 5.22,30).

XIV - "Retende o que Tendes Até que Eu Venha" (Ap 2.24,25)

> *"Mas eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei. Mas o que tendes retende-o até que eu venha."*

Indubitavelmente esta falsa profetisa Jezabel dizia estar dando à igreja um "ensinamento profundo", o qual ela e seus seguidores chamavam de "profundezas de Satanás". Pode ser que ela dissesse ter alcançado as profundezas das verdades divinas. Na realidade, porém, essa mulher havia conduzido o povo às profundezas de Satanás. Ou talvez pregasse que seria necessário entrar no território do inimigo a fim de derrotá-lo. Talvez ainda ensinasse ter uma doutrina superior a de Jesus e a dos apóstolos sobre Satanás. Pode até haver alegado, de igual modo, que os demônios e o próprio Satanás não são propriamente mentirosos, levando com isto muitos a se desviarem. O que aconteceu lá pode ser importante aos nossos dias, onde vemos pessoas que se preocupam tanto em repreender Satanás e a expulsar demônios, fazendo destas atividades o centro do seu ministério.

Jesus reconhece que nem todos na igreja de Tiatira haviam dado ouvidos às falsas profecias e aos ensinos sedutores desta Jezabel. Por isto,

deixa uma palavra de conforto ao restante dos crentes: não imporá "outra carga" (ou responsabilidade) sobre eles. Os que permaneciam fiéis ao Evangelho e a Jesus, necessitavam, agora, reter firmemente o que possuíam - a fé simples e a obediência até o retorno do Senhor. Precisavam ser como os tessalonisenses que, havendo se convertido dos ídolos para Deus, serviam a um Senhor que é vivo e verdadeiro, esperando dos céus a seu Filho (1 Ts 1.9,10). O serviço prestado, enquanto se espera a volta de Cristo, inclui a continuação das boas obras, a perseverança na fé e na obediência.

XV - Os Vencedores Compartilharão o Governo de Cristo (Ap 2.26-29)

> *"E ao que vencer, e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações, e com vara de ferro as regerá; e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi de meu Pai. E dar-lhe-ei a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas."*

Os vencedores, aqui, são identificados como aqueles que guardam as obras de Jesus no coração ("guarda até o fim as minhas obras"), seguindo-o e aprendendo dEle, como Ele é de fato revelado na Bíblia, especialmente nos quatro evangelhos. Jesus dará aos vencedores "poder sobre as nações". Ou seja: permitirá que compartilhemos de seu poder, autoridade e governo, desfrutando plenamente de seu triunfo, e ajudando-o a pastorear com a "vara de ferro" as nações que sobreviverem a Grande Tribulação (Ap 2.27). A vara do pastor era usada para quebrar os ossos dos predadores do rebanho. Portanto, a profecia, aqui, é relacionada com as profecias do Salmo 2.8,9 e Daniel 2.34,35; 44,45. Sim, a vara de ferro esmigalhará as nações que rejeitarem a Cristo como se fossem feitas de barro (Jo 5.22).

O Salmo 2 diz-nos que Deus dará a seu Filho as nações por herança, e os fins da terra por sua possessão. Como crentes fiéis, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, sendo portanto participantes da herança. E, juntos, estaremos quando Ele vier estabelecer seu reinado sobre a terra (G1 4.7; Tt 3.7).

A profecia do capítulo dois de Daniel mostra a sequencia dos impérios naquela estátua gigantesca que tinha a cabeça de ouro, representando o império babilônico; o peito e os braços de prata, representando o império medo-persa; o ventre e as coxas de cobre, representando o império grego de Alexandre, o Grande; as pernas de ferro, representando os romanos; e os pés de ferro e barro, representando os estados nacionalistas que, por causa de suas diferenças, não chegaram a se misturar totalmente. Cada império dava lugar a um império sucessor, mas

todos faziam parte da estátua - o velho sistema mundial. A astrologia de Babilônia, a ética medo-persa, a arte e a filosofia gregas, e o direito romano, ainda influenciam o sistema mundial. Nunca houve outra ordem neste mundo além desta.

Então Daniel vê uma pedra que, repentinamente, é cortada da montanha sem auxílio de mãos humanas (Dn 2.34). A pedra fere a estátua em seus pés. E o ouro, prata, cobre, ferro e barro são transformados em pó; desaparecem completamente. A pedra, então, torna-se num reino que enche toda a terra. O ponto básico desta profecia é que o reino de Cristo somente se estabelecerá plenamente sobre a terra através de um julgamento. Até as boas coisas do atual sistema devem ser destruídas e removidas para que a excelência do reinado de Deus se instaure. Se formos fiéis; se em tudo sairmos vencedores, compartilharemos de sua triunfante vitória, quando Ele livrar a terra do presente sistema. Isto significa que retornaremos com o Senhor Jesus, que estará cumprindo as profecias de 2 Tessalonisenses 1 e Apocalipse 19.

Aos vencedores de todas as igrejas, de todos os tempos, que compartilharem do triunfo de Cristo, receberão mais do que poder e autoridade sobre as nações. Ele nos dará a "estrela da manhã" (v 28). Na Bíblia, a estrela da manhã não é necessariamente o planeta Vênus. Pode ser às vezes o Sol, que é a estrela que nos traz a manhã. Como a estrela da manhã, o Sol é um tipo de Cristo, o "Sol da Justiça" (Ml 4.2), que nos proporciona a luz das verdades de Deus. Malaquias ainda diz que este sol tem "cura em suas asas", isto é, em seus raios. Consequentemente, ao nos dar a estrela da manhã, Jesus estava dizendo que nos daria a si mesmo de uma maneira nova e maravilhosa.

No versículo 29, Jesus enfatiza que esta mensagem, à semelhança das outras dadas previamente, não era para uma única igreja, mas a todas em todos os lugares e tempos. O Espírito aplicaria a mensagem, que haveria de ser colocada em forma escrita e a administraria aos corações de todos os ouvintes. Se ouvimos, não temos desculpa; quanto aos que não a ouviram, serão esmiuçados pelo julgamento que há de vir.

Apocalipse

Capítulo 3

I - Sardes é Advertida (Ap 3.1-3)

> *"E ao anjo da igreja que está em Sardes escreve: Isto diz o que tem os sete Espíritos de Deus, e as sete estrelas: Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto. Sê vigilante, e confirma os restantes, que estavam para morrer; porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus. Lembra-te pois do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E, se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei."*

Jesus chama a atenção da igreja de Sardes para o fato de Ele ter os sete Espíritos de Deus (Is 11.2-5). O Espírito Santo estava, e está, disponível para cumprir a sua tarefa. Jesus tem nas mãos também as sete estrelas, que são os mensageiros, ou pastores das sete igrejas. O Senhor não faz nenhum elogio à igreja de Sardes como um todo, mas repreende-a e exorta-a. Afinal, tem Ele os pastores todos em suas mãos, e está preocupado com estes e com as igrejas que presidem.

A igreja de Sardes era muito ativa; tinha nome e reputação. Os de forja consideravam-na espiritual, cheia de vida. No entanto, Jesus vê o interior, aquilo que não é aparente e está escondido. Por isto, declara-a espiritualmente morta. Talvez não mais dependesse do Espírito Santo, e estivesse falhando em seguir a liderança que Deus lhe havia designado. Aqueles crentes ainda usavam o ritual pentecostal, mas não possuíam mais poder. Mesmo assim, não estavam cônscios de sua verdadeira condição, o que os levava a se orgulharem da reputação conquistada. Eis porque careciam estar vigilantes, literalmente "bem acordados"; sua "morte espiritual" era como um sono, ainda era possível despertar a uma nova vida em Cristo.

Os crentes de Sardes dependiam de experiências passadas. Por falta de vitalidade espiritual, achavam-se quase à morte. Nenhuma de suas "obras" era perfeita, isto é, completa. Tudo o que aquela igreja fazia carecia de unção, do toque de Deus, enfim, do movimento do Espírito Santo - o único que pode levar as obras de Deus à expressão completa. Por isso, tinham de acordar e ser vigilantes para fortalecer e encorajar os que estavam fracos e quase à morte. Com a ajuda de Jesus, haveriam de fazê-lo. Ao dar-lhes essa orientação (v.3), Jesus exigia que se arrependessem. Utiliza a promessa de sua vinda para reforçar suas palavras. Parece que a

igreja de Sardes também estava negligenciando o ensino concernente à sua segunda vinda, tornando-se, assim, indiferente às coisas espirituais. Pois não há maior encorajamento à santidade e pureza de vida do que a maravilhosa esperança do retorno de Cristo (1 Jo 3.2,3).

Os irmãos de Sardes precisavam, igualmente, lembrar-se não propriamente do que, mas de como o tinham recebido e ouvido. Isto significa que haviam recebido inicialmente as verdades do Evangelho com alegria, aceitando com entusiasmo a Cristo e a salvação por Ele proporcionada. Talvez fossem como o terreno pedregoso da Parábola do Semeador (Mt 13.20,21). Por isso, careciam olhar para trás, e readquirir parte daquela alegria no Senhor que antes possuíam; tinham de guardar o que haviam recebido, e reter os ensinamentos que lhes haviam sido ministrados. Não deviam confiar unicamente em suas reputações. Caso não se arrependessem, despertassem, e estivessem de prontidão, o Senhor viria a eles como ladrão, isto é, sem avisar. O que está implícito é que Ele virá para julgar, e quando isto acontecer, será muito tarde para o arrependimento.

Pelas palavras de Jesus, parece que Ele não está se referindo à sua segunda vinda, pois dirige-se somente a eles de maneira específica. A igreja de Sardes seria o objeto desta vinda. Todavia, não importa a época da vinda do Senhor; o importante mesmo é estarmos vigilantes contra o pecado e a indiferença.

II - Alguns em Sardes São Elogiados (Ap 3.4)

> *"Mas também tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram seus vestidos, e comigo andarão de branco; porquanto são dignas disso."*

Ao negligenciarem a esperança do retorno de Jesus, e ao falharem no depender do Espírito Santo para iluminar-lhes as verdades e dar-lhes poder para viverem uma vida santa, os crentes em Sardes haviam manchado suas vestimentas. Isto é: não mais estavam cooperando com o Espírito Santo no trabalho de santificação. Não mais obedeciam o mandamento de se guardarem puros e imaculados da influência do mundo (Tg 1.27). Precisavam colocar de lado tudo o que pudesse contaminá-los, especialmente a malícia, o rancor, a inveja e outros vícios perversos que caracterizam o mundo. Precisavam também ser submissos à Palavra de Deus e aos seus ensinos com humildade de espírito (Tg 1.21).

Contudo, havia "algumas pessoas" que eram exceções, e Jesus as considerava dignas de andarem com Ele "de branco". Esta é uma expressão usada geralmente para roupas feitas de fino linho. Em linguagem espiritual, são vestidos branqueados no sangue do Cordeiro (Ap 7.14), e hão de

permanecer brancos por causa da justiça de Cristo (Ap 19.8). O texto mostra que estes crentes já estavam andando com o Senhor, seguindo-o bem de perto, pois ainda não haviam contaminado suas vestes. Os que andarem com o Senhor nesta vida, serão dignos de continuar a andar com Ele no reino que está por vir.

III - Os Vitoriosos Serão Confessados Diante do Pai (Ap 3.5,6)

> *"O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas."*

A todos os que se saírem vitoriosos, é prometido vestirem-se de branco, pois são dignos de andarem com Cristo: suas vestiduras foram lavadas e embranquecidas pelo sangue do Cordeiro. Além disto, seus nomes não serão riscados do Livro da Vida, e Jesus os confessará diante do Pai e diante dos anjos de Deus, confirmando que eles, de fato, lhe pertencem.

O sentido implícito, neste versículo, é de que, os que não vencerem, terão seus nomes riscados do Livro da Vida. Dizem alguns "entendidos" que isto não pode ser possível, pois levaria a perseverança de nossa salvação a fundamentar-se em obras, sendo, pois, uma terrível negação da graça de Deus. No entanto, reconhecemos que a nossa vitória não é obtida através de boas obras. A vitória que vence o mundo é a nossa fé (1 Jo 5.4). Deus nos faz vitoriosos através de Cristo (1 Co 15.57). Somos salvos pela graça por meio da fé, e não pelas obras (Ef 2.8).

Perseveramos na graça pela fé, uma fé obediente (1 Jo 1.7; 2.3-6). O tempo verbal do grego de 1 João 5.5 indica continuidade, ação. Ou seja: a pessoa que continua a vencer é aquela que persevera em crer, em confiar. Não devemos esquecer de que só teremos a vida eterna se tivermos Cristo, pois nEle está a vida, e somente aqueles que continuam a ter, a possuir o Filho, tem a vida eterna; enquanto que aqueles que não permanecerem no Filho de Deus, não têm a vida (1 Jo 5.11-12; Jo 3.16; 6.47). Somente os que perseveram crendo, têm a vida eterna.

Novamente, todos os crentes são conclamados a que dêem atenção ao que o Espírito dizia, nestas cartas, às sete igrejas.

IV - A Chave de Davi (Ap 3.7)

> *"E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha e ninguém abre."*

Dentre as sete igrejas, a de Filadélfia era a mais perfeita. Ao invés dè censurar aqueles crentes, Jesus destaca-lhes a santidade e a sua identificação com o "Santo" (um dos títulos de Deus). O Senhor Jesus possui natureza divina, e, como tal, compartilha da santidade de Deus Pai. (Ver Salmos 16.10; Isaías 6.3; 40.25; 43.15; Atos 2.27; 13.35).

Jesus é também "o verdadeiro", que significa "o genuíno". Isto é: o genuíno rei messiânico que torna eterno o trono de Davi (At 2.30,32,36; 3.14-15; 1 Jo 5.20). As chaves de Davi representam a autoridade de seu ofício real (Is 22.22). Em virtude deste ofício, Ele abre e fecha as portas, e ninguém pode alterar-lhe as decisões. Jesus passou a exercitar esta autoridade quando comissionou sua igreja, e começou a trabalhar com os discípulos (Mt 28.18; Mc 16.20).

V - Uma Porta Aberta para Filadélfia (Ap 3.8)

> *"Eu sei as tuas obras: eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome."*

Jesus conhecia as excelentes obras da igreja em Filadélfia. Exercitando sua autoridade e poder real, colocava diante daqueles crentes "uma porta aberta". Teriam oportunidade de fazer livremente a obra de Deus, sem necessidade de derrubar quaisquer barreiras. Tudo o que precisavam fazer era entrar pela porta que o Senhor lhes abria.

A palavra "pouca" é enfática, e parece indicar que esta igreja quase não tinha forças espirituais. ([1]) A palavra "força", ou poder, é usada especialmente para indicar o poder divino - o poder que opera milagres, que é o do Espírito Santo.

O contraste, aqui, parece ser com a proclamação de Cristo de que todo o poder e a autoridade foram-lhe dados, e que estes acham-se disponíveis também à Igreja (Mt 28.18). Porém, apesar de a igreja em Filadélfia ter pouco poder, ainda guardava a Palavra de Deus, e recusava-se a negar o nome de Cristo diante da perseguição satânica promovida pelos judeus não converti-dos. Era uma igreja obediente e fiel que continuava a testemunhar de Jesus e das verdades do Evangelho. Até mesmo aquele pequeno poder, "como a fé do tamanho do grão de mostarda" (Mt 17.20) é motivo de elogio pelo Senhor.

VI - A Sinagoga de Satanás É Repreendida (Ap 3.9)

> *"Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não o são, mas mentem: eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo."*

Os que aqui se opunham ao Evangelho, à semelhança do que ocorria em Esmirna (Ap 2.9), são chamados de "sinagoga de Satanás". Jesus não os reconhece como judeus verdadeiros, apesar de se identificarem como tais. Na verdade, eram filhos do diabo, como os fariseus que se haviam oposto a Jesus, procurando matá-lo (Jo 8.39,40,44). Eram ainda como raças de víboras, iguais aos fariseus que haviam ido a João Batista sem verdadeiro arrependimento. Não eram filhos legítimos de Abraão; não tinham uma fé como a do patriarca, nem praticavam as mesmas obras que ele (Mt 3.7,9; G1 3.7-9). O propósito de Deus para com Abraão era abençoar todas as famílias da terra através de sua semente (Gn 12.3; 18.18). Isto foi cumprido através de Jesus - a semente de Abraão. Deus queria usar Israel na execução deste plano, porém não foi possível, pois Jesus veio aos seus, mas os seus não o receberam (Jo 1.11).

A repetição da frase "eis que eu farei" destaca a promessa de Jesus feita no versículo nove, onde Ele declara que fará com que estes "judeus" adorem, ou se ajoelhem prostrados diante dos cristãos. O que as nações terão de fazer diante de Israel quando este estiver restaurado, não só nacional, mas espiritualmente, os que rejeitam a Cristo, farão diante da Igreja (Is 43.4; 45.14; 49.23; 60.14).

Alguns usam o versículo nove para se referirem à ocasião em que todo joelho se dobrará diante de Cristo (Fp 2.10,11). ([2]) Mas, nessa ocasião, os crentes já estarão com Jesus (1 Ts 4.17). Portanto, é mais provável que esta adoração e reconhecimento do amor de Cristo por seu povo venham como consequência de um avivamento produzido pelo Espírito Santo. Um arrependimento genuíno, acompanhado pela aceitação de Jesus como Salvador e Senhor, fará com que haja uma mudança de atitude para com os crentes que, agora, são perseguidos. Pode ser ainda que se trate de uma promessa que só será cumprida quando os judeus, como um todo (verdadeiros e falsos), aceitarem a Cristo como seu Messias e Salvador por ocasião de sua segunda vinda.

VII - Guardados da Hora da Tentação (Ap 3.10,11)

> *"Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra. Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa."*

Os crentes de Filadélfia haviam guardado a palavra, ou ensinamentos, sobre o paciente sofrimento de Cristo. Continuavam olhando para "Jesus, o autor (líder, exemplo, padrão) e consumador (aperfeiçoador, que nos leva a uma total maturidade, por que Ele já tem alcançado o alvo para o qual lutamos por atingir) da nossa fé; o qual pela alegria do que lhe

estava proposto suportou a cruz, desprezando a afronta e assentou-se à direita do trono de Deus" (Hb 12.2).

Isto implica também que, de acordo com a exortação de Hebreus, eles haviam colocado de lado todos os obstáculos (incluindo o pecado), e aceitado o desafio de participar desta corrida de longa distância (não uma corrida de velocidade), e focalizado seus olhos em Jesuá (como o alvo). Porque tudo isto fizeram, Jesus promete protegê-los "da hora da tentação", não simplesmente da hora da tentação individual, mas daquela hora que se refere ao final dos tempos a que chamamos de Grande Tribulação, a qual cobrirá todo mundo. A mesma fraseologia é encontrada em 1 João 17.15. Em Tessalonisenses 4.17, temos uma referência ao arrebatamento da Igreja. Encontramos igual sentido em 1 Tessalonisenses 1.10, onde Paulo inclui a si mesmo, e os próprios Tessalonisenses, ao deixar claro que "Jesus nos livra da ira futura" (1 Ts 5.9; 2 Pe 3.8,9). Deus quer que vivamos na luz e cheios de esperança quanto ao retorno de Jesus. Portanto, o que ele disse aos crentes de Filadélfia aplica-se também a nós, pois Ele tem as estações e os tempos em suas mãos (At 1.7).

Nesse ponto, surge uma controvérsia entre os vários intérpre¬tes da Bíblia (3). O mesmo pensamento "guardarei da" (v.10) é encontrada em João 17.15, onde Jesus pede ao Pai que não tire seus discípulos do mundo, mas que os livre do mal. Baseando-se nisto, alguns afirmam que a igreja atravessará a Grande Tribulação. Aqui, porém, devemos examinar o contexto cuidadosa-mente. Em João 17.12, o Senhor Jesus diz que guardara a todos, exceto a Judas. Em relação a este presente século, Ele pediu somente que seus discípulos fossem guardados das garras de Satanás ("o mal" de João 17.15 significa "Satanás").

O contexto de Apocalipse 3.10, por outro lado, fala sobre o fim dos tempos. Os crentes não serão meramente guardados de Satanás, mas de um tempo que está por vir sobre todo o mundo grego claramente significa guardados "da" e não guardados "através da".

Muitas outras passagens mostram que a Igreja não estará na terra durante o período da Grande Tribulação. Os julgamentos que virão com a abertura dos selos, trombetas e taças são juízos de ira. E Deus não tem destinado sua ira para nós, seus santos (1 Ts 5.9). O retorno do Senhor é a bem-aventurada esperança da Igreja, uma esperança que exige santidade agora (Tt 2.12-14; Jo 3.2,3).

A esperança da vinda de Cristo (v. 11) serviu para encorajar os crentes de Filadélfia a se firmarem naquilo que tinham, isto é, no que haviam recebido de Cristo. Caso contrário: perderiam suas coroas. Mesmo que Cristo houvesse prometido guardá-los, não significa que poderiam eleá viver de forma descuidada e sem vigiar. Deveriam, entre outras coisas, evitar os falsos ensinadores. Teriam de continuar a pelejar a única peleja que é digna de ser levada em conta (Cl 2.18,19; 3.1-4; 2 Tm 4.7,8).

VIII - Os Fiéis Serão Colunas no Templo de Deus (Ap 3.12,13)

> *"A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do meu Deus, e também o meu novo nome. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas."*

Para os que são fiéis, que continuam a obter vitórias na fé, há um lugar de altíssima honra e estabilidade permanente como coluna no santuário divino. Alguns desejam conectar esta figura com as colunas Jaquim e Boaz, que estavam em frente do templo de Salomão (1 Rs 7.21). E melhor interpretar esse termo como Paulo o fez ao referir-se aos líderes da Igreja (G1 2.9).

A palavra "templo", aqui, é o santuário interno, o Santo dos Santos. E uma palavra usada também para Igreja (Ef 2.20-22), mas que, neste caso, é utilizada para descrever o lugar dos santos no estado final, isto é, na Nova Jerusalém, que estará sobre a nova terra onde Deus habitará com seu povo para sempre. Então Jesus escreverá, sobre os redimidos, o nome de Deus, o nome da Nova Jerusalém, e também o seu próprio nome. A palavra "nome" refere-se à autoridade, caráter e pessoa. Lembra-nos de 1 João 3.1, onde somos chamados de "filhos de Deus" e, como tais, possuímos seu nome e caráter. João ressalta que, agora, somos filhos de Deus, mas ainda "não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é o veremos" (1 Jo 3.2).

Uma vez mais (v.13), vemos que a promessa é para todo crente que ouvi - isto é, qualquer que crer e obedecer - em todas as igrejas e em todos os tempos. Precisamos deixar o Espírito Santo efetivar tais realidade em nossos corações e vidas.

IX - Jesus - O Amém (Ap 3.14)

> *"E ao anjo da Igreja que está em Laodicéia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus."*

Jesus imediatamente identifica-se aos crentes de Laodicéia como "o Amém". Esta palavra hebraica, que significa "verdadeiramente", serve para corroborar as promessas divinas. Sua raiz traz a idéia de firmeza, certeza, segurança na fé. Em Isaías 65.16, é usada para descrever o Senhor como "verdade". Jesus é a nossa revelação de tudo o que este conceito significa. Como o Amém, garante as verdades das promessas de Deus - promessas

estas que ainda estavam disponíveis até mesmo para os de Laodicéia e para os crentes de hoje (2 Co 1.20).

Jesus é também "a testemunha fiel e verdadeira". Testemunhou do Pai, das verdades do Evangelho; testemunhou ainda de si mesmo, de sua natureza e caráter. E o único Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade. Ele não voltará atrás em sua Palavra com respeito a todas as verdades que tem anunciado.

Jesus é também "o princípio", origem, causa primeira e Senhor de toda a criação de Deus. Cristo, como Deus Filho, não foi criado. Ele foi, é, e será sempre o mesmo. É o mediador da criação de Deus. "Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). O mundo foi feito por Ele (Jo 1.10). Agora, acha-se à direita do Pai, nos céus, "acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro" (Ef 1.20,21). É aquEle através do qual todas as coisas começaram, e trará todo o plano de Deus à consumação final, Jesus é, igualmente, o Mediador entre Deus e os homens. Todas as coisas subsistem pela força de seu poder (Cl 1.17).

X - Laodicéia Não É Quente Nem Fria (Ap 3.15-17)

> *"Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és nem frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu ".*

Aparentemente, os crentes em Laodicéia estavam agindo como se tivessem esquecido quem era Jesus e porque havia Ele morrido. O Senhor Jesus faz-lhes, então, uma advertência muito forte por não serem nem "frios" nem "quentes". Antes de haverem aceitado a fé, eram frios. Ao receberem a Jesus, haviam se tornado quentes - zelosos seguidores do Mestre. Agora, porém, encontravam- se num perigoso estado intermediário - a mornidão espiritual. Não estavam mais desejosos de corresponder ao movimento do Espírito, nem estavam frios o suficiente para perceber quão grandes eram suas necessidades. Além de nada fazerem à obra de Deus, não respondiam ao seu chamado ao arrependimento. Por isso, Jesus deseja que fossem frios ou quentes, pois, assim, poderia fazer alguma coisa por eles.

O Senhor aquieta-se quando lida com um povo a quem não pode usar nem abençoar. Os de Laodicéia não se opunham ao Senhor, mas também não se aproximavam dEle. Como água morna não serve para se beber, de igual modo os crentes mornos jamais se tornarão aptos a seguir a Cristo.

Por isso, Ele os "cuspirá" (literalmente, "vomitar"), ou rejeita-los-á. Agiam como o segundo filho da Parábola dos Dois Filhos, onde o pai pediu a um que fosse trabalhar na vinha. Embora este dissesse: "Eu vou, e não o foi" (Mt 21.30). Eles reivindicavam serem cristãos, mas não faziam a vontade do Pai Celestial.

Laodicéia era um rico centro de comércio. A prosperidade era a causa da mornidão daquela igreja. Eles haviam se tornado ricos e cheios de bens materiais. Com o dinheiro que já tinham, multiplicavam ainda mais suas posses. Estavam, agora, tão envolvidos com a vida material que eram induzidos a negligenciar a espiritual (Mt 13.22). Esta igreja não havia sofrido nenhuma perseguição. Não havia sido invadida pelas falsas doutrinas nem pelos falsos apóstolos. Para as outras igrejas, sua situação era excelente, ideal. Os cristãos de Laodicéia haviam se tornado tão satisfeitos e eufóricos com as coisas que o dinheiro pode comprar, que foram levados a perder o desejo pelas coisas de Deus. Infelizmente, não haviam aprendido ainda a "viver em prosperidade" (Fp 4.12). Como resultado, sua satisfação era falsa por ignorarem as coisas de Deus.
Como na Parábola do Rico Tolo (que por ter muito, só cogitava em construir celeiros cada vez maiores), os crentes daquela cidade achavam que não tinham mais necessidades. Deus, contudo, os viu, não como se estivessem usufruindo de bênçãos, mas como desgraçados, miseráveis, pobres, cegos e nus". Eram tão miseráveis como os não salvos, tão desgraçados como os piores pecadores. Eram pobres porque não possuíam as verdadeiras alegrias do céu. Cegos, porque não tinham percebido que poderiam usar suas riquezas para levar o Evangelho a outros. A prosperidade que possuíam tinha lhes roubado o fervor e a esperança, por isso não mais aguardavam o retorno de Cristo com o anelo que uma vez tiveram. Estavam nus, porque achavam-se despidos da justiça de Cristo. Confiavam na prosperidade como suposta evidência das bênçãos divinas.

XI - Laodicéia É Desafiada (Ap 3.18,19)

> *"Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas. Eu repreendo e castigo a todos quantos amo: sê pois zeloso, e arrepende-te. "*

Apesar de Jesus não ter nenhum motivo de elogio a esta igreja, mas somente repreensões, ainda assim oferece-lhe esperanças. Em vez de procurar as riquezas deste mundo, deveriam eles comprar de Jesus "ouro provado no fogo", testado e refinado, livre de impurezas. Este é o ouro da fé, que vale muito mais do que todo o ouro deste mundo, não importando

quão puro e valioso este possa vir a ser (1 Pe 1.7). Deus quer que sejamos ricos na fé.

Comprar de Jesus não significa necessariamente dar dinheiro pelo seu trabalho, embora isto talvez esteja implícito aos crentes de Laodicéia. Seria bom, contudo, se observássemos o clamor do Senhor em Isaías 55.1,2 que diz: "O vós todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Porque gastais o dinheiro naquilo que não é pão? e o produto de vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer? Ouvi- me atentamente, e comei o que é bom e a vossa alma se deleite com a gordura".

Eles poderiam comprar de Jesus também "vestidos brancos" - a veste triunfante da justiça (Ap 9.89). Isto, através do sangue do Cordeiro, onde adquiririam uma justiça imputada por Cristo. Uma justiça que fosse real, em suas vidas, através do processo santificador do Espírito Santo.

Precisavam comprar também "colírio" (produto pelo qual Laodicéia tornara-se conhecida). Lembra-nos isto a unção espiritual para os olhos. Deste modo, poderiam ver o seu verdadeiro estado espiritual, e receber a ajuda do Espírito e da Palavra. Então, teriam uma visão clara de Cristo, do céu, e das demais coisas do Espírito. Em João 16.13, Jesus promete que o Espírito Santo nos guiará em toda a verdade, isto é, a verdade do Evangelho, da Palavra de Deus.

No caso de os laodicenses confundirem essas repreensões, pensando ser Jesus mau e vingativo, o Senhor assinala-lhes que Ele repreende e disciplina a todos quantos ama. Seu amor é caloroso e pessoal, não distante. O "eu", aqui, é enfático. O Pai castiga e disciplina a todo aquele que recebe por filho (Pv 3.11,12; Hb 12.5,6).

"Repreendo" é traduzido da mesma palavra grega usada para "reprovo" em João 16.8, onde é empregada para um trabalho específico do Espírito Santo. A palavra inclui a ideia de "expor, repreender, refutar, e mostrar-se culpado". Isto é: o Espírito convence através de prova. Jesus faz aos laodicenses a mesma coisa que fez a João. E, do mesmo modo, o Espírito Santo fará tanto ao mundo, ao çrente carnal e ao cristão espiritual.
Haveria esperança aos laodicenses caso eles se arrependessem. Mas isto implicaria numa mudança de atitude, de coração; enfim: um retorno ao antigo fervor. Acontecendo isto, deveriam consagrar-se a si mesmo num zelo contínuo, como mostra o tempo verbal grego.

XII - Cristo Está à Porta (Ap 3.20)

> *"Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo."*

As palavras finais de Cristo à igreja em Laodicéia são uma outra demonstração maravilhosa de seu amor. Após repreendê-los, Jesus coloca-se a si mesmo do lado de fora da porta da igreja, e bate repetidamente, esperando que alguém lhe responda. Apesar de havê-los advertido severamente, seu desejo real não é cuspi-los fora de sua boca, mas "cear" com eles. Jesus está buscando a restauração da comunhão perdida com tais crentes.

Este convite de Cristo era endereçado também a todas as igrejas que não mais possuíam o fogo do avivamento, que tinham se tornado meras organizações ao invés de organismos vivos. Se alguém lhe abrisse a porta, e lhe aceitasse a oferta de renovação espiritual, o avivamento com certeza viria.

Podemos também aplicar esta verdade de forma individual. Jesus não forçará nenhuma igreja, ou pessoa, a aceitá-lo. Mas se alguém abrir-lhe o coração, Ele entrará, trar-lhe-á sua bênção, proporcionando-lhe a maravilhosa comunhão no Espírito.

Além do mais, a Bíblia fala-nos de uma grande ceia que está para vir - as Bodas do Cordeiro. Somente os que ceiam com Ele, agora, ceiarão com Ele no porvir.

XIII - Os Vencedores Compartilharão do Trono de Cristo (Ap 3.21,22)

> *"Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas."*

A carta à Laodicéia é concluída com o sétimo desafio endereçado a todos os crentes. Jesus, depois de haver conquistado a vitória na cruz, já ressurreto, subiu aos céus, onde passou a ocupar o trono de seu Pai (Ef 1.20,21). Ele "sentou-se à destra de Deus" (Mc 16.19; Hb 1.3). Acha-se, agora, como nosso Sumo Sacerdote e Advogado, intercedendo por nós (Hb 8.1; 1 Jo 2.1). Quando Deus vir que o tempo é chegado, então Jesus voltará triunfal- mente, e porá seus inimigos como estrado de seus pés, isto é, derrotá-los-á completamente (SI 110.1), numa vitória que, na verdade, já foi ganha no Calvário. E reinará sobre a terra em cumprimento às profecias, implantando o reino eterno. Naquela ocasião, a Igreja, como noiva de Cristo, compartilhará dos resultados do Calvário no seu triunfante reino milenial.

Cada um dos sete desafios dá um aspecto do que o Espírito continua a dizer à Igreja, coletiva ou individualmente. O Espírito quer que todas as igrejas, em todas as eras, ouçam-lhe a mensagem. Quer que todos os crentes ouçam e a pratiquem. Não é suficiente que sejamos ocasionalmente

vitoriosos. As promessas destinam-se aos que são continuamente vitoriosos. Como vencedores, não deixamos de ter problemas, batalhas, dificuldades, ou até derrotas de vez em quando. Mas devemos lembrar-nos de que a vitória de Cristo é o segredo de nosso triunfo. Guardemos nossa fé em Jesus (1 Jo 5.5). Se pecarmos, confessemos-lhe rapidamente nossas iniquidades, e confiemos em sua fidelidade, não somente para perdoar-nos os pecados, como também para garantir-nos a vitória final (1 Jo 1.9; 2.1). Continuemos, pois, a andar com Cristo (1 Jo 1.7).

Apocalipse

Capítulo 4

No capítulo quatro, começa a seção central do livro de Apocalipse, que termina no capítulo 15. Esta parte trata das visões apocalípticas dos sete selos, das sete trombetas e das sete taças.

O estilo destes doze capítulos é marcadamente simbólico, por isso há muita controvérsia acerca de seu significado e da ordem de seus eventos. Entretanto, devemos reconhecer que os símbolos representam realidades, não idéias generalizadas e vagas. O Anticristo (1 Jo 2.18) em Apocalipse é, por exemplo, chamado de "besta", mas o símbolo representa de fato um homem real (2 Ts 2.1-4,8-10). Jesus é representado por um Cordeiro, mas é o mesmo Jesus que um dia subiu aos céus, e que breve voltará.

As visões contidas nestes capítulos mostram os julgamentos vindouros, que trarão o fim à presente era e ao sistema mundial ora em vigor. Mas, antes de mais nada, mostra-nos a Bíblia que Deus e o Senhor Jesus Cristo estão, e estarão, sempre no controle de tudo o que acontecer. Assim, a primeira visão é sobre o trono e o Cordeiro de Deus, o Salvador do mundo.

I - Uma Porta Aberta nos Céus (Ap 4.1)

> *"Depois destas coisas, olhei e eis que estava aberta uma porta no céu; e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer."*

"Depois destas coisas", esta expressão indica que já é passado algum tempo. Em Patmos, João não tem uma visão contínua. Alguns dias podem ter-se passado entre as revelações que compõem as diferentes seções do Apocalipse. (Ver Ap 7.1,9; 15.5; 18.1). Portanto, este versículo marca uma mudança de cena e tempo. João vê uma porta aberta nos céus. Então, a mesma voz, "como a de trombeta", que ele tinha ouvido na visão anterior (Ap 1.10) fala-lhe novamente: "Sobe aqui". São-lhe mostradas, pois, as coisas que em breve devem acontecer para o cumprimento integral dos planos de Deus (ver Ap 1.1,19).

Os capítulos quatro e cinco narram os eventos que se dão junto ao trono, nos céus, e servem como introdução aos fatos que começam a ser descritos no Apocalipse.

II - Um Trono no Céu (Ap 4.2,3)

> *"E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e um assentado sobre o trono. E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda."*

Imediatamente João é arrebatado "em espírito" para o trono no céu. (Alguns escritores veem este acontecimento como um símbolo do arrebatamento da igreja, o rapto de 1 Tessalonisenses capítulo quatro. Entretanto, nada neste contexto confirma tal interpretação). "Em espírito" é uma das frases-chave no livro de Apocalipse. Em Apocalipse 1.10, é introduzida a primeira seção do livro com a visão que João teve de Jesus no meio dos sete castiçais. Aqui, (v.2) é introduzida a visão de Cristo sobre o trono, abrindo os sete selos, e desencadeando a administração das sete trombetas e das sete taças do julga-mento divino. Em Apocalipse 17.3, é introduzida uma mudança de cenário, seguida por três eventos conclusivos: a queda de Babilônia, a derrota do Anticristo e o fim dos enganos de Satanás.

Assim que João, em espírito, é arrebatado ao céu, sua atenção volta-se primeiramente para o trono de Deus que estava "posto no céu", isto é, o trono já estava lá. Ele nota que este acha-se ocupado; visto ser o trono divino, o ocupante, então, é o próprio Deus Pai.

João não tenta descrever a Deus; está consciente de sua presença. Sua glória é mui grande para que ele o descreva como tendo uma forma ou aparência. Tudo o que pode fazer é falar de um brilho parecido com o do diamante. O "jaspe" é mostrado em Apocalipse 21.11 como sendo um cristal claro, não como o jaspe opaco que hoje conhecemos. Este é mais parecido com o diamante. A "sardônica" era uma pedra preciosa vermelha, muito bonita e apreciada, simbolizando redenção. Deus sempre manifestou-se em fogo no Antigo Testamento, mas o que João vê é muito mais glorioso do que qualquer outra visão vista anteriormente. Em volta do trono, havia um arco-íris brilhante, (ver 1 Tm 6.16; Tiago 1.17).

III - Vinte e Quatro Tronos para Vinte e Quatro Anciãos (Ap 4.4)

> *"E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro."*

O trono de Deus não é o único que João vê. E em redor dele, havia vinte e quatro tronos para vinte e quatro anciãos. "Ancião" ou "presbítero"

era um termo usado na Igreja Primitiva como sinônimo para bispo de uma igreja local. Os judeus usavam o termo para os membros do Sinédrio.

A Bíblia não explica quem eram os anciãos. ([1]) Alguns escritores modernos insistem serem eles anjos governantes, conectando-os com Apocalipse 5.11, onde, conforme ressaltam, não há distinção entre ancião e anjo. Dizem também que as taças cheias de incenso (Ap 5.8) mostram que os anciãos são mensageiros angélicos que apresentam as orações dos santos diante do trono no céu. ([2])

Um número de coisas, contudo, distingue os anciãos dos anjos. Os anjos estão do lado de fora do círculo dos anciãos (Ap 5.11). Em nenhum lugar da Bíblia, os anjos são chamados de anciãos. As coroas que os anciãos usam são de vitória; a palavra é usada para descrever também as coroas preparadas para os crentes, não para anjos. Ao mesmo tempo, as coroas falam de realeza; quando os soldados coroaram Jesus com uma coroa de espinhos, seu propósito foi zombar dEle como o Rei dos Judeus. Em nosso texto (Ap 4.4), a palavra é usada em conexão com os anciãos assentados sobre o trono, e que têm poder real (Ap 5.10). As roupas brancas são também prometidas aos crentes vencedores (ver Ap 2.10 e 3.4). Portanto, é preferível crer que estes anciãos, de alguma forma, representam a Igreja.

Devemos observar ainda que, nas visões do trono de Deus do Antigo Testamento, onde serafins e querubins são mencionados, nenhum ancião está presente. Isto mostra que os anciãos são um novo grupo que estará junto do trono de Deus nos eventos dos últimos tempos, os quais são mostrados a João. O seu número, vinte quatro, talvez seja uma referência às vinte quatro divisões clericais do templo (1 Cr 24.1-19). É provável que este número seja uma representação de toda a Igreja de Deus, tanto na Velha como na Nova Aliança. Os doze patriarcas e os doze apóstolos terão, respectivamente, seus nomes inscritos nos portões e na fundação da Nova Jerusalém (Ap 21.12-14). Os vinte quatro anciãos, portanto, simbolizam, ou talvez, representem a Igreja de Deus redimida de todos os tempos. (Observe que eles são pessoas reais, pois falaram com João em Apocalipse 5.5 e 7.13).

IV - Os Sete Espíritos de Deus como Sete Lâmpadas de Fogo (Ap 4.5,6a)

> *"E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes; e diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus. E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal."*

Após descrever os anciãos, a atenção de João volta-se ao trono e às "sete lâmpadas de fogo "que estavam diante dele". Os relâmpagos, trovões e vozes são reminiscências das expressões do Antigo Testamento ao referir-se a Deus, como, por exemplo, no Monte Sinai (Êx 19.16; 20.18). Além de adicionar admiração e majestade ao trono, também demonstram os julgamentos que estão por vir. As sete lâmpadas de fogo são os "sete espíritos de Deus", como o interpreta um dos anjos. Entretanto, podem representar também os sete espíritos de Deus falado por Isaías (11.2,3). De qualquer forma, deixam João ciente de que o Espírito Santo estava, e está, presente no trono; falam também do Espírito Santo como um fogo consumidor, cheio de indignação santa contra todo o pecado. Veja Isaías 4.4, onde o Espírito de Deus é chamado de "Espírito de Julgamento" e "Espírito de Ardor ". O Espírito Santo reprova os culpados e os chama para uma prestação de contas (Jo 16.8).

Entre Ele e o trono, João vê alguma coisa como "um mar de vidro, semelhante ao cristal". Sua beleza é tão grande, refulgente e cheia de glória, que é quase impossível de ser descrita com palavras humanas. Alguns o tomam como símbolo da distância e separação entre o Criador e a criação. ([3]) Como este mar está no santuário celestial, seria bom interpretá-lo como uma analogia da pia de bronze do tabernáculo terrestre (Êx 30.18-21) e do "mar de fundição" do templo de Salomão (2 Cr 4.2-6). Os sacerdotes lavavam-se antes de se apresentarem diante do Senhor para o cerimonial. O sacerdócio celestial, contudo, já está limpo, santificado, eis porque este mar é de vidro.

V - Os Quatro Seres Víventes (Ap 4.6-8)

> *"E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás. E o primeiro animal era semelhante a um leão, o segundo animal semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando. E os quatro animais tinham, cada um de per si, seis asas, e ao redor, e por dentro, estavam cheios de olhos; e não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir."*

Quatro "animais", ou seres viventes, ao redor do trono completam o quadro. (A palavra grega traduzida por seres viventes possui também o sentido de "bestas", como aparece em algumas versões. Contudo, a "besta" aqui mencionada é diferente das narradas noutras passagens, tal como em Apocalipse 13.1). Eles são "cheios de olhos por diante e por detrás",

representando inteligência, prontidão, entendimento e consciência do que acontece em todos os lugares.

A linguagem que descreve os quatro seres viventes é tirada do Antigo Testamento, especialmente da descrição dos querubins em Ezequiel, apesar de não serem chamados de querubins no Apocalipse. Os querubins são mencionados inicialmente como os guardiães do caminho do Jardim do Éden (Gn 3.23). Posteriormente, encontramos esculturas deles no Tabernáculo e no Santo Templo. Havia dois querubins de ouro em cima do propiciatório, a sólida tampa de ouro da arca do concerto (Êx 25.18). Em suas manifestações no templo, Deus é sempre referido como aquEle que habita "entre os querubins" (1 Sm 4.4; 2 Sm 6.2; 2 Rs 19.15; SI 80.1 e 99.1; Is 37.16). (O *im* em querubim é simplesmente a forma hebraica de se colocar uma palavra no plural. Observe, contudo, que as descrições bíblicas destes seres não são como crianças fofinhas, com asas, com as bochechas avermelhadas como frequentemente são vistas em pinturas ou em esculturas). Em Ezequiel 1.5-14, entretanto, os querubins são parecidos. Aqui, cada um dos seres viventes são diferentes e distintos. ([4]) Embora possam ser eles também querubins, o Apocalipse usa uma linguagem do Antigo Testamento para descrever uma nova revelação.

Levando-se em conta as passagens do Antigo Testamento, parece que as criaturas que João viu representam toda a criação de Deus: o leão como o rei dos animais selvagens, o boi como o principal animal domesticado daqueles dias, o homem como criado à imagem de Deus, e a águia como a rainha das aves. Juntas, indicam que toda a natureza se junta na adoração a Deus. Indicam também, ao honrar aquEle que estava sobre o trono, que Deus é soberano sobre toda sua criação. Na Igreja Primitiva, tornou-se muito popular relacionar estes seres viventes com Cristo e os quatro evangelhos. Agostinho, em mais ou menos 400 d.C., por exemplo, viu Jesus em Mateus como o Leão de Judá; em Marcos, como homem; em Lucas, como o servo; e, em João, como a águia alcançando as maiores alturas da revelação espiritual. ([5])

Cada dos quatro seres viventes tem seis asas como os serafins que Isaías viu em sua visão ("seraph" significa "o que queima"); lá, as asas falam tanto de humildade como de rapidez (Is 6.1,2). Eles eram tão cheios da glória de Deus, que pareciam serem feitos de fogo. Como os serafins, estes seres viventes nunca cessavam de clamar "Santo, santo, santo," mas, aqui, referem-se a Deus como o Senhor Deus Todo- poderoso, em vez de Senhor dos Exércitos. Ao invés de falar da terra como estando cheia de sua glória, realçam-lhe a eternidade: "Aquele que era, que é e que há de vir". Diferentemente dos serafins, são cheios de olhos, enfatizando seu entendimento e sabedoria.

Apesar de adorarem a Deus continuamente, cumprem de igual modo a sua vontade, e executam os seus julgamentos (Ap 6.1,2). Portanto, são

seres reais, não símbolos. Parece que não somente representam toda a criação diante de Deus, como os querubins que Ezequiel vira, mas são também os líderes de toda a criação. Eles falam a uma só voz quando adoram a Deus. Mas também individualmente (Ap 6.1,3,5,7). Alguns acham que eles são os mesmos querubins que Ezequiel presenciara e os mesmos serafins que Isaías descrevera, mas cada um deles os viu de um ponto de vista específico numa circunstância também específica. Contudo, tal posição não é totalmente evidenciada noutras passagens.

Ao repetir por três vezes a palavra "santo", enfatizam a suprema santidade de Deus. Santidade, na Bíblia, é sempre vista de duas maneiras. A sua ideia básica é de separação, mas ela inclui tanto a separação "de" como a separação "para". Para colocar isto de outra maneira, os dois aspectos podem ser caracterizados por duas palavras: "diferença" e "dedicação". Deus é totalmente separado do pecado; Ele é totalmente diferente de sua criação e também de todo o mundo caído. Ele acha-se também completamente dedicado à execução de sua grande vontade e plano. Os gregos consideravam seus deuses inconstantes, mutáveis. Mas "a rocha deles não é como a nossa rocha" (Dt 32.31). Podemos depender dEle completamente.

Como o Todo-poderoso, Ele detém todo o poder; é onipotente; não somente acha-se dedicado a executar seu plano, mas também possui todo o poder para fazê-lo cumprir-se totalmente. Nenhum rei, nenhum ditador, nenhum demônio ou até mesmo Satanás haverá de impedir o triunfo final de Cristo.

Sua eternidade significa que Ele nunca poderá morrer ou ser destruído. Ateístas, comunistas e rebeldes de todos os matizes podem se voltar contra Ele. Estes passarão, mas Deus há de permanecer para sempre. A expressão de sua eternidade é aplicada ao Trino Deus (compare Apocalipse 1.4 e 1.8), mas aqui é direcionada ao Pai.

VI - O Senhor é Digno de Adoração (Ap 4.9-11)

> *"E, quando os animais davam glória, e honra, e ações de graças ao que estava assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre, os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas."*

Esta adoração não é uma forma comum. O que está indicado, aqui, é que a adoração dos seres viventes não é sempre do mesmo jeito. O grego *hotan* (quando) significa de tempo em tempo, esses seres viventes

prostram-se dando glória, honra e graças àquEle que está no trono. Esta é uma frase similar que ocorre oito vezes no Apocalipse: 4.9,11; 5.12,13; 7.12; 19.1; 21.24,26.

Cada vez que os quatro seres viventes adoram a Deus, os vinte e quatro anciãos simultaneamente levantam-se, descem dos seus tronos, e prostram-se diante de Deus, lançando suas coroas diante dEle (Ap 5.8; 14; 19.4). Desta maneira, mostram-lhe a reverência, dependência e sujeição. É também o reconhecimento de que sua autoridade é derivada da autoridade divina. Seu poder real não representa uma oposição ou reino separado, mas acha-se sujeito ao trono de Deus, onde tem a sua origem. A semelhança dos quatro seres viventes (v.9), adoram eles a Deus como "aquele que vive para todo o sempre", o Eterno "Eu Sou" (Êx 3.14,15).

Na sua adoração, os vinte e quatro anciãos reconhecem a Deus como seu Senhor que, na linguagem do Antigo Testamento, aparece como "Yahweh" (algumas vezes mal traduzido como "Jeová", por haverem alguns se apropriado das consoantes hebraicas para o nome de Deus - YHWH ou JHVH - e inserido nelas as vogais da palavra hebraica para "Senhor", originando "Jeová, uma criação, pois, artificial).

Eles prestam sua adoração diretamente a Deus, reconhecendo-o também como seu Criador e Doador de todas as boas coisas que usufruem. Verdadeiramente, Ele é digno de receber glória, honra e poder. Aqui, podemos ver duas verdades. Em primeiro lugar, o homem não pode criar coisa alguma do nada. Mas Deus tudo fez num ponto específico dos primórdios dos tempos. Cabe-nos tão-somente descobrir, usar e rearranjar o que Deus tem-nos deixado de tudo quanto criou. Segundo, todas as coisas que usufruímos e usamos, foram criadas não simplesmente para o nosso benefício, mas para o de Deus também. Pois o honramos, quando usamos tais coisas à sua glória.

A entrada do imperador numa procissão triunfal, em Roma, era saudada com as palavras "digno és". O título "Senhor e Deus" foi introduzido por Domiciniano no culto de adoração ao imperador. A oração dos anciãos é, portanto, um contraste e um protesto contra a adoração dos imperadores romanos e a exaltação do ser humano, homem ou mulher.

Esta doxologia da criação (v.ll) é o primeiro de muitos cânticos de adoração entoado pelos vinte e quatro anciãos, representando o povo redimido de Deus. Este hino corresponde à primeira e mais fundamental reivindicação de Deus sobre suas criaturas inteligentes - que elas reconheçam-lhe o poder e a glória como Criador (Rm 1.19,20). E também o primeiro assunto revelado na Bíblia (Gn 1.1; Hb 1.3). A este Poderoso Deus Criador, toda a criatura deve a sua existência. A vontade soberana e criativa de Deus é a única razão para que tivéssemos vindo a existir; afinal, jamais tivemos uma pré-existência. Assim, diante de Gênesis 1.1,

existíamos tão-somente como uma idéia na mente de Deus. Foi Ele quem nos fez real através da criação.

Nossa esperança escatológica é fundamentada sobre a revelação bíblica de Deus como Criador e Redentor. O Apocalipse mostra que o Deus Trino é ainda o mesmo. No capítulo quatro, há uma visão do Criador. No capítulo cinco, segue-se uma visão do Redentor. Aquele que tem criado o mundo tem poder, habilidade e desejo de fazê-lo caminhar em direção ao alvo e à consumação de tudo.

Apocalipse

Capítulo 5

I - O Livro Selado (Ap 5.1)

> *"E vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos."*

Quando João olha novamente, vê na mão estendida daquele que estava sobre o trono um "livro", isto é, um rolo, ou pergaminho, de papiro. Achava-se escrito de ambos os lados das folhas, que eram costuradas e enroladas juntamente. Do lado de fora, na ponta do pergaminho, havia sete selos que tinham de ser removidos antes que o rolo pudesse ser aberto e estendido. O selo era uma chancela que imprimia uma marca sobre alguma coisa. Essa marca mostrava aprovação, identificação, confirmação, autenticação, assegurando posse e legitimidade. O selo, estampado em argila ou cera, era posto do lado de fora do envelope, pacote, ou pergaminho. Apesar de a argila e da cera não serem resistentes, serviam para realçar a marca do seu dono. A marca deste dava segurança ao selo. Por exemplo, quando o túmulo de Jesus foi selado pelas autoridades romanas, ninguém mais da tumba poderia se aproximar. E, caso o fizesse e removesse o selo, arcaria com a ira de Roma.

A Bíblia não explica a razão dos sete selos, seguidos por sete trombetas e por sete taças. Como João usa a linguagem do Antigo Testamento, o número sete é constantemente repetido (ver Gn 2.2; 21.28,30; 29.18; Êx 23.15; 25.37; 29.30; Zc 4.2,10). Além, disso, em Dn 9.24-27, as setenta "semanas" representam setenta períodos de sete anos cada. Assim, desde que o número três é uma referência à Trindade, as três séries de sete julgamentos parecem indicar que estes são juízos do Trino Deus, que hão de acontecer na última semana de Daniel, identificada como a Grande Tribulação. Tudo no cenário enfatiza a importância incomparável do pergaminho. A "mão direita" de Deus mostra o seu poder e a origem divina do livro. Normalmente, somente um dos lados das folhas de papiro é que era usado. Contudo, este livro estava cheio de ambos os lados; sua mensagem era muito importante. Sete selos demonstram a grande autoridade da mensagem.

A Bíblia não expressa claramente o que estava escrito no livro. Alguém diz que é o livro de Deus para o futuro (compare SI 139.16; Ez 2.9,10; Zc 5.2,3; Ap 10.9; compare também Dn 12.2,4 com Ap 22.10). ([1]) Se for assim, então o fato de estar fechado talvez indique que são planos de

Deus ainda não revelados e executados. Outros dizem ainda que o que estava escrito no livro eram os julgamentos das sete trombetas de um lado, e os julgamentos das sete taças do outro.

Outros dizem, de igual modo, que, apesar de o livro ter sido aberto pelo Cordeiro, João não dá nenhuma indicação de que o tenha lido. Como os testamentos antigamente, sob as leis romanas, eram selados com sete selos, supõe-se que o pergaminho poderia ser um tipo de testamento ou título de propriedade. ([2]) Compare Jr 32.6-15, onde o profeta faz conhecido ao povo de Israel que eles teriam sua terra de volta.

II - Quem É Digno de Abrir o Livro? (Ap 5.2-4)

> *"E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os selos? E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele; e eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele."*

Então um anjo poderoso (como em Ap 10.1 e 18.1,21) demonstra sua grande preocupação pela mensagem do livro, e faz um desafio em alta voz, que supera o som daqueles que estavam adorando em volta do trono. Muitos creem que este ser fosse talvez Gabriel, cujo nome é frequentemente usado para significar "homem de Deus", mas que também significa "força de Deus" ou "poderoso de Deus". Gabriel fora o anjo que havia ordenado a Daniel que selasse o livro (Dn 12.4). Este anjo, como um atalaia, anuncia: "Quem é digno de abrir o livro e olhar para os selos?" O fator decisivo e final da história é moral e espiritual.

Depois de se ter procurado no céu, na terra e em debaixo da terra, os três reinos da criação (ver Fp 2.10), ninguém é encontrado. Isto mostra que ninguém fora digno de reivindicar o reino e tomar conta do futuro do mundo. Ninguém digno de estabelecer o reino de Deus na terra. Muito vem tentando solucionar os problemas do mundo, mas sem sucesso.

A esta altura, João começa a chorar. Ele reconhece a importância da revelação contida no livro. Sem dúvida alguma, conecta a revelação com a promessa dada em Ap 4.1: "eu te mostrarei as coisas que em breve devem acontecer". Agora, contudo, parece que ninguém é digno, e João acha-se certamente cônscio de que também não é digno para tal. Sente-se frustrado e decepcionado, pensando que a revelação não pudesse ser dada, e que os propósitos de Deus talvez não fossem cumpridos.

Tudo isto nos mostra que o pergaminho era diferente dos outros livros de profecia. Isto é: no Antigo Testamento, Deus revelava suas vontades e planos aos profetas (Am 3.7 e 2 Pe 1.20,21), que recebiam a mensagem não porque fossem dignos em si mesmos, mas porque estavam

abertos ao Espírito Santo. Entretanto, aqui, apesar de João estar no Espírito, não é tido como digno para abrir os selos do livro.

III - O Leão da Tribo de Judá que Venceu (Ap 5.5)

> "E disse-me um dos anciãos: Não chores: eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos."

Como João continuasse a chorar, um dos anciãos vem e pede-lhe que se acalme. Suas lágrimas são desnecessárias. Aquele que havia prevalecido sobre o demônio, conquistou grande vitória. "Este", disse o ancião, "é o leão da tribo de Judá" (Gn 49.9,10. Judá foi o leão das tribos. Jesus é o Leão dos leões). Ele é também a Raiz de Davi. A frase, na realidade, significa que Jesus é o rebento, ou o renovo, que brotou a Davi. O reino davídico foi como uma árvore cortada, mas Jesus é o novo tronco, trazendo um reino novo e maior.

A referência ao Leão de Judá mostra que, na vitória de Jesus, foram cumpridas as promessas feitas ao antigo povo de Deus, Israel. A referência à raiz de Davi mostra também que a sua vitória trouxe o cumprimento às promessas acenadas a Davi de fazer eterno o seu trono (Is 11.1,10; compare Is 53.2; Zc 6.12,13; Rm 15.12). Sua grande vitória é a vitória da cruz (Jo 16.33), que lhe deu o direito de abrir o livro (Jo 5.22,23).

IV - O Cordeiro Abre o Livro (Ap 5.6,7)

> *"E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra. E veio, e tomou o livro da destra do que estava assentado no trono."*

Quando João olha, não vê um leão, mas "um Cordeiro como havendo sido morto". Foi como o Cordeiro de Deus que Jesus venceu. O Calvário foi sua grande vitória. O Calvário tornou-o digno de tomar e abrir o livro. Quão diferente é a idéia que o inundo faz de como obter uma vitória.

Julgamentos terríveis precederão a vinda do reino. O atual sistema mundial será completamente varrido, para dar lugar a este reino eterno (Dn 2.34,35; 44,45). O quebrar dos selos e o abrir dos livros trarão os julgamentos. Assim, o responsável por abrir os selos será o administrador do julgamento divino. Somente Ele é digno. Quanto àqueles que receberem tais juízos, não poderão alegar ao imaculado Cordeiro de Deus: "Tu

mereces também passar por este julgamento". Nem poderão se desculpar: "Tu não fizeste nada para livrar-nos destes juízos". Sim, Jesus fez a sua parte; deu sua vida na cruz por toda a humanidade.

Como o Cordeiro acha-se no meio do trono, encontra-se plenamente em sua glória. Deste modo, está também no meio dos quatro seres viventes e dos vinte e quatro anciãos. João vê que Ele tem "sete chifres" e sete olhos. Os chifres representam poder e força; os olhos, sabedoria e conhecimento. Os sete espíritos, que no capítulo quatro, foram mostrados como sete candeeiros de fogo diante do trono tornam-se agora em agentes ativos para levar a sabedoria e o poder do Cordeiro a todos os cantos da terra. Até que Jesus volte, seu trabalho sobre a terra será feito pelo Espírito Santo. Através da cruz e da ressurreição, Deus tornou Cristo para nós em "sabedoria, justiça, santificação e redenção (1 Co 1.30). Tais bênçãos somente podemos experimentar através do trabalho do Espírito Santo, enviado por Deus a toda terra.

O Cordeiro, no qual foram vistos os sete chifres e sete olhos, tomou o livro da mão daquEle que estava sentado no trono, recebendo, assim, o título de propriedade: ato jurídico, pelo qual lhe é outorgada autoridade para reinar soberanamente na terra. Cumpre-se, pois, o que Daniel viu em sua visão (Dn 7.13,14), onde o Filho do homem apresenta-se diante do trono e, das mãos do Ancião de Dias, recebe o reino.

Como o Leão de Judá, Jesus ocupará o que lhe pertence; o que não somente criou, mas também comprou. Implantará a totalidade do novo reino com pleno poder e virtude. Como Cordeiro, já pagou o preço total, ao derramar seu precioso sangue na cruz. Resta-lhe, agora, implantar na terra o Reino de Deus.

O fato de João ver, agora, os sete espíritos em atividade, indo por toda a terra, prova que o Cordeiro acha-se preocupado com a humanidade; e que, em tudo, seja cumprida a vontade de Deus.

V - As Orações dos Santos Devem Ser Respondidas (Ap 5.8)

> *"E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos."*

Assim que o Cordeiro de Deus toma o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos caem diante de dEle. Cada um tinha uma harpa e taças de ouro, cheias de incenso, que são as orações dos santos que eles apresentavam diante de Deus. (As taças eram largas e achatadas, pois usavam incensários, ou vasilhas de fogo, semelhantes às que eram utilizadas para apresentar oferendas de incenso diante do Senhor nos tempos do Antigo Testamento).

Os santos, isto é, os crentes dedicados que "amam a sua vinda" (2 Tm 4.8), clamam incessantemente pela vinda do Reino de Deus, pois hão de reinar com Cristo sobre a terra.

As taças de incenso indicam que o livro deve ser aberto, e que os julgamentos da Grande Tribulação hão de se realizar, para que orações dos santos possam ser plenamente respondidas. Novamente, constatamos que a implantação do reino dar-se-á através dos juízos do Senhor.

As harpas são, na realidade, um tipo de lira, não a egípcia ou a judaica. A palavra grega usada, aqui, é a raiz da palavra guitarra.

VI - Um Novo Hino para o Cordeiro (Ap 5.9,10)

> *"E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra."*

Até este ponto, toda adoração e louvor foram direcionados àquEle que está sobre o trono - Deus Pai. Mas quando o Cordeiro toma o livro, uma grande explosão de louvor se dá nos céus, começando no trono, onde os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos ajoelham-se em adoração diante do Cordeiro, e espalha-se por toda a morada de Deus.

Em Apocalipse 4.9-11, João vê os anciãos louvarem ao Criador. Eles prestam a mesma adoração ao Cordeiro, o Redentor - louvor e adoração que pertence unicamente a Deus (Ap 22.9). Reconhecem, assim, a divindade do Cordeiro. Na terra, Jesus era cem por cento Deus e cem por cento homem. Dentro de sua pessoa, agiam plenamente os atributos divinos-humanos. Jesus sentia o que sentimos; foi tentado à nossa semelhança, mas sem pecar (Hb 4.15). Ele, que se tornara totalmente homem, jamais deixou de ser Deus.

Ao invés de lhe apresentarem suas coroas (Ap 4.9-11), os vinte e quatro anciãos pegam de suas harpas; sua adoração é expressa através da música. Com os seus instrumentos, cantam um "novo hino" ao Cordeiro, adorando-o pelo grande trabalho de redenção que o tornou digno de tomar o livro e abrir-lhe os selos. Fica-nos implícito que as quatro criaturas viventes juntam-se a este louvor. Afinal, como o indicou Paulo em Rm 8.21-23, toda criação geme pelo dia quando a maldição for retirada e completada nossa redenção. Toda criação regozijar-se-á quando vir estas coisas começarem a se cumprir.

O hino dos anciãos é um novo cântico, pois celebra a libertação operada por Deus através de Cristo. A ênfase acha-se no fato de que Jesus redimiu-nos (literalmente comprou) através de seu sangue, por sua morte

expiatória no Calvário. Agora, pertencemos-lhe para sempre. Neste hino, podemos ver quão alto foi o preço de nossa redenção.

Alguns, hoje, querem limitar a extensão do trabalho de Cristo no Calvário ([3]). Mas fica claro que Jesus morreu por todos. Nos céus, haverá pessoas de todas as tribos, isto é, de todo grupo racial; de toda língua e povo - termo usado tanto às tribos de Israel como aos gentios e toda nação. A Bíblia não poderia ser mais inclusiva. O sangue de Jesus pagou o preço da redenção de todo ser humano, de toda raça e cor. Deus deseja que todos lhe pertençam, pois não quer que alguém pereça (2 Pe 3.19).

Os integrantes de todas as tribos, línguas e nações, que agora são a possessão comprada e redimida de Deus, foram também constituídos como reis diante de Deus. Ou seja: foram investidos como "reino e sacerdotes". Este era o desejo de Deus para com Israel (Êx 19.6). E, foi exatamente o que Deus fez em relação à Igreja (1 Pe 2.5,9). Além, do mais, reinaremos sobre a terra; compartilharemos o trono de Cristo, como Ele mesmo prometeu aos vencedores, não somente no céu, mas também na terra. Isto somente poderá acontecer durante o reino milenial - os mil anos que passarão a vigorar após o retorno triunfante de Jesus, e a derrota do Anticristo (Ap 19; 20).

VII - Os Anjos Cantam Louvores ao Cordeiro (Ap 5.11,12)

> *"E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões, e milhares de milhares, que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças".*

A medida que João continua a olhar, "milhões de milhões e milhares de milhares" de anjos juntam-se aos vinte e quatro anciãos e aos quatro seres viventes num coral, que faz com que esta parte da visão tenha um clímax maravilhoso. "Milhões" é o maior número usado na antiga língua grega. Assim, "os milhões de milhões" mais "os milhares de milhares" indicam que o número de anjos lá reunidos ia além dos cálculos meramente humanos.

Os anjos, entretanto, não cantam o hino da redenção entoado pelos vinte e quatro anciãos nos versículos 9,10. Não podem fazê-lo por não terem experimentado a salvação. No entanto, juntam-se na adoração dada ao Cordeiro, que ainda carregava as marcas do sacrifício vicário, declarando-o digno.

No versículo 12, declaram que Cristo é digno de receber sete coisas. A primeira destas é poder. Ele tinha poder na terra para fazer milagres, expulsar demônios, levantar os mortos, mas nunca o usou para facilitar as

coisas para si mesmo. Quando de sua ressurreição, declarou: "Todo poder (e autoridade) é me dado no céu e na terra" (Mt 28.18). De fato, Ele é digno!

A segunda é a riqueza. Ele tem uma dupla reivindicação sobre as riquezas do universo: por criação e por redenção. A terceira é a sabedoria. Sua sabedoria é a de Deus; Ele próprio é a personificação da sabedoria divina (1 Co 1.24). A quarta é a força, não meramente física, mas no sentido mais amplo do termo. A quinta é a honra, incluindo a reverência e respeito que lhe são devidos por tudo aquilo que Ele é, e por tudo o que tem feito para consumar o plano de Deus. A sexta é a glória, incluindo o brilho, o esplendor, e a radiância de Deus que habita na luz e que é a própria luz. Jesus deixou toda a glória, esvaziando-se a si mesmo a ponto de nascer numa manjedoura. Mas a sua oração em João 17.5 foi: "Glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse". Hoje, encontra-se exaltado na glória, e há de retornar à terra com a mesma glória. A sétima são as ações de ações de graça. O primeiro sentido desta palavra no grego é "louvor". Isto ocorre quando bendizemos ao Senhor; quando pronunciamos boas palavras de agradecimento e louvor por tudo o que Ele é, por tudo o que tem feito, por tudo o que tem dado e por tudo o que tem prometido. Ele é digno. É exaltado pois humilhou-se a si mesmo. Que contraste com o orgulho de Satanás e dos ditadores!

VIII - Toda Criação Louva a Deus e ao Cordeiro (Ap 5.13,14)

> *"E ouvi a toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre. E os quatro animais diziam: Amém. E os vinte e quatro anciãos prostraram-se, e adoraram ao que vive para todo o sempre."*

Então todo ser criado no céu, na terra, e no mar - junta-se a este grande coral que ecoa as verdades cantadas no hino precedente. Todos dão "louvor, e honra, e glória, e poder" a Deus Pai "que está no trono" e ao Cordeiro para todo sempre, uma expressão encontrada sete vezes em Apocalipse: seis vezes referindo- se a Deus (Ap 4.9,10; 5.14; 10.6; 11.15; 15.7) e uma vez refe-rindo-se a Cristo (Ap 1.18).

Paulo viu toda criação como que gemendo por redenção e transformação que o retorno de Cristo trará. Ele observou que nós, as primícias do Espírito Santo, também gememos, esperando pelo dia no qual teremos novos corpos que não mais serão sujeitos à decadência, corrupção, dor, ou morte (Rm 8.19-23; 1 Co 15.51-54).

O capítulo termina com um ciclo de louvor junto ao trono. Os quatro seres viventes adicionam o seu "amém" ao louvor e à adoração àquEle que se acha sentado sobre o trono e ao Cordeiro.

Apocalipse

Capítulo 6

No capítulo seis, ainda temos diante de nós a cena celestial mostrada no capítulo cinco. O Cordeiro está no trono, e vai quebrando os selos do livro um por um. Alguns estudiosos creem que a cronologia do Apocalipse começa a desenrolar-se a partir deste ponto. ([1]) A partir daqui, num período de sete anos, os eventos dos últimos tempos hão de acontecer, tendo como clímax o capítulo 19.

A base para se crer que a Tribulação será de sete anos encontra-se na septuagésima semana (Dn 9.24-27). Na referida passagem, vemos que setenta semanas de anos são decretadas para o povo de Israel. Sessenta e nove, que se iniciaram com o retorno de Esdras, em 457 a.C., até o início do ministério do Messias, já se cumpriram. Os eventos da septuagésima semana não se seguiram imediatamente, pois a era da Igreja abriu um parênteses até que o programa de Deus com respeito à presente era esteja completo.

Os primeiros quatro selos introduzem "os quatro cavaleiros do Apocalipse", que são personificações de uma série de julgamentos parciais que vão se cumprindo gradativamente. Alguns acreditam que, com o quebrar de cada um destes selos, o Cordeiro libera um tipo do juízo da ira de Deus, que há de persistir através de todo o período de sete anos da Grande Tribulação. Outros creem que os sete selos conduzirão às sete trombetas, e estas aos sete vasos, ou taças. Ainda há outro grupo que sustenta serem os selos, as trombetas e as taças, acontecimentos paralelos que se darão nesse período. E há os que colocam todos estes itens nos últimos três anos e meio da Tribulação, afirmando que a ira de Deus concentrar-se-á na última metade da septuagésima semana profetizada por Daniel.

Estudiosos há que tentam mostrar que o quinto selo é uma antecipação do que acontecerá posteriormente, por não ser provável, segundo dizem, que os acontecimentos se deem por estágios: primeiro as conquistas, depois a guerra, então a fome e por último a morte. Através desta série de visões, João toma conhecimento de algumas das coisas que Deus usará quando do derramamento de sua ira sobre os povos, trazendo sobre estes o seu julgamento, e esmigalhando o presente sistema mundial. E, assim, introduzirá o reino milenial sobre esta terra (Dn 2.34,35; 44,45).

Prefiro esta última interpretação. De acordo com ela, nada acontecerá sobre a terra enquanto os selos estiverem sendo abertos. João simplesmente recebe a visão do que está prestes a ocorrer. Isto parece harmonizar-se com

o silêncio sentido no céu no momento do descerramento do sétimo selo. Constatamos, pois, que toda a atenção, até agora, tem como objeto as cercanias do trono, onde há constante adoração, hino e louvor. Há, inclusive, um imenso coral de anjos. Contudo, quando o sétimo selo é quebrado, um pesado silêncio no céu é observado: Deus está para deflagrar o julgamento. Todos, pois, dirigem sua atenção à terra e aos eventos que nela se darão por já terem sido quebrados todos os selos do livro. De acordo com alguns intérpretes, acham-se escritos no livro os julgamentos (registrados nos capítulos que seguem), e que hão de ser introduzidos pelo sonir das trombetas e pelo derramar das taças.

I - O Primeiro Selo: Um Cavalo Branco - Conquistador (Ap 6.1,2)

> *"E, havendo o Cordeiro aberto um dos selos, olhei, e ouvi um dos quatro animais, que dizia como em voz de trovão: Vem e vê. E olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso, e para vencer."*

Quando o primeiro selo é aberto, a ordem "vem" é pronunciada por uma das quatro criaturas viventes, e soa como um trovão. Alguns manuscritos antigos trazem "vem e vê". Fosse assim, teríamos um apelo a João. Outros manuscritos, também antigos, simplesmente registram: "Vem". Isto poderia constituir- se numa ordem ao primeiro cavaleiro a aparecer, indicando que os céus estão no comando de tudo que, doravante, iria acontecer.

Imediatamente, João vê um cavalo branco, e o cavaleiro que nele achava-se montado trazia um arco - símbolo de batalha. Os conquistadores dos tempos antigos usualmente montavam cavalos brancos para demonstrar o seu triunfo na batalha. A este cavaleiro é dada a coroa da vitória. O cavalo branco e a coroa indicam que a vitória do cavaleiro já fora decidida de antemão.

A Bíblia não identifica o cavaleiro do cavalo branco. Os comentaristas têm sugerido várias possibilidades. Vejamos algumas delas.

1. O Próprio Cristo. ([2]) Esta identificação do cavaleiro é provavelmente baseada em Apocalipse 19.11-13, onde Cristo é, de fato, mostrado num cavalo branco. Todavia, os demais detalhes encontrados neste capítulo não se encaixam naquele. Além do mais, Jesus não se enquadra na sequencia dos fatos do capítulo seis. Ele é aqui o Cordeiro, quebrando os selos. Seria confuso vê-lo tanto quebrando o selo, como montando o cavalo branco ao mesmo tempo.

Não devemos nos esquecer de que os três últimos cavaleiros são definitivamente maus. A frase "e foi lhe dado" (v.2), por exemplo, no Apocalipse é usada frequentemente para indicar a permissão de Deus aos

poderes do mal para que levem a cabo seu nefando trabalho (Ap 9.1,3,5). Parece pouco difícil que Cristo seja incluso numa companhia tão pejorativa como a destes três cavaleiros.

2. O "príncipe que virá" (Dn 9.26), isto é: o Anticristo ([3]). Na palavra anticristo, o "anti" significa, no grego, "em vez de", "em lugar de" (compare com Mateus 20.28, onde Jesus disse que Ele "não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos"). Noutras palavras: o príncipe que há de vir não se autodenominará Anticristo. Nem clamará ser o Cristo real; simplesmente dirá que Buda, Jesus, Maomé e outros, foram apenas seus precursores, sendo ele o cristo último e derradeiro - o cumprimento de tudo o que havia sido predito. Ele personificará as ideologias políticas e religiosas de cunho anticristão, que hão de caracterizar a apostasia dos fins dos tempos. É possível que este cavaleiro seja o Anticristo. Alguns veem o arco sem flechas como um símbolo temporário de vitória. Isto se encaixaria no fato de ninguém ter sido capaz de guerrear contra a besta com sucesso (Ap 13.4). Ele inclusive guerreará contra os santos e os vencerá (Ap 13.7). (Ver comentário em Ap 13.7)

3. O desejo por conquista. Sendo que nenhum cavaleiro é chamado pelo nome, exceto o quarto, que é identificado como a morte, é provável que os demais cavaleiros sejam personificações do que há de caracterizar a Grande Tribulação. Como o desejo por conquista tem dominado todo ditador, tal ânsia não deixará de tomar conta do Anticristo, pois será ele um ditador mundial.

II - O Segundo Selo: O Cavalo Vermelho - Guerra (Ap 6.3,4)

> *"E, havendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal, dizendo: Vem, e vê. E saiu outro cavalo, vermelho; e ao que estava assentado sobre ele foi dado que tirasse a paz da terra, e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada."*

Quando o Cordeiro abriu o segundo selo, a segunda criatura vivente disse: "Vem e vê". Novamente, a ordem pode ter sido dada a João ou ao segundo cavaleiro. Alguns supõem que o cavaleiro do cavalo vermelho seja o acompanhante do Anticristo, o Falso Profeta. No entanto, levando-se em consideração a interpretação do restante dos selos, é melhor ver este cavaleiro como a personificação da guerra (ou o desejo por ela), e a grande espada como um símbolo da destruição causada pela guerra. Observe que o cavaleiro propriamente não causa nenhuma morte; simplesmente tira a paz da terra, fazendo com que as pessoas matem uma das outras. (A palavra "eles", no grego, é uma referência aos habitantes da terra. A palavra grega

para "matar" não é a usada para morte em batalha, mas para um tipo de morte que seria a mais violenta de todas - massacre ou carnificina.

Jesus antecipou aos seus discípulos que guerras e rumores de guerras caracterizariam esta época. Portanto, não devemos supor que, ao estourar uma guerra, estejamos na iminência do fim (Mt 24.6). Na realidade, desde os tempos de Abraão (Gn 14.6), uma guerra sempre conduziu os homens a outra. A Primeira Guerra Mundial lançou as semente da Segunda, e esta, por sua vez, deixou as sementes que provocaram a Guerra da Coréia, do Vietnan e de outros conflitos que ainda existem.

Em meio às guerras e aos rumores de guerras. Em meio à fome que aumenta a cada dia. Em meio aos terremotos. Enfim: em meio a tudo o que nos avassala, temos de levar o Evangelho de Cristo até aos confins da terra. Não podemos esperar por condições ideais para pregar a mensagem de Cristo. Vivemos num mundo que precisa desesperadamente ouvir falar de Jesus. E, através do poder do Espírito Santo, temos condições de testemunhar às partes mais remotas do globo (At 1.8), até que todas as nações hajam ouvido as Boas Novas pelo menos uma vez antes que venha o fim da presente era (Mt 24.14).

Este segundo selo mostra-nos, contudo, que apesar de o Anticristo prometer paz, não será capaz de implantá-la (comparar com Daniel 9.27, onde vemos que o concerto implica numa promessa de paz). A Grande Tribulação será um tempo de violência e mortes intermitentes, guerras e assassinatos. A vontade de se implantar a paz, da qual fala-nos a História vezes sem conta, será substituída por uma disposição provocativa e bélica. Haverá uma explosão de ódio, ressentimento, crime, devassidão, anarquia. As guerras e conquistas trarão parte do julgamento divino. Com a paz tirada da terra, o mundo não conhecerá tranquilidade até que o Príncipe da Paz retorne, trazendo o fim ao domínio do Anticristo, e estabelecendo o reino milenial de Deus sobre todo o globo.

III - O Terceiro Selo: Um Cavalo Preto - Fome (Ap 6.5,6)

> *"E, havendo aberto o terceiro selo, ouvi dizer ao terceiro animal: Vem, e vê. E olhei, e eis um cavalo preto; e o que sobre ele estava assentado tinha uma balança na mão. E ouvi uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: Uma medida de trigo por um dinheiro; e três medidas de cevada por um dinheiro; e não danifiques o azeite e o vinho."*

Então o terceiro ser vivente clamou: "Vem e vê". O terceiro cavalo é preto (compare Zacarias 6.2,6). O preto é sempre um símbolo de sofrimento e fome (Lm 5.10). Este cavaleiro tem em suas mãos um equipamento estranho para alguém que vem montado a cavalo: traz uma

balança idêntica a de um comerciante. Observe que o cavalo preto segue o vermelho. Através da história, constatamos que, após as guerras, vêm à inflação e a fome. É possível que a balança indique um possível racionamento de comida devido à escassez de alimentos (Lv 26.26; Ez 4.16). O cavaleiro personifica a fome pelo fato de os habitantes da terra terem trocado o arado pela espada. Tudo isto faz parte do julgamento divino.

A "medida" corresponde a um dia de ração para uma pessoa adulta. Um denário (o denário romano era uma moeda de prata de 53 gramas) era o que um soldado, ou um trabalhador braçal, ganhava por um dia de trabalho. Noutras palavras: o preço estipulado estará doze vezes inflacionado. Tratando-se de um solteiro, o salário comprará uma medida de trigo; mas, se casado, terá de contentar-se com uma medida de cevada - dieta destinada aos escravos e pobres. Como se vê, não sobrará dinheiro para suprir as outras necessidades básicas. Satanás e seus agentes com certeza hão de prometer prosperidade, mas em vez disto, a pessoa terá de dar o salário de um dia todo de trabalho por um pouco de comida.

"Não danifiques o azeite e o vinho." Ordem que, talvez, indique a exploração dos pobres pelos que possuem o monopólio do azeite e do vinho. Danificar, ou estragar, remete-nos a um uso pernicioso do produto a ser comercializado.

Conforme antecipara o Senhor Jesus, a fome já se espalhou por todo o mundo (Mt 24.7). Os governantes não estão sendo capazes de resolver tal problema. O mesmo acontecerá com o ditador mundial que virá no futuro - o Anticristo. A questão da fome agravar-se-á cada vez mais.

IV - O Quarto Selo: Um Cavalo Amarelo - Morte (Ap 6.7,8)

> *"E, havendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem e vê. E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra."*

Com a abertura do quarto selo, o quarto animal diz: "Vem e vê". Cada um destes seres viventes introduz nova visão a João, que ainda se acha nas proximidades do trono no céu.

A cadavérica palidez do cavalo amarelo do quarto selo fala da pestilência e da morte. A própria morte é mostrada como se fora uma pessoa montada num cavalo, tendo o inferno, ou o hades, de alguma forma a seguindo. Embora fosse o hades para o grego antigo um termo usado de maneira generalizada para designar a moradia da morte, aqui, como em todo o Novo Testamento, é um local de punição: corresponde à ideia que

temos do inferno nos dias de hoje. São dados à morte e ao inferno poder e autoridade sobre os perversos que morrem na presente era. Os mortos estão recebendo os seus salários (Rm 6.23). Estes colocaram- se tanto como servos como escravos do pecado; consequentemente, a morte e o inferno possuem autoridade e poder sobre eles (Rm 6.16-21). A morte fica com o corpo, e o inferno com a alma.

Concluímos, então, que nesta parte da Grande Tribulação um quarto da população do mundo há de morrer ("quarta parte da terra"). Tais mortes, contudo, não serão de causa natural, mas como resultado dos quatro primeiros selos, incluindo os ataques das "bestas da terra".

A Bíblia não especifica claramente quando esta destruição há de acontecer. Entretanto, este é o último cavaleiro. E a severidade do julgamento indica que tais acontecimentos dar-se-ão quando o mundo estiver no auge da tribulação. Alguns colocam estes fatos no início da segunda metade da Grande Tribulação, quando o julgamento tiver atingido um ponto tão severo que poucas pessoas hão de lhe sobreviver.

V - O Quinto Selo: Mártires Sob o Altar (Ap 6.9-11)

> *"E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da Palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram."*

Ao se abrir o quinto selo, a atenção de João desvia-se das visões do que acontecia na terra. Agora, começa a ver as "almas debaixo do altar" no templo celestial. Isto indica que parte do julgamento escrito no Apocalipse é para um mundo que, frequentemente, tem martirizado as testemunhas de Jesus.

Pelo fato de haverem os ímpios derramado o sangue dos Mártires, estes são mostrados como que estando "debaixo do altar", sugerindo um tipo de sacrifício idêntico ao do Antigo Testamento, no qual o sangue do animal era colocado sob o altar como oferta (Êx 29.12; Lv 4.7). É claro que o sacrifício destes Mártires em nada contribuiu para o trabalho de redenção efetuado por Jesus. O sangue derramado por eles não tem poder salvífico; somente a morte de Jesus pode remir-nos de nossos pecados. O que fizeram foi experimentar a comunhão do seu sofrimento, sendo conformados a Ele na sua morte (Fp 3.10; Ap 12.11). Como o apóstolo Paulo, estavam eles

dispostos a sacrificarem a si mesmos pela Palavra de Deus. Como testemunhas do Evangelho, permitiram que suas vidas fossem oferecidas diante do Senhor como suave aroma (2 Tm 4.6-8).

Com base na expressão "até quando" (v.10) alguns intérpretes acham que um tempo muito grande de espera tem-se passado para muitos destes mártires, principalmente aos que são contados desde os tempos de Estevão (At 7). ([4]) Outros pensam que a palavra "habitar" indica que, aqueles que assassinaram os mártires, ainda estarão vivendo na terra nessa ocasião, estabelecendo portanto que esses santos serão executados na primeira parte da Grande Tribulação, possivelmente pela meretriz Babilônia (Ap 17.5,6). Há também os que afiançam terem sido os mártires mortos durante as terríveis calamidades do quarto selo. Nessa questão não nos convém ser dogmáticos. Note que os mártires estão no céu conscientes, e não inconscientes como apregoa a doutrina do sono da alma.

Eles se dirigem a Deus como "Senhor", usando uma palavra que significa mestre ou dono, reconhecendo-lhe a autoridade e majestade divina. Ao clamarem eles, referem-se também ao seu caráter: "santo e verdadeiro". Seu clamor não é, contudo, por vingança pessoal. Observemos, porém, que já se havia passado do tempo para a oração de tolerância. E chegada a hora do julgamento de Deus. A vingança pela qual clamam não é algo que satisfaça um desejo pessoal. Pois foram eles martirizados por terem os incrédulos rejeitado a Palavra de Deus e o Cristo que pregavam. Como os ímpios tentam barrar o avanço do Reino de Deus, é justo que o Senhor os puna. Nada há de impedir o estabelecimento do Reino de Deus neste mundo.

O que os Mártires reivindicam é o cumprimento da profecia de 2 Tessalonisenses 1.4-10. Ela garante que, ao aproximar-se o fim da tribulação, Jesus aparecerá "como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus, e dos que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Ts 1.8). Neste tempo, o Cristo glorificado será visto de maneira majestosa entre os santos, que estarão com Ele e hão de participar de sua glória (2 Ts 1.10). Os mártires que se acham sob o altar desejam-lhe a glória; almejam participar desta vitória. Para encorajá-los, dá-lhes o Senhor roupas brancas que simbolizam a justiça. ([5])

E-lhes dito também que descansem, ou permaneçam em silêncio, "por um pouco de tempo", pois ainda não é chegado o momento de Cristo julgar os ímpios. É que outros conservos e irmãos desses mártires haveriam de juntar-se a eles. Desde modo, todos ouvirão seu choro reivindicando pelo cumprimento da justiça divina.

O Apocalipse, portanto, mostra que alguns ficarão firmes com Jesus durante a tribulação. Mas quem? Não é declarado quem são tais mártires. Talvez sejam jovens despertados para a verdade, ou pessoas que não haviam tido a oportunidade de ouvir o Evangelho.

Os que endurecem seus corações contra o Senhor agora, ensinam alguns, terão outra chance durante a tribulação. Supõem que estes passarão a crer em Cristo ao tomarem conhecimento do arrebatamento da Igreja e do aparecimento do Anticristo. Contudo, não temos certeza de que as coisas se darão deste modo. Se as pessoas não se arrependem agora que é fácil, o que não farão quando os tempos difíceis chegarem. O Apocalipse indica exatamente o oposto. Os julgamentos da tribulação não levarão tais pessoas ao arrependimento (Ap 9.21; 16.9,11,21).

Além do mais, a Bíblia nos mostra que aqueles que não amam as verdades do Evangelho agora, serão enganados com mais facilidade por Satanás. Na realidade, o próprio Deus "enviará a operação do erro, para que creiam a mentira" (2 Ts 2.11). Obseve que o texto diz literalmente "a mentira"; isto é: a pretensão do Anticristo em querer ser adorado como Deus.

A mensagem proclamada neste momento é: "Agora é o dia da salvação" (2 Co 6.2). Não há nenhuma indicação nas Escrituras que assinale com uma chance àqueles que, deliberadamente, não aceitam a Jesus nem se preparam para o arrebatamento (Rm 13.11- 14). Apesar de haver outros pontos de vista sobre este assunto, devemos ser cuidadosos e não deixar que as pessoas sejam enganadas por uma falsa esperança. Nem devemos negligenciar nosso testemunho aos rebeldes e desviados. Falemos-lhe toda a verdade.

VI - Sexto Selo: A Ira do Cordeiro (Ap 6.12-17)

> *"E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue. E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte. E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares. E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas; e diziam aos montes e aos rochedos: Cai sobre nós, escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro; porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir?"*

Ao abrir o sexto selo, João tem a atenção novamente voltada à terra. A medida que olha, a visão revela catastróficos sinais dos fins dos tempos. Cumprem-se as profecias do Antigo e de Novo Testamento (Is 34.4; J1 2.31; Mc 13.24,25).

Muitos intérpretes da Bíblia tendem a tomar tais eventos como meros símbolos da decadência política, moral e espiritual que marcará os últimos tempos. ([6]) Veja 2 Timóteo 3.1-5. Contudo, se o outros selos são revelações de eventos literais tais como a guerra, a fome, a morte e os martírios, não vejo porque os flagelos do sexto não devam ser considerados também como reais.

Há evidência científica de que a rocha que forma a crosta terrestre, aparentemente sólida, na realidade é de basalto. Parte dela acha-se em constante movimento. É provável que suas partes arrebentem-se e provoquem o "grande terremoto, que fará com que apareçam milhares de vulcões a vomitar poeira, gás e cinza que causarão o obscurecimento do Sol e a Lua.

Alguma coisa grande o suficiente para provocar um terremoto destas proporções, provavelmente seria acompanhada por distúrbios cósmicos. Muitos tomam a queda das estrelas, conforme a descrição de João, como algo parecido com as chuvas de meteoritos. Ele a compara a uma figueira que deixa cair seus últimos figos de verão quando sacudida por um poderoso vento. Estes figos são, provavelmente, aqueles que não estavam maduros no tempo apropriado da estação, ficando portanto pendurados nas árvores quando da chegada das tempestades de inverno.

Apesar de a linguagem do versículo 14 ser metafórica, ela descreve um evento real. Para os israelitas do Antigo Testamento, os céus pareciam com uma tenda esticada sobre a terra (SI 104.2; Is 40.22). Os céus se recolheram, isto é: dividiram-se e separaram-se, enrolando-se para os lados como um pergaminho. Tudo isto refere-se a distúrbios atmosféricos nas nuvens - o primeiro céu dos judeus. Ou, talvez, seja uma referência a distúrbios cósmicos ocorridos acima das nuvens.

Estes fenômenos nos céus são seguidos por terríveis mudanças na topografia do planeta, um efeito natural ocasionado por este terremoto tremendo (v.12). Toda a terra é envolvida por uma catástrofe que não tem nada de figurativo. Estes eventos e cataclismos talvez sejam o "grande terremoto" do sexto selo; suas consequências permanecerão até o final da tribulação.

Apesar de as zonas de terremotos estarem localizadas ao redor do Pacífico, Oriente Médio e Mediterrâneo, constata-se que os tremores começam a ocorrer com regularidade em todas as partes do mundo. A descrição dada em conexão com a abertura do sexto selo, mostra um cataclismo que afeta a todas as montanhas e ilhas. Hoje não há lugar sobre a terra que nos proteja dos terremotos. Nossa única segurança é aceitar a Jesus. NEle há real proteção.

Não é com alegria que anunciamos a ira e o julgamento de Deus que, brevemente, virão sobre este mundo. Entretanto, é maravilhoso podermos, os cristãos, consolar-nos uns aos outros com a esperança de sermos

arrebatados a encontrar o Senhor nos ares antes que o julgamento de Deus comece (1 Ts 4.17,18). Tal conforto não deve ser ministrado de forma leviana. O sentido implícito na palavra "confortar" inclui encorajamento e exortação. Jesus enfatiza repetidamente que, até que Ele venha, nossa esperança tem de nos manter despertos e vigilantes.

Para que esta bem-aventurada esperança (Tt 2.11-14) se concretize, deve ser acompanhada de um repúdio aos desejos mundanos e pecaminosos. Devemos viver sóbria, justa e fielmente a Deus neste mundo. Devemos lembrar que o Cristo que servimos entregou-se a si mesmo para redimir-nos de todo o pecado e purificar-nos, fazendo de nós um povo escolhido; um povo que se empenha a realizar as obras que agradam a Deus.

Os sinais catastróficos levam os moradores da terra a ficar cientes quanto à chegada do dia do julgamento; o dia da ira do Cordeiro já é uma realidade.

As sete classes de pessoas mencionadas no versículo 15 incluem todos os líderes e todo o povo comum da terra. Os líderes são mencionados mais especificamente. Entre os "reis", podemos contar os presidentes, ditadores e outros chefes de estado. "Os homens ricos" são também contados com os poderosos. "Os tribunos" são identificados como os oficiais militares. Mas todos eles não prevalecerão no dia do julgamento divino. O povo comum inclui "o servo" e o "livre". Vemos, assim, que nenhuma das classes sociais deixará de ser afetada por tais catástrofes.
O fato de todos os povos da terra estarem aqui incluídos é outra indicação de que o arrebatamento já terá acontecido, e que a verdadeira Igreja, os vencedores, os vitoriosos já estarão com o Senhor. Não há, pois, menção da Igreja nesta passagem.

A primeira reação daqueles que estiverem vivos, e que não tenham sido arrebatados, será de medo. Eles tentarão esconder- se a si mesmos nas cavernas, nas cavidades, nas rochas, nos penhascos, nas grotas e nas montanhas. Contudo, quando perceberem que estes lugares não lhes poderão fornecer proteção adequada, hão de se desesperar, chegando às raias do suicídio; pedirão que as montanhas simplesmente caiam sobre si. A glória, ou presença daquEle que se acha assentado sobre o trono, e a ira do Cordeiro, os aterrorizarão sobremaneira.

Todavia, não mostram eles nenhum sinal de arrependimento. Eis a pergunta que fazem: "Quem poderá subsistir?". A maneira como a frase é colocada só comporta uma resposta: Ninguém - nem reis, nem grandes, nem ricos, nem oficiais do exército, nem soldados, nem escravos, nem livres. Todos os que forem deixados sobre a terra, provarão a ira de Deus e do Cordeiro (Rm 1.18; 2.16; Ap 15.7.

Os que tomaram parte no arrebatamento não sofrerão de nenhum modo a ira; já estão salvos (1 Ts 5.9). Esta salvação é a herança que, como

crentes, vencedores e vitoriosos, receberemos quando nos encontrarmos com o Senhor nos ares. Receberemos novos corpos que jamais sofrerão os danos da morte ou da enfermidade. Neste contexto, a ira funcionará como a recompensa daqueles que pertencem às trevas e que forem deixados de lado quando do rapto da Igreja. Os julgamentos que se seguem são especificamente de juízo e ira (Ap 15.7; 16.1). Todos os habitantes da terra sofrerão tal julgamento, não importa onde estejam. Mas a Igreja não estará mais neste mundo (1 Ts 1.10; 5.10).

Apocalipse

Capítulo 7

O capítulo sete representa um interlúdio, ou parênteses, entre as visões de João narradas no sexto e no sétimo selo. Ele tem duas visões distintas como resultado da abertura do sexto selo, antes que o sétimo fosse descerrado. A primeira é sobre o número dos componentes das tribos de Israel - 144.000 - que são marcados com o selo do Deus vivo (Ap 7.1-8). A segunda, acerca da grande multidão "vestida com roupas brancas" que estava diante do trono (Ap 7.9-11).

I - Os Ventos do Juízo São Retidos (Ap 7.1-3)

> *"E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma. E vi outro anjo subir da banda do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar, dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado nas suas testas os servos do nosso Deus."*

"Depois destas coisas", isto é: após a primeira visão que acompanha a abertura do sexto selo, João passa a ter uma segunda. Talvez já houvesse passado um certo período de tempo entre ambas.

Na primeira, João vê quatro anjos "que estavam sobre os quatro cantos da terra", retendo poderosamente "os quatro ventos da terra", impedindo assim que tempestade alguma viesse sobre a terra. Era uma aparente calmaria antes da tempestade.

Os "quatro cantos da terra". Trata-se de uma figura de linguagem. O livro de Jó lembra-nos que Deus "suspende a terra sobre o nada" (Jó 26.7). Isaías viu o Senhor sentado sobre o globo da terra (Is 40.22). Até os dias de hoje, fala-se dos quatro cantos da terra como direção - Norte, Sul, Leste e Oeste. Assim, os quatro ventos são os que procedem dos pontos cardeais.

João vê outro anjo (o quinto) que "subia do Leste" ou "do nascente do sol". O templo de Salomão achava-se voltado para o Leste - sentido original da palavra Oriente, que significa estar orientado. Ou seja: se alguém voltava-se para o Leste, naqueles dias, demonstrava estar em busca de orientação. Entretanto, para os israelitas, a maneira correta de se orientar era voltar-se ao Oeste, na direção do Santo dos Santos (eles entravam no

templo pelo Oeste). Ezequiel, porém, viu a glória saindo do templo pelo caminho do Monte das Oliveiras, que se acha localizado ao Leste de Jerusalém (Ez 11.23). Numa visão posterior, verá a glória retornando "pelo caminho do Leste", ou Oriente (Ez 43.2; Zc 14.4). Assim, parece-nos apropriado ter vindo este anjo de Deus pelo Leste.

O anjo carrega "o selo do Deus Vivo" (ver o comentário em Ap 5.1). O povo na época de João estava familiarizado com a autoridade que representava o selo real. Mas este selo, aqui referido, é muito maior: é o selo do Deus Vivo, e não há autoridade maior que Ele. Através deste selo, os indivíduos são identificados como pertencentes a Deus, e estando sob seu cuidado e proteção.

Devido ao fato de o anjo "que veio do Oriente" carregar "o selo do Deus Vivo", é ordenado aos outros anjos que retivessem os ventos. Em voz alta, este ser angélico determina que, até que se haja selado os servos de nosso Deus, não deveriam aqueles danificar a terra, o mar, as árvores. Eles tinham tal prerrogativa, pois eram mensageiros do julgamento divino. Os "servos" de Deus podem ser identificados também como "escravos". O grego *doulous* normalmente significa "escravo", não servo. Muitos escravos daqueles dias eram cativos de guerra. O apóstolo Paulo alegremente chama a si mesmo de escravo do Senhor Jesus Cristo. Ele havia sido feito, inclusive, prisioneiro do Senhor Jesus Cristo em várias ocasiões (At 9.3-6; Ef 4.8,11). Ao chamar a si mesmo de escravo de Jesus, enfatiza que Cristo era de fato Senhor de sua vida e, que ele, achava-se sujeito ao seu senhorio.

Este selo, pois, serve para identificar os verdadeiros servos de Deus, sujeitos a Ele, ao seu comando e, portanto, sempre prontos a fazer-lhe a vontade (Ez 9.2-6).

II - Doze Mil de Cada Tribo São Selados (Ap 7.4-8)

> *"E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel. Da tribo de Judá, havia doze mil assinalados; da tribo de Ruben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manasses, doze mil; da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim, doze mil."*

Após os servos de Deus haverem sido selados, João ouve o seu número - 144.000. Eram eles provenientes das doze tribos de Israel. Como se vê, nem toda a descendência de Israel foi selada. Somente alguns o foram. Qual o critério, pois, para que alguns o fossem e outros não?

Eruditos creem que os selados representem as primícias de um avivamento final. Outros observam que, embora Efraim não seja mencionado, está ali representado por José. Dan é deixado de fora, e Levi é incluído. Observam ainda que a ordem dos nomes seguida é diferente de qualquer outra lista registrada na Bíblia.

Portanto, os mesmos estudiosos concluem ser esta lista simbólica - uma referência à Igreja como o verdadeiro Israel de Deus.O Todavia, apesar de os cristãos serem chamados filhós espirituais de Abraão, de compartilharem da mesma fé que o patriarca, a Igreja jamais é tratada como filha de Israel, nem é dividida em tribos. Na Igreja, todas as divisões do Velho Pacto perdem o valor (G1 3.28). O Novo Testamento reconhece os judeus como divididos em doze tribos (Lc 22.30; At 26.7; Tg 1.1). Ana, a profetiza, era de Aser, uma das tribos do Norte (Lc 2.36). Atos 26.7 fala dos judeus como "as nossas doze tribos". Estes 144.000 são, com toda a certeza, judeus crentes selados à execução do serviço de Deus.

Judá, a tribo de Jesus, é a primeira a ser mencionada. Ruben, embora fosse o primogênito de Jacó, perdeu este direito devido a um pecado cometido na juventude. Consequentemente, o direito da primogenitura é outorgado a José (1 Cr 5.1,2). Mas a liderança esteve sempre com Judá por causa de sua força espiritual. Ele foi aquele que se oferecera a substituir Benjamim (Gn 44.18- 34). Gade, primeiro filho da serva de Léia, tem também um lugar de liderança entre os filhos das concubinas.

Aser era o segundo filho de Zilpa, serva de Leia. Naftali era o segundo filho de Bila, serva de Raquel. Manassés era o filho mais velho de José que, por seu turno, era o primogênito de Raquel.

Antes de sua morte, Jacó resolvera adotar os filhos de José - Efraim e Manassés, tornando-os iguais aos seus outros filhos. Esta foi a maneira de se garantir a porção dobrada a José. Consequentemente, Efraim e Manassés tornaram-se legítimos filhos de Israel. Mais tarde, quando já estavam assentados na terra prometida, seria dada a Efraim uma possessão da margem ocidental do Jordão. Metade da tribo de Manassés, contudo, decidiu ficar do lado Leste do rio. As duas meias tribos de Manassés constituíam-se numa única tribo.

Simeão e Levi foram, respectivamente, os segundo e terceiro filhos de Léia. Issacar, seu quinto filho. Durante a divisão da terra, sob a direção de Josué, foi dado a Simeão um território dentro daquele que pertencia a Judá (Js 19.9). Aqui, todavia, a tribo de Simeão tem um lugar distinto daquele que estava em conexão com Judá.

O fato de Levi ser listado como uma das tribos parece ser muito significante. No Antigo Concerto, a tribo de Levi foi separada para representar as outras no serviço do santuário. Ela nem chegou a receber território como as outras, embora tivesse recebido cidades espalhadas nos territórios das outras tribos (Jo 21.1-42). Levi também não chegou a ser

contada entre as doze (Nm 2.33). Quando da selagem, porém, os levitas retomam o seu lugar entre as demais tribos. Isto parece dizer-nos que eles, aqui, não foram separados como tribo sacerdotal, pois a administração dos selos ocorrerá sob o novo concerto, pois o antigo já de há muito fizera-se obsoleto (Hb 8.13).

Sendo Levi incluído, e contribuindo com 12.000 integrantes, a soma chega a 144.000. Assim, fica de fora uma tribo tradicional: Dan. Há talvez uma razão para isto. Dan é a única tribo que não se apossara da parte que Deus lhe havia assegurado na Terra Prometida. Sua porção ficava na fronteira com o território dos filisteus. Quando estes tornaram-se mais belicosos, os danitas fugiram ao norte, e fundaram a cidade de Laís que, com o tempo, transformou-se numa presa fácil. Eles, então, resolveram edificar a própria cidade, cognominando-a de Dã (Jz 18.27- 29). Ao mesmo tempo, fizeram-se idolatras, e persuadiram um neto de Moisés a ir com eles para atuar como sacerdote de um ídolo, dando início em Israel a um sacerdócio não levítico.

Além disso, quando Jeroboão I proibiu as tribos do Norte de irem a Jerusalém para adorar, a fim de que lá não se fixassem, construiu santuários nos extremos de seu reinado, e um ficava exatamente em Dan. E, apesar de aqueles santuários, símbolos, montes e pedestais serem supostamente consagrados a Jeová, induziram as tribos do Norte à idolatria (ver Ezequiel 48.1 sobre a restauração de Dan).

Zebulon, filho mais novo de Léia, é seguido pelas tribos que descendem dos filhos de Raquel: José e Benjamim. Desde que Manassés já está listado, pode ser que "a tribo de José", aqui citada, seja uma referência a Efraim.

Esta disposição corresponde ao ato de Jacó, quando José lhe trouxe ambos os filhos para que os abençoasse. Estando o cego ancião prestes a adotar Efraim e Manassés.como filhos legítimos, José colocou Manassés, o mais velho, à sua mão direita, e Efraim, à esquerda. Entretanto, Jacó cruzou os braços, pondo a mão direita sobre Efraim, e a esquerda sobre Manassés, e os abençoou. Isto desagradou a José, que tentou colocar a mão direita do patriarca sobre Manassés, mas Jacó recusou-se a fazê-lo. Ele sabia o que estava fazendo; profetizava que Efraim seria maior que Manassés (Gn 48.5,19). Na história de Israel, isto provou ser verdade. Efraim tornou-se não somente o líder da tribo de José, mas o líder de todas as tribos do Norte. Chegava-se ao ponto de referir-se a todo reinado do Norte como Efraim que, assim, merece ser chamado de "a tribo de José".

Apesar de ser a menor tribo, Benjamim, como os outros, terá doze mil selados. Alguns destinam o número 12 a Israel; e dão ao número 1.000 o significado de perfeição. Interpretam ambos os números como se fossem algo simbólico, como que representando aqueles que fazem parte do verdadeiro Israel: os crentes que verdadeiramente aceitaram a Jesus como

seu Salvador. Estes, de acordo com tal interpretação, serão tirado de cada tribo, mesmo que o seu número ultrapasse a 12.000. Contudo, a repetição da cifra indica que ela será literal. ([2])

III - A Multidão Diante do Trono (Ap 7.9,10)

> *"Depois destas coisas olhei, e eis aqui lima multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos. E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro."*

Nesta visão, a cena muda da terra para o céu. João vê uma grande e inumerável multidão, vinda de todas as nações, povos, tribos e línguas. Todos estavam em pé diante do trono de Deus. Como a palavra grega traduzida como nação é a mesma traduzida como gentios, alguns eruditos são levados a pensar que os 144.000 israelitas não estarão incluídos nesta cena. Contudo, a mesma palavra (*goi*) é algumas vezes também aplicada à nação de Israel. Certamente, Israel era e é um povo e, desde que toda tribo como todas as nações estão aqui incluídas, é difícil acreditarmos que Israel fique de fora.

Todos acham-se envoltos por um longo vestido branco, indicando de que compartilham da justiça de Cristo. E, como Abraão, sua fé torna-os justos. A palavra grega usada, aqui, é a mesma para "vestimenta branca", utilizada para descrever as vestes dos mártires que estavam sob o altar (Ap 6.11). Seria bom lembrar, também, das vestiduras brancas prometidas aos vencedores em Apocalipse 3.5. Todas estas roupas parecem ser idênticas.

As palmas nas mãos da multidão simbolizam vitória, e mostram que aqueles santos compartilham do triunfo final de Cristo. Assim como na entrada triunfal em Jerusalém, as palmas também reconhecem Jesus como Senhor do reino messiânico (Jo 12.13). Elas falam também da Festa dos Tabernáculos como um tipo que aponta à habitação eterna com o Senhor.

A grande multidão que se acha diante do trono, clama em total harmonia: "Salvação ao nosso Deus ... e ao Cordeiro". Ou seja: "A salvação pertence ao nosso Deus e ao Cordeiro, que é o único que pôde pagar o preço, e no-la tornar disponível". Dizendo, ou cantando este refrão, a adoração é prestada a Deus Pai, que está no trono, e ao Cordeiro, que se acha no meio do mesmo trono. "Salvação ao nosso Deus" é uma expressão hebraica emprestada do Salmo 3.8: "A salvação vem do Senhor". A multidão compreende totalmente que somente Deus e o Cordeiro puderam salvá-la do pecado, da culpa, da ira e do julgamento que está para vir sobre

a terra. Cheios de alegria, diante do trono, todos choram em sua adoração a Deus.

IV - Os Anjos Juntam-se na adoração a Deus (Ap 7.11,12)

> *"E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais; e prostraram-se diante do trono sobre seus rostos, e adoraram a Deus, dizendo: Amém, Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém."*

João vê um círculo, em volta do trono, formado por milhares e milhares de anjos. O tempo verbal do grego, aqui, pretérito perfeito, mostra que eles já estavam em volta do trono, dos vinte e quatro anciãos e dos quatro seres viventes. Todos estes continuam a prostrar-se diante do trono; os anjos, agora, juntam-se a eles na adoração a Deus.

Estes anjos são seres viventes que jamais pecaram, que sempre serviram a Deus. Mesmo assim, estão do lado de fora do círculo. E a multidão dos que, não obstante haverem pecado e sido destituídos da glória de Deus (Rm 3.23) - que se achava diante do trono, isto é: dentro do círculo. A razão é que estavam de vestes brancas, e possuíam a justiça de Cristo, mantendo com Ele uma intimidade que os anjos não podiam desfrutar.

Apesar de os anjos não se juntarem ao cântico dos redimidos, por não haverem provado a salvação, encontram-se cheios de agradecimentos a Deus, e reconhecem-lhe a sabedoria, o poder e a graça. Estejamos certos de que também eles estão plenos de regozijo e contentamento, pois "há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende" (Lc 15.10). Muito mais alegria os anjos sentirão quando virem a multidão de pecadores redimidos através do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.29)

Estes anjos juntam-se na adoração com todos os outros, em volta do trono, dizendo (ou cantando) em tom harmonioso que, verdadeiramente ("amém"), a adoração, a glória, a sabedoria (não somente a sabedoria mostrada na criação, mas principalmente a demonstrada por Deus ao conceber e fazer cumprir seu grande plano de redenção), as ações de graça, a honra, a reverência, o poder (mostrado nos seus atos maravilhosos) e a força pertencem ao nosso Deus para sempre e sempre (Ap 7.12). Precedendo todos estes substantivos, há um artigo definido que, no grego, é muito significativo por mostrar-nos que "toda" adoração, toda glória, toda sabedoria etc, pertencem ao nosso Deus, pois sempre lhe pertenceram e sempre lhe pertencerão.

V - A Multidão é Identificada (Ap 7.13,14)

> *"E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são, e donde vieram? E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro."*

Um dos anciãos, como que representando a Igreja, veio até João. Aparentemente queria ele que João fosse levado a pensar, pois pergunta-lhe quem são aqueles que estão vestidos de branco, e de onde vieram. O ancião talvez pensasse que João saberia quem eram. Talvez ainda o ancião tivesse em mente a promessa dada aos vencedores (Ap 3.5).

João, mui respeitosamente, sugere que o ancião deve saber a resposta. Desta forma, demonstra que não quer especular sobre quem são aqueles, e pede que o ancião lhe diga, pois quer ter certeza absoluta de tudo o que vê e testemunha.

O ancião responde-lhe que estes são aqueles que vieram da Grande Tribulação (literalmente no grego é "a tribulação"). Alguns usam o verbo, que está no particípio presente "vindo", para alegar que parte daquela grande multidão já havia passado pela tribulação nos dias do escritor do Apocalipse. Outros usam ainda este particípio, em sua idéia de continuidade, para referir-se a todos os que foram salvos no decorrer da história da igreja. Deste modo, interpretam a frase "grande tribulação" como sendo uma forma hebraística de dizer "longa tribulação", já que, no hebraico, a palavra traduzida como "grande" pode também significar "longo", ou "numeroso". Além disso, usam a declaração de Jesus de que no mundo (isto é, nesta era), teremos tribulação; palavra essa que inclui pressão, sofrimento e perseguição (Jo 16.33; At 14.22; Rm 12.12; 2 Co 1.4; 7.4; 2 Ts 1.4; Ap 1.9; 2.9). Assim, a "grande multidão" seria o número total dos redimidos que, terminando seu tempo de prova na terra, estão agora diante de Deus. ([3])

Outros ainda lançam mão do mesmo tempo verbal para dizer que essas pessoas sairão da Grande Tribulação antes da abertura do sétimo selo. Os proponentes deste ponto de vista, mostram que a visão é sobre os tempos finais. Por isto, pegam o artigo definido, aqui usado, para chegar à conclusão de que esta é a Grande Tribulação dos últimos dias.(4) (Ver Apocalipse 3.10, e compare com Daniel 12.21). Este último grupo de intérpretes reconhecem que.o sofrimento e a perseguição sempre acompanharam a Igreja. Todavia, propõem eles que, nos final dos tempos, a perseguição aumentará muito, e o mal ficará incontrolável. Assim, os que estão de vestes brancas são os mártires adicionados ao número revelado na visão do quinto selo (Ap 6.11).

Alguns creem que esta parte da visão seja um outro aspecto do que acontecerá durante todo o período do sétimo selo. Contudo, outros limitam a visão a um aspecto do que acontecerá durante o período das sete trombetas. Entretanto, Apocalipse 9.20 não deixa espaço para que alguém possa ser salvo sobre a terra ao soar das sete trombetas.

A coisa mais importante da visão é que estas pessoas "têm lavado seus vestidos, e os branquearam no sangue do Cordeiro". Isto significa que, enquanto estavam aqui na terra, colocaram sua fé inteiramente em Cristo, e aceitaram seu trabalho redentor sobre a cruz. Talvez estejam incluídos na lista dos mártires em Apocalipse 6.11. Mas a Bíblia, aqui, não diz que todos eles são, de fato, mártires. O que a Bíblia deixa claro é que todos haviam, realmente, nascidos de novo.

VI - Servindo a Deus Para Sempre (Ap 7.15,16)

"Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles."

Em virtude de todos na multidão estarem vestidos de roupas brancas (justiça de Cristo) e de as haverem lavado no sangue do Cordeiro, acham-se agora continuamente diante do trono de Deus. Seus pecados já haviam sido perdoados. Nada há que os separe do Senhor. "Dia e noite" eles o servirão e o adorarão no Santo dos Santos do Tabernáculo Celestial. Nunca cessarão de adorá-lo e louvá-lo. Eles tornaram-se o que Deus queria que se tornassem - nação santa, de reis e sacerdotes, que estivesse para toda a eternidade diante dEle.

Aquele que está assentado sobre o trono, habitará entre eles, ou mais literalmente: "estenderá sobre eles o seu tabernáculo". Porque Deus habita no seu meio, e estende sobre eles a sua glória, proporcionando-lhe proteção e abrigo. Nunca mais precisarão temer coisa alguma.

Nunca mais esta multidão sofrerá fome, sede, ou calor do sol, ou ardor. A linguagem, aqui, é parecida com a promessa da restauração milenial de Israel em Isaías 49.10. O que João descreve é, também, um contraste ao julgamento da ira divina. A passagem afiança de que esta multidão não está entre os que sofrerão a ira de Deus (1 Ts 5.9), e portanto, não há de passar pelo julgamento que, brevemente, será derramado sobre a terra. (Ver especialmente Apocalipse 16.8,9).

Muitos veem, aqui, um cumprimento da promessa de Mateus 5.6 e João 6.35. Os crentes não serão satisfeitos unicamente com a justiça de Cristo, mas também com a plenitude do Espírito Santo.

VII - O Cordeiro os Apascentará (Ap 7.17)

> *"Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima."*

O Cordeiro, "no meio do trono", significa que o Senhor está compartilhando do poder e da autoridade daquEle que está no trono. Assim, pode Ele alimentar os redimidos, e os guiar às fontes das águas da vida. O uso do verbo "apascentar" *(poimanei)* contrasta com o seu uso em Apocalipse 2.27 e 19.15 (ver também Ap 12.5). Nestas passagens, presume-se que o papel do pastor seja esmigalhar as nações com uma vara de ferro - um julgamento tão terrível que colocará fim ao atual sistema mundial, incluindo o reino de Anticristo. Nesta passagem, porém, o papel do pastor traz a idéia de tudo o que é função do Bom Pastor em relação ao seu rebanho. Ele será como o pastor do salmo de Davi (SI 23; Jo 10.1-30; 21.15-17).

"As fontes das águas da vida" representam a plenitude e o cumprimento final do que foi prometido em João 14.4 e 7.38. As águas da vida trarão satisfação abundante por toda a eternidade.

Apocalipse

Capítulo 8

E finalmente, Deus removerá seu sofrimento, enxugando-lhes cada lágrima. Dizem alguns comentaristas que estas lágrimas são de alegria por causa da multidão que está no céu, gozando das bênçãos na presença de Deus e de Jesus. Mas isto parece reduzir o conforto da promessa. Além do mais, a promessa é para enxugar "toda" a lágrima, o que inclui conforto para todo tipo de choro.

I - O Sétimo Selo: Silêncio no Céu (Ap 8.1)

> *"E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora."*

Após o intervalo do capítulo sete, o Cordeiro abre o sétimo selo. Subitamente cala-se toda a música, os cânticos, e as vozes em volta do trono. Reina, então, um silêncio total nos céus por quase meia hora. Até este momento, toda a atenção achava-se voltada ao trono, às pessoas e eventos que o cercavam. Agora que o sétimo selo é quebrado, o livro pode ser aberto. (João não terá mais visões do trono.) O conteúdo do livro começa a ser visto; a atenção é toda concentrada sobre a terra e os horrores que ela terá de suportar. Este sétimo selo conduz ao julgamento das sete trombetas, que se seguem. Logo após, entrarão em cena mais julgamentos da ira de Deus.

II - Sete Trombetas São Dadas a Sete Anjos (Ap 8.2)

> *"E vi os sete anjos, que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas."*

João vê, agora, sete anjos que estavam diante de Deus, dispostos a cumprir a sua vontade. Embora não sejam identificados, foram selecionados para receber as sete trombetas. A Bíblia não o declara, mas foi o próprio Deus quem deve ter-lhes dado as trombetas, pois eles achavam-se em sua presença. Essas trombetas são feitas provavelmente de prata, idênticas às usadas no Tabernáculo (Nm 10.2) e no Templo (2 Cr 5.12). Este tipo de trombeta era usada ainda nas batalhas (Nm 10.1-10; 31.6; Os 5.8).

III - As Orações dos Santos sobem até Deus (Ap 8.3,4)

> *"E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono. E o fumo do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus."*

O templo celestial não possui apenas um trono; possui também um altar de ouro e um incensário que está diante do trono. Isto faz-nos lembrar de que o tabernáculo terrestre foi construído de acordo com o padrão celeste, mostrado por Deus a Moisés no Monte Sinai (Êx 25.9). Como Hebreus 9.3,4 o reconhece, o santo dos santos era o local mais reservado do santuário. É nos dito que "Cristo não entrou num santuário feito por mão, figura do verdadeiro, porém no próprio céu". Aqui, João vê o que o tabernáculo terrestre era um mero tipo do original.

"Um outro anjo" (não um dos sete) aproxima-se do altar, e fica ali a segurar um incensário de ouro. É-lhe dado muito incenso, para que o ofereça com as orações dos santos sobre o altar. "Muito incenso" significa grande número de orações, incluindo as súplicas dos santos de todas as épocas, e em especial esta petição: "Venha o teu reino", pois a vinda do reino trará a plenitude das bênçãos de Cristo. Ficamos sabendo, também, que o julgamento da ira de Deus é necessário para que a esperança dos santos torne-se plena. Como Daniel profetizara, a atual ordem mundial será destruída antes que o reinado de Cristo possa encher toda a terra (Dn 2.34,35; 44,45). E Satanás sabe disto. Ele também sabe que o seu tempo é curto (Ap 12.12). Consequentemente, ele acha-se por detrás das falsas religiões, cultos e ideias de tolerância ao pecado, inclusive das ideias da Nova Era. Todos estes movimentos tentam destruir o Cristianismo. Mas Cristo é vitorioso. Sua vitória é mais que certa. E nossas orações têm um lugar especial em tudo isto.

Alguns supõem que o incenso, aqui referido, destina-se a recolher as orações dos santos, como em Apocalipse 5.8. ([1]) Outros já pensam que, desde que o incenso é dado ao anjo, deve este misturá-lo às orações dos santos. ([2]) O anjo mostra que as orações sobem até Deus. Assim, a nuvem de fumaça com o aroma suave, produzidos quando o anjo movimenta o incenso sobre o altar, é sinal de que o Senhor Deus está recebendo as orações. Jesus, é claro, tornou esta aceitação possível, pois Ele "vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave" (Ef 5.2). Agora as orações de todos os santos, feitas no decorrer de toda a história da Igreja, encontram-se prestes a ser respondidas. Deus não as esqueceu.

Alguns identificam este anjo com o Senhor Jesus. ([3]) Contudo, não há base para tal. Apesar de Jesus ser nosso Sumo Sacerdote, e ser o único mediador entre Deus e os homens (1 Tm 2.5), nas visões de João é apresentado como o Cordeiro que está no meio do trono. Até mesmo no Antigo Testamento, o pré-encarnado Cristo jamais é chamado de "um anjo". Sempre que a palavra anjo refere-se à sua pessoa, Ele é identificado como o "Anjo do Senhor" ou "o Anjo de Deus".

O oitavo anjo é especificamente identificado como sendo "um outro do mesmo tipo" dos sete (allos, Ap 8.3), aos quais haviam sido dadas as trombetas. Mas este é somente um mensageiro que apresenta as orações diante de Deus, mesmo quando desempenha funções idênticas aos dos sacerdotes do Antigo Testamento. Observe, contudo, que suas atividades não são exatamente iguais as do sumo sacerdote que, anualmente, trazia o sangue da expi- ação (Lv 16). Foi Jesus quem cumpriu este papel (Hb 9.26). Quanto às orações e louvores, são tidos como um sacrifício de aroma suave diante de Deus.

IV - Fogo é Lançado Sobre a Terra (Ap 8.5)

> *"E o anjo tomou o incensário, e o encheu de fogo do altar, e o lançou sobre a terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos e terremotos."*

O mesmo fogo do altar, que faz com que o incenso e as orações dos santos se tornem em aroma aceitável a Deus, agora é tirado e lançado sobre a terra. O anjo, ao encher o incensário com o fogo do altar, demonstra a severidade do julgamento vindouro da ira de Deus.

Quando o fogo atinge a terra, João, que ainda estava no céu, nas proximidades do trono, ouve diversos sons. Apesar de não nos ser dito que vozes eram aquelas, notamos que a mesma palavra é usada para som (ou voz) de trombeta (compare Zacarias 1.14-16, que fala da trombeta do grande dia do Senhor). Além disso, no Antigo Testamento, trovões e relâmpagos são sempre usados por Deus para trazer julgamentos sobre os pecadores (1 Sm 2.10; 7.10; Jo 26.14; SI 18.13,14; 77.18). Isaías também profetizou: "Do Senhor dos Exércitos vem o castigo com trovões, terremotos, grande estrondo, tufão, tempestade e chamas devoradoras" (Is 29.6).

Todos estes sons que João ouve, juntamente com o terremoto, devem ter produzido um efeito semelhantes aos tremores e outros fenômenos sentidos no monte Sinai quando da entrega da Lei (Êx 19.16-19; 20.18). Certamente que tudo isto deixará o povo, aqui na terra, cheio de temor e tremor, como os antigos israelitas (Êx 19.16), especialmente porque tais

sonidos indicam que Deus está prestes a derramar seu juízo sobre a humanidade.

V - Os Sete Anjos Preparam-se para Tocar as Sete Trombetas (Ap 8.6)

> *"E os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las."*

As orações dos Santos, já oferecidas, mais as tempestades e terremotos, são uma advertência de que o tempo é chegado. Os sete anjos já estão preparados para tocar suas trombetas. Esperam apenas o sinal de Deus (SI 103.20,21).

As pragas que se seguem são julgamentos parciais administrados sobre um mundo endurecido pelo pecado. Mas vejamos que somente uma parte do mundo será afetada por enquanto. A semelhança do que aconteceu com os selos, onde os quatro primeiros introduziram os quatro cavaleiros, e foram seguidos por dois selos distintos, e finalmente por um sétimo, aqui também podemos ver que as primeiras quatro trombetas formam um grupo, e são seguidas por duas, igualmente distintas, e então por uma trombeta final.

VI - A Primeira Trombeta: Saraiva e Fogo Sobre a Terra(Ap 8.7)

> *"E o primeiro anjo tocou a sua trombeta, e houve saraiva, e fogo misturado com sangue, e foram lançados na terra, que foi queimada na sua terça parte; queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erva verde foi queimada."*

A menção de sangue traz-nos à memória a profecia de Joel (J1 2.31; At 2.19). A descrição de que saraiva e fogo acham-se misturados com sangue é parecida com a da sétima praga que Deus mandou sobre o Egito através de Moisés (Êx 9.13-35). Esta praga, contudo, é muito mais séria.
Parece que esta saraiva e fogo já estavam misturados com sangue ao aparecer no céu para serem lançados sobre a terra. Apesar de o texto mencionar saraiva e fogo, não há, contudo, nenhuma explicação de como surgiu tal mistura com sangue. Também nada é dito sobre mortes até este ponto. O maior efeito sobre a terra virá do fogo, que queimará um terço das árvores e de toda a vegetação. Isto difere de uma queimada usual que, às vezes, ocorre quando se está na época de seca. Trata-se clara¬mente de um julgamento divino. O fogo fará com que muitos animais fiquem sem alimentação. Que aviso para todo o mundo!

VII - A Segunda Trombeta: Uma Montanha E Lançada ao Mar (Ap 8.8,9)

> *"E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte do mar. E morreu a terça parte das criaturas que tinham vida no mar; e perdeu-se a terça parte das naus."*

Depois de o fogo haver atingido a terra, o segundo anjo toca a sua trombeta, e alguma coisa como "um grande monte ardendo em fogo" aparece. A semelhança da aparição do sangue, da saraiva e do fogo, esta massa ardente materializa-se nos céus para ser lançada ao mar. Isto, especulam alguns, pode ser um asteróide ou uma massa rochosa constituída de combustível gasoso vindo do espaço, que se decomporá ao atingir a atmosfera da terra. ([4]) Contudo, se isto for um simples fenômeno, não há de ser acidental, pois é Deus quem aciona o tal fenômeno. E este só se manifesta quando o anjo toca a segunda trombeta. Seu poderoso impacto sacode a terra; todos os sentirão.

Logo de início, uma terceira parte do mar torna-se em sangue. (Veja as primeiras dez pragas do Egito em Êxodo 7.17-21, onde o Nilo transforma-se em sangue). Alguns creem que esta passagem significa que as águas são transformadas pelo poder criativo de Deus em sangue real. Outros pensam que seja o sangue de animais marinhos que leva o mar a ficar em tal estado. Outros ainda relacionam esse sangue a uma tintura vermelha (causada por uma explosão de certas plantas microscópicas, algumas vezes tóxicas) que ocorre com alguma regularidade nos mares atualmente.

Com a terça parte do mar transformado em sangue, o resultado é que um terço dos peixes, baleias e outras criaturas do mar também perecerão. De igual modo, um terço de todas as embarcações serão destruídas. Pode ser que o impacto desta massa rochosa cause imensas ondas, afundando navios no mar e destruindo os que se acharem ancorados. Isto terá um efeito desastroso sobre o suprimento, de alimentos do mundo e sobre o comércio. A destruição dos navios causará enormes prejuízos à humanidade.

VIII - A Terceira Trombeta: Uma Estrela Cai sobre os Rios (Ap 8.10,11)

> *"E o terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas. E o nome da estrela era Absinto, e*

a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se tornaram amargas. "

O soar da terceira trombeta é o sinal para que uma grande estrela caia do céu. Ardendo, tinha a aparência de uma tocha cruzando a imensidão. A estrela, aparentemente, não afeta a terra, mas envenena todas as fontes de água natural - rios, represas, açudes etc.

A palavra grega para "estrela" pode também ser traduzida por "planeta", "meteoro", ou outro corpo celestial. É usada ainda metaforicamente para referir-se a um anjo (ver 9.1), homem e ao próprio Cristo. Consequentemente, alguns usam esta referência para identificar a grande montanha de fogo do versículo oito; e até a relacionam com os anjos expulsos do céu para destruir a terra. ([5]) Nada nesta passagem, porém, indica que devamos optar por uma interpretação espiritual, pois o versículo em apreço é claro ao falar de um corpo, possivelmente meteoro, que, entrando na atmosfera terrestre, inflama-se e pega fogo pela fricção com o ar. Em contraste com a "montanha de fogo" do verso oito, esta estrela parece ser mais líquida. Ela poderia ter sido criada especialmente por Deus para gerar amargor suficiente para dissolver-se nos rios da terra e nos canais subterrâneos, tornado as águas amargas como o absinto. Não há nenhuma indicação de que esta seja uma estrela conhecida de nossa constelação.

"Absinto", designação dada à estrela, ou meteoro, vem do nome de uma planta mui amargosa. O termo é usado no Antigo Testamento para simbolizar os resultados do pecado (Pv 5.3,4; Jr 9.15; Dt 29.18; Lm 3.19). O termo é também traduzido por fel nalgumas versões (Am 6.12).

A estrela recebe este nome por fazer com que as fontes de água potável tornem-se amargas O absinto daqueles dias, e que vinha duma planta de mesmo nome, não causava a morte. Contudo, o grego *ek*, neste versículo, mostra que o beber daquela água provocará a morte de milhões de seres humanos. Deste modo, a estrela não se limita a deixar a água amarga, mas a torna venenosa.

Desde que um terço das águas tornaram-se venenosas, os "homens" (*"antropon"*, literalmente "seres humanos"), provavelmente um terço dos que aqui estiverem habitando, perecerão. A repetição desta fração indica que, os moradores da terra, naqueles dias, não hão de considerar tais eventos como algo natural, mas atos e advertências de Deus, cujo objetivo é levar os sobreviventes a implorar-lhe o perdão. Infelizmente, muitos destes hão de recusar o convite para o arrependimento.

IX - A Quarta Trombeta: Trevas Parciais (Ap 8.12)

> *“E o quarto anjo tocou sua trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas; para que a terça parte deles se escurecesse, e a terça parte do dia não brilhasse, e semelhantemente à noite.”*

As três primeiras trombetas já haviam afetado a terra. A quarta faz com que algo poderoso toque o Sol, a Lua e as estrelas, provocando trevas parciais. Não se trata de uma mera diminuição da intensidade da luz, mas da ausência desta, pois a terça parte do Sol não brilhará, e a terça parte da Lua e das estrelas não fornecerá nenhum tipo de claridade. Esta será, porém, uma situação temporária. Mais tarde será registrado um aumento insuportável do calor fornecido pelo Sol.

A Bíblia não indica que tipo de coisa tocou o Sol. Mas as trevas são frequentemente usadas por Deus como instrumento de julgamento. Joel, Amós e Zacarias afiançam que, entre outras coisas, "o dia do Senhor" significa trevas (J1 2.2, Am 5.18; Zc 1.14,15; Is 13.10; Mc 13.24). Jesus mesmo usou-as para descrever o estado final do ímpio (Mt 8.12).

Ao empregar uma linguagem que faz lembrar as pragas do Egito, João tem em mente alertar-nos que esses julgamentos são o cumprimento da promessa de se julgar os inimigos do povo de Deus. Ao mesmo tempo, as trevas são diferentes daquelas que caíram sobre o Egito. Agora, Deus, de alguma maneira, faz a luz diminuir ferindo a "terça parte do Sol". Ele obscurece o Sol totalmente durante um terço do dia, e a Lua e as estrelas por um terço da noite. A maioria dos comentaristas concordam que não há nenhuma explicação de como isto acontecerá. Concluímos novamente, pois, que, como os outros, este julgamento é sobrenatural, pois o Deus que criou o universo, controla-o segundo a sua vontade, justiça e santidade.

A Bíblia nada diz aqui sobre os efeitos da escuridão sobre a terra. Indubitavelmente, a temperatura da terra cairá, e as condições climáticas serão alteradas. O propósito de Deus aqui é, novamente, conscientizar a todos que tudo isto não está acontecendo por acaso, e que esta é mais uma oportunidade para que os impenitentes se arrependam. O Deus de toda santidade julgará, segundo a sua justiça, mas não quer que ninguém pereça (2 Pe 3.9).

X - Ai! Ai! Ai! (Ap 8.13)

> *"E olhei, e ouvi um anjo voar pelo meio do céu, dizendo com grande voz. Ai! ai! dos que habitam sobre a terra! por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que hão de ainda tocar."*

Após a quarta trombeta, segue-se um breve interlúdio, durante o qual um anjo, no meio do céu, traz uma palavra de advertência à humanidade. Muitos manuscritos antigos, e a maioria das primeiras traduções do latim e do siríaco, utilizam neste versículo a palavra "águia" ao invés de anjo. A palavra grega para anjo é também usada para significar "abutre". Desde modo, alguns veem este abutre como que simbolizando juízos e pronunciando os "ais" sobre o povo que se achar vivendo na terra naqueles dias. ([6])

Apocalipse

Capítulo 9

Não importa o que seja: anjo, águia, abutre ou querubim. O que importa mesmo é ressaltar a repetição, por três vezes, do ai. Deus quer que o mundo saiba que as quatro trombetas iniciais trazem juízos tremendos. Todavia, as últimas serão piores, muito mais severas. A sétima trombeta trará de igual modo às sete taças da ira de Deus, provocando calamidades das quais ninguém poderá escapar.

I - A Quinta Trombeta: OAbismo é Aberto (Ap 9.1,2)

> *"E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E abriu o poço do abismo, e subiu fumo do poço, como o fumo de uma grande fornalha, e com o fumo do poço escureceu-se o sol e o ar."*

Quando o quinto anjo tocou sua trombeta, João viu uma estrela que acabara de cair do céu (como o pretérito perfeito do verbo grego indica). Esta é diferente da estrela que havia caído quando do soar da terceira trombeta, pois recebe a chave para abrir o poço do abismo. Trata-se de um ser vivo, provavelmente um mensageiro angélico. É chamado de estrela por refletir-se nele a glória de Deus, e também porque tinha vindo para cumprir uma missão de, julgamento divino. Noutras palavras: não é um dos anjos caídos que haviam seguido a Satanás. A palavra "caiu", aqui, simplesmente significa que ele desceu do céu de um modo veloz.

Alguns, contudo, especulam: a queda, ora em estudo, deu-se num passado distante, e que esta estrela seria o próprio Satanás como mencionado em Lucas 10.18. Esta interpretação nos levaria à conclusão de que Cristo, que tem as chaves do inferno e da morte (Ap 1.18), abdicara temporariamente desta prerrogativa em favor de Satanás, para que este o ajudasse a cumprir os julgamentos de Deus. A Bíblia, porém, não diz especificamente que esta estrela é Satanás. Assim, não podemos estar certos quanto a esta ideia. Entretanto, a suposição de ser a estrela um ser angélico é muito mais provável. ([1]) Alguns creem ser ele o mesmo anjo que, no capítulo 20, vem do céu com a chave do abismo para prender a Satanás por mil anos (Ap 20.1-3). ([2]) O anjo em tela, obviamente, não pode ser Satanás.

"O abismo", de acordo com o Salmo 55.23, refere-se às profundezas do inferno - um local de punição para os pecadores. O abismo era

considerado pelos judeus como um grande e profundo buraco no centro da terra. E um outro nome para designar o local dos mortos (Rm 10.7); uso idêntico é feito à palavra hades em Atos 2.27. É também o local para onde os demônios foram mandados (Lc 8.31). A besta, que é o Anticristo, também virá do abismo (Ap 11.7). No mesmo local, Satanás será amarrado e preso por mil anos enquanto Cristo estará reinando sobre a terra (Ap 20.3).

A tranca que fecha o abismo acha-se colocada do lado de fora, de modo que qualquer que seja a pessoa, ou coisa, que esteja do lado de dentro encontra-se impossibilitada de sair. Porém, quando esta estrela (ou anjo) abre a porta do abismo, sai uma nuvem de fumaça grande o suficiente para escurecer o Sol e o ar. Apesar de a Bíblia não especificar, isto indica a presença de fogo no abismo. O "sheol" (como em Números 16.30,33; Jó 17.16) e "hades", que no Novo Testamento, é sempre um lugar de punição, são um mesmo local. Jesus descreveu-o como o lugar de tormento (Lc 16.23,24). Alguns, contudo, dividem-no em muitos compartimentos. ([3])

II - Gafanhotos que Atormentam (Ap 9.3-6)

> *"E do fumo vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra. E foi-lhes dito que não fizessem dano a erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm nas suas testas o sinal de Deus. E foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião, quando fere o homem. E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles."*

Escondido na fumaça que se espalha através do mundo, há uma multidão de gafanhotos. Eles saem da fumaça em terríveis nuvens. Embora Deus tenha usado gafanhotos numa das pragas enviadas sobre o Egito (Êx 10.4-6), possui esta uma dimensão muito maior. Estes gafanhotos são piores do que aqueles dos dias de Joel que, obscurecendo o sol, chamaram os israelitas ao arrependimento (J1 2.10-14).

Eles não são gafanhotos comuns; saem do abismo - o poço sem fundo. A descrição, nos versículos 7-10 confirma não serem como os gafanhotos que conhecemos. Talvez sejam assim chamados não devido a sua forma, mas por causa de sua natureza devoradora. Além disso, possuem também um poder como o dos escorpiões para infligir dor tão insuportável, que levarão suas vítimas a desejarem a morte. A Bíblia utiliza o escorpião e o poder do seu ferrão envenenado como um símbolo do mal (Ez 2.6; Lc 10.19; 11.12). Portanto, estes gafanhotos são demoníacos. ([4]) Devem ser

anjos decaídos, libertados nesta ocasião para levarem os habitantes da terra a se conscientizarem de quão santo é Deus. Servirá para castigar sua rebelião contra Deus, e por haverem rejeitado o Evangelho.

Gafanhotos comuns destruiriam a vegetação, plantas verdes, lavouras e árvores. Eles viriam numa nuvem, e atacariam a terra cultivada, movendo-se através dos campos e pomares, desnudando toda a vegetação (Ver Êxodo 10.15). Mas a estes gafanhotos é ordenado especificamente a que não danifiquem a flora. Prova isto serem eles diferentes daqueles que conhecemos. Sua missão é ferir os seres humanos.

A Bíblia não diz quem lhes deu tal ordem.

Vemos que, aos gafanhotos, é vedado também causar danos àqueles que trazem "o selo de Deus em suas testas". A Palavra de Deus mostra como Jeová havia preservado os israelitas fiéis no deserto contra as cobras e escorpiões (Dt 8.15). Esta distinção lembra-nos, de igual modo, o fato de Deus ter limitado o poder de Satanás quando este saiu a tentar a Jó (Jó 1.12; 2.6). Deus, que é Todo-poderoso, está ainda no trono; possui o controle final das coisas, incluindo o que acontecerá no período de tribulação e juízo.

João já identificou os que trazem o selo de Deus em suas testas como os 144.000 das doze tribos de Israel (Ap 7.3). Nesta ocasião, eles ainda estarão na terra, e aqui hão de ser protegidos dos tormentos provenientes destes gafanhotos demoníacos. Alguns creem que os 144.000 são de fato os que, ao se converterem ao Senhor Jesus Cristo, receberam o selo de Deus em suas testas.

Estes gafanhotos têm sua ação limitada de duas outras formas de acordo com o versículo cinco. São proibidos de tirar a vida dos que não trazem o selo de Deus, e só poderão causar-lhes danos por cinco meses. Alguns especulam se estes cinco meses referem-se à estação da seca na Palestina, que vai de março a setembro. ([5]) Outros pensam que são uma referência ao período de vida de um gafanhoto comum. ([6]) A única conclusão provável, porém, é que Deus, que está no controle de tudo, dará somente cinco meses para que os tais gafanhotos executem a sua parte no juízo que virá sobre a terra.

A repetição feita no versículo seis serve para enfatizar a gravidade do juízo. Eis outra ocasião onde João usa o estilo do Antigo Testamento. Na Bíblia, especialmente nos paralelismos das escrituras veterotestamentárias, repetir a mesma ideia com palavras diferentes era uma maneira comum de se realçar um pensamento.

A estes gafanhotos demoníacos é ordenado que a ninguém matem. As pessoas procurarão a morte para acabar com a dor e a agonia, mas em vão. Isto significa que as tentativas de suicídio não serão bem sucedidas. A morte é personificada como algo que lhes fugirá. Por outro lado, não haverá lugar sobre a terra onde se esconder dos ferrões destes gafanhotos.

Como seres espirituais, não poderão ser barrados por paredes; não haverá fechadura que os segure. A sua ferroada não será dada arbitrariamente como se fosse uma tortura sem sentido; constituir-se-á num aviso (e oportunidade) para que as pessoas se arrependam e voltem-se a Deus, que tudo faz para que o povo receba a salvação (2 Pe 3.9).

III - Os Gafanhotos São Descritos (Ap 9.7-10)

> *"E o parecer dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre as suas cabeças havia umas como coroas semelhantes ao ouro; e o seus rostos eram como rostos de homens; e tinham cabelos como cabelos de mulheres, os seus dentes eram como de leões. E tinham couraças, como couraças de ferro; o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate. E tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e aguilhões nas suas caudas; e o seu poder era para danificar os homens por cinco meses."*

Joel 2.4 compara a praga dos gafanhotos com o avanço de um exército montado, ao qual Deus também se refere como "meu grande exército" (Ap 2.25). Apesar da linguagem usada por Joel para descrever os gafanhotos ser metafórica, devemos observar que a linguagem de João deve ser tomada da forma mais literal possível. Estes gafanhotos se parecem realmente com cavalos emparelhados e preparados para a batalha. Isto indica-nos serem eles grandes. Alguns comentaristas creem que a sua aparência atrairá as pessoas com uma falsa promessa de poder e vitória.
Por outro lado, há nas cabeças destes gafanhotos algo como coroas de ouro. Não são coroas reais, e não é ouro verdadeiro. Alguns comentaristas sugerem serem elas um símbolo de autoridade, pois os gafanhotos terão êxito naquilo que lhes for permitido fazer. ([7]) Outros dizem que são falsas tais coroas; servem apenas para atrair as pessoas com falsas promessas, da mesma forma como Satanás tentou a Jesus com a glória dos reinos deste mundo (Mt 4.8,9). Porém, não há indicação de tal promessa aqui, porque os que na terra estiverem, nesse tempo, hão de procurar a morte. ([8])

Suas faces também não lembram os gafanhotos comuns, pois têm a aparência de rosto humano. Ao contrário do corpo de inseto, eles sugerem seres com inteligência demoníaca. Esta com¬binação de animal e humano é algo sumamente assombroso.

Os gafanhotos são também descritos no versículo oito como tendo cabelo de mulher. No versículo anterior, a palavra para "homem" é genérica, e significa "raça humana" ou "ser humano". Aqui (v.8), a palavra é especificamente usada para designar mulher; refere-se a um cabelo longo. Alguns veem isto como uma alusão a longa antena dos gafanhotos. ([9])

Outros, especialmente os comentaristas antigos, pensam que estas criaturas demoníacas estimularão a mulher a pecar. ([10])

Os dentes, "como dentes de leão", lembram-nos a descrição de Joel 1.16, onde aqueles falam de destruição. Entretanto, mesmo que tais gafanhotos sejam capazes de despedaçar e destruir como um leão, não lhes será permitido chegarem a tal ponto, pois a ninguém poderão matar. O seu veneno vem das caudas parecidas com as de escorpião. O seu dente parecido com o de leão, dá-lhe uma aparência de ferocidade e terror.

A invencibilidade destes gafanhotos é também indicada pelo fato de terem couraças de ferro. Isto sugere que, caso possuam algum ponto vulnerável, este estará devidamente acobertado. Assim, nenhuma arma disponível ao homem poderá fazê-los parar.

A linguagem do verso nove é idêntica a de Joel 2.4-8, onde o profeta descreve os gafanhotos daquela praga como tendo a aparência de cavalos, e "sendo como o estrondo de carros sobre os cumes dos montes, crepitando como chamas de fogo que devoram o restolho, como um povo poderoso, posto em ordem de combate". Mas, agora, trata-se de um cumprimento muito maior do que qualquer coisa que haja acontecido nos dias de Joel.
O bater das asas destes milhares de gafanhotos fazem um barulho tão grande que João limita-se a descrevê-lo como sendo o som de cavalos e carros de guerra em plena batalha.

Pela terceira vez, João menciona que a cauda dos gafanhotos tem ferrão, e é capaz de destilar veneno como os escorpiões de verdade. No estilo apocalíptico do Antigo Testamento, ele observa que o veneno pode machucar, ferir, torturar e danificar, mas não matar. Repetidamente, enfatiza que o seu poder e autoridade para fazer isto continuarão por cinco meses. Terminado este período, provavelmente voltarão ao abismo de onde vieram.

Alguns supõem que, desde que estes demônios vieram do abismo, Deus os revestirá de tal aparência especialmente para esta ocasião de juízo. Outros creem que, como são seres espirituais invisíveis, João limita-se a descrever o seu caráter e natureza. E, ao mesmo tempo, tenta demonstrar a seus leitores os terríveis sofrimentos que os gafanhotos infligirão à humanidade. ([11]) Mas a linguagem de João, aqui, indica que esta é a forma como ele os viu na visão. Se a linguagem é figurativa e não literal, Representa mesmo assim uma realidade que de fato virá sobre todos os que não tiverem o selo de Deus em suas frontes.

IV - O Rei dos Gafanhotos: Abadom e Apoliom (Ap 9.11)

> *"E tinham sobre si rei, o anjo do abismo; em hebreu era o seu nome Abaclom, e em grego Apoliom."*

Que estes seres não são meros gafanhotos é indicado pelo fato de terem "um rei sobre si" (Pv 30.27): "o anjo do abismo". Alguns pensam ser este anjo o mesmo para quem foi dada a chave no versículo um. ([12]) Mas aquele parece ser um mensageiro de Deus, ao passo que este está do lado do inimigo. Alguns chegam a pensar que ele é o próprio Satanás. Entretanto, Satanás acha-se agora preso (Ef 2.2). Além disso, será identificado especificamente mais tarde. Parece mais provável que o rei dos gafanhotos seja um demônio hierarquicamente abaixo de Satanás, mas que ocupa lugar de destaque nas fileiras do inferno (Ef 6.12, Cl 2.15).

O nome em hebraico deste anjo é Abadon, um topônimo encontrado em Jó 26.6; 28.22; SI 86.13 e Pv 15.11. Em toda estas passagens, a palavra significa destruição, o lugar da destruição, o reino do perverso. Na Septuaginta, a palavra é traduzida por "apoleia" - destruição. Mas João usa deliberadamente a palavra para identificar o anjo que estará como rei sobre os gafanhotos. "Apolion" significa "o destruidor". Ao usar a palavra desta forma, João mostra a que tipo de destruição o anjo está associado. (O uso da palavra em hebraico e em grego talvez seja uma referência ao fato de exitirem tanto crentes judeus como gentios nas igrejas da Ásia Menor).

V - Mais Dois Ais (Ap 9.12)

“Passado é já um ai; eis que depois disso veem ainda dois ais.”

João aqui já está no fim de sua visão referente aos cinco meses de tortura provocada pelos gafanhotos. Um ai é passado; aqueles já foram embora. Seu destino final será o lago de fogo preparado para Satanás e seus anjos (Mt 25.41). Mas "dois ais” ainda estão por vir; serão piores que os primeiros. O segundo ai será introduzido pela sexta trombeta. O terceiro o será pela sétima trombeta, desencadeando as sete taças da ira de Deus. Como veremos, quanto mais severos os julgamentos, mais duro o coração do homem se torna em relação a Deus.

VI - A Sexta Trombeta: Quatro Anjos São Soltos (Ap 9.13,14)

"E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro, que estava diante de Deus. A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos, que estão presos junto ao grande rio Eufrates."

Após o sexto anjo haver tocado sua trombeta, uma voz procede das quatro pontas do altar de ouro que está diante de Deus. O incenso que sobe junto ao altar representa as orações dos santos (Ap 8.3,4). Assim, o julgamento que se segue é uma expressão a mais da justiça de Deus e de

sua ira santa contra o pecado e a rebelião, que foram os causadores do sofrimento, tortura, e morte dos seus santos. Alguns creem que que a voz, no versículo 13, é a do anjo vingador que ministra o incenso sobre o altar.([13]) Outros dizem ser a voz dos mártires que estão sob o altar. A sua voz anteriormente, todavia, era de súplica; é difícil imaginá-los dando semelhante ordem (Ap 6.9,10). ([14]) Ainda outros supõem ser a voz do Cordeiro, cuja morte e sangue expiatório têm sido rejeitados, ou ignorados, por aqueles que estão para ser submetidos ao julgamento. ([15]) Na verdade, a voz não é identificada. O anjo de Apocalipse 8.3,4 parece ser um boa alternativa.

Ao sexto anjo é ordenado que solte os quatro seres angelicais que se acham amarrados junto ao rio Eufrates. Este grande rio tem mais ou menos 2.500 quilômetros de cumprimento. Nos dias de João, servia como a fronteira oriental do Império Romano; servia também para dividir o Ocidente do Oriente. Durante os tempos do Antigo Testamento, era visto como o limite do extremo Norte do território que Deus havia prometido a Abraão e seus descendentes (Gn 15.18; Dt 1.7; Js 1.4). Além disso, Deus usou os reis do vale do Eufrates para levar a cabo seu julgamento em várias ocasiões do tempo antigo. O que dizer dos reis da Assíria? Apesar de os assírios não o saberem, Deus os estava usando para punir seu povo rebelde e pecador. Aliás, Ele chegou a chamar os soberanos assírios de "a vara de minha ira" (Is 10.5- 7). Deus usou Babilônia, a grande cidade do Eufrates, nos dias de Jeremias, com a mesma finalidade. Embora Babilônia agisse livremente, Deus foi quem a supervisionou para que administrasse julgamento às nações.

A esta altura, o Eufrates parece servir como a fronteira oriental do reino de Anticristo. Quanto aos quatro anjos, que se acham amarrados, constituem um grupo diferente dos outros mencionados em Apocalipse 7.1. Além do mais, é bom que consideremos que anjo bom jamais fica amarrado. Por isso tudo leva a crer que os seres em questão pertençam ao exército do demônio. E assim, Deus usa o rio Eufrates, pela última vez, como a origem de seus julgamentos.

VII - A Terça Parte dos Homens É Morta (Ap 9.15)

> *"E foram soltos os quatro anjos, que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens."*

Se os gafanhotos limitaram-se a torturar as pessoas, estes anjos terão como missão tirar a vida de um terço de toda a raça humana. Para isto estavam de prontidão, aguardando o momento exato: "a hora, e dia, e mês, e ano". Não nos é adiantado se eles sabiam de sua soltura. Em todo caso,

acham-se cheios de fúria por terem sido mantidos presos por tanto tempo. Mas Deus sabe como usar o tempo e as estações (At 1.7). Ele sabe o momento exato de executar seus julgamentos. Quando a ordem é dada, os anjos destruidores são postos em liberdade para trazer este terrível julgamento sobre um mundo corrupto e rebelde. Eles estão sendo controlados por Deus para cumprir seu propósito. Deus está no comando de tudo!

VIII - Os Exércitos Demoníacos São Agentes de Julgamento (Ap 9.16-19)

> *"E o número dos exércitos dos cavaleiros era de duzentos milhões; e ouvi o número deles. E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo e fumo e enxofre. Por estas três pragas foi morta a terça parte dos homens, isto é pelo fogo, pelo fumo, e pelo enxofre, que saía das suas bocas. Porque. o poder dos cavalos está na sua boca e nas suas caudas. Porquanto as suas caudas são semelhantes a serpentes, e têm cabeças, e com elas danificam."*

Quando os quatro anjos são soltos, João vê um exército aparelhado diante de si, ocupando um espaço tão grande como a sua visão. Eram tantos os soldados que se não podia contá-los. Mas o seu número, enfim, é declinado: duzentos milhões. Apesar destas criaturas parecerem diferentes dos gafanhotos que haviam surgido com o soar da quinta trombeta, não deixam de ser demoníacas. Como os gafanhotos, tem elas os seus líderes nos quatro anjos. Através deste exército, os quatro seres angélicos farão o seu trabalho. Alguns comentaristas acham que tais criaturas fazem parte de um exército de homens, e que a descrição que se segue simboliza uma guerra mundial.

A seguir, João descreve o que vê em visão (Ap 9.17). A palavra grega dá a entender que ele está vendo alguma coisa real. Opinam alguns que a descrição das hostes demoníacas devem ser vistas como sendo altamente figurativas e simbólicas. ([16]) Entretanto, sempre que símbolos são usados no Apocalipse, têm como finalidade representar alguma coisa, ou pessoa, real e verdadeira. O que João viu é real, e a destruição que os exércitos trarão será também mais que real.

Ao descrever o que vê nesta visão, João dá mais atenção aos cavalos. Embora possuam cavaleiros, são eles que de fato causam a morte. Os cavaleiros não parecem humanos. As suas couraças são "de fogo, e de jacinto, e de enxofre". O jacinto era originalmente o nome de uma flor azul escura. Devido a sua cor, seu nome foi também emprestado a uma gema. O

emprego do nome aqui talvez signifique quão dura e impenetrável são as couraças, proporcionando proteção total aos cavaleiros. O enxofre que, em combustão produz uma chama azul-amarelada, libera um odor de gás extremamente desagradável. A Bíblia não deixa claro se todos os cavaleiros trazem as três cores na couraça, ou se elas servem para dividi-los em batalhões distintos.

Há quem avente a possibilidade de os cavalos terem o mesmo tipo de couraça usada pelos cavaleiros. Entretanto, parece que somente os cavaleiros possuem tal couraça. Apesar de os cavaleiros usarem armadura, não parecem portar armas. Talvez limitem-se a conduzir os cavalos de forma que estes se tornem mais efetivos na sua missão destruidora.

Os corcéis montados por estas criaturas tinham corpo de cavalos e cabeça de leão, realçando sua força, ferocidade e poder de destruição. Nisto, assemelham-se aos gafanhotos, que possuíam rosto de homem e dentes de leão. De suas bocas saíam continuamente fogo e fumo e enxofre, numa geração contínua de pragas em seu interior.

O fogo, o fumo e o enxofre dos cavalos são uma maneira demoníaca de matar. Cada um desses elementos é uma praga em si mesmo (v.18). Isto talvez signifique que uns cavalos cuspirão fogo, outros, fumo e ainda outros, enxofre. No primeiro "ai", os gafanhotos haviam torturado a população rebelde do mundo. Agora, neste segundo "ai", os cavalos trazem morte, queimando pelo fogo, sufocando pela fumaça e envenenando pelo enxofre um terço dos homens. Levando-se em conta a população atual da terra, isto representaria quase dois bilhões de mortos.

O uso do fogo, do enxofre e do fumo, lembra-nos o julgamento de Sodoma e Gomorra (Gn 19.24,28; Jd 7). Mostra-nos isto que um mundo que segue pelos caminhos de Sodoma, e que acha ser a Bíblia mentirosa, quando do juízo final, não escapará da ira do Senhor.

A ênfase do versículo 19 é que os tais cavalos, com cabeça de leão, têm poder não somente para matar, mas para torturar, ferir e danificar. Como os gafanhotos, têm poder "em suas caudas". Todavia, em vez da cauda ser como a de um escorpião, parece- se com uma cobra, tendo cabeças que destilam veneno quando picam alguém. Nesta cauda, veem alguns estudiosos uma evidência a mais da natureza demoníaca destes cavalos e do seu relacionamento com Satanás, "a antiga serpente" (Ap 12.9). (17)

Vários são os exegetas que tentam conectar este exército invasor com aquele de Gogue e Magogue de Ezequiel 38 e 39. Contudo, os que João vê são claramente demoníacos, enquanto que o exército visto pelo profeta Ezequiel aparecerá antes da Grande Tribulação.

IX - Apesar de Tudo, Ninguém se Arrepende (Ap 9.20,21)

> *"E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios, e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar. E não se arrependeram de seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem das suas ladroíces."*

Houve uma oportunidade para que as pessoas se arrependessem em vista da gravidade das pragas. Mas a Bíblia é clara ao dizer que, mesmo poupadas após o soar da sexta trombeta, continuaram contra Deus - ninguém se arrependeu.

"Homem" *("antropon")* significa raça humana. Assim, ao término do segundo ai, a humanidade vê-se composta pelos mortos e pelos que continuam vivos, mas que não querem se arrepender. Sendo assim, nesta ocasião, nenhum crente, judeu ou gentio, haverá de estar sobre a terra. Esta é outra evidência de que o rapto da Igreja acontecerá antes que os ais sejam ouvidos. Fica claro que os que receberam o selo em suas frontes também já terão sido recolhidos. A Bíblia não diz o que lhes aconteceu. Podemos somente especular. Talvez hajam sido martirizados, ou arrebatados ao céu num rapto especial.

João explica detalhadamente de quais obras a raça humana não quer se arrepender: "do trabalho das suas mãos", isto é: dos objetos de adoração feitos por eles próprios. À semelhança dos gentios de Romanos 1.21,22, persistem em sua recusa de glorificar o único e verdadeiro Deus. Voltam-se completamente aos ídolos. São rebeldes de corações; querem tudo segundo a própria maneira, sem se importar com o custo. E, agora, que um terço da raça humana jaz morta pelo julgamento divino, tornam-se ainda mais endurecidos e revoltados contra Deus.

João coloca os "demônios" como um dos objetos de adoração dessa humanidade que não quis se arrepender. Aliás, qualquer culto prestado aos falsos deuses e divindades pagas é, na realidade, adoração de demônios (Dt 32.17; 1 Co 10.20,21). Prova- nos tal fato as filosofias humanísticas e orientais, bem como o satanismo e outras seitas religiosas.

Como os profetas do Antigo Testamento, João condena todos os ídolos adorados ou homenageados, não importando de que tipo de material hajam sido eles confeccionados. Ele os ironiza, afirmando que "nem podem ver, nem ouvir, nem andar" (Dt 4.28; SI 115.4-7; 135.15-18; Dn 5.23). Na realidade, são deuses que nada fazem.

Sempre que alguém rejeita o Deus verdadeiro, e coloca-se a si mesmo sobre o trono, transforma-se em adorador de falsos deuses. Diz

Romanos 1.24-32 que o tal, em breve, estará praticando todos os tipos de pecados e imoralidades.

A segunda categoria de pessoas que há de existir naqueles dias, e que não se arrependerá de suas iniquidades, será composta de assassinos, feiticeiros, prostitutos e ladrões. Os assassinos são tantos nos dias atuais, que conseguiram caracterizar esta geração pela violência. Feiticeiros incluem todos os que lidam com o ocultismo, poções mágicas, drogas, cartomancia etc. Os prostitutos incluem os que praticam adultério, fornicação, homossexualismo e todo tipo de sexo ilícito. O roubo acompanha tais coisas, porque cedo ou tarde, o custo destes pecados torna-se mui dispendioso; as pessoas farão qualquer coisa para custear sua prática.

Apocalipse

Capítulo 10

Assim como houve um interlúdio entre o sexto e o sétimo selo, há um também entre a sexta e a sétima trombeta. Este interlúdio abrange o capítulo 10 e parte do 11. Inclui a visão dos sete trovões e das duas testemunhas. A sétima trombeta não será tocada até o capítulo 11.15.

I - Outro Anjo Poderoso Desce do Céu (Ap 10.1,2)

> *"E vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem, e por cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo; e tinha na sua mão um livrinho aberto, e pôs o seu pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra."*

Na primeira destas visões, João vê outro anjo poderoso descendo do céu. É "outro" porque não tem entrado em cena até este instante. Ao mesmo tempo, o termo grego *allus* indica ser ele outro, porém da mesma natureza, como aqueles seres angelicais já mencionados.

Pelo fato de João ter visto este anjo "descendo do céu", é óbvio que estivesse o apóstolo na terra e não no céu, para onde fora arrebatado em Apocalipse 4.1,2. O versículo oito é uma indicação a mais de que João está na terra, ouvindo de novo "a voz...vinda do céu". Agora, não é explicado como João veio a localizar-se noutro lugar.

A descrição do anjo é incomum. Coroado com um arco-íris e vestido de nuvem, sua face é brilhante como o Sol, e seus pés são como colunas de fogo. Em virtude desta linguagem ser similar à da descrição de Jesus em Apocalipse capítulo um, e alguma das frases serem usadas noutros lugares para referir-se a Deus, alguns escritores identificam este anjo com Jesus em sua descida do céu para reivindicar a terra como a sua possessão. ([1]) Entretanto, Jesus não é chamado de anjo em nenhum lugar do Apocalipse. Aliás, Ele dificilmente seria aqui identificado meramente como outro anjo. Além disso, ninguém presta adoração a ser angelical. E, pela forma como faz o juramento por Deus, em 10.6, caracteriza-se mais como anjo do que como o Filho de Deus.

Na verdade, a descrição do anjo simplesmente chama a atenção por sua glória celestial. Alguns o identificam com Gabriel, cujo nome significa “o poderoso de Deus”. ([2]) A nuvem e o arco-íris lembram a fidelidade

divina para com suas promessas. As "colunas de fogo" falam tanto da proteção como do julgamento.

O anjo tem em suas mãos um pequeno livro, ou pergaminho, que não traz nenhum selo e já se acha desenrolado e aberto em suas mãos. A palavra grega *biblaridion* indica que este é um pequeno livro, um livrinho, não o do capítulo cinco que Jesus abriu.

Este anjo não é somente grande em poder, mas também em tamanho. Assim que chega à terra, coloca um pé sobre o mar e outro sobre a terra. Sua mensagem afeta o mundo todo. ([3]) Há um tremendo contraste entre os rebeldes do capítulo nove, que não se arrependeram, e este glorioso e colossal ente celeste.

II - Sete Trovões (Ap 10.3,4)

> *"E clamou com grande voz, como quando brama o leão; e, havendo clamado, os sete trovões fizeram soar as suas vozes. E. sendo ouvidas dos sete trovões as suas vozes, eu ia escrevê-las, e ouvi uma voz do céu, que me dizia: Sela o que os sete trovões falaram, e não o escrevas."*

O anjo possuía uma voz poderosa. O seu brado ressoa fortemente por todo mundo como o rosnar dum leão (compare com Am 3.8 e Os 11.10, onde a voz de Deus é comparada com a de um leão). Com o clamor do anjo, sete trovões elevam suas próprias vozes (compare SI 29.3, onde a voz de Deus é como a do trovão).

Os sete trovões não rosnam, mas falam. Eles têm uma mensagem inteligível. Desde que os sete selos e as sete trombetas envolvem uma sequencia de eventos, é razoável presumir que os trovões também revelem uma sequencia de fatos. Talvez uma série de pragas a ser desferida durante a tribulação, prefigurando julgamentos piores. Vemos ainda que todas as outras passagens do Apocalipse, que mencionam trovões (Ap 8.5; 11.19; 16.18), indicam ira e julgamento divinos. Alguns comparam os trovões aos sete efeitos do relampejar da voz de Deus no Salmo 29.3- 9.(4) Tanto a voz do anjo como a voz dos trovões, mesmo ignorando-se o conteúdo da mensagem, testificam ao mundo da majestade e do poder de Deus.

João já havia recebido ordens para escrever (Ap 1.14). Ele presume, então, que deveria anotar o conteúdo da mensagem enunciada pelo trovão. Todavia, é-lhe recomendado guardá-la em segredo, e nada escrever. A ordem é dada por alguém não identificado, mas vem diretamente do céu. João não lhe questiona a autoridade; reconhece-a como divina. Alguns pensam ser a voz de Deus ou a de Cristo.

"Guarda...e não as escrevas". É uma forma hebraística de dizer que os trovões contém revelações que ainda não podem ser conhecidas. A

Daniel foi ordenado que selasse o livro até o tempo do fim (Dn 12.4,9). Porém, estas mensagens jamais serão reveladas nesta presente era. O fato de a Bíblia mencionar os sete trovões já é, em si, algo mui importante: deixa-nos saber que algumas coisas hão de acontecer na terra no fim dos tempos.

Tal fato deveria levar-nos a ser mais cuidadosos e não excessivamente dogmáticos acerca da sequencia dos eventos do Apocalipse. Certamente não deveríamos nem tentar especular sobre a mensagem dos sete trovões. Os que o fazem não conseguem acrescentar nada de novo; só especulações tolas.

III - Não Haverá Mais Demora (Ap 10.5,6)

> *"E o anjo que vi estar sobre o mar e sobre a terra levantou a sua mão ao céu, e jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora."*

João acata a ordem que lhe é dada; não registra a mensagem dos trovões. Agora, volta sua atenção ao anjo que havia se colocado entre o mar e a terra. O original grego mostra que o anjo levantou sua mão direita em direção ao céu (o pequeno livro deveria estar em sua mão esquerda). Este é um gesto que demonstra o reconhecimento da soberania divina. Era assim que se fazia os juramentos nos tempos antigos (Dt 32.40; Dn 12.7).

Com voz solene, o anjo faz o seu juramento no nome daquele "que vive para sempre", o Criador de todo o Universo. O juramento é feito no nome de Deus e do Cordeiro (Ap 4.10,11; 5.13). Ao especificar o "céu", a "terra", o "mar" e tudo o que neles há, o anjo estabelece um contraste com a falsa adoração dos rebeldes mencionados em Apocalipse 9.20,21. A adoração dos ídolos, que não têm poder para nada, em comparação com a adoração daquele que criou todas as coisas, é realmente flagrante. O julgamento do mundo está chegando. O Deus eterno e seu Filho, que com Ele compartilhou todo o trabalho da criação, estão no comando de tudo. Deus seguiu um plano na criação como no-lo mostra Gênesis capítulo um, mas agora dá sequencia ao seu plano de redenção. Ele mesmo encarrega-se de que este seja fielmente cumprido.

O conteúdo do juramento feito pelo anjo, no versículo seis, constitui-se numa mensagem a toda a humanidade: "Não haverá mais demora". Alguns interpretam a declaração como que dizendo que o tempo, em si, está para terminar, e a eternidade, que independe da contagem do tempo, está praticamente começando.

Mas a Bíblia não nos fala o suficiente sobre a eternidade para afirmarmos que ela será algo independente do tempo. A ideia de que na

eternidade não haverá contagem de tempo parece se originar de teorias humanas; não tem nada a ver com a Bíblia. ([5]) Na realidade, o Novo Testamento frequentemente refere-se à era da Igreja como "este século", e ao futuro como "o século vindouro" (Mc 10.30; Lc 20.34,35; Ef 1.21). Até mesmo os gregos olhavam a eternidade como "o século dos séculos sem fim" (compare o plural de ambos em G1 1.5; Fp 4.10; 1 Tm 1.17; 2 Tm 4.18; Hb 13.21). Parece que haverá algum tipo de existência progressiva segundo uma cronologia que lembre a nossa. Na Nova Jerusalém, de igual modo, a árvore da vida dará o seu fruto todo mês (Ap 22.2). Certamente, no momento em que o anjo fez o juramento, havia um considerável período de tempo a ser ainda percorrido: os mil anos do milênio, por exemplo.

A mensagem do anjo era urgente. A sétima trombeta estava prestes a ser soada; o interlúdio chegaria ao fim. Apesar de chronos, ou tempo, normalmente significar "um período de tempo", pode também indicar "demora". O verbo correspondente ("chroniz") refere-se sempre a "demorar". Assim, "demora", aqui, é o sentido correto. Mas os eventos que se seguem ocorrerão rapidamente. Isto também quer dizer que o tempo, no qual os pecadores poderiam arrepender-se, está terminando. O propósito de Deus para o término desta era está por se revelar.

IV - As Boas Novas Anunciadas Pelos Profetas (Ap 10.7)

> *"Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos."*

Reforçando a declaração de que não haveria mais demora, o "mas" introduz um programa contrastante. Durante "os dias do" som da sétima trombeta (que está para ser tocada) o mistério de Deus, os quais Ele havia anunciado a seus servos, os profetas, será "cumprido". Isto é: o som desta trombeta continuará por um tempo, que provavelmente incluirá o derramar das sete taças da ira de Deus, a derrota final do Anticristo, e o início do Milênio. Ou seja: todos os eventos até o capítulo 20.

Alguns supõem que "o mistério de Deus" signifique a salvacão. ([6]) A interpretação mais simples é que se refira a um novo entendimento da natureza, plano e propósito de Deus. A palavra mistério é frequentemente usada na Bíblia para indicar alguma coisa que, parcialmente revelada no Antigo Testamento, é plenamente mostrada no Novo (Cl 1.26,27; 2.2).

"Declarada" e "anunciada" são as duas palavras mais usadas no Novo Testamento para denotar a pregação do Evangelho, que é a proclamação das Boas Novas de salvação em Cristo. Esta salvação abrange toda nossa herança, que receberemos quando da volta de Jesus. Ela inclui tudo o que os profetas previram, incluindo o futuro reino a até o novo céu a e nova

terra. Assim que tais coisas acontecerem, então se cumprirão as profecias do Antigo Testamento sobre o julgamento e a restauração. Ficará claro, então, que Deus é um Deus fiel, que sabe o que está fazendo.

Os profetas do Antigo Testamento deixaram claro que o pecado e a corrupção têm de ser banidos da terra antes da implantação do Reino de Deus. Isto implicará na substituição de qualquer coisa destituída da glória de Deus por ocasião da vinda de Cristo. Em pouco não haverá mais nenhuma fase do plano de Deus envolta em mistério.

V - João Come o Livro que lhe E Dado pelo Anjo (Ap 10.840)

> *"E a voz que eu do céu tinha ouvido, tomou a falar comigo, e disse: Vai, e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra. E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá- me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel. E tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo."*

Pela terceira vez, João ouve a voz vinda do céu (ver Ap 4.1; 10,4). Ele recebe ordens de ir até o anjo, que estava com um pé sobre a terra e o outro sobre o mar, e "pegar o pequeno livro" que se achava aberto. A mensagem que o anjo está prestes a anunciar à terra, há de ser conhecida primeiramente por João.

Há muitas especulações sobre o conteúdo deste livro: 1) É o mesmo livro no qual estavam os sete selos (ver Ap 5.1); 2) É uma mensagem de "ais" aos incrédulos; 3) E uma mensagem à Igreja? 4) E uma revelação dos eventos narrados do capítulo 11 ao 19. Ou, ainda, a revelação dada no capítulo ll. ([7])

O livro é em formato de miniatura, representando toda a palavra de Deus que havia sido dada até este ponto pelo Espírito Santo. Desde que se encontra na mão direita do anjo poderoso, deve representar os propósitos divinos para os homens.

João vai, então, até o anjo, e pede-lhe o livro, mesmo que não lhe tenha sido adiantado o que fazer com ele. Em seguida, o anjo dá-lhe instruções para que coma todo o livro, e diz-lhe qual seria o paladar: doce na boca, mas amargo no estômago.

A Bíblia não explica qual o significado do comer o livro. Linguagem idêntica é usada em Ezequiel 2.8 a 3.3, onde vemos que a chamada do profeta inclui a ordem de se comer um livro cheio de lamentações e prantos, mas que tinha gosto adocicado. Isto demonstra que Ezequiel tinha de digerir a mensagem que lhe fora entregue por Deus, fazendo dela parte de sua própria pessoa, antes de proclamá-la ao povo. Jeremias narra

também ter comido a Palavra de Deus, e ela foi-lhe de gozo e alegria no coração (Jr 15.16). O salmista compara os ensinamentos da Palavra de Deus com o mel (SI 19.10; 119.103). Aqueles cujos corações estão abertos a recebê-la, terão o Espírito Santo ungindo-os e levando-os à presença do Senhor. O que pode haver mais doce que o mel? Nós também devemos comê-la, digeri-la. Temos de deixar o Espírito Santo, que a inspirou, iluminá-la e aplicá-la à nossa vida.

Mas a Palavra de Deus não contém apenas o doce. O Evangelho fala tanto do julgamento como da misericórdia. ([8]) Ao proclamar a mensagem divina, Ezequiel teve de passar por experiências amargas. O mesmo aconteceu com Jeremias. Certa vez foi levado a desistir do ministério. Foi aí, porém, que ele certificou-se de quão doce é a Palavra de Deus. Ela tornou-se como que um fogo em seus ossos, de forma que o profeta teve de continuar (Jr 28.8,9).

Semelhantemente, o livro que João come tem algo mais. Torna- se amargo no estômago do evangelista. Na Bíblia, estômago é outra palavra usada para designar o coração e as emoções - o interior do ser humano. Apesar de João ter se alegrado ao provar a doçura da palavra de Deus (a doce presença do Espírito Santo jamais o abandonou), percebe que deve também proclamá-la. Eis que lhe vem o amargo. Embora estivesse com o coração partido, o apóstolo do amor tem de proclamar que julgamentos ainda mais terríveis virão. Nisto, assemelha-se a Jesus que, com a alma dorida, chorou sobre Jerusalém, sabendo o que aconteceria a esta e ao seu povo (Lc 19.41-44).

Nossa antecipação do retorno de Cristo para estabelecer seu reino sobre a terra é um sentimento doce. Contudo, ao nos conscientizarmos de que as nações devem ser esmigalhadas como vasos de barro (SI 2.9; Dn 2.35,44), ficamos com uma sensação amarga. Nenhum dos que tem o coração cheio de amor de Cristo, alegra-se ao pensar no julgamento vindouro - a Grande Tribulação. O próprio Deus não quer que ninguém pereça. Ele prova o seu amor pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores (2 Pe 3.9; Rm 5.8).

VI - João Deve Continuar a Profetizar (Ap 10.11)

> *"E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis."*

Assim como o comer o livro fez parte da missão de Ezequiel como profeta, da mesma forma dá-se com João. Tal ato é seguido por uma chamada de Deus para que escreva as profecias. Talvez necessitasse ele de ouvir novamente acerca da importância da mensagem e da urgência com que ela deva ser divulgada. É o que lhe deixa claro esse anjo poderoso.

Mesmo estando exilado em Patmos, João tem a exercer um grande ministério. Deveria profetizar de novo, não somente às sete Igrejas da Ásia e aos seus contemporâneos, mas aos reis e potentados e aos povos de outras línguas e tempos.

Isto não significa que João estivesse para ser mandado pessoalmente a tais povos e reis. O grego epi, no dativo, é traduzido como ""a", "a respeito", "diante", "contra", "para".([9]) Considerando que os julgamentos se seguem imediatamente (correspondendo ao fato de o livro ficar amargo), parece que "contra" tem o melhor sentido. Em todo caso, fica claro que as profecias de João terão um efeito mundial, pois as sete taças são os julgamentos mais completos, sendo seus efeitos sentidos em todo o planeta

Apocalipse

Capítulo 11

Os capítulos 10 a 14 incluem uma série de interlúdios que antecipam as taças que trarão as últimas sete pragas. Acham-se elas no capítulo 15, e são descritas no 16. Em Apocalipse 11.1- 13, prossegue o interlúdio, ou parêntese, entre a sexta e a sétima trombeta, que introduz as sete taças. O capítulo 11 trata essencialmente das duas testemunhas. A identidade destas tem causado muita controvérsia entre os estudiosos da Bíblia.

I - João Recebe a Ordem de Medir o Templo

> *"E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo, e disse: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses."*

Como não há divisão de capítulos nos manuscritos originais do Novo Testamento, Ap 11.1 parece estar ligada ao versículo precedente (isto é: Ap 10.11). Portanto, o anjo poderoso que acabara de falar a João, entrega-lhe "uma cana semelhante a uma vara", ou seja: uma vara de medir do cumprimento de um cajado de pastor. Este mesmo anjo manda-o que meça o templo, incluindo o Santo dos Santos, o altar e o pátio dos filhos de Israel. O medir na Bíblia é tido, muitas vezes, como símbolo de preparação, destruição, ou preservação (Nm 35.5; SI 60.6; Is 65.8). No caso em tela, é a última possibilidade.

Não se trata do templo construído por Herodes, pois foi este destruído pelos exércitos de Tito no ano 70 a.D., vinte e cinco anos antes de o Apocalipse haver sido e Ordem de Medir o Templo (Ap 11.1,2). O versículo primeiro indica um templo construído em Jerusalém no final dos tempos, possivelmente depois de o Anticristo ter estabelecido uma aliança com os Judeus (Dn 9.27). Alguns, contudo, vendo elementos simbólicos neste capítulo, interpretam a ordem de se medir o templo, o altar e a contagem dos adoradores, como símbolo da preservação de Israel por Deus. ([1])

A João é ordenado que não indique na medição "o átrio que está fora do templo", isto é, o átrio gentios. Este será literalmente deixado "de fora" (em grego *ekbale* - excluído). A santidade de Deus exige que estes gentios sejam julgados, e não preservados ou protegidos. "Gentios" (ethnesin) é

uma palavra também usada em Apocalipse 10.11, onde é traduzida por "nações". Portanto, estas são nações rebeldes que não se arrependeram quando alertadas pela trombeta do juízo (Ap 9.20,21).

Apesar de as nações estarem andando em direção ao julgamento, é-lhes dada não somente o átrio dos gentios, mas a própria "cidade santa" - Jerusalém. Ela será pisada pelos gentios durante quarenta e dois meses, período este correspondente à metade dos sete anos preditos por Daniel (Dn 9.27).

II - Duas Testemunhas Profetizarão (Ap 11.3,4)

> *"E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco. Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra."*

O tempo do verbo no grego, agora, muda para o futuro para indicar o que acontecerá durante os 42 meses já mencionados. Por 1.260 dias, ou 42 meses, as duas testemunhas falarão da parte de Deus, "vestidas de saco". Vestir-se assim indica pesar; coração quebrantado. Como João, trazem eles avisos solenes de julgamento.

Tem havido muita especulação a respeito de quem são estas duas testemunhas. Alguns interpretam como duas comunidades, ou dois grupos de pessoas. ([2]) Contudo, a descrição é específica. Tratam-se realmente de duas pessoas.

Considerando Hebreus 9.27 ("aos homens está ordenado morrerem uma vez") como declaração absoluta, alguns identificam as testemunhas como sendo Enoque e Elias, que voltarão à terra para morrer por não haverem eles passado pela experiência da morte física. ([3]) Por outro lado, levemos em consideração que os crentes que estiverem vivos, quando do arrebatamento, não hão de experimentar a morte. Eles serão transformados num instante, num abrir e fechar de olhos, recebendo corpos imortais. Portanto, Hebreus 9.27 é somente uma declaração generalizada; não endossa uma segunda oportunidade depois da morte, bem como qualquer possibilidade de reencarnação. Ela também não exclui exceções como Enoque e Elias.

Outras sugestões são Moisés e Elias ([4]), ou João Batista e Elias. O fato é que Deus sempre manteve contínuos testemunhos para com Israel; testemunhos estes que terão o seu ápice nas duas grandes testemunhas no período final da Grande Tribulação. ([5])

As duas testemunhas são identificadas apenas como "dois ramos de oliveira" e "dois castiçais". Em Zacarias quatro, os dois ramos de oliveiras são Zorobabel, o príncipe da linhagem de Davi, e Josué, o sumo sacerdote.

Eram dois líderes ungidos que ministravam pelo Espírito Santo do Senhor (Zc 4.6).

Apesar de as duas testemunhas serem poderosas em Deus, não são relacionadas às testemunhas de Zacarias: a descrição do anjo identifica-as somente como lideres cheios do Espírito Santo.

Zacarias 4.2 também descreve um castiçal de ouro que possuía um vaso largo que servia como reservatório de azeite às sete lâmpadas que ostentavam sete canudos cada uma, totalizando quarenta e nove focos de luz, simbolizando a plenitude da força do Espírito. As duas testemunhas de Apocalipse 11.3 são descritas como castiçais que estão diante do Deus da terra; isto é, diante do Deus verdadeiro. Estão constantemente em sua presença. Quando profetizam, espargem a luz que vem de Deus, uma luz tão forte que ninguém poderá negar-lhe a verdade e clareza da mensagem.

III - O Poder de Moisés e de Elias (Ap 11.5,6)

> *"E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca, e devorará os seus inimigos; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto. Estes têm poder para fechar o céu, para que não chova, nos dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas para convertê-las em sangue, e para ferir a terra com toda a sorte de pragas, todas quantas vezes quiserem".*

Se alguém tentar ferir as duas testemunhas, fogo sairá de suas bocas e o devorará. Isto significa que, basta ordenarem, para que o fogo de Deus consuma os adversários.

Lembra-nos isto o pedido de Elias para que caísse fogo do céu sobre duas companhias de soldados enviadas pelo rei Acazias para que o capturassem (Rs 1.10-12). O poder das testemunhas, porém, será maior que o de Elias. A linguagem pode estar mais relacionada a Jeremias 5.14, onde Deus assegura ao profeta: "Porque o povo tem dito esta palavra (de rebelião contra o Senhor), eu converterei as minhas palavras na tua boca em fogo, e a este povo, em lenha, e eles serão consumidos". Com isto, Deus queria dizer que o julgamento profetizado por Jeremias iria vingar, mesmo que os falsos profetas teimassem em contrário.

As testemunhas têm o poder e a autoridade para "fechar os céus" para que não chova durante os 1.260 dias em que estiveram ministrando. Devido ao fato de Elias haver orado para que não chovesse sobre Israel pelo mesmo período de tempo (Tg 5.17), alguns o tomam como evidência de que uma das testemunhas será mesmo Elias. A história da Igreja registra uma tradição segundo a qual uma das testemunhas será de fato Elias, em virtude de Malaquias 4.5 assegurar que Deus o enviará "antes do grande e

terrível dia do Senhor". O poder de ambas as testemunhas, conforme já o dissemos, é bem maior que o de Elias.

À semelhança de Moisés, as testemunhas também terão o poder e a autoridade para transformar a água em sangue, e para "ferir a terrá" com pragas. Baseados nisto, dizem alguns que a segunda testemunha deve ser Moisés. Este e Elias aparecem juntos no Monte da Transfiguração, provavelmente representando a Lei e os Profetas. Lá, falaram da morte de Cristo (Lc 9.31). E evidente, pois, que sabiam da importância da cruz, ressurreição e ascensão do Senhor Jesus Cristo. Entretanto, ambas as testemunhas possuem um poder e autoridade muito maiores. Se for o caso, hão de ferir a terra com todo tipo de praga, quantas vezes quiserem.

Dificilmente outra coisa em Apocalipse haja levantado mais controvérsias do que a identificação das duas testemunhas. Alguns chegam a ser excessivamente dogmáticos em suas posições. É muito importante observar que Deus nunca deixou um período da história sem uma testemunha, e a Grande Tribulação não constituirá tal exceção. Ao invés de nos preocuparmos com a identificação das duas testemunhas, deveríamos ter em mente que: 1) Haverá duas testemunhas; 2) Elas trabalharão juntas; 3) O conteúdo de suas mensagens provará que suas advertências são realmente proféticas, e 4) Sua mensagem e pragas deixarão sem desculpas aqueles que não se arrependerem.

IV - As Duas Testemunhas São Mortas (Ap 11.7,8)

> *"E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará. E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado."*

Quando as duas testemunhas houverem terminado seu ministério de três e anos e meio, a besta que "subiu do abismo" guerreará contra elas, e as matará. Isto não acontecerá até que o seu trabalho haja sido encerrado. Até lá, serão invencíveis. Com a sua morte, o mal parecerá triunfar por um curto período.

"Besta" é a melhor tradução da palavra grega *therion* - animal selvagem. E diferente da palavra usada em Apocalipse 4.5 (ver comentário no capítulo quatro). O uso do termo, aqui, é semelhante ao de Daniel 7. Mas o animal usado por Daniel aplica-se a um império, enquanto que, neste caso, aplica-se a uma pessoa. Esta besta não havia sido mencionada até este ponto, porém João presume que os leitores logo poderão identificá-la.

Alguns dizem que esta besta é o anjo do abismo, chamado Abadon-Apolion em Ap 9.11. Outros opinam ser o próprio Satanás, formando uma trindade com as outras duas bestas do capítulo 13. ([6]) Ainda outros aventam

a possibilidade de ser um homem que recebe poderes especiais de Satanás; talvez a primeira besta. ([7])

Nos capítulos 11 e 13, a palavra grega para "besta" é a mesma. A besta do capítulo 13 pode ser identificada como o Anticristo e seu falso profeta. A primeira besta do capítulo 13 é também relacionada com o pequeno chifre de Daniel 7.8,20, que faz guerra contra os santos. Paulo o chama de "homem da perdição" (2 Ts 2.3-10). Ele foi preconizado por Antíoco Epifânio (175-164 a.C), que sacrificou um porco no Santo Templo, tornando-se figura daquele pequeno chifre (Dn 8.9-12, 23-25).

Para demonstrar desrespeito e irreverência, as pessoas deixarão os corpos das duas testemunhas "estirados na praça da grande cidade". Embora não seja esta identificada, a cidade é chamada espiritualmente de "Sodoma e Egito". Contudo, devido ao fato de o texto dizer que é a cidade onde o Senhor foi crucificado, fica claro que se trata de Jerusalém.

Jerusalém é chamada de a "grande cidade", não por causa do seu tamanho ou população, mas devido à importância que ocupa nos planos de Deus. Mesmo assim, é uma cidade de pecado. Em consequência de sua degradação moral e espiritual, Isaías tratou seus habitantes como "príncipes de Sodoma... povo de Gomorra" (Is 1.10). Para os Judeus, o Egito representava lugar de escravidão. E, aqui, os habitantes de Jerusalém parecem escravizados ao pecado. Isto significa que, a esta altura, Jerusalém tornara-se uma cidade gentílica. Alguns creem que, por essa ocasião, os judeus já terão fugido a um lugar no deserto, provavelmente Petra, ao sul do mar Morto em Edom.

É significativo que os corpos das testemunhas fiquem na pra¬ça da cidade onde o Senhor fora crucificado. Num certo sentido, compartilham do sofrimento de Cristo.

V - Os Incrédulos Regozijam-se (Ap 11.9,10)

> *"E homens de vários povos, e tribos, e línguas, e nações verão seus corpos mortos por três dias e meio, e não permitirão que os seus corpos mortos sejam postos em sepulcros. E os que habitam na terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão, e mandarão presentes uns aos outros; porquanto estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre a terra."*

Alguns supõem que a televisão permitirá que os povos vejam os corpos das duas testemunhas que ficarão expostos na praça da cidade. A Bíblia, porém, não adianta que todo mundo os verá. Aqueles que veem são "de" (*ek*, origem) vários povos, tribos, línguas e nações do mundo. São, provavelmente, representantes de todos os povos que estiverem na cidade como comerciantes e embaixadores. Multidões estarão em volta dos

corpos. Quanto tempo pretendem deixar os corpos expostos, não o sabemos. Mas o Senhor limitará o escárnio em três dias e meio.

A notícia da morte das duas testemunhas correrá o mundo, pois a "terra se regozijará". As pessoas se ajuntarão para celebrar e festejar o evento. Trocam presentes entre si como sinal de sua alegria e regozijo. Parece uma celebração universal de natal, mas sem Jesus (compare também Jo 16.20, onde o Senhor adiantou que o mundo se regozijaria com a sua morte). Isto pode ser considerado ainda uma versão demoníaca da Festa de Purim, onde, em vez de se alegrarem naquilo que Deus fez para derrotar o plano do iníquo Hamã (Et 9.19,22), jubilam-se julgando estarem os representantes de Deus derrotados para sempre. Mas não sabem quão curto será o seu período da alegria.

Todos regozijam-se porque tinham sido "atormentados" pelos dois profetas. O fato de as testemunhas serem chamadas de profetas no versículo 10, destaca que a mensagem por elas entregue tinha precedência divina. Além dos tormentos causados por suas pragas, sua palavra provocava também angústia e tormento mental. Os adoradores da besta agem como Acabe ao considerar o profeta Elias o "perturbador de Israel" (1 Rs 18.17). A mensagem de Deus dada através das testemunhas deve ter penetrado no coração de muitos e os feito sentir-se culpados por suas iniquidades. Agora as testemunhas estão mortas, e o povo sente-se aliviado. A besta aparentemente saiu-se vencedora. Todos na terra acham estar derrotada a Palavra de Deus. Entregam-se, pois, à alegria: comem, bebem e praticam todas as sortes de pecado. Continuam em seus caminhos pecaminosos; julgam-se seguros em seus comportamentos ímpios e reprovados por Deus.

VI - A Ressurreição das Duas Testemunhas (Ap 11.11)

> *"E depois daqueles três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre seus pés, e caiu grande temor sobre os que os viram".*

O tempo verbal do grego muda do futuro para o passado. Isto talvez signifique que, agora, João contemple os acontecimentos em visão. Após três dias e meio de celebração e alegria, o espírito de vida provindo de Deus entra nos corpos das duas testemunhas, e elas põem-se de pé. A palavra traduzida por "espírito" e "fôlego" são as mesmas no grego e no hebraico. Assim, o "espírito de vida" é similar ao "fôlego de vida" que Deus soprou no primeiro homem criado (Gn 2.7).

Durante os três dias e meio em que seus corpos permaneceram nas ruas de Jerusalém, provavelmente hajam sido eles desfigurados por animais e até por pessoas. Contudo, o espírito de vida é criativo; administra a vida

que vem de Deus. As duas testemunhas, pois, são restauradas, não somente com vida, mas também com saúde e vigor. Recebem a vida espiritual, e colocam-se em pé cheias do poder do Espírito Santo. Tudo isto mostra que a vitória da besta será curta. Deus é sempre vitorioso! Somente Ele tem o controle final sobre a vida e a morte.

Os que presenciam a ressurreição, ficam extasiados e cheios de temor. Com certeza, hão de se lembrar das pragas e do julgamento divino proclamado pelos dois profetas. Pensam que a morte e o juízo virão imediatamente sobre si. Entretanto, já é findo o período de testemunho dos profetas. Mais julgamentos virão, mas não através deles.

Uma comparação superficial pode ser feita entre a morte e a ressurreição das duas testemunhas e a morte e a ressurreição de Jesus. No entanto, somente Jesus, como o Cordeiro Imaculado de Deus, pode remir-nos de nossos pecados. Ninguém pode superar o que Ele fez em prol de nossa redenção (Jo 19.30; Hb 9.26,28; 1 Pe 3.18). Ele ressuscitou três dias depois para a nossa completa justificação (Rm 4.25).

VII - A Ascensão das Duas Testemunhas (Ap 11.12)

> *"E ouviram uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi cá. E subiram ao céu em uma nuvem; e os seus inimigos os viram."*

As duas testemunhas ouvem, então, uma grande voz do céu chamando-as a subir. E, enquanto seus inimigos fitam-nas atentamente, elas sobem para o céu numa nuvem. O fato de que seus inimigos as observam deixa óbvio de que eles também ouvem a voz. Os que forem deixados para trás, poderão apenas olhar para o céu, como os discípulos fizeram quando da ascensão de Cristo (At 1.11).

Esta ascensão será um testemunho importante. Apesar de os detalhes da morte e da ressurreição das testemunhas serem um pouco diferentes da morte e ressurreição de Jesus, não impedirão os ímpios de evocarem a ressurreição de Cristo (At 1.9-11).

Desde Iluminismo, no século XVIII, muitos vêm negando o sobrenatural e propondo teorias de criticismo bíblico com o objetivo de destruir a Palavra de Deus. Consequentemente, não são poucos os que negam ter Jesus ressuscitado dentre os mortos. Os que forem deixados na terra por ocasião do arrebatamento da Igreja, não serão capazes de negar o fato da ressurreição. Nem poderão ignorar a ascensão em tela, pois as duas testemunhas subirão diante de seus olhos. A ascensão destas conectará a sua ressurreição com a de Cristo, que é a garantia da ressurreição de todos os crentes (Jo 11.25,26; 1 Co 15.3-57).

VIII - O Nome de Deus É Glorifícado (Ap 11.13)

> *"E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram muito atemorizados, e deram glória ao Deus do céu."*

Na "mesma hora", isto é: enquanto se assiste à ascensão das testemunhas, um grande terremoto destrói a décima parte da cidade, matando sete mil pessoas. Isto fará os presentes lembrar- se de mais alguns fatos da ressurreição de Cristo (Mt 28.2). De qualquer forma: todos ficam "aterrorizados". Em seus temores, percebem que a vinda de um julgamento maior é mais que certa. Então, glorificam o "Deus do céu". Este termo é usado por Daniel, e é similar ao "Senhor do Céu" e "Deus Altíssimo".

"Dar glória a Deus" significa adorá-lo, reconhecendo-lhe a majestade, o poder e a força. Neste ponto, pelo menos, o restante das pessoas da cidade reconhecerão que o poder de Deus é maior do que o da besta que veio do abismo. Talvez alguns dos que lhe deram a glória, acabem por se arrepender de seus pecados e a recusar a marca da besta, tornando-se, assim, em mártires (ver Ap 13.15,16). Em todo caso, é claro que o mundo, como um todo, não se arrependerá, pois há de blasfemar-lhe o nome por causas das pragas que se seguirão.

IX - Um Ai a Mais (Ap 11.14)

> *"É passado o segundo ai; eis que o terceiro ai cedo virá."*

João, ou o anjo que lhe falara anteriormente, anuncia que é passado o segundo ai. O terceiro brevemente virá; não imediatamente, mas após um pequeno período de tempo como o texto grego dá a entender. ([8]) De fato, o terceiro ai parece ser a sétima taça da ira de Deus narrada nos capítulos 15 e 16. Nos capítulos 12 e 13, uma série de visões fornecem mais informações acerca dos eventos que hão de suceder no último período da Grande Tribulação.

X - A Sétima Trombeta Motiva os Louvores no Céu (Ap 11.15)

> *"E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre."*

Com a sétima trombeta, vêm as taças da ira de Deus, que hão de ser seguidas pela vitória de Cristo. Quando a trombeta soa, João já se acha de volta ao céu. Sua atitude concentra-se na cena do capítulo quatro. Altas vozes proclamam a vitória: "Os reinos deste mundo têm se tornado de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará como rei para sempre (literalmente "para os séculos dos séculos)". E esta é a forma do grego dizer que o reino nunca há de ter fim: começará com o Milênio e terá continuidade com o novo céu a e nova terra do capítulo 21.

É evidente que a sétima trombeta não é aquela "última trombeta" mencionada por Paulo em 1 Coríntios 15.25, e em 1 Tessalonisenses 4.16, que há de sinalizar o rapto da Igreja.

O alarido da vitória - como se a vitória total e final já fosse realidade - é apenas uma antecipação, pois o terceiro ai está por vir. Assim, o alarido é dado pela fé. Aqueles que estão no céu olham a vitória como algo certo, porque Deus tem lhes garantido que assim será, e por estar Ele no comando de tudo. Eles podem declarar a vitória antecipadamente, dando honra a Deus Pai e a seu Filho.

XI - Os Vinte e Quatro Anciãos Adoram a Deus (Ap 11.16-18)

> *"E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste. E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra."*

João ainda está no céu como no capítulo quatro, onde se menciona por oito vezes os vinte e quatro anciãos, representando Israel e a Igreja, e que se assentam diante de Deus em seus tronos. Em resposta ao grande alarido de vitória, eles caem prostrados diante de Deus e o adoram. Começam sua adoração, cantando, como em Apocalipse 5.9, um hino em ação de graças, reconhecendo Deus como o "Senhor Deus Todo-poderoso".

Ele não é somente Senhor e Mestre. Ele é o Divino Senhor. O grego *Kurios* (Senhor) é usado somente para o nome de Deus declinado no Antigo Testamento: YHWH, cuja pronúncia seja, possivelmente, Iavé. Os escritores modernos combinaram as consoantes deste nome pessoal de Deus com algumas vogais, surgindo erradamente Jeová.

Ele não é somente Deus, mas literalmente "o Deus", isto é, o único Deus verdadeiro, o Deus de todos.

O Senhor Deus não é somente todo-poderoso, mas "o Todo-poderoso". Ele é onipotente. A palavra grega usada, no versículo 17, é emprestada da literatura judaica, incluindo o Antigo e o Novo Testamento. É a tradução dos nomes hebraico dados a Deus: Tsebaoth e Shaddai.

Como Todo-poderoso, Ele é Yahweh Tseboth, o Senhor dos Exércitos. Os exércitos do céu, os anjos, todas as forças do Universo acham-se sob o seu controle. Davi ressalta constantemente ser Deus o Criador do Universo, sendo de fato o Senhor dos Exércitos. O Salmo 24.1 mostra que a terra pertence ao Senhor. O Salmo 24.8 prossegue declarando que Ele é "forte e poderoso, o Senhor poderoso na guerra".

Ele é também El Shadday, o Deus Todo-poderoso e Todo-suficiente. Shadday é um dos nomes mais antigos de Deus; já é encontrado em Gênesis e em Jó. Para Abraão, Isaque e Jacó, Deus fez a si mesmo conhecido desta maneira tão especial: El Shadday. Eles experimentaram seu poder, provisão e suficiência. E nós, como herdeiros da mesma promessa, haveremos também de experimentar este mesmo poder e suficiência (G1 3.24).

Ele é também Eterno; sempre o será. O texto diz "que és, que eras, e que hás de vir". Não há nenhum limite ao seu ser eterno. Alguns manuscritos deixam de fora a expressão "que hás de vir" pelo fato de os antigos olharem para Ele como alguém que já veio e já começou o seu reino.

Ao oferecer a sua adoração, os vinte e quatro anciãos reconhecem ter Deus já iniciado o processo final de implantação de seu reino. O fato de o julgamento já ter começado mostra, de igual modo, que Ele está no trono. A ressurreição das duas testemunhas indica que Ele está no controle de tudo, reinando com todo o poder. Nenhum inimigo será capaz de derrotá-lo. O julgamento que está por vir cumprirá seus propósitos e trará o reino. O próprio Jesus já tem mostrado a si mesmo como Rei. Ele também está no trono! Num certo sentido, já reina sobre a terra. Nenhum homem, nem Satanás, nem o Anticristo, chegará a controlar, de fato, o mundo.

O hino dos vinte e quatro anciãos é também um cântico de vitória antecipado sem levar em consideração os intervalos de tempo que há entre os eventos. Os anciãos veem a ira das nações, assim como Davi profetizou no Salmo 2.1-3. Também veem a ira de Deus como a viram os profetas do Antigo Testamento e os escritores do Novo. Veem de igual modo um tempo de julgamento que terá o seu cumprimento após o Milênio (Ap 20.12- 15). Será também um tempo de recompensa. Os servos sofredores do Senhor serão tanto galardoados como vingados.

Entre os galardoados acham-se os profetas. A recompensa será a salvação que eles mesmos haviam inquirido e "diligentemente buscaram" (1 Pe 1.10,11). Os santos também hão de ser recompensados. Este grupo inclui os dedicados servos de Deus de todos os tempos. Como Hebreus

11.39,40 enfatiza, os santos do Antigo Testamento, embora tivessem alcançado testemunho pela fé, não lograram a promessa. E que Deus estava provendo alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados".

Para enfatizar o fato de que todos os "santos" (isto é, os que, de fato, dão testemunho de serviço e adoração a Deus) estão incluídos nesta bem-aventurança, são eles identificados como aqueles que reverenciam e temem o nome do Senhor. Todos serão recompensados, incluindo os que serão salvos e martirizados durante a Grande Tribulação. O nome do Senhor descreve o caráter, natureza e a pessoa do Supremo Ser. Aqueles que "destroem a terra": Satanás e seus seguidores. Ele é o grande destruidor que está por detrás do pecado, poluindo a atmosfera e destruindo física e espiritualmente o planeta.

XII - Julgamentos Vindos do Templo Celestial (Ap 11.19)

> *"E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca do seu concerto foi vista no seu templo; e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos e grande saraiva."*

Apesar de o templo em Jerusalém ter sido destruído, e não mais existir ao tempo em que João teve as visões de Patmos, o templo celeste jamais sofreu qualquer investida: é eterno e acha- se nas alturas celestes onde está o trono de Deus. Nele encontra- se a arca do testemunho divino. Não se trata da arca do antigo concerto que estava inicialmente no Tabernáculo, e, depois foi levada ao templo de Salomão. Aquele concerto foi quebrado. Jeremias profetizou que, na restauração, aquela arca não seria mais lembrada (Jr 3.16). Apesar das lendas que dizem ter sido a arca preservada, há indícios seguros de ter sido ela destruída quando Nabucodonosor invadiu Jerusalém em 586 a.C. (2 Rs 25.8-10). Quando o templo foi reconstruído, o Santo dos Santos permaneceu vazio até ser novamente deitado por terra em 70 de nossa era. Assim, a arca do templo celestial deve ser uma arca simbolizando o que a Epístola aos Hebreus nos mostra como um novo e melhor testamento, ou concerto, feito através do sangue de Cristo que "ofereceu-se a si mesmo imaculado a Deus" (Hb 9.14; 8.16,12; 9.11-14, 24-28).

Do templo celestial e da arca verdadeira, e portanto da presença de Deus, saem trovões, terremotos e grande saraivada. A menção do terremoto e da saraivada mostra que tais distúrbios caem sobre a terra como uma indicação de que mais julgamentos estão por vir - julgamentos que trarão o fim deste sistema mundial e do governo do Anticristo.

Apocalipse

Capítulo 12

A atenção de João tem-se voltado, até agora, aos eventos que se deram em volta do trono. Mas com a sétima trombeta, introduzindo as sete taças de severos julgamentos (ver comentário em Ap 11.15), verifica-se um interlúdio, onde sete personagens, e quatro conflitos com Satanás, passam a ser mostrados ao evangelista.

I - A Mulher Vestida de Sol (Ap 12.1,2)

> *"E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça. E estava grávida, e com dores de parto, e gritava com ânsias de dar à luz."*

Após o terremoto e a chuva de saraivas, aparece a visão de "um grande sinal", mostrando, em retrospectiva, uma importante verdade. A descrição deste sinal é simbólico, mas, à semelhança dos outros símbolos do Apocalipse, representa uma realidade. O que João vê é uma mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça.

No Salmo 104.1,2, Deus é mostrado como alguém vestido de honra e majestade, coberto de luz como se fora um manto. Cristo também é descrito como o Sol da Justiça, "a luz do mundo" (Ml 4.2; Jo 8.12). "Os que forem sábios, pois, resplandecerão, como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem a justiça, brilharão como as estrelas" (Dn 12.3). A linguagem deste versículo lembra também o segundo sonho de José, onde o Sol era Jacó, a Lua, a esposa, e as doze estrelas, os seus doze filhos (Gn 37.9). Assim, a mulher provavelmente represente Israel (o remanescente fiel), mostrada como uma mãe real (compare com Is 54.1; G1 4.26) tendo domínio sobre algumas coisas (isto é, "a lua sobre seus pés"), e junto aos fiéis das doze tribos, que é a coroa de doze estrelas na cabeça.

A mulher está prestes a dar à luz, e grita com as dores de parto. Israel, isto é, o remanescente fiel que aguarda a vinda do Messias, descobre que esperar o Messias leva-o através de uma história de experiências dolorosas (compare Is 26.17). A preparação à vinda do Messias (isto é, Jesus; ver João 1.6-10) iniciou- se muito antes de Maria ter sido visitada por um anjo. Ela foi simplesmente à última representante de gerações de

piedosas mulheres em Israel, que nutriam a esperança de ser a mãe do Messias.

II - A Aparição do Dragão Vermelho (Ap 12.3)

> *"E viu-se outro sinal no céu; e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas."*

Outro sinal aparece no céu, também cheio de significados simbólicos. Um gigantesco dragão de muitas cabeças e muitos chifres. Este dragão é identificado, no versículo 10, como Satanás. Assim como o cavalo vermelho, em 6.3, significa sangue e morte, também o vermelho deste dragão é uma referência ao fato de Satanás ser um assassino desde o princípio (Jo 8.44).

Pois o conflito entre Satanás e o povo de Deus iniciou-se no Jardim do Éden. Foi lá que a promessa de vitória sobre a serpente foi-nos dada (Gn 3.15).

As "sete cabeças" simbolizam a pretensão de sabedoria, mas na realidade não se trata de sabedoria e, sim, de astúcia diabólica. Os dez chifres mostram que ele alega ter plenitude de poder; uma afirmação falsa: foi-lhe concedido tão-somente algum poder sobre a terra (compare com Daniel 7.7,24). Alguns veem tal poder operando através dos dez reis. As sete coroas significam a plena autoridade divina sobre os reinos da terra, pois ele falsamente reivindica ser "o deus deste mundo" (2 Co 4.4).

III - A Intenção do Dragão (Ap 12,4)

> "E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho."

Com a sua cauda, o dragão arrasta a terça parte das estrelas do céu, e as lança por terra ("arrastar" tem o sentido de puxar com força; o mesmo verbo grego (,suro) aparece em João 21.8: "arrastando a rede", e, em At 14.19, onde se diz que Paulo foi arrastado para fora da cidade, após ter sido apedrejado). Sua ação é idêntica ao do pequeno chifre em Daniel 8.9,10 (Antíodo Epifânio). Alguns creem ser isto uma descrição da rebelião original do anjo Lúcifer (que se tornou Satanás), e dos anjos que ele levou consigo (2 Pe 2.4; Jd 6). ([1]) Outros simplesmente utilizam-se desta passagem para demonstrar o poder satânico. ([2])

Tendo demonstrado toda a sua força, Satanás, como um animal de rapina, coloca-se em frente à mulher que está prestes a dar à luz. Sua

intenção de destruir a criança arrasta-se desde a promessa de Gênesis 3.15, quando soube o que a semente da mulher (a criança) faria a ele. Consequentemente, vem opondo-se a Israel através dos séculos, culminando na tentativa de tirar a vida de Jesus. Herodes, o Grande, por exemplo, ordenou a morte de todos os meninos de dois anos para baixo em Belém e em suas cercanias (Mt 2.16).

IV - O Nascimento e a Ascensão do Filho do Homem (Ap 12.5)

> *"E deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono."*

A mulher dá à luz "um filho homem", literalmente "um filho, um homem". O aposto que se acha entre os substantivos "filho" e "homem" mostra que o sentido é individual e não coletivo, nem uma comunidade e nem a Igreja, embora esta compartilhe de tal vitória.

O filho é identificado como aquele que irá "reger todas as nações com vara de ferro". Em Apocalipse 2.26,27, é-nos dito que Jesus dará, aos vencedores, poder sobre as nações; não somente aos de Tiatira, como também aos que se conservarem fiéis até o fim. Os vencedores também regerão as nações com vara de ferro. Noutras palavras: o pai escolheu a Jesus para reger as nações, esmigalhando-as com vara de ferro. Ele, porém, convidará os vencedores a compartilhar tal vitória com Ele. O Salmo 2 também deixa claro que Jesus é, primariamente, aquEle a quem Deus reconhece publicamente como seu Filho e, por isso, dá-lhe poder sobre as nações (Ap 19.15).

Embora Satanás tente impedir a consecução deste plano, será ele eliminado para sempre pelo Filho (Jesus) que venceu e subiu aos céus. Alguns se perguntam por que a vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus não fazem parte desta visão. E que o tema desta não é a salvação, e sim os julgamentos que estão por vir. A menção da vara de ferro deixa isto claro. Este mesmo julgamento é mostrado em Daniel dois, onde a grande estátua de cabeça de ouro é esmigalhada. Tal julgamento é mais que certo, por ter Jesus subido aos céus e achar-se, agora, entronizado à direita do pai, esperando o tempo em que seus inimigos hão de ser postos por estrado de seus pés (Hb 10.13).

V - A Fuga da Mulher para o Deserto (Ap 12.6)

> *"E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias."*

Primeiro João viu a mulher e o dragão como o grande sinal no céu. Contudo, o nascimento da criança deu-se na terra. E a criança é arrebatada ao trono de Deus. Quanto à mulher, é vista sobre a terra. Assim como o Antigo Testamento constantemente pula da primeira à segunda vinda de Cristo, assim também ocorre com o Apocalipse. No fim dos tempos, a mulher "foge para o deserto". Aqui, tem ela um lugar que lhe preparou Deus. Nele, será cuidada por 1260 dias, ou três anos e meio; parece ser uma referência à última parte da Grande Tribulação, quando os mais severos julgamentos estarão caindo sobre a terra. A repetição deste número no Apocalipse é uma indicação de que este tempo é para ser interpretado de forma literal e não simbólica.

Alguns explicam que o "deserto" é um símbolo das nações do mundo. Todavia, a menção de que o lugar já havia sido previamente preparado à mulher, indica alguma coisa mais específica. Desse modo, alguns destacam que, em Daniel 11.41, Edom, Moabe e Amon (a atual Jordânia) escaparão da destruição no final dos tempos. Isaías fala de forma similar de Selá, capital de Edom (a atual Petra), e Moabe (Is 16.1-5). Os edomitas pensavam que Selá fosse inexpugnável, porém Obadias (Ap v.4) profetizou que Deus a deitaria por terra. Os árabes tornaram a fazer de Selá uma fortaleza, mas os Romanos a conquistaram. Hoje, aquela civilização é só ruína. Dessa forma, esse poderia ser o lugar de que fala o autor sagrado. O mais importante, todavia, não é a sua localização, mas o fato de que, onde quer que se encontre tal lugar, o próprio Deus é que se encarregará de sua preparação para que a mulher (Israel) seja alimentada e protegida.

VI - Guerra no Céu (Ap 12.7,8)

> *"E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos; mas não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus".*

Agora a cena volta-se para o céu, para a grande batalha entre Miguel (cujo nome significa "quem é como Deus?") e seus anjos de um lado, e o dragão e os seus anjos de outro. Miguel é chamado de "arcanjo" ou "anjo chefe" por Judas (v.9). Algumas tradições antigas dizem que havia quatro arcanjos, e outras falavam em sete. A Bíblia, contudo, identifica somente um: Miguel.

A batalha é o esforço supremo e último de Satanás para derrotar os anjos de Deus, e inutilizar-lhe o plano. Por enquanto, vêm Satanás e seus demônios exercendo sua autoridade sobre o mundo espiritual, esferas de influência e governantes que jazem nas trevas do pecado (Ef 6.12). Mas as pretensões do adversário não conhecem limite. O original grego, porém,

indica que o ataque será iniciado pelo arcanjo Miguel. As forças da justiça estão em ação. O domínio de Satanás está chegando ao fim.

O dragão é incapaz de vencer o conflito com o céu. Ele tem poder, mas não pode ser comparado a Miguel. Resultado: qualquer que tenha sido o acesso de Satanás e seus anjos ao céu, este não estará mais disponível, pois "nem mais se achou no céu o lugar deles" (v.8). Encorajemo-nos: Satanás já um inimigo derrotado.

VII - Satanás é Lançado à Terra (Ap 12.9)

> *"E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele."*

Agora, o dragão é claramente definido. Ele é "a antiga serpente" por haver tentado Eva no jardim do Éden. É também chamado "diabo e Satanás". Ele é o caluniador e nosso adversário (ver 1 Pe 5.8). É também identificado como o "enganador de todo o mundo". Começou suas trapaças com Eva, e ainda tenta enganar tanto o mundo como a Igreja (2 Co 11.3). Mas quando Miguel e seus anjos o derrotarem, ele será lançado à terra juntamente com todos os seus anjos para enfernizar com mais intensidade e fúria a humanidade, pois o seu tempo é curto.

Quando os setenta discípulos retornaram a Jesus, e contaram-lhe que até mesmo os demônios se lhes submetiam, viu o Mestre que tais vitórias eram uma antecipação de uma vitória maior. A vitória de Miguel e seus anjos, todavia, não é a derrota final de Satanás. Apesar de não mais ser capaz de entrar nas regiões celestiais, o adversário ainda terá poder sobre a terra. Seu tempo, porém, é curto. Assim que o julgamento se completar, ele será amarrado e lançado no abismo. A terra estará livre de suas tentações e dos seus ardis e planos maléficos por mil anos (Ap 20.1-3).

VIII - Alegria no Céu (Ap 12.10)

> *"E ouvi urna grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite".*

Após a expulsão de Satanás e seus anjos, João, ainda no céu, ouve uma grande voz procedente dos que haviam sido tentados por Satanás. Bem pode ser a voz do povo de Deus que lá já estava, ou talvez a dos vinte e quatro anciãos. De uma forma ou de outra, a expulsão de Satanás leva-os a se regozijarem: a vitória final brevemente virá.

Até aqui, "o acusador dos nossos irmãos" os havia injuriado diante de Deus continuamente. Temos um exemplo disto nos primeiros dois capítulos de Jó, onde Satanás acusa o patriarca de servir a Deus unicamente para obter vantagens pessoais. Zacarias 3.1-5 mostra Satanás acusando Josué, o sumo sacerdote dos judeus que haviam retornado de Babilônia. Satanás caluniou cada um deles, alegando que seus pecados eram impuros demais para que pudessem ser perdoados. Contudo, as acusações agora chegaram ao fim.

Após esta batalha, Satanás é expulso dos céus. Esta vitória é uma certeza de que nada poderá obstruir a concretização dos planos divinos. Embora algumas coisas ainda devam acontecer antes que a terra veja Jesus cumprir completamente o seu plano, a vitória é certa. As declarações que vemos, nesta passagem, são uma antecipação do estabelecimento do reino de Deus neste mundo.

IX- O Segredo da Vitória (Ap 12.11)

> *"E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte."*

O versículo 11 declara-nos que "os irmãos" (os crentes, tanto homens como mulheres) não são derrotados por seu "acusador". Eles conheciam o segredo da vitória: o sangue de Cordeiro. Este sangue tem poder para derrotar o adversário e inutilizar-lhe as acusações. Isto compreende também cada vitória obtida sobre ele no decorrer dos séculos, e a vitória final. Os crentes são vitoriosos porque Jesus derramou seu sangue, e deu sua vida por nós na cruz. A crucificação e a ressurreição são a causa da grande derrota de Satanás. Temos a garantia de sermos vitoriosos agora e no futuro, quando ressuscitarmos e entrarmos nas alegrias do reino que nos foi preparado pelo Pai (Mt 25.34).

Estes crentes são vitoriosos sobre Satanás "por causa da palavra do seu testemunho". Eles não permitiram que coisa alguma, ou pessoa, os impedisse de falar de Cristo. Estavam determinados a servir a Jesus não importando qual o preço a pagar; sua fé foi maior que o seu temor diante da morte, "pois eles não tinham suas vidas por preciosas".

X - Alegria no Céu, Julgamento na Terra (Ap 12.12)

> *"Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo."*

Devido ao fato de Satanás ter sido expulso das regiões celestiais, a mesma voz (v.10) convoca o céu e seus habitantes (incluindo todos os que se acham em volta do trono) a se alegrarem. A palavra grega para "habitar" significa que os habitantes do céu estão "tabernaculando-se" lá, onde Deus tem seu santuário (Ap 13.6).

Tendo em vista a vitória de Miguel e seus anjos, o céu nunca mais escutará as acusações de Satanás contra o povo de Deus. Os habitantes do céu devem se alegrar também porque o esplendor do governo de Deus e da autoridade de Cristo são manifestos naquela vitória. Isto significa também que Cristo, agora, ao invés de desempenhar seu papel de nosso advogado diante de Deus (1 Jo 2.1), está aguardando que o Pai coloque seus inimigos por estrado de seus pés, dando-lhe condições, assim, para o estabelecimento do reino milenial.

Em contraste com a alegria do céu, a voz prevê lamentações sobre a terra por causa da queda de Satanás. Ninguém sobre a terra, ou mar, será poupado. Satanás, o adversário caluniador, descerá com grande ira, não somente por ter sido expulso do céu, mas também por saber que lhe resta pouco tempo. Ou seja: está consciente de sua condenação final, não porque possa prever o futuro, mas em virtude do conhecimento que tem das profecias da Bíblia. E ele sabe que a Palavra de Deus é infalível.

Rebelde como é, Satanás continuará suas atividades no tempo que lhe resta até o término do período da Grande Tribulação. Ele estará ativo por detrás das ações do Anticristo e do falso profeta. Mas Deus trará sobre a terra mais julgamentos, derramando sua ira sobre um mundo que se acha rebelado contra Ele.

XI - O Dragão Persegue a Mulher (Ap 12.13)

> *"E, quando o dragão viu que fora lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o varão."*

Assim que Satanás se vê banido do céu, volta-se à terra cheio de ira, intensificando seu conflito com a mulher que dera luz ao "filho varão". A razão pela qual Satanás continua a perseguir a "mulher", isto é: Israel, é devido a inimizade e aversão que ele nutre por seu filho, o Messias, o Ungido Filho de Deus.

O povo judeu conhece muito bem o que é perseguição, mas o pior ainda está por vir. Muitos veem este versículo como o tempo para o cumprimento da angústia de Jacó, como profetizado em Jeremias 30.7.

XII - A Mulher é Protegida e Alimentada (Ap 12.14)

> *"E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente."*

Deus não esquece seu povo que está sendo perseguido. Satanás não será capaz de impedir que a mulher alcance o lugar que Deus lhe tem preparado no deserto, (v.6) Ela recebe "asas de uma grande águia" para que possa fugir para esse local, onde será alimentada por "um tempo, tempos, e metade de um tempo", ou seja: por três anos e meio.

O Apocalipse ainda está usando a linguagem e a tipologia do Antigo Testamento. As "duas asas de uma grande águia" reflete a figura usada em Êxodo 19.4, onde Deus assim consolou a Israel: "Levei-vos sobre asas de águia e trouxe-vos a mim". As asas de águia são símbolos do poder pelo qual Deus quebrou o poderio do Egito, destruindo-lhe o exército para libertar os hebreus (Dt 32.10,11; Is 40.31). O que as asas, ou a própria águia, significa pode ser algo controvertido. Contudo, qualquer que seja o seu real significado é evidente que Deus protegerá e preservará o remanescente fiel de seu povo. Pode ser que Zacarias 13.8, seja uma referência a Israel. Se assim for, indica que dois terços de Israel, que ainda estarão na terra, hão de perecer. Foi por isso que Jesus exortou o povo da Judéia a fugir às montanhas (Mt 24.16).

O fato de a mulher ser "sustentada" (alimentada) por Deus, talvez signifique que Ele providenciar-lhe-á alimentação sobrenatural, como o fez durante a caminhada dos israelitas em direção a Canaã (Êx 16.35), ou com Elias no ribeiro de Cedron (1 Rs 17.6).

A repetição da informação dada no versículo seis, mostra que o conteúdo dos versículos sete a 13 deve vir entre parênteses. Como naqueles dias o parêntese não era conhecido como hoje, João viu-se obrigado a usar a repetição para mostrar que o versículo 14 continua e é um reforço do seis. No lugar que Deus lhe havia preparado, a mulher estará segura contra os ataques da serpente. Satanás, que a vem perseguindo, atacando e causando-lhe tantos transtornos através dos séculos, não será capaz de causar-lhe qualquer dano.

A expressão "tempo, tempos, e metade de um tempo" antecipa a aparição do Anticristo como a besta que sai do mar, e que será vista no próximo capítulo. De acordo com a linguagem de Daniel (Dn 12.7), neste período terá o Anticristo domínio sobre a terra. Mas Israel escapará (Dn 7.25). O derradeiro esforço contra Israel há de ser em vão.

XIII - A Terra Ajuda a Mulher (Ap 12.15,16)

> *"E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatar. E a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a sua boca, e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca."*

Quando a serpente vê a mulher fugindo, persegue-a com um dilúvio que sai de sua boca, como um rio, com a intenção de destruí-la. Pensam alguns que este rio será uma enchente literal causada em pleno deserto com o objetivo de afogar o remanescente fiel. Isto será difícil de acontecer caso os montes e vales sejam os de Moabe e Edom (v.6).

O que podemos observar é que o dragão, ou serpente, tem sido claramente identificado, no versículo nove, como Satanás (ver comentário). O "dragão" é simbólico; sua boca e a água que dela procede são igualmente simbólicas. Há os que dizem ser o rio uma enchente de falsos ensinamentos, um rio de mentiras, vindo direto do coração e da mente de Satanás (compare 2 Ts 2.9-11). ([3])

Há ainda os que destacam o uso figurativo de "enchente" em Jeremias 46.8 (e outras passagens), como que representando um exército. Se o que João está descrevendo, acontecer quando o Anticristo quebrar a sua aliança com Israel (Dn 4.27), será muito mais lógico esperar que o diabo mande um grande exército atrás do remanescente fiel, à semelhança do que fez Faraó quando da partida dos israelitas do Egito.

A tentativa de Satanás de destruir a mulher com um dilúvio fracassa, porque "a terra abriu a boca e engoliu o rio". A linguagem, aqui, é idêntica a Números 16.32, onde lemos acerca do castigo que Deus infringiu a Coré e a seus seguidores por terem se rebelado contra Moisés e Arão. A terra abriu a sua boca e os engoliu; o mesmo se dará neste caso.

Outras passagens enfatizam o evento como um ato exclusivo de Deus apesar do meio usado (Nm 26.10; Dt 11.6,7; SI 106.17). Podemos ver, pois, que Deus é o agente que leva a terra a engolir o rio que saiu da boca do dragão.

XIV - O Dragão Guerreia Contra o Remanescente Fiel (Ap 12.17)

> *"E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo."*

Ao ver sua tentativa de matar a mulher, fracassada, e ao perceber que não lhe pode causar nenhum dano, o dragão vai atrás do "restante da sua descendência", identificada como aqueles que continuamente "guardam os

mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus". Isto indica que os israelitas que aceitarem a Cristo como seu Messias, Salvador e Senhor durante esse período, serão duramente perseguidos por Satanás. Eles são o remanescente fiel que hão de ser adicionados ao número de mártires durante a Grande Tribulação.

Apocalipse

Capítulo 13

O capítulo 13 é ainda parte do intervalo entre as sete trombetas e os sete selos. Nele, começam a ser narrados os conflitos com os prepostos de Satanás: o Anticristo e o Falso Profeta.

I - A Besta que Surgiu do Mar (Ap 13.1,2)

> *"E eu pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia. E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio."*

Alguns manuscritos antigos trazem "eu me coloquei", dando a entender que João se encontrava sobre a areia do mar. Tal expressão indicaria uma mudança em sua localização, conectando a frase com 13.1, e fazendo desta sentença uma parte do versículo em tela, como é visto na maioria das versões. Todavia, outros manuscritos, também antigos, assim vertem o texto: "Ele se colocou" referindo-se à serpente que se posta sobre a areia do mar, antecipando-se ao que está prestes a acontecer. Talvez numa referência à guerra que fará ao resto da semente da mulher. Consequentemente, a maioria dos Novos Testamentos gregos consideram a sentença como parte do último versículo do capítulo 12.

Enquanto está, ou à beira do mar, ou ainda no céu, João tem uma visão, na qual vê uma "besta", ou animal selvagem, que se levanta do mar. O fato de ter se levantado implica que a fonte de seu poder e reinado acha-se em baixo, não nos céus. O "mar" simboliza os povos, ou nações do mundo (compare Ap 17.15). A besta representa o Anticristo e seu governo, o mesmo governo que é mostrado pelo pequeno chifre de Daniel 7.8, 24,25, e que, aqui, aparece como o último dos governadores humanos. Esta besta, como o grande dragão vermelho de 12.3, tinha sete cabeças e dez chifres. Contudo, em vez das cabeças serem coroadas, os chifres é que o são. E sobre a sua cabeça estava escrito um nome de blasfêmia.

O nome de blasfêmia não é revelado, mas com certeza implica num título de divindade a ser concedido à besta. Esta fará questão de que o povo pense serem divinos sua natureza e planos. Apesar de João não usar o nome "Anticristo", o grego anti primariamente significa "em vez de". Ele buscará

ser o substituto satânico daquEle que foi por Deus ungido. Noutras palavras: o Anticristo não admitirá ser ele o Anticristo. Clamará ser o Cristo real, o fidedigno cumprimento das profecias que apontam para o rei que está vindo para implantar o seu reino. Entre outras coisas, há de proclamar: "Eu sou o cumprimento de uma longa lista de ungidos, incluindo Buda, Maomé e os fundadores de todas as outras religiões".

A descrição que João faz da besta é estranha e terrível. Ela aparenta ter o corpo de leopardo; a boca com que fala é como a de leão; seus pés lembram as patas do urso. Evoca-nos ela as quatro bestas do sonho de Daniel (Dn 7), exceto quanto à ordem que é invertida. A besta parece representar não somente o reinado do Anticristo, mas o próprio Anticristo. Representa uma pessoa real e terrível, cheia de crueldade e poder destrutivo; em nada difere de um animal selvagem. Seu propósito é aglutinar todo o poder religioso, econômico e político sobre todo o mundo durante o período da Grande Tribulação (Dn 7.4-6; 8.25; 9.27; Ap 17.13).

O dragão, isto é, Satanás está preparado para a chegada da besta. Ele lhe dará poder, autoridade e domínio. Desta forma, a besta torna-se o representante de Satanás na terra, fazendo seu trabalho e proporcionando uma nova capa ao domínio do adversário sobre a terra.

II - Uma Aparente Morte e Ressurreição (Ap 13.3)

> *"E vi uma de suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta."*

Parece que Deus permitirá a Satanás fazer um simulacro da ressurreição de Cristo. Uma das cabeças da besta será mortalmente ferida, ou pelo menos dará a entender ter isto ocorrido. As pessoas, então, serão levadas a pensar ter a besta de fato morrido. Mas sua ferida mortal é curada. Assim, o mundo todo se há de maravilhar, espantar-se e encher-se de admiração, começando a seguir cegamente besta. Eles a adorarão e a venerarão.

Alguns escritores tentam aplicar este quadro a Nero que, segundo ensinam, embora tenha cometido suicídio, voltará a viver. ([1]) Contudo, não há evidência de que o apóstolo João, ou algum dos cristãos primitivos, haja crido que Nero há de ressuscitar. O imperador romano foi para o lugar do qual não há retorno (Lc 16.26 diz isto). Outros tem tentado identificar a besta com o papa, ou com o sistema papal. Mas esta visão refere-se aos fins dos tempos, onde o Anticristo está por se levantar, quando a Igreja já não estiver mais aqui. A Segunda Epístola de Paulo aos Tessalonicenses mostra que a revelação do Anticristo dar-se-á logo no início do no período da Grande Tribulação (2 Ts 2.3-12).

Deus revelou ao apóstolo Paulo que a vinda do Anticristo seria "segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios da mentira (2 Ts 2.4).

Embora seja poderoso, Satanás não tem o poder de dar a vida. Somente Deus pode fazê-lo. Mas como Satanás é mentiroso, sendo a origem e o promotor de todas as mentiras (Jo 8.44), tudo o que faz é saturado de enganos e embustes. Seus propósitos são falsos. Seus métodos são errados. Mas ele usará destes milagres, maravilhas e prodígios aparentes e falsos para atrair a atenção de todos. Consequentemente, os que não lhe conhecem as artimanhas, estarão sentenciados a pensar que a sua vinda ("paurosia") seja, realmente, algo sobrenatural.

Na Segunda Epístola aos Tessalonicenses, Paulo deixa claro que, os envolvidos pelos milagres enganosos de Satanás, são justamente os que se deixam levar por todos os tipos de perversões e mentiras (2 Ts 2.14). Sim, especialmente os enganos e seduções que geram pecado, (Hb 3.13), incluindo a procura por riquezas (Mt 13.22), prazeres carnais e todo tipo de desejos mundanos (Ef 4.22). Como resultado, os falsos milagres de Satanás terão grande efeito sobre os que já estão perdidos, desviados, longe do caminho e se dirigem à destruição (Mt 7.13).

Satanás vem induzindo muitos a crer que a homossexualidade, o sexo pré-conjugal, o aborto, o adultério e muitos outros pecados são normais e até convenientes como modelo de vida. A Bíblia adverte que, os que praticam tais coisas, não herdarão o Reino de Deus (G1 5.19-21). Os que dão ouvidos às mentiras de Satanás, hoje, tornar-se-ão presas fáceis dos enganosos milagres no final dos tempos, que terão como única finalidade fazer com que o mundo creia que o Anticristo seja, de fato, o Cristo que adoramos. Os tais ficarão maravilhados e o aclamarão como digno de adoração.

III - A Adoração a Satanás (Ap 13.4)

"E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem poderá batalhar contra ela?"

A adoração a Satanás será feita através da besta. Mas os seus adoradores não desconfiarão que o poder e a autoridade da besta vêm do dragão. De uma forma ou de outra, estarão completamente envolvidos com o poder das trevas. Ainda que suas palavras de adoração não mencionem Satanás, fazem alusão à besta: "Quem é como a besta?" Tal expressão é similar ao côro de Israel e dos profetas do Antigo Testamento, que exclamaram: "Quem é como o Senhor?" (Êx 15.11; Mq 7.18). Ou seja: o povo não estará simplesmente adorando a besta, mas fazendo dela o seu

deus supremo. Mostrarão, assim, serem filhos espirituais de Satanás (Jo 8.44; 1 Jo 3.10).

Ao exclamarem: "Quem é capaz de guerrear contra a besta?" ou "Quem é capaz de batalhar contra ela e vencê-la?" mostra que os tais adoradores creem ser a besta não somente invencível mas maior do que qualquer outro deus. Mas, em contraste com Israel e os profetas que reconheciam a santidade e a misericórdia do Senhor, enquanto o adoravam, o mundo reconhece somente o poder material e a força bruta do Anticristo. É provável também que as pessoas sejam cativadas por sua personalidade e aparente sabedoria e habilidade.

IV - Um Ditador Mundial Blasfemo (Ap 13.5,6)

> *"E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias, e deu-se-lhe poder para continuar por quarenta e dois meses. E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu."*

Dar a alguém "uma boca" significa conceder-lhe desenvoltura e eloquência. A besta usa esta eloquência a fim de proferir palavras de blasfêmia contra Deus. O poder e a autoridade que lhe foram entregues, porém, têm um limite: quarenta e dois meses. Este tempo compreenderá os últimos três anos e meio da tribulação. O Anticristo possuirá muito poder no início da septuagésima semana, fará uma aliança com Israel, e terá o controle sobre dez nações (Dn 7.24; 9.27). Mas no meio dos sete anos, quebrará o concerto, exigirá adoração e assumirá o controle sobre todas as nações do mundo. Reinará, então, por três anos e meio até que Jesus volte novamente como uma chama ardente e em triunfo como no-lo descrevem 2 Tessalonisenses 1 e Apocalipse 19.

Em Daniel 7.8,20,25, há a descrição de um pequeno chifre que, eventualmente, se levantará das quatro bestas que representam o Anticristo. Ele tem "olhos como olhos de homens, e uma boca que fala grandes coisas". É explicado a Daniel que este pequeno chifre fala grandes coisas contra o Altíssimo, e fará guerra contra os seus santos.

A besta é dada uma boca para dizer grandes coisas. A eloquência não é sua; provém do dragão (o próprio Satanás), que se acha atrás de todo este processo. As blasfêmias que a besta profere são dirigidas "contra Deus... seu nome, e seu tabernáculo" e contra os que habitam nos céus.

As blasfêmias da besta não se constituem necessariamente de maldições ou linguagem vulgar. O que ela faz é difamar Deus, negando-lhe a glória, a autoridade, o poder e o governo. Como os agentes de Satanás nas igrejas liberais e universidades, a besta indubitavelmente também negará as

verdades da palavra de Deus, e rejeitará sua inspiração, infalibilidade e autoridade.

Blasfemar o nome de Deus significa que falará contra a natureza e o caráter de Deus. Negará a santidade do Altíssimo, sua justiça, fidelidade, amor, misericórdia e graça.

Blasfemar contra o tabernáculo celestial significa negar que Deus esteja manifestando sua glória no Santo dos Santos celestial. Significa também negar que o sangue de Cristo tenha sido apresentado diante de Deus uma única vez por todas, como sacrifício completo por nossos pecados, sendo algo necessário para garantir-nos o perdão de nossos pecados e a salvação de nossas almas.

Blasfemar "dos que habitam nos céus" significa que a besta difamará os santos de todos os tempos bem como dos mártires que tiverem sido mortos por terem se recusado a receber-lhe a marca e prestar-lhe adoração. Ela zomba dos que têm fé em Deus, e de sua dedicação ao serviço de Cristo. Menospreza-lhe as boas obras, considerando-as irrelevantes.

Esta blasfêmia é o clímax das blasfêmias inspiradas pelo espírito do Anticristo que já opera no mundo. A primeira e a segunda epístolas de João não negam a existência de um futuro anticristo. Mas reconhecem existirem muitos anticristos no mundo, todos eles ensinando que Jesus não se manifestou em carne. São contra estes anticristos que os cristãos têm de estar atentos. Entre os tais, acham-se todos os heréticos e liberais, pois deliberadamente negam o que a Bíblia revela sobre Cristo.

V - Conquista e Autoridade (Ap 13.7)

> *"Efoi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação."*

É dada também à besta permissão para guerrear contra os santos e vencê-los. E, de fato, ela chega a derrotar os que são fiéis a Cristo. O que o Anticristo não imagina é que o martírio destes santos é o meio de eles chegarem à presença do Senhor nos céus.

Poder e autoridade são outorgados igualmente à besta sobre "toda tribo, língua e nação". Observemos que a besta não age com base em sua própria autoridade. O Anticristo somente executará o que lhe for permitido executar. Coloca-se, assim, como o principal agente de Satanás na execução de seus planos. Mas devemos reconhecer ainda que Satanás irá somente até onde Deus permitir. Em última instância: Deus é quem tem a palavra final. A permissão vem de Deus, que permanece acima da besta e do dragão e de todas as manifestações do mal.

A autoridade e o governo da besta são aumentados. Além das dez nações, controla ela, agora, o mundo todo. Tendo como base Daniel 7.3-8,

19-25; 11.45; 26.6,7, é evidente que o Anticristo terá o controle de todas as nações no princípio dos últimos três anos e meio da Grande Tribulação.
Daniel 7.21 também faz referência ao modo como o Anticristo tratará os santos. Ele há de "prevalecer contra estes", dando a entender que os matará. Neste caso específico, santos são os que rejeitaram a nova religião controlada e popularizada pelo Anticristo. Permanecem fiéis à Palavra de Deus e ao Senhor Jesus Cristo a ponto de suportarem a perseguição e a própria morte. A besta os vencerá, mas isto não significa que a sua fé será destruída. Pelo contrário: a maioria deles, ou todos, reunir-se-á aos mártires. Eles, por conseguinte, é que são os reais vencedores; sua recompensa será grande.

VI - A Adoração à Besta (Ap 13.8)

> *"E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo."*

Agora já está esclarecido quem adorará a besta: todo aquele cujo nome não está escrito no livro da vida do Cordeiro! Satanás sempre procurou adoração. No deserto, tentou Jesus a dobrar-se diante dele para adorá-lo. Mas o Senhor Jesus saiu-se vitorioso (Mt 4.8-10). Mas durante a última parte da tribulação, todo o mundo, livre e espontaneamente, adorará a besta. Através dela, o próprio Satanás. Chegarão a crer que a besta é maior que o Deus verdadeiro.

A forma sintática grega ensina-nos que a frase "antes da fundação do mundo" não se refere ao registro dos nomes em si, mas ao sacrifício expiatório de Cristo. João reconhece ter sido a morte de Jesus, no Calvário, como o Cordeiro de Deus pelos pecados do mundo, um fato previsto nos planos de Deus antes mesmo da criação do mundo (Gn 3.15; 1 Pe 1.18-20). Somente através dEle é que podemos ter a vida eterna e o nome escrito no livro da vida. Deste modo, os santos são os que confiam em Jesus. Incluem-se nesta lista os israelitas que receberem a Jesus Cristo como seu Messias e Salvador.

VII - Uma Advertência e Uma Certeza (Ap 13.9,10)

> *"Se alguém tem ouvidos, ouça. Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a paciência e a fé dos santos."*

O versículo nove parece um elo entre as declarações de Jesus no capítulo dois de Apocalipse e as exortações encontradas nos evangelhos

(Mt 11.15; Mc 4.23). Este versículo enfatiza a importância das palavras que se seguem. O que está sendo dito não tem a intenção de satisfazer-nos a curiosidade, nem é escrito somente para o benefício daqueles que viverão nos finais dos tempos. É uma advertência a toda a Igreja; é um encorajamento a todo aquele que atravessa problemas difíceis.

Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá. Talvez alguém pense que de uma maneira, ou de outra, escapará do julgamento divino, mas não escapará. Alguém que mata à espada, à espada será morto (Mt 26.52). A lei da semeadura e da ceifa não foi revogada. As forças de Satanás e da besta não serão capazes de escapar a seus efeitos. Os agentes do Anticristo que capturam e matam os que se recusam a receber o sinal da besta, serão de igual modo derrotados. Como Apocalipse 19.15 mostra, há uma espada maior, a espada do Espírito, a espada da palavra viva de Deus. Jesus destruirá o Anticristo e todo o seu exército com a espada da sua boca. Basta que Ele fale, e a vitória final já é uma realidade. Os santos são relembrados. São reconfortados a suportar com paciência e firmeza. São encorajados em sua fé e confiança no Senhor (Ap 14.12).

Alguns manuscritos trazem a seguinte versão: "Se alguém promover o cativeiro, em cativeiro irá; e todo aquele que é para ser morto à espada, à espada será morto".

A palavra (v.10) é enfática. Mostra o julgamento extremo da fé e da perseverança dos santos que estiverem vivendo sob a Grande Tribulação. Não devem eles, por conseguinte, pegar da espada para defender a si próprios. Antes, têm de mostrar sua paciência e fé. Devem submeter-se, pois o período do Anticristo será curto. Além do mais, reinarão com Jesus eternamente.

VIII - A Segunda Besta que se Levanta da Terra (Ap 13.11,12)

> *"E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão. E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada."*

A primeira besta levantou-se do mar (isto é, das nações do mundo). Agora, a segunda besta há de se levantar da terra. Está claro, pois, que não vem do céu, apesar de sua proclamação e da ostentação que faz de seus poderes sobrenaturais. E "uma outra" besta; ou seja: é do mesmo tipo que a primeira. Sua aparência de cordeiro contrasta com suas palavras, pois fala "como dragão".

Ela procura dar a impressão de ser um cordeiro - gentil e cuidadoso, cheio de amor. Mas tudo não passa de encenação. Ela é má. Suas palavras, embora convincentes, são enganosas. Faz parte do trio diabólico, que é uma

imitação da trindade. A verdadeira Trindade é uma tri-unidade composta por três pessoas divinas num único Ser Eterno. Este trio, porém, é constituído de seres separados; formam uma unidade somente nos planos satânicos.

A segunda besta exercerá toda a autoridade e poder diante da primeira besta. Isto significa que o dragão, o próprio Satanás, é também a fonte de poder da segunda besta.

Com seu poder, ela ajudará a primeira besta. Forçará a terra e todos os seus habitantes a adorá-la, mostrando como aquela ferida mortal foi curada. Fica claro, pois, que não somente a sua cabeça, mas todo o seu corpo achava-se mortalmente ferido. Todavia, foi esta restaurada. (Ver comentário no versículo 3). Observamos que a preocupação da segunda besta será com a religião; ela é, portanto, identificada como o Falso Profeta (16.13; 19.20; 20.10).

Alguns creem que o Falso Profeta estará à frente da igreja apóstata durante a primeira parte da Grande Tribulação (os verdadeiros crentes já terão sido arrebatados para o encontro com Senhor Jesus nos ares). Assim, o Falso Profeta tornar-se-á o líder do sistema religioso mundial que o Anticristo estabelecerá na última parte da Grande Tribulação. Ao glorificar a besta e a sua falsa ressurreição, o Falso Profeta imita o Espírito Santo, cuja missão é, entre outras coisas, glorificar o Cristo ressuscitado.

IX - Milagres Enganosos e Falsos (Ap 13.13-15)

> *"E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia. E foi- lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta."*

A segunda besta, o falso profeta, opera muitos sinais e milagres ("sinais" no versículo 13 é a tradução da mesma palavra grega (semeia) usada no Evangelho de João para descrever os milagres de Jesus). Na presença dos povos, o falso profeta faz até com que fogo, aparentemente vindo do céu, caia na terra. Trata-se de uma imitação clara do milagre realizado por Elias ao desafiar os israelitas a decidirem entre o Senhor e Baal. Apesar dos sacerdotes de Baal não puderem realizar o prodígio (1 Rs 18.22-34), o Falso Profeta, através do poder de Satanás, o fará. Todos ficarão impressionados. Até mesmo nesta era tão científica, há pessoas

ingênuas dispostas a seguir os falsos profetas; são enganadas pelos milagres que não têm por objetivo a glorificação de Deus.

Os pretensos milagres do Falso Profeta têm por objetivo enganar a humanidade (1 Ts 2.9-12). Mas Israel é advertido em Deuteronômio 13.1-3 a precaver-se contra os profetas que, apesar dos sinais e milagres que operam, levam o povo a desviar-se do verdadeiro Deus. Os tais devem ser considerados impostores.

Pois os verdadeiros profetas falam por Deus, e encorajam o povo a servi-lo e a adorar a Cristo.

Pode ser que o Falso Profeta tente criar uma igreja ecumênica, aglutinando todas as religiões numa só, fazendo com que todos adorem o Anticristo. Seus pretensos milagres serão uma imitação dos sinais e portentos bíblicos; constituir-se-ão numa tentativa de copiar o ministério do Espírito Santo (ver comentário no versículo três).

Com os seus falsos sinais e milagres, a segunda besta confundirá os habitante da terra (isto é, os incrédulos que forem aqui deixados). Estes, afinal, já se encontram no caminho largo da destruição por rejeitarem o Cordeiro de Deus. Jesus advertiu que falsos profetas e falsos cristos levantar-se-iam no final dos tempos (Mt 24.24). O Anticristo e o Falso Profeta representam o clímax de todos estes enganos. As pessoas, contudo, não conseguirão enxergar que os milagres do Falso Profeta são enganosos. Hão de aceitá-los como prova de que a besta é o Cristo verdadeiro.

Na realidade, o Falso Profeta persuade a todos a dedicar uma estátua ao Anticristo - a besta que sobreviveu a ferida mortal. Tal estátua será como a idealizada por Nabucodonosor visando a adoração de si mesmo (Dn 3.1). A estátua, ao que parece, será colocada no templo a ser reconstruído em Jerusalém (Dn 9.26; Mt 24.15; 2 Ts 2.4). Consequentemente, ela tornar-se-á num ponto central de adoração à Besta.

Ao Falso Profeta é dado poder para comunicar vida à estátua da besta. O termo grego *pneuma* que pode ser usado como referência a qualquer tipo de espírito. Que tipo de trapaça, ou fraude, capacitou a besta a realizar tal portento, a Bíblia não revela. Talvez o Falso Profeta tenha ordenado ao espírito demoníaco que animasse a estátua. Ao fazê-lo, o Falso Profeta reivindica poder divino para si mesmo e à primeira besta - o Anticristo. Este é um dos seus maiores enganos. A Bíblia deixa claro que somente Deus pode criar e dar a vida. O verbo hebraico bara, "criar", é sempre mostrado na Bíblia em estreito relacionamento com Deus. De diversas formas a Bíblia proclama o Senhor Deus tanto Criador como Redentor.

Através deste "espírito" a estátua da besta põe-se a falar, induzindo a humanidade a crer que o Anticristo seja realmente um ser divino. A estátua da besta, então, baixa um decreto, determinando que sejam mortos os que se recusarem a adorar o Anticristo. Isto reforçará a exigência do Falso

Profeta quanto a uma religião única. Mas os que resistirem ao Anticristo e continuarem a adorar a Jesus, serão martirizados por sua fé (Ap 6.9; 14.12,13; 17.9- 17). Fica patente, pois, que o Anticristo não seguirá uma filosofia ateísta. Seu sistema será religioso. Ele usará a religião para exaltar-se a si mesmo como Deus, como o fizeram os antigos reis da Assíria, Babilônia e Roma.

X - A Marca da Besta (13.16-18)

> *"E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas; para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis."*

O Falso Profeta não fará exceções em sua exigência para que todos os habitantes da terra recebam a marca do Anticristo (isto é, da primeira besta). O texto diz claramente que todos serão marcados - "pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos".

A marca da besta é o substitutivo de Satanás para a marca com a qual o 144.000 serão selados (Ap 7.3), e que servirá para identificar os que pertencem a Deus. A marca da besta identificará os seus seguidores, os que se acham sob o controle de Satanás.

A palavra "marca" (grego charagma) era usada para designar o selo, que poderia ser gravado, colado ou impresso. Era destinado a marcar cavalos, autenticar documentos e cunhar moedas. ([2]) Não há, contudo, evidência de que algum tipo de selo haja sido usado, nos dias de João, para marcar seres humanos. ([3]) Nenhuma marca era impressa naqueles que juravam lealdade aos imperadores de Roma. Isto evidencia estar completamente equivocada a perspectiva preterista usada para interpretar o Apocalipse.

A natureza da marca da besta, ou o método pela qual é aplicada, não é descrita, exceto a indicação do seu número. Fica claro que, desde o momento em que a for aplicada, tornar-se-á permanente. Os que a aceitam, farão como testemunho de sua rejeição a Cristo. A pressão econômica os ajudará a decidir-se por receber a marca.

Entende-se pelo texto que a marca da besta controlará a economia de todo o mundo, pois ninguém poderá comprar ou vencer sem esta identificação. Nada disto aconteceu durante as perseguições romanas, ou nos períodos mais negros da história da Igreja.

O domínio sobre a economia mundial será usado como incentivo aos reticentes para que aceitem a marca da besta. Desde que a marca é identificada com o nome da primeira Besta, ela tem a ver com a sua natureza e caráter. A marca simboliza ainda plena submissão ao Anticristo e ao Falso Profeta. Lendo o versículo 15, tem-se a impressão de que os que se recusam a recebê-la serão identificados, descobertos e martirizados.
O versículo 18 oferece uma pequena lista para se entender o sentido da marca e do nome, ou caráter, da besta. O número 666, no entanto, tem-se tornado mui controvertido, e vem promovendo mais especulações que qualquer outra coisa da Bíblia.

Antes da invenção dos números arábicos (0,1,2,3...), os judeus e gregos tinham de escrever os números por extensos. Com o passar do tempo, começaram a substituir as letras do alfabeto pelo nome dos números. Assim, as primeiras dez letras eram usadas para os números de 1 até 10. A letra seguinte designava o 20, a outra 30, e daí por diante.

Vem se constituindo num passatempo popular adicionar letras aos mais diversos nomes para se obter a identidade da besta. Alguns concluem que o Anticristo haja sido Nero César, pois tal nome em caracteres hebraicos soma 666. Contudo, o Apocalipse está no grego, e fala do Alfa e do Omega, letras do alfabeto grego; e não "Alefe" e "Tau", letras do alfabeto hebraico. Assim, há somente especulação ao atribuir-se o número 666 a Nero. ([4])

Através da história, vem-se tentando identificar o Anticristo nos ditadores e tiranos. Quando me encontrava em Israel em 1962, um judeu convertido disse-me para prestar atenção no nome de Richard Nixon, pois vertido em hebraico soma exatamente 666. Mais tarde, um irmão da Itália contou-me que a inscrição dedicada ao papa, e que pode ser vista no interior da basílica de São Pedro, em Roma, em algarismos latinos, também soma 666. E digno de nota que alguns escribas antigos substituíssem deliberadamente o número 666, por 616, para que se encaixasse com o nome de Calígula. A Igreja Primitiva, unanimemente, rejeitou o artifício.

O Apocalipse, contudo, nada fala sobre a soma de números do nome da besta. A única chave é esta: "é o número de um homem". Expositores da Bíblia interpretam o seis para simbolizar a raça humana. O três para designar a Trindade. As tripla repetição - 666 - pode simplesmente significar que o Anticristo é um homem que crê ser um deus, membro de uma trindade composta pelo Anticristo, Falso Profeta e Satanás (2 Ts 2.4; Ap 13.8)

Apocalipse

Capítulo 14

Antes de tratar do derradeiro juízo do período da Grande Tribulação, o Apocalipse apresenta-nos uma visão, cuja tônica é marcantemente positiva. O capítulo 13 termina com um retrato de fome e morte, tendo como pano de fundo a marca da besta. O capítulo 14 é profético, porém não cronológico. Traz um evidente contraste com o quadro anterior na medida que apresenta um retrato glorioso de vitória. Suas três visões, separadas e distintas, começam com as palavras gregas *kai - eidon* (versículos 1,6,14), traduzidas como "e olhei".

I - O Cordeiro Sobre o Monte Sião (Ap 14.1)

> *"E olhei, e eis que estava o Cordeiro sobre o monte de Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que em suas testas tinham escrito o nome dele e o de seu Pai."*

O capítulo 14 adianta-se com a finalidade de dar uma visão antecipada do tempo em que Jesus, como o Cordeiro de Deus, efetivar sua vitória sobre o Monte Sião, que será a capital do Reino Milenial. (Dar-se-á também o cumprimento de Salmos 2.6, apesar de alguns estudiosos preferirem Hebreus 12.22-24, afirmando ser esta a Sião Celestial). Enquanto o Anticristo está se estabelecendo como deus em Jerusalém, e procurando quem o adore, a Bíblia não pode esperar para informar-nos que o reino e a glória da besta são como nada quando comparados com o reino e a glória do Cordeiro. A marca da besta e a adoração forçada que exige são também como nada diante do novo cântico que os seguidores do Cordeiro cantarão diante do trono. (Alguns comentaristas não conseguem entender que os escritos de João não possuem o mesmo rigor cronológico dos livros do Antigo Testamento. Consequentemente, buscam localizar a Jerusalém celestial aqui. Isto porém contraria o espírito do livro).

Com o Senhor Jesus estão os 144.000. Em contraste com os que tomaram a marca, ou o nome, da besta na mão direita ou na testa, estes santos trazem o nome do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo em suas testas. Suas mentes e corações são identificados como pertencentes a Ele. Foram transformados, glorificados e feitos semelhantes ao Cordeiro. São vitoriosos, pois entregaram suas vidas integralmente ao Senhor, e são-lhe fiéis.

Tem havido muita controvérsia acerca desses santos. Dizem alguns serem os mesmos 144.000 saídos das 12 tribos de Israel, conforme nos mostra o capítulo sete. Outros dizem ser mais provável que estes sejam crentes fiéis e consagrados oriundos de diferentes lugares e épocas. O Ainda outros acreditam que o número 144.000 não representa um número limitado. Vêem-no como um número de plenitude, de maneira a incluir todos os crentes que tem andado com o Senhor, mantido a sua devoção a Deus e a Cristo, e demonstrado seu amor e fidelidade ao serviço cristão. Seja como for, podemos ter certeza de que Jesus conhece os que lhe pertencem.

II - Um Novo Hino Diante do Trono (Ap 14.2,3)

> *"E ouvi uma voz do céu, como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e ouvi uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas. E cantavam um como cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais e dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra."*

Neste trecho, João parece estar na terra, pois ouve uma voz "do céu". A descrição desta voz traz-nos à mente 1.15, onde a voz de Cristo soa como "muitas águas", e 6.1, onde a abertura do primeiro selo é acompanhada por "uma voz de trovão'. Descrições como estas fazem-nos lembrar do Antigo Testamento (Ez 1.24; 43.2). Todavia, o plural indica que são vozes, combinadas harmonicamente, dos que se acham no céu.

Depois, João ouve uma multidão de harpistas acompanhando o hino. (Como aqueles de 5.8, estas harpas são as kitharas do grego, ou lira; ver também 15.2). À semelhança da voz, a música é também procedente do céu. É uma combinação perfeita entre a orquestra e o coral das regiões celestiais.

Os harpistas cantavam "como se fosse um hino novo". Não era totalmente novo; muitos de seus temas já haviam sido expostos anteriormente até mesmo no Antigo Testamento. São novos no sentido em que são uma expressão nova da bondade divina e de sua salvação (SI 33.3; 40.3;96.1; 98.1;44.9). Esses temas são novos pois a experiência de quem os entoa, constitui-se num contraste com a experiência dos que estavam sob a antiga aliança.

Embora o cântico proceda do céu, não é necessariamente para ser ouvido na terra. Os harpistas-cantores estão "diante do trono" e dos quatro seres viventes e dos vinte e quatro anciãos, conforme João presenciara no capítulo quatro. O louvor é para ser ouvido nas regiões celestiais, pois visam a glorificação do nome do Senhor.

Para alguns, estes harpistas fazem parte das fileiras angelicais. A natureza do cântico, todavia, não corrobora tal posição. A Bíblia declara que ninguém pode aprender o cântico "senão os cento e quarenta e quatro mil". Portanto, os harpistas-cantores são os 144.000. A esta altura, cantam o novo cântico diante do trono de Deus. Os versículos de dois a cinco fornecem o pano de fundo para ajudar-nos a identificar os 144.000, que aparecerão com Cristo sobre o monte Sião quando de sua volta, em glória, para derrotar o Anticristo e seus exércitos.

O uso do artigo definido grego o indica que os 144.000 são também "os remidos" da terra; os que foram comprados e lavados pelo sangue do Cordeiro.

III - Os Castos Seguidores do Cordeiro (Ap 14.4,5)

> *"Estes são os que não estão contaminados com mulheres; porque são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro. E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus."*

Os 144.000 são também identificados como castos (virgens) por não se haverem maculados com mulheres. "Macular" significa tornar algo impuro, poluído, imundo. Portanto, não tem nada a ver com o casamento, pois a Bíblia explica claramente que "digno de honra entre todos seja o matrimônio bem como o leito sem mácula" (Hb 13.4).

Havia muitos templos cananeus, gregos e orientais na Ásia Menor. Essas religiões, via de regra, praticavam o culto da fertilidade, que tinha como ritual a prostituição, a astrologia, o espiritismo e o ocultismo. Tais coisas são consideradas pela Bíblia como abominação ao Senhor. Alguns eruditos interpretam a expressão "não se contaminaram com mulheres" como impureza espiritual e moral. Isto quer dizer que os 144.000 sempre se caracterizaram como fiéis seguidores de Cristo. Eles porfiaram por andar em santificação.

Os 144.000 mantiveram-se separados do mundo e da igreja apóstata (2 Co 6.17; Ap 17.1). Deixaram tudo para seguir o cordeiro de Deus, nosso Senhor e Salvador (Mc 8.34; Jo 14.21). Notemos também sua completa dedicação a Cristo: acompanham o Cordeiro, por onde quer que este fosse.
João enfatiza novamente terem sido eles redimidos dentre a humanidade. São as "primícias para Deus e para o Cordeiro". Na época de João, o termo "primícia" tinha o significado de "o mais excelente", o que havia de "melhor qualidade". Por esta razão, os 144.000 não são apenas salvos; são primícias, oferecidos a Deus e ao Cordeiro. Compartilharão com Cristo o governo milenial.

O fato da virgindade dos 144.000 ser de natureza espiritual e moral é comprovada na declaração de João que diz: "não se achou mentira na sua boca". (Não praticavam engano que é tão característico do diabo). Pode-se também inferir que não adoravam a Deus de maneira insincera; não adoravam falsos deuses; não aceitavam a astrologia, ocultismo e outras mentiras de Satanás (Ap 21.27; 22.15).

Os 144.000 redimidos são também "sem mácula" (amomoi em grego) íntegros, irrepreensíveis. Esta palavra, usada para descrever Jesus, serve para identificar os crentes verdadeiros, cujos pecados e culpas foram removidos (1 Ts 5.23). Estes redimidos, pois, já estão justificados; são vistos como se nunca tivessem pecado. Compartilham da santidade e da justiça do imaculado Cordeiro de Deus.

IV - O Evangelho Eterno Proclamado (Ap 14.6,7)

> *"E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas."*

Noutra visão, João retorna ao tema de julgamento. Ele olha para o céu, e vê outro anjo; fato semelhante ocorreu em Apocalipse 8.3, À semelhança daquele que anunciou os três ais (Ap 8.13), este anjo voa pelo meio do céu com uma mensagem. Tem apenas um propósito: pregar as boas novas do evangelho eterno a todos os que ainda vivem sobre a terra: "a cada nação, e tribo, e língua e povo", para que ninguém alegue jamais ter ouvido o alerta divino.

Como a Grande Comissão foi entregue à Igreja, e somente esta tem autoridade para desincumbir-se dessa tarefa, muitos são levados a crer que, de fato, ela já não estará mais na terra. Seja como for, a mensagem do Evangelho não perderá sua eficácia.

O evangelho eterno é o mesmo evangelho proclamado pelos apóstolos e registrado no Novo Testamento. Não há outro evangelho, como bem o acentuou Paulo: "Mas, ainda que nós, ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema" (G1 1.8). Mesmo em meio a Grande Tribulação, Deus tudo faz para trazer os pecadores ao arrependimento. A mensagem do evangelho é sempre redentora; convida o povo a reconhecer o amor, a soberania e a santidade de Deus. Insta-nos a adorá-lo. Apesar das alegações do Anticristo, somente Deus é o Criador do Universo; somente Ele merece a nossa adoração. João 1.3 declara que Deus-Pai criou todas as coisas através de um Mediador - a palavra viva que se fez carne e habitou entre o povo

deste mundo para tornar-se seu Salvador. Conseguintemente, Jesus também merece receber nossa adoração.

A mensagem do anjo é dada "em alta voz" para que todos possam ouvir. Ela conclama os povos de todas as partes a temer a Deus, pois "a hora do seu julgamento já é chegada". Esta é a oportunidade para que os pecadores tornem-se a Deus; prostrem-se perante Ele e adorem-no. Ele merece adoração, pois criou os céus, a terra, o mar, as fontes das águas; coisas cuja criação os pagãos atribuíam a uma multidão de deuses.

Por intermédio deste anjo, a humanidade recebe a última mensagem, a última oportunidade de ouvir a verdade, arrepender-se e colocar a sua fé em Jesus. Quão triste é saber que Satanás tem cegado tantas mentes e corações!

V - A Queda de Babilônia E Anunciada (Ap 14.8)

> *"E outro anjo seguiu dizendo: Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição."*

Ainda na mesma visão, aparece outro anjo anunciando a queda de Babilônia, "a grande cidade". As palavras do anjo são idênticas às proferidas por Isaías. A Babilônia dos dias de Isaías caiu com a mesma rapidez. Cumprimento este que o profeta descreve como colheita (Is 21.9,10). Mas a ruína de que fala João é ainda maior.

A expressão "aquela grande cidade" sugere-nos Daniel 4.30. Nesta passagem, Nabucodonosor mostra todo o seu orgulho: "Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real com o meu grandioso poder, e para a glória de minha majestade?" Babilônia era o centro da religião e do comércio na região da Mesopotâmia nos tempos antigos. Os assírios haviam feito dela uma de suas capitais no tempo de Isaías. Apesar de ter sido destruída pelo rei Senaqueribe, seu filho, Esak-Naddon, reconstruiu-a, e logo fê-la retomar sua liderança nos campos religioso e econômico. Tal hegemonia durou até Alexandre, o Grande. Fizera-se, assim, um tipo da Babilônia de Apocalipse.

A Babilônia vista por João caiu por ter dado de beber o vinho de sua prostituição "a todas as nações". Dar de beber, nos tempos bíblicos, significa irrigar um campo, ou saturar alguma coisa com líquido. Babilônia havia saturado de tal maneira as nações com a sua idolatria, imoralidade sexual e desvio de comportamento, que a sua paixão tornara-se em fúria. Apesar de o anjo ter proclamado o evangelho eterno, e mostrado que até mesmo o julgamento tinha a finalidade de encorajar o povo a adorar a Deus, nem assim as nações o adoraram.

Nos dias de Daniel, Nabucodonosor exigiu que os três companheiros do profeta se juntassem à multidão na adoração da estátua de ouro. Como eles se recusassem, o rei lançou-os na fornalha de fogo ardente, mas nada lhes aconteceu. Sob este prisma, Roma chegou a ser considerada a Babilônia nos dias de João, por perseguir os cristãos que se recusavam a adorar o imperador. De igual modo, a Babilônia do Anticristo atormentará e matará os que não o adorarem.

Acreditam alguns que a "grande prostituta" (ou Babilônia) será uma espécie de império romano reavivado. Outros preferem ficar com uma Babilônia construída às margens do rio Eufrates. Ainda outros veem-na como o centro religioso e comercial da época. De uma forma ou de outra, é o sistema mundial que estará vivendo sob a égide babilônica, integrando como um todo a descrição de Daniel 2 e o animal terrível e espantoso do capítulo 7 do mesmo livro. A coisa mais importante a ser notada é que será necessário julgar e destruir esta força poderosa para criar espaço para o reinado de Cristo e a sua noiva pura e imaculada - a Igreja, durante o período do Milênio.

A queda de Babilônia mencionada neste capítulo é descrita também nos capítulos 17 e 18. Aqui, temos mais detalhes sobre esta Babilônia, que nos levam a vê-la realmente como uma cidade. Ela estará liderando, ou representando, um sistema mundial como um todo, nos aspectos político, religioso e comercial. Tal sistema estará todo permeado pela imoralidade e pela corrupção. Como todo o mundo estará comprometido com ela; há de receber a mesma paga da justiça divina.

VI - Os Adoradores da Besta Sofrerão a Ira de Deus (Ap 14.9-11)

> *"E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome."*

À medida que a visão avança, João vê um terceiro anjo. Sua mensagem prossegue como um aviso da seriedade do juízo vindouro. Ele também fala "com grande voz" para que todos ouçam. Se alguém vier a adorar a besta, e a tomar-lhe a marca, não escapará do juízo vindouro. Quão grande é o contraste entre tormento eterno e a morte que o Anticristo infligirá sobre os que se recusarem a tomar a marca da besta!

Os que adorarem a besta, tomarão o vinho da cólera divina misturado no cálice de sua ira. Tomarão esse vinho "sem mistura"; isto é: não diluído. Apesar de *thumou* ser traduzido em português como "cólera", "ira" e "furor"; e apesar de *orges* ser traduzido como o derramamento da ira de Deus contra o pecado e o mal, nenhum dos dois termos indica algo emocional da parte do Altíssimo. Ambas as palavras, juntas, dão ênfase ao santo e justo julgamento divino contra o pecado. Embora Deus ame o mundo, sabe o quanto o pecado prejudica o homem. Eis porque Ele odeia o pecado; sua santidade exige que este seja julgado. Consequentemente, os que praticam o pecado, fazendo deste o seu estilo de vida, terão de sofrer a ira divina no juízo.

Mais adiante é dito que os tais serão "atormentados com fogo e enxofre na presença dos santos anjos, e... do Cordeiro". Esta é uma expressão forte. Significa que a agonia dos que estiverem no lago de fogo será também revestida de vergonha. ([2]) Hão de ver o que perderam, tal qual aconteceu ao rico que, no hades, via a bem- aventurança de Lázaro no seio de Abraão (Lc 16.23). No juízo final, porém, não há indicação de que o contrário aconteça. Os santos do Novo Testamento não hão de ver o sofrimento dos ímpios. Somente a presença de anjos e do Cordeiro é mencionada.

Os que adoram a besta e tomam-lhe a marca jamais terão descanso; "a fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos".

Algumas denominações ensinam que o tormento dos ímpios será temporário. Uma delas, por exemplo, diz que, como o lago de fogo exterminará os pecadores, estes simplesmente deixarão de existir. A Bíblia, porém, descreve o fogo do juízo como "inextinguível" (Mt 3.12; Mc 9.43-45; Lc 3.17). Pela sua própria natureza, jamais será apagado; é o castigo eterno. Outro grupo afirma ser a purificação o propósito final do lago do fogo, visando a reconciliação não somente dos ímpios como a do próprio Satanás. Tal doutrina, entretanto, nega a necessidade da cruz. A Bíblia mostra que a cruz e a ressurreição de Jesus constituem o ponto central do plano de Deus. Se houver salvação por meio do lago de fogo, então Pedro errou ao declarar: "Não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12).

A natureza eterna do juízo é assim descrita por João: "a fumaça de seu tormento sobe pelos séculos dos séculos". Não é de se admirar que Jesus haja declarado que haverá choro e ranger de dentes quando, os que se acharem nas trevas exteriores (fora do novo céu e da nova terra), virem, do outro lado, a iluminada Nova Jerusalém, e se aperceberem de tudo quanto perderam (Mt 25.30,41).

VII - Encorajamento para os Santos (Ap 14.12,13)

> *"Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. E ouvi uma voz do céu, que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam."*

Por que o Senhor mandou que João escrevesse a mensagem destes três anjos? Não foi simplesmente para que o povo pudesse ler durante o período da tribulação. Mas para todos os que "guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus". Foi escrito para os crentes nascidos de novo que têm se dedicado à adoração e ao serviço do Mestre, fazendo da vontade divina seu estilo de vida. A fé em Jesus significa que eles guardaram a fé "em" o Cordeiro de Deus.

Nos dias de João, os crentes que passavam por sofrimentos eram encorajados ao saber que, no final, Deus os recompensaria, mas traria julgamento sobre os que rejeitam a Cristo e ao Evangelho. Ainda hoje, crentes são perseguidos em diversas partes do mundo. Eles também precisam desta mensagem. O versículo 13 pode ser tomado como nota de rodapé do versículo anterior. Novamente João ouve a voz "vinda do céu". Desta vez, ordena- lhe que escreva. A mensagem, mais uma vez, não é dirigida ao povo que se acha na Grande Tribulação, mas aos crentes de todas as épocas.

A mensagem final desta visão é uma palavra de encorajamento; a segunda das sete bênçãos pronunciadas no livro. "Desde agora", isto quer dizer: desde os tempos de João até os fins do tempo, os que "morrem no Senhor" (em comunhão com o Senhor, e em união espiritual com Ele) são bem-aventurados. A palavra está no plural, indicando plenitude de benção. A mesma palavra é usada nas bem-aventuranças de Mateus 5. É uma felicidade que não depende de circunstâncias; procede da plenitude das bênçãos do Senhor. Estas bênçãos, juntamente com a felicidade e a alegria que as acompanham, são eternas; serão maravilhosas além do que hoje possamos imaginar.

Vem agora a confirmação do Espírito Santo. Sim, os que agora dormem no Senhor "descansam de suas fadigas", pois as suas obras "os acompanham". Além de haverem deixado seu trabalho para trás, terão um tesouro no céu. Tais palavras constituiram-se num encorajamento aos contemporâneos de João. São também um encorajamento aos que lutamos pela fé. Se estivermos vivos quando do arrebatamento, será maravilhoso. Caso contrário: ressuscitaremos para receber nossos galardões (2 Ts 4.16).
Que contraste esta abençoada e eterna glória faz com 14.10, onde vemos o destino dos que rejeitam a Cristo.

Quanto aos que morrerem pela sua fé em Cristo durante a tribulação, a bem-aventurança também os espera. A perseguição, tortura e sofrimento pelo qual passaram chegarão ao fim, e eles estarão para sempre com Cristo.

VIII - A Colheita na Terra Está Madura (Ap 14.14-16)

> *"E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda. E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice, e sega; é já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura. E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi segada."*

João tem agora uma nova visão. Sem dúvida, uma profecia, ou predição sobre o julgamento que há de acontecer no fim da tribulação como está descrito em Apocalipse 16.12-16 e 19.11- 20. Aqui da terra, João contempla uma nuvem branca. Sentado sobre esta, acha-se "um semelhante ao filho do homem". Tal linguagem refere-se a Daniel 7.13, onde o profeta viu "um como o Filho do homem" vindo com as nuvens do céu. Foi exatamente assim que Jesus identificou-se aos seus discípulos. Sua vinda em poder e grande glória levará todas as tribos da terra a se lamentarem sobre Ele. A visão de João confirma a de Daniel. Quem recebe o reino é Jesus, que virá em vitória e triunfo.

A coroa de ouro usada pelo "Filho do homem" indica o seu poder real e a sua glória. Numa de suas visões Zacarias foi instruído a pedir uma coroa para que fosse colocada sobre a cabeça do sumo sacerdote (Zc 6.9-13). Isto indica que o Messias primeiramente faria o seu trabalho sacerdotal, e depois seria coroado Rei e Juiz. Jesus efetuou sua obra sacerdotal na cruz do Calvário. Agora, acha-se à mão direita do Pai, intercedendo por nós. Mas quando vier novamente, não será para dar continuidade a sua obra sacerdotal. Esta foi plenamente consumada ao derramar Ele o seu sangue, e apresentar o seu sacrifício perante o Pai (Hb 9.12).

A "foice afiada", em sua mão, tem como propósito o julgamento (Mt 13.30). Traz-nos isto à memória o que Jesus afirmou em João 5. 22-23: "O Pai a ninguém julga, mas ao filho confiou todo o julgamento, afim de que todos honrem o filho, do modo como honram o Pai". Portanto, Jesus é o juiz de toda a terra; é o Cordeiro morto desde a fundação do mundo; é o Cordeiro imaculado que se ofereceu a si mesmo pelos pecados de todo o povo, em todos os tempos e em todos os lugares. Ele advertiu que os pecadores o encontrarão como juiz quando de sua volta. Mas o mundo

como um todo o tem rejeitado. Os que não seguem a Cristo, terão de enfrentar o seu juízo.

Outro anjo é visto. Saiu este do santuário no céu. É um emissário que representa a santidade do "Santo dos Santos"; a santidade e a justiça do próprio Deus. Ele também clama em alta voz para que os habitantes da terra o ouçam. Em seguida, dirige-se ao que está assentado sobre a nuvem. Um semelhante a filho do homem toma a foice para a colheita. Não pode haver mais demora; é chegado o tempo da ceifa. A colheita está mais que madura; está realmente seca (o termo grego *ekseranthe* é derivado de *kseraino* "secar" ou "murchar"). Mas não é uma colheita de frutos bons; mais se parece com a poda de galhos secos. Os inclusos nesta colheita acham-se espiritualmente mortos por terem sido enganados pelo Anticristo; são como o fruto maduro para a colheita do juízo que virá no fim da tribulação.

O tempo do juízo chegou. O Filho do homem não hesita. Com um movimento decisivo, a terra é ceifada. Nesta tarefa, é auxiliado pelos santos anjos (Mt 13.41; 25.41; Ap 14.17-20).

Muitos veem a Jesus como alguém amoroso, suave e brando. Sem dúvida, Ele é pleno de amor e bondade; como o Bom Pastor, é brando. Porém, não é fraco. Apesar de mostrar-se tenro e longânimo, sabe como executar o julgamento divino. A colheita da terra é chegada. Quando Ele começar a usar a foice, não haverá mais ocasião para o arrependimento.

IX - O Lagar da Ira de Deus (Ap 14.17-20)

> *"E saiu do templo, que está no céu, outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda. E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: Lança a tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras. E o anjo meteu a sua foice à terra e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios."*

Outro anjo "saiu do santuário" que se encontra no céu. Ele também traz uma foice afiada. Comprova-nos isto que os anjos tomarão parte no julgamento final da Grande Tribulação. Pode ser que este anjo demonstre, de maneira generalizada, o efeito causado pelas últimas sete pragas trazidas pelos sete anjos descritos nos dois próximos capítulos. Tais pragas são o derramamento da ira de nosso Deus santo contra o pecado e o mal.

O próximo anjo que aparece "saiu do altar". Tem ele "poder ou autoridade sobre o fogo"; é o encarregado de executar os julgamentos. Não

nos é declarado de qual santuário ele saiu. O mais provável é que tenha saído do altar de incenso, que nos lembra a oração dos santos. Sim, as orações serão respondidas pelo derramamento do fogo da ira de Deus sobre este mundo pecador, pois o reino tem de ser trazido para julgamento (Dn 2).

O anjo em tela clama, e segura à foice. Ele alerta: os cachos da "videira da terra" devem ser ajuntados, porquanto as suas uvas estão "amadurecidas". A expressão "amadurecidas" significa que não pode haver mais demora. O tempo do julgamento chegou. O dia de salvação já é passado.

O fruto está maduro, mas não é bom. A figura de uma vinha foi usada em relação a Judá e Israel pelo profeta Isaías (Is 5.1-7). Deus havia feito sua parte no preparo da vinha e no plantio das melhores videiras. Mas em lugar de produzir boas uvas, davam uvas bravas, literalmente "uvas de mau odor" (no hebraico, *beushim*; este verbo é traduzido por "mau cheiro" em Ex 7.18). Deus esperava que Judá e Israel produzissem justiça (em hebraico *mispat*). Deus esperava justiça (*tsedakah*). Mas em lugar desta, havia um choro amargurado pedindo ajuda (hebraico *tseakah*). Isto resultou em julgamento para Judá e Israel. Por conseguinte, Deus retira o seu muro de proteção; os inimigos não tardariam a vir para executar o juízo divino.

A figura das uvas podres aplica-se também à Terra, como um todo, no fim dos tempos. A colheita de uvas como ilustração de julgamento, que precede a restauração e a salvação do povo de Deus, é também encontrada em Isaías 63. 1-3. Aqui, Isaías refere-se a alguém que diz: "Em justiça, poderoso para salvar". Depois Isaías pergunta: "Por que está vermelho o traje e as tuas vestes como daquele que pisa no lagar?" A resposta vem: "O lagar eu o pisei sozinho, e dos povos nenhum homem se achava comigo; pisei as uvas na minha ira; no meu furor as esmaguei, e o seu sangue me salpicou as vestes e me manchou o traje todo. Porque o dia da vingança me estava no coração, e o ano dos meus redimidos é chegado" (Is 63.2-4).

Todavia, a profecia não é desprovida de esperança. A duração do julgamento é comparada ao "dia"; e o tempo da redenção, comparada ao "ano". Isto significa que os sete anos da tribulação serão seguidos do Milênio.

Joel 3.10-15 também ilustra tal fato em conecção com o julgamento das nações pagãs no vale de Josafá (o vale onde Jeová julga), o vale onde a justiça divina é manifestada. Joel profetizou: "Lançai a foice, porque está madura a seara; vinde, pisai, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam; porquanto a sua malícia é grande" (J1 3.10). Deus trouxe julgamentos parciais no passado. Foram estes apenas avisos. Julgamentos mais completos estão por vir.

O anjo que saiu do santuário celestial, passa a foice sobre a terra e a vindima. Lança-a no "grande lagar da cólera de Deus". Deste ponto em

diante, não há mais oportunidade de salvação. Este é o julgamento que tem de acontecer antes da implantação do Milênio.

Nos tempos bíblicos, o agricultor talhava na rocha uma pequena cavidade, perto de sua vinha, e a usava para expremer as uvas. Estas eram colocadas na tulha rebaixada, ou lagar, onde os empregados às pisavam com os pés descalços. Um recipiente, colocado mais abaixo, recebia o suco da uva que escorria. Isaías 63.2-3 usa a expressão figurada: "pisa no lagar... pisei as uvas na minha ira; no meu furor as esmaguei", para representar a fúria sobre o ímpio.

Há ainda diversas outras passagens que falam sobre a ira de Deus e o lagar. Umas delas é Jeremias 25.15-38, onde o profeta descreve como Deus derramou o cálice de sua ira sobre Babilônia e sobre todas as nações que se rebelaram contra Ele. Todas elas estavam maduras para o julgamento. "De Deus não se zomba" (G1 6.7,8). Os profetas admoestaram as nações sobre o dia terrível do julgamento que estava prestes a vir. Não sabemos quão perto estamos do Dia do Senhor; contudo, sabemos que está prestes a vir. O Antigo Testamento mostra que os julgamentos passados anteciparam como será a ira santa de Deus quando o tempo estiver maduro. Tenhamos, pois, certeza de uma coisa: o tempo está esgotado. O mundo que rejeita a Deus encontra-se à beira de um grande desastre.

O lagar a ser pisado acha-se fora de Jerusalém. É o vale de Josafá que, em hebraico, significa o "vale onde Deus julga" (J1 3.2; SI 97.3-5: 110.5,6; Pv 2.21,22; Is 34.3-8; 63.1-6; 66.15-17; Jr 25.30-33; Mt 13.40; Lc 17.34; Ap 19.15).

Mas não é vinho que escorre dessas uvas, e, sim, sangue. Indica-nos isto, pois, que o espremer daquelas uvas constituiu-se numa grande mortandade. Eis outra maneira de se visualizar a Batalha do Armagedom (Zc 14.1-4; Ap 16.16, 19.17-19). O sangue corre (alguns acham que o original significa respingar) até chegar a altura dos freios dos cavalos; depois gradualmente diminue, até inundar uma extensão de "mil e seiscentos estádios", aproximadamente 290 quilômetros.

A visão de João tem como foco o fim da Grande Tribulação e o retorno de Cristo para implantar o Milênio. E outra maneira de se ver o que está descrito em 2 Ts 1.7-9: "Quando o Senhor Jesus for revelado do céu com os seus anjos poderosos, em fogo ardente trazendo vingança (fazendo justiça) sobre aqueles que não conhecem a Deus (inclusive sobre os que optaram pela rejeição da verdade); e que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo". Os tais serão punidos com a eterna destruição e separação da presença do Senhor e da glória de seu poder. Isto significa que serão separados para sempre da presença consciente do Senhor e da glória invisível de seu poder que os crentes gozarão.

Maiores detalhes sobre este julgamento são dados em Ap 19.11-16, onde Jesus fere as nações com a espada de sua boca. Ele, então, passará a

reger os povos com cetro de ferro. Estas são diferentes formas de se mostrar o julgamento a ser executado por Cristo, que há de ser recebido como o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Apocalipse

Capítulo 15

O capítulo 15 introduz as séries finais dos julgamentos da Grande Tribulação. Os julgamentos, em si, têm início a partir do capítulo 16, e parecem ser a execução dos juízos anunciados pela sétima trombeta de Apocalipse 11.15. São mais abrangentes que os julgamentos anteriores, uma vez que se apresentam em rápida sucessão. Constituem as advertências finais do período da tribulação, e novamente deixam o mundo saber que há um Deus santo interessado em punir o pecado.

I - O Terceiro e Último Sinal (Ap 15.1)

> *"E vi outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos, que tinham as sete últimas pragas; porque nelas é consumada a ira de Deus."*

A próxima visão do evangelista antecipa a vinda destas últimas pragas ou flagelos. Outro (Ap 12.10) grande e admirável sinal aparece nos céus. O termo grego thaumaston normalmente significa "admirável" ou "maravilhoso", mas às vezes significa "milagroso". Um novo grupo de sete anjos aparece para se encarregar das sete pragas. Estas são conhecidas como as "últimas" pragas porque "preenchem", completam, a ira e a fúria de Deus contra os pecados do mundo que jaz sob o domínio do Anticristo na tribulação.

"Anjo" significa" mensageiro" (compare SI 103.20), e aqui Deus os usa para administrar seus juízos.

II - O Cântico de Moisés e o do Cordeiro (Ap 15.2-4)

> *"E vi um corno mar de vidro misturado com fogo; e também os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos. Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo; por isso todas as nações virão, e se pros- trarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos."*

Agora o cenário muda, e João novamente vê o trono no céu, assim como vira no capítulo quatro. Sobre o que parece ser um "mar de vidro (vide 4.6) misturado com fogo" estão os que guardaram sua fé quando ameaçados pela demanda de adorarem a besta e sua estátua, e tomarem sobre si a sua marca (vide 13.7- 11). (Não nos é relatado se foram martirizados ou transladados. Porém, o versículo cinco parece indicar que foram removidos antes do derramar das taças da ira divina. Todos possuem "harpas de Deus" que, provavelmente, significam harpas dadas por Deus ou harpas supernaturais.

Os vencedores cantam o "cântico de Moisés". Após Deus haver tirado os israelitas do Egito através do mar Vermelho, e destruído o exército egípcio, Moisés dirigiu o povo num grande hino de louvor (Êx 15.1-8). Sua irmã Miriã liderou as mulheres que cantavam e dançavam, tocando seus tamborins e enaltecendo responsivamente cada verso do hino (Êx 15.20,21).

O tema principal do cântico é o triunfo do Senhor e o fato de Ele ter se tornado seu Salvador (Êx 15.1,2). Portanto, cantar o cântico de Moisés é uma antecipação da vitória sobre a besta, tanto como uma celebração da alegria triunfal por parte dos santos diante desta vitória. (O cântico de Moisés em Deuteronômio 31.30 a 32.43 também celebra a fidelidade de Deus).

O cântico dos vitoriosos é também o "Cântico do Cordeiro", porque Ele é o juiz de todos os inimigos do povo de Deus. E um cântico que tanto os santos do Antigo Testamento como os do Novo hão de cantar. O cântico chama atenção primeiramente para a identidade de Deus, e para a natureza de suas obras. Ele é o mesmo El Shaddai ("Senhor Todo-poderoso") que se revelou a Abraão, e que tem continuado poderosamente a executar e a cumprir suas alianças e promessas no transcorrer dos séculos. Seus caminhos, tanto como seus atos, são "justos e verdadeiros". Até seus atos de juízo revelam seu caráter santo, e sua justiça genuína. O salmista Davi declarou: "Justo é o Senhor em todos os seus caminhos, e santo em todas as suas obras... O Senhor guarda a todos os que o amam; porém, os ímpios serão exterminados" (SI 145.17,20). Ele também, é o "Rei dos santos". (Alguns manuscritos colocam "Rei das Nações", que também, é correto, pois, tanto "os santos" como "as nações", são vistos nesta passagem).

Os santos perseguidos têm o direito de cantar o cântico de vitória. Sua causa é justa. Embora a plenitude da vitória ainda não haja chegado, eles a antecipam, confiantes em saber que nada pode impedir o Santo Deus de cumprir os seus propósitos (vede 12.10 e o comentário). A santidade divina não somente significa que Ele é separado "de" todo pecado e maldade, como também que ele "separou" a missão, a obra de trazer a vitória final, e depois disto, o novo céu e nova terra.

Os cantores também antecipam o fato de que "todas as nações" (isto é, os salvos entre as nações) chegarão para adorar o mesmo Senhor e Todo-poderoso Deus (Is 2.2-4). Nesta passagem, está escrito que muitos afluirão à casa do Senhor a fim de conhecê-lo e de aprender a andar nas suas veredas. Tudo isto é possível através da obra efetuada pelo Cordeiro de Deus. Jesus deixou a glória de que desfrutava junto ao Pai; humilhou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante ao homem. Depois, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte - a mais vergonhosa morte já experimentada pelo homem, morte de cruz. "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e deu-lhe o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai". (Fp 2.9-11).

Ao mesmo tempo "todas as nações" reconhecerão que os julgamentos de Deus são manifestados em justiça, e alinham-se com a sua santidade perfeita e a sua justiça. (Vede SI 98.2,3,9). Conseqüentemente, humilham-se e dão-lhe todo o louvor e a glória devida.

III - O Santuário no Céu (Ap 15.5)

> *"E depois disto olhei, e eis que o templo do tabernáculo do testemunho se abriu no céu."*

Nesta nova visão, João é levado de volta para preencher, com mais detalhes, os eventos apresentados no primeiro versículo deste capítulo (Ap 15.1). Ele contempla a abertura do "templo ou santuário do tabernáculo do testemunho". A linguagem, aqui, é semelhante à usada para descrever o tabernáculo no deserto com seu santuário interior - o Santo dos Santos (o lugar mais santo de todos), que abriga a arca da aliança com as tábuas dos Dez Mandamentos. Aqui, Deus manifestou a sua presença numa nuvem de glória e encontrou-se com Moisés; e mais tarde, com Arão, no dia da expiação. (Vede Êx 25.8-22; 35.10-14; 40.34,35; Nm 9.15; 17.7; 18.2).

O "testemunho" no tabernáculo do deserto refere-se às tábuas de pedra que continham a essência da aliança (Êx 32.15; Dt 10.5). A palavra "templo" na versão de Almeida Corrigida é a tradução do grego *naos*, que significa "santuário interior". ([1]) Uma outra palavra *hieron* é usada para indicar o templo interior com seus pátios exteriores. Embora o templo em Jerusalém tenha sido construído seguindo a mesma planta do tabernáculo, o quadro aqui apresentado segue os termos das descrições do tabernáculo edificado sob a supervisão de Moisés. É que por ocasião desta visão, o templo de Jerusalém já havia sido derribado pelos romanos. Mas os judeus conheciam bem o Pentateuco, e todos os detalhes sobre o tabernáculo, e de como tinha sido construído conforme a planta que Deus dera a Moisés no

monte Sinai. O tabernáculo e sua mobília foram "a sombra das coisas celestiais" (Hb 8.5). Agora, Jesus é o nosso "Sumo Sacerdote" que se acha assentado à destra do trono da majestade nos céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu (Hb 8.1,2). Ele está presentemente lá intercedendo por nós. Nesta visão, porém, é mostrada uma notável mudança.

O santuário aberto fala do livre acesso a Deus. O mesmo significado podemos ver no sonho de Jacó (Gn 28.12,13). Na verdade, o santuário foi para sempre aberto, quando o véu do templo celestial foi rasgado de cima para baixo no exato momento em que Jesus morreu na cruz. Para nós, o Senhor Jesus continua sendo o novo e vivo caminho que nos leva à presença de Deus Pai no Santo dos Santos (Hb 10.19,20). Mas, neste trecho, o santuário é aberto para que os julgamentos divinos possam ser efetuados contra os pecados dos homens, e a rejeição de sua santa palavra.

IV - Os Sete Anjos Descritos (Ap 15.6)

> *"E os sete anjos que tinham os sete pragas saíram do templo, vestidos de Unho puro e resplandecente, e cingidos com cintos de ouro pelos peitos."*

Enquanto o evangelista está a contemplar esta visão, vê um cortejo. Sete anjos saem do santuário, isto é, da presença real da glória do trono de Deus. Como anjos, são seres espirituais, poderosos, mensageiros de Deus. Eles saem, não para trazer a salvação, mas, sim para executar a vingança divina sobre os pecados e a maldade da terra.

Eles carregam as sete pragas, a última série de julgamentos da grande tribulação.

Seus vestidos são "de linho puro e resplandecente" (literalmente, "branco e brilhando"), identificando-os como anjos (Mt 28.3; Mc 16.5). Os vestidos brancos em Apocalipse 15.6 falam de sua pureza. Mas a combinação de roupas brancas com "cintas de ouro" também lembra a idumentária reservada aos sacerdotes e reis. Em Apocalipse 1.13, João viu a Jesus vestido desta maneira. Estes anjos, pois, são representantes de Deus e de Cristo na administração da ira divina sobre a terra. O ouro também pode simbolizar a glória divina, confirmando que tais julgamentos servirão como testemunho da santidade e da glória do Senhor Deus.

V - Os Agentes da Ira de Deus (Ap 15.7)

> *"E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre."*

Agora, um dos quatro seres viventes que João vira em Apocalipse quatro apresenta-se. Como um dos guardiões do trono de Deus, e representante de sua criação que geme e ardentemente deseja a vinda do reino glorioso, é-lhe apropriado que participe dos eventos que preparam a chegada do "Reino". Ele vem com sete taças de ouro grandes e cheias da ira divina.

O ser vivente de Apocalipse 15.7 entrega aos sete anjos as taças de ouro da ira divina. Eles servirão como os agentes de Deus para ministrar a última série de julgamentos sobre o restante dos pecadores do mundo, antes que Jesus volte à terra para implantar o Milênio. Na sua volta, Cristo triunfará sobre o Anticristo e seus exércitos, e depois estabelecerá, aqui, o seu reino.

VI - Nada Pode Impedir o Juízo de Deus (Ap 15.8)

> *"E o templo encheu-se com o fumo da glória de Deus e do seu poder; e ninguém podia entrar no templo, até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos."*

A fumaça enche o santuário. Como manifestação da "glória de Deus e de seu poder", a fumaça impossibilitou certa vez a entrada de Moisés e Arão no tabernáculo (Êx 40.34,35; compare com 1 Rs 8.10,11 e Is 6.4). As nuvens e a fumaça têm um sentido paralelo. A fumaça, neste caso, significa que a glória e a santidade divinas demandam seja o juízo derramado sobre as blasfêmias e os terríveis pecados do Anticristo e seus seguidores.

A fumaça serve também como "cortina", impossibilitando a entrada de alguém no santuário até que os sete anjos hajam concluído seu trabalho. Assim, nenhuma intercessão será feita para se impedir o juízo. É tarde demais para se implorar por misericórdia.

Deus tem sido paciente e longânimo. Mas, agora, é chegado o tempo do julgamento divino. Não há possibilidade de atraso ou adiamento. No Antigo Testamento, foi necessário que Deus mostrasse a Amós não ser mais possível adiar o julgamento sobre o Reino de Israel (Am 4.11-13; 5.27; 7.7-9). Semelhantemente, os profetas Jeremias e Ezequiel conscientizaram-se estar também próximo o julgamento de Jerusalém.
No final dos tempos, Deus agirá da mesma forma. Dirá um "basta" para que o juízo seja executado.

Apocalipse

Capítulo 16

O capítulo 16 descreve o derramamento das últimas sete pragas. Estes julgamentos seguem-se um após outro em rápida sucessão, assinalando a volta de Cristo e o fim do Anticristo e do Falso Profeta. Os julgamentos das trombetas foram parciais e limitados em seus efeitos (Ap 8.7-12). Mas os julgamentos das taças "são mais severos e globais em seus efeitos, e sem os limites dos anteriores. Os "julgamentos das taças" são tão devastadores que não poupam a ninguém, nem mesmo os que se acham escondidos nas cavernas mais fundas, nem nos vales mais remotos. Tais pragas mostram que o dia de salvação já terminou, e a oportunidade para o arrependimento já é passada.

I - As Ordens para Derramar as Taças da Ira (Ap 16.1)

> *"E ouvi, vinda do templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide, e derramai sobre a terra as sete salvas da ira de Deus."*

Os sete anjos esperam até que uma voz procedente do santuário ordene-lhes que derramem sobre a terra as sete taças (vede Ap 15.7 e comentário) da ira de Deus (compare com Is 66.6). A "grande voz" deve ser de Deus ou de Cristo, não permitindo que ninguém mais entre no santuário até o fim dos "julgamentos das taças". A palavra grega para "ordem" também enfatiza o poder e a autoridade desta voz.

II - A Primeira Taça: A Praga das Úlceras Malignas (Ap 16.2)

> *"E foi o primeiro, e derramou a sua salva sobre a terra, e fez-se uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem."*

Os que aceitaram a marca da besta, recebem um outro tipo de "marca" quando o primeiro dos sete anjos derrama a sua taça sobre a terra. Como haviam virado as costas para a adoração do verdadeiro Deus, e adorado a besta e a sua imagem, são afligidos, agora, com feridas terríveis, pútridas, doloridas.

Estas úlceras não são feridas comuns; são abcessos malignos que devoram a carne. No tempo antigo, eram chamadas "furúnculos dolorosos" para os quais não há cura (Dt 28.35). Os tumores malignos de Jó eram provavelmente uma mistura de câncer, lepra e úlcera. Não somente doiam e coçavam, mas cheiravam mal. As feridas desfiguraram a Jó a ponto de seus amigos quase não o reconhecerem (Jó 2.8,12; 7.5;17.1; 30.30). ([1])

Na Septuaginta, usa-se a mesma palavra para identificar os tumores que apareciam naqueles que, por desobedecerem a Deus, eram afligidos com os mesmos tumores que o Senhor enviara sobre o Egito (Êx 9.8-11). Em Apocalipse 16, temos, pois, o mesmo termo para designar as úlceras malignas da primeira taça. Nisto, podemos ver a similaridade entre as pragas de úlceras mencionadas na Bíblia.

Porém, há algo na linguagem e descrição desta praga que nos dá a entender serem as feridas da taça da ira de Deus piores e mais doloridas que as sofridas por Jó, ou pelos egípcios. Alguns comentaristas querem tratar esta praga como significando feridas da corrupção moral, ([2]) mas a dor sofrida e os resultados oriundos dela mostram ser esta literal e física.

III - A Segunda Taça: o Mar Tornar-se em Sangue (Ap 16.3)

> *"E o segundo anjo derramou a sua salva no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu no mar toda a alma vivente."*

O derramamento da segunda taça traz uma segunda praga. Assim como aconteceu quando dos "julgamentos das trombetas" (Ap 8), mais uma vez a água, tão importante para o sustento da vida, é afetada. Desta vez, porém, o seu juízo é muito mais abrangente: faz o mar tornar-se como "o sangue de um homem morto". É possível que o sangue, aqui, não se refira ao sangue no sentido literal, mas figurativo, simbolizando a corrupção moral. É como se o sangue de um defunto coagulasse e apodrecesse a céu aberto. Que triste diferença entre este sangue e aquele que, sob a lei, representava a vida (Lv 17.11)! Nesse caso, o sangue fala de juízo e morte!
Esta praga é similar à primeira enviada ao Egito, quando Moisés, levantando a sua vara, feriu as águas do Nilo (Êx 7.20-25). Naquela ocasião, todos os peixes do rio morreram. Esta praga, porém, será muito pior. Ocasionará a morte de todo ser vivente que há no mar por causa da terrível poluição. "Ser vivente" é o mesmo termo traduzido como "criatura vivente" em Gênesis 1.21,24. O termo é usado para designar peixes, animais e pessoas, pois cada um destes possuem vida física e individualidade. "Alma" (usada em algumas versões) é empregada, nessa passagem, num sentido do Antigo Testamento, e não com uma conotação teológica.

Alguns intérpretes querem limitar "o mar", neste versículo, ao Mediterrâneo. ([3]) Tendo em vista, porém, o fato de que estas últimas sete pragas são ilimitadas, a palavra "mar" tem de ser encarada num sentido geral: toda criatura, em todos os oceanos e mares do mundo, hão de morrer. ([4])

Outros intérpretes tratam esta praga como algo simbólico. Dizem que o "mar" representa as nações em geral. ([5]) Entretanto, se seguirmos esta linha de pensamento, concluiremos todas as pessoas que estiverem vivendo no mundo, nessa ocasião, hão de ser mortas pela praga. Este flagelo, pois, tem significado literal: a praga afetará de fato os oceanos e mares do mundo, ocasionando a morte da vida marinha.

IV - A Terceira Taça: Os Rios e as Fontes de Água Tornam-se Sangue (Ap (16:4-7)

> *"E o terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. E ouvi o anjo das águas, que dizia: Justo és tu, ó Senhor, que és, e que eras, e Santo és, porque julgaste estas coisas. Visto como derramaram o sangue dos santos e dos profetas, também tu lhes deste o sangue a beber; porque disto são merecedores. E ouvi outro do altar, que dizia: Na verdade, ó Senhor Deus Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos."*

Quando o terceiro anjo despeja a terceira taça da ira de Deus, os rios, as fontes e nascente tornam-se em sangue. Mais uma vez, não há limites a este severo juízo como no caso da terceira trombeta (Ap 8). Todas os recursos naturais que fornecem água potável, tornam-se em sangue. A Bíblia não nos relata as conseqüências geradas por esta praga, mas certamente ela traz sofrimento e morte, pois será muito pior e mais prejudicial à vida humana que a praga que atingira o Nilo. Nessa ocasião, ainda era possível cavar poços perto do rio, e achar água filtrada pelo solo (Êx 7.24). Não temos razão para crer que o mesmo possa ser feito por ocasião da praga que ora tratamos.

Anteriormente, o Apocalipse já havia se referido aos anjos que têm poder sobre os ventos (Ap 7.1) e sobre o fogo (Ap 14.18). Agora, é apresentado "o anjo das águas". Este é o único lugar nas Escrituras, onde se faz menção dele. Alguns supõem que ele haja recebido autoridade especial sobre as águas da terra para administrá-las como representante de Deus. ([6]) Outros acham que sua missão é estar apenas entre os outros sete anjos, para derramar a terceira taça da ira de Deus sobre as águas. ([7])

Este anjo, porém, age de maneira diferente. Apresenta a razão de ser desta praga horrível; proclama a justiça de Deus. A semelhança de Abraão, reconhece o Senhor Deus como o Juiz de toda terra (Gn 18.25). Ele

também exalta o Senhor como o "Eterno Deus, o Santo, que és, que eras, e sempre o serás". Em razão do que Deus é, sempre agirá de acordo com a sua natureza santa e justa. E, de fato, o anjo reconhece ter já o Senhor Deus demonstrado sua verdadeira natureza aos julgar os seguidores do Anticristo.

Deus demonstra sua santidade e perfeita justiça ao julgar os povos da terra, dando-lhes "sangue a beber". Eles são culpados por haverem derramado o sangue dos justos. Faziam parte de um sistema que primara em martirizar os santos e profetas.

"Santos" são os crentes do Novo Testamento que viveram vidas consagradas a Deus e dedicadas ao seu serviço apesar das muitas perseguições. Desde Estevão, o primeiro mártir da Igreja, aos dias de hoje, milhares de cristãos têm sido mortos por causa de seu testemunho e amor a Cristo. Muitos ainda hão de selar a sua fé com o próprio sangue.

"Profetas" são os porta-vozes de Deus. Esta passagem aplica-se principalmente aos profetas do Novo Testamento usados pelo Espírito Santo para fortalecer, edificar e encorajar os crentes da igreja local. À semelhança dos profetas do Antigo Testamento, não temeram expor suas vidas até o ponto de perdê-las por amor a Cristo e ao Evangelho.

Nestas pragas finais, fica evidente estarem já mortos os que se recusaram a receber a marca da besta. Quanto aos que a tomaram, são culpados pela morte destes mártires. A expressão "eles são dignos" é irônica; significa que os ímpios "merecem tomar das águas tornadas em sangue".

No versículo sete, outra voz "procedente do altar" confirma a mensagem do "anjo das águas". O que fala não é identificado. Alguns comentaristas acham que o altar é personificado como estando a falar. Porém, o grego *ek* - "que sai do" - parece distinguir entre o altar e quem realmente fala. Trata-se provavelmente de outro anjo. Este afirma que ninguém pode questionar os atos do julgamento de Deus, pois são verdadeiros e justos (Sl 19.9). Ele é o Senhor Deus Todo-Poderoso, o grande Eu Sou. Somente Ele pode executar todos os tipos de julgamentos, pois servem estes para demonstrar sua santidade, justiça e poder. O mesmo El Shaddai (Deus, Todo-poderoso) que havia providenciado a Abraão todo o necessário, confirmando-lhe as ricas promessas, apresenta-se agora como o Juiz Todo-poderoso.

O mundo não compreende a excessiva gravidade do pecado (Rm 7.13). Tampouco compreende a santidade de Deus que o separa de todo pecado e maldade, e que o faz abominar e odiar a injustiça. Embora Deus seja amor, este sempre opera em harmonia com a sua santidade. Consequentemente, os que rejeitam a sua provisão para a salvação eterna, através do sangue de Jesus, têm de ser punidos. O pecado há de ser sempre julgado. Os que não tiveram seus pecados julgados na cruz do Calvário,

terão de enfrentar a ira e o julgamento divinos (SI 119.137; Jo 3.19; Hb 1.9). Não se trata de verdade despótica; é um aspecto tanto do caráter justo e santo de Deus, como das leis estabelecidas na criação.

V - A Quarta Taça: o Calor do Sol Torna-se Intenso (Ap 16.8,9)

> *"E o quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido que abrasasse os homens com fogo. E os homens foram abrasados com grandes calores, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arrependeram para lhe darem glória."*

As primeiras três pragas foram derramadas sobre a terra, o mar, os rios e fontes. A quarta é derramada "sobre o sol". O Deus que criou o Sol certamente tem todo o poder e controle sobre ele; usa-o pois agora como instrumento de juízo. Ao Sol é dada a permissão de "queimar os homens com fogo". O Sol irradiará energia além de seu processo natural. Esta praga é um julgamento sobrenatural executado pelo poder de Deus. Nas Escrituras, fogo frequentemente fala de julgamento (Is 24.6; Ml 4.1; Mt 3.10-12)

E possível que o tremendo calor desta praga derreta a calota polar, elevando o nível dos mares, e causando grande devastação em muitas partes da terra (Am 9.5,6). Em todo caso, um calor tão intenso assim deve agravar as consequências das úlceras malignas, angustiando ainda mais os povos que habitam na terra. A dor faz os homens blasfemarem o nome de Deus ao invés de os levar a se arrependerem. Embora saibam que é Deus, e não Satanás, ou o Anticristo, que tem o controle e a autoridade sobre as pragas, negam a dar-lhe glória; teimosamente recusam a reconhecer seu pecado, e a necessidade de arrependimento.

Para os crentes, "o Senhor Deus é sol e escudo", trazendo boas coisas (SI 84.11). Jesus é o Sol da Justiça que traz salvação e cura (Ml 4.2). Nesta dispensação, temos visto a ambos - a bondade e severidade de Deus. Através destas, Deus leva os homens ao arrependimento (Rm 11.22). Mas o povo atingido por esta praga rejeita tanto a bondade como a severidade de Deus. Ao escolher a seguir Satanás, o Anticristo e o Falso Profeta, os homens sacramentam as mentiras do diabo (2 Ts 2.10). Eles amam as trevas e rejeitam a luz da verdade. Sua condição contrasta com a dos santos que, nesta hora, estarão no céu, onde não estarão a salvo do ardor do sol (Ap 7.16). Eis um aviso àqueles que, embora hajam ouvido a verdade do Evangelho, persistem obstinadamente em continuar nos seus caminhos perversos.

VI - A Quinta Taça: Trevas (Ap 16.10,11)

> *"E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e eles mordiam as suas línguas de dor. E por causa das suas dores, e por causa das suas chagas, blasfemaram do Deus do céu; e não se arrependeram das suas obras."*

O quinto anjo derramou sua taça de ouro sobre o assento (literalmente "o trono") da besta, isto é: sobre a sede de seu governo. Alguns acham que o trono da besta ficará sediado em Babilônia; outros, em Jerusalém. Tal praga colocará o reino do Anticristo em completas trevas como ocorreu no Egito (Êx 10.21- 23). Trevas, como símbolo de julgamento, acham-se em várias passagens bíblicas (Is 60.2; J1 2.2; Nm 1.8; Mc 13.24,25). As trevas colocam em confusão o reino do Anticristo. Elas angustiam ainda mais os que já estão sofrendo em consequência das outras pragas. Sua dor é tão intensa que são levados a morderem as línguas tamanha a sua agonia.

Pela segunda vez, nesta série de pragas, o povo, ao invés de se arrepender, blasfema o nome santo de Deus. Embora reconhecendo serem as suas aflições provenientes do julgamento de Deus, as pessoas endurecem seus corações e insistem em continuar a praticar iniquidades. Estão sob a influência enganadora do Anticristo e do Falso Profeta. Mas a expressão "o Deus do céu" lembra-nos a promessa feita em Daniel (Ap 2.44,45) de que "o Deus do céu suscitará um reino que esmiuçará e consumirá todos os outros reinos, mas o seu reino subsistirá para sempre".

Infere-se, pois, de que o sincero arrependimento poderia suspender os julgamentos, mas ninguém se arrepende. As trevas não se limitam a atingir o reino natural e físico; elas são também espirituais. O povo não percebe a verdade. Os justos juízos de Deus servem somente para aumentar a sua rebelião. ([8]) Deve ficar bem claro a todos que nenhum julgamento, ou "purgatório", nem mesmo o lago de fogo, são capazes de levar o arrependimento aos corações dos que rejeitaram a misericórdia e a salvação de Deus no tempo oportuno.

VII - A Sexta Taça: A Preparação para o Armagedom (Ap 16.12-16)

> *"E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates, e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente. E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo- poderoso. Eis que venho*

como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda os seus vestidos, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas. E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom."

Embora o Eufrates seja um dos maiores rios do mundo (vede comentário no capítulo 9.13,14), quando o sexto anjo derramar a sua taça de ouro, ele há de secar.

No Antigo Testamento, o secamento das águas era, às vezes, o meio usado por Deus para proporcionar livramento ao seu povo, como aconteceu no mar Vermelho e no rio Jordão. Mas também significava julgamento divino (Is 11.15; 42.15; Zc 10.11). Neste caso, a seca do grande Eufrates significará a remoção de uma barreira que permitirá aos reis do Oriente, juntamente com os seus exércitos, entrar em Israel para a peleja no vale de Megido. Satanás usará o seu poder para reunir e aprontar os povos para o grande conflito que sucederá no fim da Grande Tribulação (Gn 15.18; Js 1.3-4; Is 11.15).

A sexta taça, portanto, está envolvida na preparação para a batalha do Armagedom que é descrita com mais detalhes no capítulo 19. Será uma luta horrível, mas terminará em vitória para o Cordeiro.

Depois que estiver preparado o caminho para "os reinos do oriente", o dragão, o Anticristo, e o Falso Profeta entrarão em ação. O dragão aqui mencionado certamente é aquele de sete cabeças do capítulo 12 (isto é, Satanás mesmo). A besta é o Anticristo. Quanto à segunda besta, que "saiu da terra" (13.11- 17), é identificada pela primeira vez como "o Falso Profeta".

Da boca de cada um deles sai um espírito imundo semelhante a rãs. São demônios e não rãs; esta serve apenas como símbolo. Todavia, as rãs foram uma das pragas que Deus mandara sobre o Egito (Êx 8.2-11; SI 105.30). Sob a Lei de Moisés, eram consideradas imundas. Que contraste com o Espírito Santo! Ele desceu do céu, em forma de pomba, para repousar sobre Jesus!

O fato de os três espíritos imundos haveren saído da boca deste trio diabólico, sugere-nos o exercício do ministério da mentira. Como espíritos demoníacos, operam sinais (2 Ts 2.9), tornando persuasiva a transmissão de suas pérfidas e enganadoras mensagens. Eles dirigem-se aos reis do mundo inteiro (incluindo os do Oriente) a fim de ajuntá-los à peleja do Grande Dia do Deus Todo-poderoso. Através de seus falsos milagres, e pela grande influência que exercem sobre as mentes dos reis, convencerão estes a se unirem ao Anticristo na batalha final do Armagedom - um holocausto que envolverá o mundo inteiro.

Os milagres operados por estes espíritos trazem ao ponto culminante o solene aviso de Jesus: "E surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar se possível os próprios

eleitos" (Mt 24.24). Mas, nesta hora, os eleitos não estarão presentes; somente os ímpios que, prestes, hão de perecer: "Então será de fato revelado o iníquo a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca, e o destruirá pela manifestação de sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos (2 Ts 2.8-10).

Observemos, pois, que tais espírito não operam os seus milagres para enganar o povo em geral. Eles centralizam seus esforços para ganhar os reis e governantes do mundo. Os milagres excitam nos lideres mundiais um zelo sanguinário pela guerra. Embora, tenha havido outras guerras mundiais, nunca antes o mundo inteiro esteve envolvido como nesta ocasião. Segundo a história, houve nações que, embora cercadas por outros países em conflito, mantiveram-se neutras. Nesta grande guerra, porém, nenhuma neutralidade será possível. É que a batalha faz parte do grande dia do julgamento de Deus, e nenhum povo haverá de ser deixado de fora. Mais uma vez veremos "os pagãos enfurecidos, e os povos imaginando coisas vãs..." e "os reis da terra se levantando, e os príncipes entrando em conspiração contra o Senhor e o seu ungido..." (SI 2.1,2). Que tolice dos reis e governantes darem ouvidos às mentiras de Satanás!

No versículo 15, Jesus dá um aviso idêntico aos registrados nos evangelhos. Ele virá como ladrão, significando que chegará sem anúncio prévio, numa hora inesperada. Neste versículo, encontramos a terceira das sete bem-aventuranças pronunciadas em Apocalipse. Temos de "vigiar, ficar alertas, sob aviso". O termo "guardar as suas vestes" significa evitar as manchas do pecado. A palavra "nu" não significa estar totalmente sem roupa, mas "sem o manto exterior, cobertura apropriada", sem o manto alvo e imaculado da justiça de Cristo.

No versículo 16, não é identificado o responsável pelo ajun¬tamento dos povos. É provável que se refira a um dos espíritos imundos (vs.12,13). Os reis e governantes serão ajuntados no lugar que se chama Armagedom, que é a literal tradução do hebraico *Har Megiddon*, "o monte do Megido".(9) Megido foi uma das antigas cidades cananitas da região norte-central da Palestina, que Josué não conseguiu conquistar. Ela protegia o caminho usado pelas caravanas e exércitos que, procedentes de Esdraelon e Saron, iam para o Egito. A juíza Débora obteve uma grande vitória nesta região (Jz 4.12-23). A Bíblia recorda outras batalhas travadas aí (2 Rs 9.27; 23.29,30).

Em cumprimento às muitas profecias do Antigo Testamento (Dt 32.43; Jr 25.31; J1 3.2,7-17; Sf 3.8; Zc 12.11; 14.2-5), Armagedom tornar-se-á o campo de batalha para "aquele grande e terrível dia do Senhor" (J1 2.31). A batalha será o clímax da Grande Tribulação.

O objetivo de Satanás e seus demônios será aproveitar e usar as nações sob a direção do Anticristo, para travar a guerra contra Deus e destruir Jerusalém (Zc 14.2). Alguns eruditos colocam os capítulos 38 e 39 de Ezequiel neste mesmo contexto. Mas nas passagens citadas, Ezequiel refere-se a uma batalha que se dará talvez antes, ou no começo, da Grande Tribulação. O que Ezequiel descreve é um tanto diferente do que acontecerá no Armagedom.

A batalha terminará quando Jesus voltar com poder e glória, e, com a palavra que sai de sua boca, vencer o Anticristo e seus exércitos (Zc 14.1-5; Ap 19.19-21; SI 110.5; Is 66.15-16; 2 Ts 1.7-10; Ap 19.11-16).

VIII - A Sétima Taça: A Praga do Terremoto e da Saraiva (Ap 16.17-21)

> *"E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito. E houve vozes, e trovões, e relâmpagos, e um grande terremoto, como nunca tinha havido desde que há homens sobre a terra; tal foi este tão grande terremoto. E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram; e da grande Babilônia se lembrou Deus, para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira. E toda a ilha fugiu; e os montes não se acharam. E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do peso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da saraiva: porque a sua praga era mui grande."*

Quando o sétimo anjo derrama a última taça da ira de Deus, enchendo toda a atmosfera com o julgamento divino, ouve-se do templo celestial uma grande voz clamando: "Feito está", ou "está consumado". A voz é de Deus ou de Cristo. Com a sétima praga termina o derramamento da ira divina sobre a terra, e os versículos 18 a 21 descrevem o que esta praga traz sobre a terra.

Os outros julgamentos, selos, trombetas e taças eram seguidos de vozes, trovões e relâmpagos (Ap 4.5; 8.5; 11.19). Mas com esta última taça, ouvem-se vozes. Em seguida, rompe-se grande tempestade de relâmpagos e trovões. No Antigo Testamento, muitas vezes Deus usou as tempestades como julgamento. Os profetas predisseram que os julgamentos futuros viriam desta forma (SI 50.3-4; Is 24.17-21; 29.6; J1 3.16; Ag 2.6-7). Estas vozes repetem o juízo de Deus sobre o sistema mundial governado e dominado por Satanás, o príncipe da potestade do ar (Ef 2.2). Elas proclamam o julgamento divino prestes a cair sobre o Anticristo e seu reino. Uma das últimas ocorrência é um grande terremoto.

O sexto selo (Ap 6.12-14), uma antevisão deste mesmo terremoto, também descreve um grande tremor que envolverá a superfície de toda a

terra. Terremotos também ocorrem em outros julgamentos divinos (Jr 25.29-33).

Há quatro palavras e frases que descrevem a severidade deste terremoto: 1) grande; 2) nunca houve igual; 3) tão forte; 4) tão grande. A história registra muitos terremotos devastadores. O terremoto de 1908 em Messina, Itália, matou mais de 75.000 pessoas; o de 1923 em Tókio, no Japão, matou 100.000, e o de 1920 na província de Kansu, na China, matou aproximadamente 200:000 pessoas. Vendo os terríveis efeitos destes terremotos, é difícil imaginar as consequências do tremor registrado no capítulo 16. Este há de sobrepujar a todos os outros, e, sem dúvida, mudará a topografia da terra.

A agitação e o violento abalo do terremoto de 1811 em Nova Madrid, Estado de Missouri, EUA, à beira do rio Mississippi, foi sentido na costa leste em Savannah, Geórgia, a mil quilômetros de distância. Mas o terremoto de Apocalipse 16 afetará o mundo todo, pois "cairão às cidades das nações" e "a grande cidade se dividiu em três partes".

Embora a "grande cidade" não seja chamada pelo nome, ela se distingue das demais não tanto por seu tamanho mas pela sua importância. Esta grande cidade talvez seja Jerusalém. No passado, era identificada como "a grande cidade" que, espiritualmente, é chamada Sodoma e Egito, onde também foi crucificado o nosso Senhor Jesus" (Ap 11.8). Já em Apocalipse 11.13, um terremoto leva-lhe a décima parte do perímetro.

Alguns eruditos preferem identificar a "grande cidade" como Roma - o centro de poder no tempo de João. Eles supõem ter sido a queda de Roma o cumprimento desta profecia. ([10]) Outros acham seja esta uma referência à Babilônia reconstruída. ([11]) Mas não há nenhuma razão para se aceitar tais suposições. O mais correto é crer seja este terremoto um tremor literal que há de destruir Jerusalém. ([12]) Alguns pensam que as palavras "dividida em três partes" significa: 1) uma seção dos muros cai numa direção; 2) outra na direção oposta; 3) e os tetos caem entre ambas as partes.

E possível que a profecia de Zacarias 14.4 encaixe-se bem aqui. Desta maneira, seria dividido também o monte das Oliveiras - uma banda para o Norte, e a outra para o Sul, deixando no meio um grande vale.

O fato aqui declarado concernente à grande Babilônia não significa que Deus a tinha esquecido. Esta frase, peculiar ao Antigo Testamento, significa que Deus está prestes a agir em alguma situação. ([13]) Neste caso, a Babilônia é dado "o cálice do vinho do furor de sua ira" (vede comentário em Ap 14.10). O alvo de todo julgamento de Deus é a grande Babilônia. Tão importante é a lembrança que Deus tem de Babilônia, que os capítulos 17 e 18 dão ainda mais detalhes de sua queda. O mundo há de se conscientizar de que o Senhor quer governar um mundo sadio moral e espiritualmente. Deus derramará a sua fúria sobre o sistema mundial que o tem rejeitado sistematicamente.

A declaração de que "toda ilha fugiu e os montes não foram achados" parece significar uma mudança radical na topografia da terra em preparação para o reino milenial. Alguns acham que se trata de uma referência à restauração da terra às condições pré-diluviais.

Além do terrível terremoto, o mundo sofrerá outro juízo violento: a grande saraivada. Praga semelhante sofreu o Egito (Êx 9.24; Js 10.11). Embora Deus usasse a saraiva como arma de destruição no Antigo Testamento (Is 28.2 e Ez 38.22), a referida aqui é muito pior. Estas pedras pesam cerca de um "talento", ou seja: aproximadamente 30 quilos. Apesar de tudo, ninguém se arrepende; os seres humanos que ainda habitam a terra, blasfemam contra Deus por causa da praga.

Apocalipse

Capítulo 17

O capítulo 17 começa apresentando uma série de visões que revelam três quedas finais. Juntamente com o capítulo 18, somos informados quanto aos detalhes da queda de Babilônia, anunciada nos capítulos 14.8 e 16.19. O capítulo 19 celebra a sua queda com um hino de louvor a Deus. Apocalipse 19.11,12 descreve a queda do Anticristo e de seu reinado. O capítulo 20 mostra a queda e o julgamento final de Satanás e de todos os que o seguem. Temos aqui o interlúdio do Milênio. Esta seção é concluída com o capítulo 21.1-8, confirmando o destino final dos justos e dos ímpios.

Embora Babilônia venha sendo identificada das mais diversas formas (vide comentário no capítulo 14.8 e 16.17-21), ela representa, na verdade, o presente sistema mundial - o mundo que a Bíblia diz estar no maligno (1 Jo 5.19), e que é simbolizado pela besta vestida de escarlate. A "grande meretriz" é, portanto, uma outra maneira de se visualizar o mesmo sistema, representado pela estátua de Babilônia, vista no sonho de Nabucodonosor, e interpretada por Daniel no capítulo dois de seu livro (vide comentário em Ap 13.1,2).

I - A Grande Meretriz (Ap 17.1,2)

> *"E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo-me: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas; com a qual se prostituíram os reis da terra: e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição."*

Os versículos de um a 15 pertencem a primeira seção deste capítulo. Um dos sete anjos que têm as taças da ira de Deus agora fala, dizendo a João que irá mostrar-lhe o "julgamento" (isto é, a condenação e castigo) da "grande meretriz" que se acha sentada sobre muitas águas.

A Bíblia frequentemente usa termos e imagens de adultério e prostituição para descrever a adoração de deuses pagãos, ou outros tipos de infidelidade ao Deus verdadeiro, incluindo a rebelião (vide Is 1.21; Jr 3.9; Ez 16.14-18,32; Tg 4.4). Consequentemente, muitos entendem este termo como figurativo em relação ao aspecto religioso de Babilônia, que inclui todas as falsas religiões, seita e igrejas apóstatas. ([1]) Sua forma final durante a tribulação é a adoração ao Anticristo. À semelhança de seus

antecessores, o sistema religioso babilônico rejeitará o evangelho pregado por Cristo e pelos apóstolos (2 Tm 4.3-4). A Babilônia religiosa terá uma forma de piedade mas negará, ou rejeitará, o verdadeiro poder da piedade, o poder do Espírito Santo (2 Tm 3.5). Portanto, ela rejeitará a inspiração da Bíblia e afastar-se-á das verdades básicas das Escrituras (G1 1.9; 2 Tm 3.5,8,13).

No Antigo Testamento, o termo "águas" é usado no sentido metafórico para descrever a invasão de Israel em julgamento (Is 8.7,8). Mas as "muitas águas" a que João se refere são uma referência ao sistema de canais de irrigação que havia ao redor da antiga Babilônia, no rio Eufrates. ([2]) Contudo, o versículo 15 identifica as "muitas águas" como sendo as na¬ções e línguas" do mundo. Isto poderia significar que Babilônia é uma cidade que domina e controla, ou é apoiada por todas as nações. Significa que ela, em si, é o sistema mundial queinclui todos os povos do mundo e, portanto, vem representando o sistema mundial desde a antiga Babilônia até o tempo do juízo final.

II - Mistério, Babilônia (Ap 17.3-5)

> *"E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição; E na sua testa estava escrito o nome: Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra."*

Deve se reconhecer que esta visão não representa nenhuma atividade posterior às sete taças. Antes, fornece os detalhes da proclamação angelical sobre a queda de Babilônia no capítulo 14.8. A queda foi uma consequência por ter Babilônia "dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição". Os capítulos 17 e 18 explicam mais detalhadamente este trecho. É enfatizado que não somente as nações em geral, mas os reis da terra em particular, têm se prostituído material e espiritualmente com ela. Isto significa que os líderes deste mundo entraram em acordo e convênios, associando-se com o sistema religioso de Babilônia e à sua imoralidade e corrupção.

Os habitantes da terra, pois, são desencaminhados por esta "grande meretriz", e encorajados em seu erro por hipócritas e falsos profetas. Ao invés de se incentivar a santidade e a dedicação a Deus, ela intoxica as pessoas com o vinho da sua fornicação. E, ao invés de seguir o Deus verdadeiro e adorá-lo no Espírito Santo de acordo com as Escrituras,

adotam filosofias mundanas e falsas religiões. Como o primeiro capítulo de Romanos indica, o homem destrona a Deus e entrona-se a si mesmo, e em breve todos estarão adorando deuses feitos por suas próprias mãos, deuses que eles pensam poder manipular. Isto os leva a praticar todos os desejos da carne que, segundo G1 5.21, são condenados por Deus. Tais desejos carnais, junto ao envolvimento com filosofias, doutrinas, seitas e rituais falsos, amortecem a sensibilidade espiritual da mesma maneira que o vinho amortece a mente e envenena o corpo.

Esta é a terceira vez em Apocalipse que João diz se "achar no Espírito". No capítulo 1.10, achava-se no Espírito quando teve a visão do Cristo glorificado. Em Ap 4.2, achava-se no Espírito, e teve a visão do trono de Deus no céu. Nesta visão, sua experiência é semelhante a de Ezequiel; ele está consciente de estar sendo "levantado e levado a Jerusalém" (Ez 8.3). Vê uma mulher montada sobre uma besta escarlate e repleta de nomes de blasfêmia, isto é: nomes que insultam a santidade e a glória do Deus verdadeiro. A besta tem sete cabeças e dez chifres, identificados no capítulo 17.10-12. Trata-se obviamente daquela besta descrita em Apocalipse 13.1. As cabeças parecem indicar que elas controlam a besta. Os dez chifres parecem estar juntos ao mesmo tempo (vide versículo 12).

A imagem da mulher montada na besta é a da "grande meretriz" que estava assentada sobre a "muitas águas" no versículo um. Ela domina o sistema mundial e sua influência infiltra-se nos povos e nações do mundo inteiro.

Alguns identificam a besta escarlate com Roma, e os seus sete chifres com sete de seus imperadores. ([3]) Mas isto a limitaria ao passado. Temos de levar em conta que ela é um personagem do final dos tempos. A besta pode ser melhor identificada com o sistema mundial, ou a Babilônia política, que apóia o sistema religioso apóstata que terá o seu clímax no reinado do Anticristo. ([4])

O fato de a mulher estar sendo carregada pela besta, indica o seu compromisso com os poderes políticos, sua tolerância para com as injustiças e a sua procura de favores do mundo pagão.

Esta mulher contrasta fortemente com a mulher "vestida do sol", símbolo de Israel no capítulo 12. A grande meretriz está vestida de "púrpura e de escarlata", cores de realeza e de grandeza nos tempos bíblicos (Jz 8.26; Dn 5.7; Na 2.3). Tais tinturas eram extremamente caras, e somente acessíveis aos ricos. Sua roupa e adornos de "ouro, pedras preciosas e pérolas", são indicações da prosperidade que o mundo sempre procura; simbolizam as riquezas e o poder do presente século. Sua beleza, porém, é apenas superficial. Quão diferente é a indumentária daqueles que lavaram seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro! (Ap 3.5; 7.14; 19.8).

Outro contraste aparece entre "o cálice de ouro" e o cálice do Senhor. O cálice de ouro da mulher pode ter bela aparência exterior, mas por dentro acha-se "transbordante de abominações e de imundícias", que são sua corrupção moral e religiosa. Em lugar de oferecer ao mundo o cálice da salvação e do sofrimento por amor a Cristo, apresenta o cálice de satisfação carnal e de tudo quanto é abominável a Deus.

O nome "na sua fronte" indica o seu caráter. "Mistério" pode indicar que até este tempo a sua verdadeira natureza e caráter não haviam sido revelados. Mas a João é permitido ver o que ela realmente é.

O nome "Babilônia" é a forma grega da palavra hebraica *Babel*, derivada do vocábulo *Balai*, "confundir", que resultou, por sua vez, no substantivo *Balbel*, que evoluiu até perder o primeiro *l*, ficando apenas *Babel* (Gn 11.9).(5) Os gregos costumavam colocar letras no fim dos nomes, dando assim a *Babel* a conhecida forma *Babilônia*. Portanto, Babilônia, está relacionada com *Babel*, e simboliza o orgulho humano e a rebelião contra o único e verdadeiro Deus (Gn 11.3,4).

Babilônia pode simbolizar também religião falsa, magia, astrologia e ocultismo. Mais tarde, os babilônios começaram a se incomodar com a semântica desse nome. Para dar-lhe outro significado, mudaram a forma de "*Babel*" para "*Babel*" que significa "a porta de deus". O sistema religioso babilônio dominou a Mesopotâmia nos tempos do Antigo Testamento. Até a Assíria adotou a adoração aos deuses babilônios. Aqui, o termo Babilônia é dado a todo o sistema religioso anti-Deus, cujo ápice dar-se-á quando o Anticristo e o seu Falso Profeta implantarem o seu governo após o arrebatamento da Igreja.

Além de trazer a taça cheia de abominações, a mulher é também a mãe das meretrizes e das iniquidades da terra. Ela vem gerando todas as falsas religiões e seitas desde os dias da torre de Babel até hoje. A palavra "abominação" é usada para tudo o que é detestável aos olhos de Deus, especialmente o que está ligado à idolatria, astrologia, adivinhações, luxúria, magia, e experiências ligadas às drogas e ao ocultismo. Tal sistema religioso pode ser aplicado ainda ao secularismo humanístico, práticas satânicas, filosofias da Nova Era e outros ensinos que rebaixem o nível moral da humanidade.

III - Embriagada com o Sangue dos Mártires (Ap 17.6,7)

> *"E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei- me com grande admiração. E o anjo me disse: Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher, e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres."*

João vê a mulher embriagada com o "sangue dos santos e dos mártires de Cristo". Tal fato identifica a mulher como personificando um sistema mundial completo. Ela está embriagada com sangue, e deleita-se com na morte dos santos e das testemunhas martirizadas pela fé e testemunho em Jesus. Estes preferiram a morte a negar a Cristo. Como a expressão grega "que é", em português, pode muitas vezes ser traduzida "até", alguns eruditos afirmam que a palavra "santos" e "mártires" aqui menciona¬das significam a mesma coisa. Todos eles são crentes em Jesus. Outros dizem, contudo, que estes santos são os mártires do Antigo Testamento, acerca dos quais Jesus teria certa vez se referido (Lc 11.51). Caso o interpretemos assim, a mulher vem se embri¬agando com o sangue dos santos desde os dias de Abel.

A mulher aqui mencionada é representante do sistema religioso mundial que vem rejeitando, sistematicamente, a Palavra de Deus, e perseguindo os seguidores de Jesus. Em sua licenciosidade e sede de sangue, ela não limita o martírio dos crentes a Roma, nem à Grande Tribulação. Embora esteja vestida com traje real e adornada com ouro, jóias e pérolas, o seu interior "tornou- se morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo" (Ap 18.2). As falsas religiões continuarão a perseguir os verdadeiros seguidores de Cristo. Tem havido mártires durante toda a história da Igreja. Os que matam os crentes não apresentam qualquer justificativa de seu ato. Inconscientemente são levados a praticar tais coisas. Seja como for, a inspiração satânica é a causa de se praticar tantos desatinos contra os que recebem a fé cristã. Todo sistema anti-Deus e contrário a Bíblia terá o seu ápice quando da implantação do governo do Anticristo.

A visão da mulher montada na besta escarlate fez com que João se admirasse com grande espanto. Noutra tradução, lemos que o evangelista ficou "grandemente admirado". E, em outra tradução, ainda está escrito ter ficado ele "completamente perplexo". O anjo afiança a João que irá mostrar-lhe "o julgamento" da grande prostituta. Contudo, o que João acaba de ver era magnificência, riqueza e poder. Também viu a mulher que continuava embriagada com o sangue dos mártires e santos. Não havia sinal algum de julgamento sendo pronunciado contra ela. Como isto constituía-se num mistério, João reivindica uma explicação.

O anjo pergunta a João por que estava ele admirado. O mensageiro pressupunha que o evangelista e seus leitores deveriam compreender perfeitamente a visão. Apesar de Daniel capítulo sete ser um pano de fundo familiar ao que anjo descrevia, temos de ter em mente que o Apocalipse usa a linguagem do Antigo Testamento para descrever uma nova revelação. Muitas vezes não podemos usar o contexto do Antigo Testamento para explicar visões como esta. Contudo, a riqueza e o adorno externo da prostituta deveriam tê-la identificado com a Babilônia. A procura de

riqueza, em si mesma, torna a pessoa escrava do ganho material (Mt 6.24; 1 Co 10.19,20; Cl 3.5). Isto leva a separação de Deus, e destrói a vida espiritual (Lc 8.14; 1 Tm 6.10). Os que vivem suas vidas tendo em vista a eternidade, não serão seduzidos por Satanás nem envolvidos pela ganância que ignora os valores espirituais (Cl 3.5-11).

Em síntese, o anjo garante a João que "o mistério da mulher, e da besta que a levava" será elucidado. A besta e a mulher são relacionadas inseparavelmente; uma não pode ser compreendida sem a outra. O anjo explicará também o significado "das sete cabeças e dos dez chifres". Atenção especial é dirigida a estes por causa da importância em se compreender a sentença dada no julgamento da prostituta.

IV - A Besta é Identificada (Ap 17.8)

> *"A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão, vendo a besta que era e já não é, mas que virá."*

A explicação do anjo parece identificar a besta pela aparência de sua cabeça que tinha um ferimento mortal (Ap 13.3). Porém, a ênfase está no fato de que isto tenha ocorrido no passado. "A besta que viste era e já não é, mas que virá". Alguns supõem que a besta seja uma pessoa como Ninrode, Judas ou Nero. Mas somente Deus pode dar vida ou ressuscitar alguém.

Não há nada na Bíblia que possa indicar que estivesse Deus disposto a conceder tal poder a outra pessoa senão ao seu Filho Jesus (vide Jo 5.19-29).

A besta, vista na visão profética, é mais um sistema político que existiu em forma de impérios mundiais no passado. Mas não tem subsistido exatamente desta forma desde a queda do Império Romano. Ela tem sido o ferro e o barro dos estados nacionalistas descritos em Daniel capítulo 2.41-43.

Durante a tribulação, reaparecerá como um império mundial governado pelo Anticristo, dominado e possuído por Satanás. O império da besta durante a tribulação é descrito como algo que sobe do abismo, das profundezas do inferno.

Tal reino não terá longa duração; seu destino é a perdição eterna. A palavra grega para perdição apoleia tem o sentido de uma ruína total ou de eterna destruição. É usada no Novo Testamento, especialmente quando se refere ao castigo final dos ímpios no lago de fogo. Para os sistemas mundiais representados pela besta, o final é a perdição eterna e a destruição final.

Os que estiverem na terra, pasmar-se-ão com a besta, pois a possibilidade de um império mundial, que parecia tão remota, torna-se viável. Carlos Magno, Napoleão e Hitler tentaram ebelecer um império como este, mas falharam. Mussoline garantiu que faria do Mediterrâneo um lago Romano, mas também falhou. A Confederação Mundial, a Liga das Nações, e as Nações Unidas todas falharam ao tentar unir os povos. Apesar de todos esses fracassos, o Anticristo levará a cabo tal plano com a ajuda de Satanás. Seu êxito causará espanto naqueles que não tomarem parte no arrebatamento da Igreja.

Os que estiverem habitando a terra são identificados como aqueles "cujos nomes não foram escritos no livro da vida desde a fundação do mundo". Esta afirmação, porém, não indica terem sido eles predestinados à condenação eterna. A Bíblia deixa claro que devemos rogozijar-nos ao saber que o nosso nome está escrito no Livro da Vida. Mas deixa claro também que o nome de alguém pode ser riscado por não ter sido fiel até o fim (SI 69.28; Is 4.3; Ap 3.5; 13.8). Os tais são os que rejeitaram a Cristo, ou que nunca colocaram sua fé nEle como o Senhor e Salvador de suas almas. São atraídos pela besta; são identificados com aqueles que recebem a sua marca e a adoram. E, consequentemente, estão a caminho da perdição eterna no lago de fogo.

V - Sete Montes (Ap 17.9)

> *"Aqui há sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada."*

A "mente que tem sabedoria" significa que existe algo, aqui, que pode ajudar-nos a interpretar a visão de Patmos. As sete cabeças têm um simbolismo duplo. Simbolizam sete montanhas. Alguns comentaristas têm procurado encontrar sete colinas em Jerusalém, ([6]) mas não há sete montanhas nos limites da antiga Cidade Santa. Se forem incluídas as montanhas que se acham fora dos limites da cidade, haverá mais de sete. Outros procuram identificar as colinas com alguma cidade moderna. Nos tempos do Novo Testamento, Roma era conhecida em toda parte como a cidade das sete colinas. Os leitores das cartas de João não optariam por nenhum outro lugar a não ser Roma.

Tudo parece indicar que Cristo e o Espírito Santo queriam que os contemporâneos de João soubessem estar vivendo na era romana da história do sistema mundial. Isso corresponderia às pernas de ferro da grande estátua que Nabucodonosor vira em Daniel 2. Roma e seus imperadores estavam unidos contra os verdadeiros crentes em Jesus Cristo. Sua maldade mereceu o julgamento divino; sua decadência moral acabou por provocar- lhe a queda.

VI - Reinos que Hão de Vir (Ap 17.10)

> *"E são também sete reis; cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo."*

As sete cabeças também representam sete reis; cada um simbolizando um império na sequencia do sistema mundial do qual Roma fazia parte. Alguns acham que estes são cinco imperadores proeminentes que governaram o Império Romano antes de Domiciano, ou cinco reis que tinham o espírito de Nero e Domiciano. ([7]) Um que "existe" seria então Domiciano, e o que havia de vir seria o Anticristo no tempo do fim. Outros ligam o rei que há de vir com uma tradição que apregoava a volta de Nero como o Anticristo. ([8]) Contudo, não é possível ligar estes cinco reis, de maneira clara, com qualquer sequencia de imperadores romanos. É preferível aceitar a interpretação daqueles que tomam os cinco impérios já caídos: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia. ([9]) Roma, portanto, seria aquele que existe. Aquele que "ainda não é chegado" seria comparado aos pés de ferro misturado com barro na grande estátua de Daniel capítulo 2. O fato de Roma fazer parte deste quadro era importante para os crentes nos dias de João. Mas o evangelista registrou a profecia de tal maneira, que mesmo os mais perspicazes oficiais romanos não poderiam acusar os crentes de falarem mal do império.

VII - O Oitavo (Ap 17.11)

> *"E a besta que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete, e caminha para a destruição.*

A besta não somente tem sete cabeças, mas ela mesma é a oitava, inuma referência a um oitavo rei. Ela também "pertence aos sete", embora não seja um dos sete; faz parte do mesmo sistema mundial babilônico que a precedeu. Ela é o ponto culminante desse sistema. Daniel introduz o Anticristo de maneira similar. Apesar de não estar representado na figura em Daniel 2, aparece ele no capítulo 7 como "o pequeno chifre" que subiu da quarta besta. O Apocalipse a identifica como sendo a própria besta, porque é o ápice e a soma de quantos sistemas mundiais ímpios que a precederam.

A besta (com o Anticristo) "viu à sua destruição", ou perdição eterna, no fim da tribulação. Ela será lançada no lago de fogo preparado para o diabo e seus anjos.

VIII - Os Dez Chifres (Ap 17.12-14)

> *"Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam o reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora. Têm estes um só pensamento, e oferecem a besta o poder e a autoridade que possuem. Pelejarão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele".*

Os dez chifres representam dez reis, quer dizer, dez reinos, ou dez nações, que terão grande poder político por "uma hora", ou por ura curto período de tempo. A Bíblia declara especificamente que estas nações "ainda não receberam o reino", isto é, ainda não existiam nos dias de João. Portanto, não podiam ser nações relacionadas ao antigo império romano. Elas viriam a existir no fim da era da Igreja, e terão poder no fim dos tempos, quando o Anticristo se manifestar.

Alguns acreditam que os tais reis organizarão uma confederação mundial ([10]), ou possivelmente, os Estados Unidos da Europa. Eruditos há que os identificam como o Império Romano reavivado, tendo por líder a Itália. ([11]) Há aqueles que acreditam que os chifres representem um império, tendo a cidade de Babilônia, reconstruída, como capital. Porém, Daniel 2.34,44 mostra que a estátua, representando a sequencia de impérios mundiais, será abatida a partir dos pés (as nações de ferro e barro dos tempos finais), e não nas pernas (Roma), nem na cabeça (Babilônia). Outros consideram o dez um número completo; portanto, os dez chifres representam a plenitude de todos os reinos e nações nos finais dos tempos, pois todos darão seu poder e autoridade ao Anticristo. ([12]) O que quer que seja a interpretação dos dez chifres, claramente irão eles se oporem ao Senhor Jesus e à Bíblia, e estarão prontos a seguir em tudo o Anticristo (Dn 7.7, 23-24).

As dez nações terão "uma mente", um mesmo intento. Além de darem todo o apoio e lealdade à besta, passarão sua própria autoridade e poder a ela. Capacitarão o Anticristo e seu reino a se arvorarem como um sistema mundial tão contrário a Deus como jamais houve desde que o homem governa a terra.

De forma similar, Daniel 7.7-8 fala dos dez chifres que sobem da quarta besta que representa o Império Romano e todas as nações que se originaram dele. No principio, não há união entre os chifres. Três deles são arrancados diante do pequeno chifre que representa o Anticristo. Isto é: são forçados a renunciar ao seu poder e autoridade, e entregá-los ao Anticristo. Mas os outros sete, espontaneamente, abrem mão de seus poderes.

O Apocalipse começa a descrever a batalha final da Grande Tribulação, onde o Anticristo e suas forças (incluindo os dez reinos representados pelos dez chifres) "combaterão contra o Cordeiro". Isto mostra toda a sua lealdade para com o Anticristo. Mas Cristo triunfará sobre as forças unidas; vencerá a batalha, pois Ele é e sempre será "Senhor dos senhores, e Rei dos reis". Ele é, por direito, o governante do mundo. Nesta batalha, trará a vitória que marcará o início do reino milenial. (Alguns dizem que, na qualidade de Rei dos reis, Jesus também é rei sobre os crentes, que são reis e sacerdotes a serviço de Deus [1 Pe 2.9; Ap 3.21]). Nesta batalha final, Jesus não estará sozinho. Estará acompanhado por aqueles que são "chamados, e escolhidos, e fiéis". São os que têm respondido à chamada para a salvação, e fielmente servido ao Senhor dentro de sua vontade. Os crentes arrebatados a encontrar o Senhor nos ares, estarão juntos com Cristo quando Ele vier para obter a vitória final sobre as forças do Anticristo. A vitória é do Senhor, mas os crentes partilharão dos resultados de seu triunfo. (Mais detalhes sobre o assunto encontra-se em Ap 19.11-12).

IX - A Explicação a Respeito das Águas (Ap 17.15)

> *"Falou-me ainda: As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas".*

O anjo (17.1) que explica a visão ao evangelista, agora identifica claramente o simbolismo das águas onde a prostituta acha-se assentada. Elas são "povos, multidões, nações e línguas"; as águas representam todos os povos do mundo. Todos eles têm sido afetados por esses sistemas falsos de religiões, através dos séculos, e que irão culminar com a religião estatal do Anticristo. Todos fazem parte do sistema mundial babilônico representado pela estátua com a cabeça de ouro em Daniel capítulo 2, e pela sequencia dos quatro animais no capítulo 7 do mesmo livro. As pessoas que estiverem vivas no fim deste período, tornar-se-ão parte do reinado do Anticristo.

X - O Destino da Mulher (Ap 17.16-18)

> *"Os dez chifres que viste e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo. Porque em seus corações incutiu Deus que realizem o seu pensamento, executem-no à uma e deem à besta o reino que possuem, até que se cumpra as palavras de Deus. A mulher que viste é a grande cidade que domina sobre os reis da terra".*

Durante o reino do Anticristo, as dez nações que o apoiam passarão a "odiar a prostituta", símbolo das falsas igrejas que levam o nome de "cristãs", bem como todas as outras religiões e seitas do mundo. Provavelmente as dez nações decidirão se deve ser dado, ou não, ao Anticristo, o voto de fidelidade e devoção, não deixando espaço algum para qualquer outra religião. Elas destruirão a prostituta completamente, bem como as suas instituições.

A linguagem, aqui, é parecida com a de Ez 23.11-25. Elas a tornarão desolada, sem propriedade ou prédios. Torna-la-ão nua. Tirarão sua aparência elegante; suas joias e roupas finas que são os sinais de poder, riqueza e influência. Depois "comerão a sua carne". Isto é: consumirão e destruirão as organizações religiosas com os sacerdotes e seus funcionários. Finalmente, o que sobrar será destruído "pelo fogo". E, aquela que se acha bêbada com o sangue dos mártires, transformar-se-á finalmente em vítima. Tudo isto acontecerá no meio da tribulação, quando o Anticristo declara ser deus, e exige que todo o mundo o adore (Dn 9.27; 11.36-38; Mt 24.15; 2 Ts 2.3; Ap 13.8-15).

Com suas ações, os dez reis, ou nações, destruirão a prostituta, e trarão os juízos do julgamento de Deus conforme o pronunciado pelo anjo (17.1). Deus é capaz de usar a ira do homem para trazer glória a si próprio (SI 76.10). Até mesmo quando os assírios pensavam ser os conquistadores, levando as riquezas e o poder das nações ao seu reino, era Deus quem, na verdade, os estava usando como vara para punir Israel (Is 10.5-12). Ele usou

Babilônia do mesmo modo, mesmo sabendo quão perversa era essa cidade (Hc 1.5-11). Estes dez chifres, ou nações, também o ajudarão a preparar o seus próprio julgamento, pois serão reunidos na adoração da Besta, e a seguirão na batalha final quando todas as nações se reunirem contra Israel. Nesta hora, Jesus virá como chama ardente, tomando vingança contra aqueles que não conhecem a Deus (J1 3.2; Zc 14.2; 2 Ts 1.7-8).

O anjo identifica a prostituta como "a grande cidade que reina sobre os reis da terra". Nos dias de Daniel, esta cidade era Babilônia. Nos tempos de João, Roma. Na Idade Média, era a Igreja Católica Romana quem coroava os reis. Contudo, nenhuma destas cidades teve domínio completo sobre os reis ou reinos da terra. Apesar de ser chamada cidade, a mulher é também um completo sistema religioso anti-Deus que começou na torre de Babel, e vem dominando os reinos deste mundo através de todas as eras, e culminará na igreja babilônica, ou na religião do Anticristo e do seu falso profeta, na primeira parte da tribulação.

Apocalipse

Capítulo 18

Acreditam alguns que a Babilônia deste capítulo não é a mesma do anterior, ([1]) pois este capítulo enfatiza os sistemas político e comercial implantado pelo Anticristo. Isto, porém, não faz dela, necessariamente, uma Babilônia diferente. A maioria dos escritores, através da história da Igreja, têm visto tais capítulos como que apresentando, apenas, os diferentes aspectos de uma só Babilônia.

Isto fica claro quando se lê em 17.2, que todas as nações têm "tomado do vinho de sua devassidão". Os reis da terra, ou domínios, têm "cometido fornicação com ela". Os mercadores da terra vêm-se tornando "ricos com a abundância das suas iguarias", pela riqueza resultante de sua sensualidade e luxúria. (v.3) A chamada para "sair dela" (v.4) não é meramente uma chamada para sair da Roma papal ou pagã. É claramente uma chamada para deixar a comunhão com os pecados do mundo que se avolumam como uma torre que chega a tocar o céu, clamando pelo juízo de Deus

I - Outro Anúncio da Queda de Babilônia (Ap 18.1-3)

> *"E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória. E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e coito de todo espírito imundo, e coito de toda a ave imunda e aborrecível. Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias."*

A expressão "depois destas coisas" indica possivelmente um período de tempo desde a última visão. Agora, a visão final do julgamento de Deus sobre o sistema mundial de Babilônia é trazido por mais um anjo; aparentemente por um, que até ali, ainda não tinha tomado parte no julgamento da Grande Tribulação. Ele vem do céu com uma "grande autoridade e poder", e com um resplendor que "iluminou a terra", mostrando claramente a ruína de Babilônia. Neste capítulo, João encontra-se na terra. (Nos capítulos 15, 16 e 17.1, aparentemente ele estava no céu).
Este anjo poderoso, e cheio de glória, pode ser o mesmo que fora visto em 14.8. Nesta visão, porém, é apresentado com mais detalhes. Ele faz uma

declaração com voz potente: "Caiu, caiu a grande Babilônia". Seu tom de voz serve para enfatizar a magnitude e o horror da queda. A ênfase, neste capítulo, é dada ao aspecto político e comercial de Babilônia. Sua queda envolve um colapso de efeito mundial.

Pode ser que esta Babilônia seja literalmente uma cidade, ou país, que abranja os aspectos da grande Babilônia descrita aqui (ver comentário em 14.8 e 16.17-21). Apesar de ser chamada cidade, aparentemente representa todas as cidades do mundo e o sistema econômico e político implantado no fim dos tempos pelo Anticristo.

A destruição total de Babilônia por Senaqueribe em 689 a.C., torna-se um tipo desta destruição futura. Senaqueribe, na realidade, encheu a praça principal da cidade com os corpos dos inimigos, mandou seus soldados quebrar todos os ídolos, exceto Bel e Nebo; depois, ordenou fossem abertas valas no rio, fazendo da cidade um pântano (Is 13.19-21; 14.22,23; 21.9,10; 46.1,2; 47.1-15).

Idêntica à destruição de Babilônia por Senaqueribe, a destruição de que ora tratamos tornará a Babilônia política do período da Grande Tribulação numa desolação. Seus habitantes tornar-se-ão alimento para aves imundas. (Ver Ap 19.17,18, onde os seguidores do Anticristo tornam-se numa festa preparada por Deus para as aves).

Vale a pena notar aqui que os verbos em Isaías 13.20 estão na voz ativa em hebraico, e não na passiva. Deve-se, pois, traduzir tal passagem assim: "Ela (Babilônia) não permanecerá para sempre, e não continuará sossegada de geração em geração". Depois, no fim de Isaías 13.22, deve-se ler: "O seu tempo está prestes a chegar e os seus dias não serão prolongados". Nada, nesta passagem, diz que Babilônia não seria reconstruída. Com mais razão, esta é uma profecia que foi logo cumprida em 689 a.C., quando Senaqueribe arrasou Babilônia. Portanto, Isaías 21.9,10 não é uma profecia; é um registro de como Isaías recebeu as notícias da queda de Babilônia em 689 a.C. Foi o debulhar, o resultado da colheita do que o profeta havia antecipado. (Deve ser notado que livros como o de Isaías e de Jeremias não estão em ordem cronológica).

Na realidade, a Babilônia destruída em 689 a.C., foi reconstruída por Esaradom, o rei da Assíria, e mais tarde embelezada e aumentada por Nabucodonosor. Ciro não chegou a destruir a cidade. Ele foi bem recebido ao entrar em Babilônia em 539 a.C. Saudaram-no com ramos e palmas. Portanto, o Apocalipse empresta o vocabulário da linguagem de Isaías capítulos 13 e 21, bem como de outras profecias ligadas a Edom, Nínive e Babilônia, para descrever a queda do sistema mundial elaborado pelo Anticristo. A desolação total a ser trazida pelo julgamento de Deus, tornará Babilônia um lugar onde nada existe, a não ser espíritos demoníacos e animais imundos. A natureza interior do sistema mundial babilônico é, e sempre o foi, representado por espíritos demoníacos e impuros. O

julgamento acabará com a aparente beleza e glória de Babilônia, e mostrará o que ela realmente é.

Os pecados de Babilônia têm sido identificados em 14.8 e 17.1,2. Ela está destinada à destruição, porque embriagou as nações com o vinho da sua fornicação, tanto literal como espiritualmente falando. Como 14.8 indica, ela "induziu" as nações a praticarem tais coisas. Contudo, estas também são culpadas por haverem concordado em escolher a sua religião e apostasia. Deixaram o verdadeiro Deus para abraçar a sua licenciosidade.

Os mercadores da terra enriqueceram-se "a custa de sua licenciosidade", ou "excessiva luxúria". Mas tal comportando ocasionar-lhe-á a queda como aconteceu na antiga Babilônia. Belsazar banqueteava-se com mil de seus grandes, num aberto desafio a Deus. Na mesma noite, de acordo com os registros persas e babilônicos descobertos pelos arqueólogos, o seu povo abriu as portas da cidade para que entrassem os exércitos de Ciro. E, assim, foi morto o profano Belsazar.

Ciro, então, colocou Dario, o medo, como seu vice-rei sobre Babilônia. ([2]) O mesmo aconteceu com Roma, dantes uma cidade sóbria e bem estruturada. Mas a luxúria acabou por tirar-lhe toda a fibra, tornando-a presa fácil aos bárbaros. Situação análoga ocorreu na França de Luiz XIV. Para livrar-se de seus atos vergonhosos, o monarca convocava pregadores influentes como Bossuet ou Massillon para falarem contra a concupiscência. Mas, preso a um círculo vicioso, o monarca tornava a cair, indo aos extremos da degradação. Sua conduta licenciosa acabaria por abrir caminho à Revolução Francesa. ([3])

Os mercadores de hoje tornam-se cada vez mais ricos, usando publicidades cheias de insinuação sexual e idéias anticristãs.
Os mercadores de drogas, bebidas alcoólicas e cigarros são mais que inescrupulosos. Tudo fazem em prol de seus lucros. Muitas religiões e seitas também estão se enriquecendo por meio do apelo à riqueza e à felicidade pessoal. Em nada diferem dos tais mercadores.

II - A Chamada para Sair de Babilônia (Ap 18.4,5)

> *"E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela."*

João ainda continua na terra quando ouve "outra voz do céu". Não era a de um anjo desta vez, mas também não era a voz de Deus, ou de alguém falando por Ele. A mensagem retrocede ao tempo antes da queda final de Babilônia. Esta chamada, bastante apropriada para os dias de João, sempre foi oportuna à Igreja. E uma chamada profética, desde que cada

geração de crentes pode ser a última antes de ter início a Grande Tribulação. Temos de nos apartar dos pecados e fugir aos tentáculos do sistema mundial implantado por Babilônia.

Os escolhidos devem "sair dela" (Is 48.20; Jr 50.8). Se nela permanecerem, cederão a tentação e acabarão por comungar com o seu sistema. Partilharão de seu prestígio e de seus pecados. Resultado: acabarão por compartilhar também das terríveis pragas que o Senhor lhe reservou.
A Bíblia mostra que Deus sempre desejou fosse o seu povo separado do mundo, da concupiscência da carne, da concupiscência dos olhos e do orgulho da vida. Ele quer que nos separemos também dos falsos ritos, instituições pagãs e seitas. Os profetas do Antigo Testamento mostram que Ele detesta religião mista e pagã.

O Novo Testamento adverte-nos também contra o jugo desigual com os incrédulos. "Porquanto que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que união há entre o crente e o incrédulo? Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque somos santuário do Deus vivente, como Ele próprio disse: habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Por isso, retirai-vos do meio deles, separai- vos diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras, e eu vos recebereis, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso (2 Co 6.14-18; Lv 26. 12; 2 Sm 7.14; 1 Cr 17.13; Is 52.1; Ez 37.27; 1 Co 3.16; 6.19).

Os pecados de Babilônia "se acumularam até o céu. Os pecados empilharam-se como se fossem a torre de Babel (Jr 51.9). Como já foi observado no capítulo 16, a frase "Deus se lembrou" é uma expressão hebraica que se relaciona à idéia de quando Deus entra em ação. A mesma frase encontra-se em Gênesis 8.1, onde Deus se "lembrou" de Noé e fez a chuva parar e as águas do dilúvio baixarem. Em Gênesis 19.29, lemos que Deus se "lembrou" de Abraão, e colocou os anjos em ação para tirar Ló de Sodoma. Deus sabia do amor e da preocupação que Abraão tinha pelo seu sobrinho. Mais tarde em Gênesis 30.22, Deus se "lembrou" de Raquel, e respondeu a sua oração, permitindo que concebesse e tivesse um filho. Deus se lembrará, pois, das injustiças de Babilônia. Ele tem considerado e observado a sua iniquidade através do tempo, e agora trará o seu justo juízo sobre ela.

III - A Chamada para o Julgamento (Ap 18.6)

> *“Tomai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribui-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber dai-lhe a ela em dobro.”*

O tema agora muda. Uma voz chama os agentes de Deus para que executem o julgamento contra Babilônia. Alguns supõem ser isto uma resposta à "voz vinda do céu", ordenando que o povo de Deus saia de Babilônia. Na medida que o povo deixa a cidade, reivindica justiça em consequência do mal que ela tem praticado contra as testemunhas de Jesus. Esta interpretação, contudo, não está em consonância com o ensino do Novo Testamento. E mais provável que a voz aqui seja a do mesmo anjo mencionado no capítulo quatro.

A chamada dirige-se a Deus, ou aos seus agentes, para que façam justiça, e retribuam a Babilônia consoante às suas obras. Os verdadeiros seguidores de Cristo não procuram vingança contra os seus perseguidores. Enquanto for-nos permitido servir a Cristo na era da Igreja, o amor de Cristo constranger-nos-á a perdoar os que nos perseguem e nos maltratam. O dia, porém, virá quando aqueles que têm rejeitado o amor de Deus e a provisão de salvação por meio de Cristo, terão de enfrentar o julgamento divino que é santo e justo (ver Rm 12.19).

Babilônia será julgada. Sua punição será em dobro. É uma maneira de dizer que ela receberá a medida completa do que merece (Is 40.2 com 51.19). Ela duplicou o vinho de sua taça, com o qual embriagou o povo com imoralidade e pecado. Portanto, o vinho, ou julgamento divino, ser-lhe-á retribuído em dobro. Babilônia merece a punição, não somente pelo sofrimento que causou aos crentes, mas também pelos seus pecados, corrupção, avareza, luxúria e imoralidade. Ela receberá o que realmente merece; beberá a ira de Deus no mesmo "cálice em que vos deu a beber" (v.6).

IV - Razões para o Julgamento de Babilônia (Ap 18.7,8)

> *"Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto; porque diz em seu coração: Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto. Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga."*

A voz continua apresentando as razões adicionais à vingança divina. "Tormento e pranto" serão a porção designada a Babilônia comercial e política na mesma medida da sua avareza, autoglorificação e egoísmo. Ela viveu "prazerosamente" (do grego *estreniasen* que significa sensualmente, imoralmente, luxuriosamente.

Ela é apresentada como se fosse uma rainha e não uma viúva, pois esperava exercer continuamente sua autoridade. Sua expectativa era de que sempre seria exaltada pela besta sobre a qual se assentava. Nunca acreditou que as pragas do julgamento de Deus a tocariam. A Babilônia dos tempos

do profeta Isaías tinha o mesmo sentimento; mas quando as profecias se cumpriram, ela foi destruída e transformada num pântano (Is 14.22,23; 21.9; 47.7-9. Registros arqueológicos do rei Senaqueribe confirmam o fato). O sistema mundial de Babilônia também há de se acabar completamente.

Tal julgamento virá sobre ela "em um dia", repentinamente. Isto se coaduna com a descrição feita por Daniel 2.34-35; 44,45 e Paulo (2 Ts 1.7,8). "A morte, o pranto e a fome" serão parte do julgamento que será completado pelo fogo.

O julgamento mostrará que Deus é forte. Babilônia aparentemente considerou a demora por parte de Deus, em trazer o julgamento, como sinal de fraqueza. Seus adoradores falharam em reconhecer o amor da parte de Deus e a sua paciência (2 Pe 3.4-9).

V - Lamentação pelos Reis da Terra (Ap 18.9,10)

> *"E os reis da terra, que se prostituíram com ela, e viveram em delícias, a chorarão, e sobre ela prantearão, quando virem o fumo do seu incêndio; estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! pois n uma hora veio o seu juízo."*

Três lamentações são aqui registradas. A primeira é feita pelos "reis" (vv.9,10). A segunda, pelos "mercadores" (vv. 11-17). A terceira, pelo comércio marítimo especificamente. O termo piloto pode também significar comandante, navegador e timoneiro, e quantos negociam no mar. O comércio refere-se à exportação e importação (vv. 17-19). Uma boa parte da linguagem usada nas lamentações é tirada da lamentação de Ezequiel sobre Tiro (Ez 27.12-36). No entanto, a situação agora é bem diferente, bem como sua aplicação. Os que assistem à queda do sistema mundial babilônico, aterrorizam-se, pois o objeto de sua confiança jaz destruído.

Os reis e governantes da terra pranteiam a queda de Babilônia. Eles lamentam, pois o seu poder e posição, usados para a sua própria concupiscência e prazer, chegaram ao fim. Deus odeia a opressão praticada por governantes egoístas, que se engrandecem a si mesmos, desconsiderando os que estão sob os seus cuidados. Suas relações com o sistema mundial de Babilônia haviam sido sempre ilícitas. Juntamente com ela, agiam de maneira voluptuosa, sensual e ímpia.

Os "reis da terra", mencionados neste versículo, não são os "dez reis" do capítulo 17, aliados do Anticristo. Sob a soberania de Deus, a Besta e os dez reis que ela comanda são usados para trazer-lhe a destruição final (Ap 17.12-17). Os reis de Ap 18.9 são o resto dos governantes do mundo que temem serem incluídos na mesma condenação de Babilônia. Registros

arqueológicos mostram que os reis dos tempos do Antigo Testamento ficaram aterrorizados quando Senaqueribe destruiu Babilônia em cumprimento às profecias de Isaías. Este pode ser um aspecto tipológico relativo à destruição do sistema mundial de Babilônia. Os reis dos dias do profeta Isaías, porém, não tinham o tipo de medo que se apoderará dos soberanos que ficarem na terra por ocasião do fim da Grande Tribulação.
Os reis da terra não fazem tentativa alguma de ajudar a grande Babilônia, ou o sistema mundial que ela representa. "Pelo temor do tormento dela", receiam ser torturados também. Eles ficam de longe observando a sua destruição. Babilônia é descrita não somente como grande, mas como igualmente poderosa, sempre autoconfiada em sua segurança. Por muitas gerações, enchera-se com o sangue dos mártires; desafiara a Deus e ao seu povo. Os que pensavam fossem desfrutar continuamente de suas luxúrias, veem sua esperança, agora, completamente perdida.

O clamor desses reis é de desgosto e horror. O termo grego pode ser traduzido como "desgraça" e "ai de mim" (em grego *ouai*). Neste caso, temos a impressão de que eles estão dizendo: "Ai de mim! Ai de mim"! Contudo, o clamor deles é muito mais enfático; parece um pranto desesperado. Reconhecem que, o que está acontecendo, é o julgamento repentino "em uma hora". E uma maneira de se dizer "repentinamente" (ver vers. 8). Não está especificado, neste versículo, se estes reis sabem que tais julgamentos são de origem divina. O fato em si, todavia, deixa bem patente esta verdade: ainda que Babilônia seja descrita como grandiosa e poderosa, Deus é infinitamente mais poderoso.

VI - Lamentação pelos Mercadores da Terra (Ap 18.11-13)

> *"E sobre ela choram e lamentam os mercadores da terra; porque ninguém mais compra as suas mercadorias: mercadorias de ouro, e de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino, e de púrpura, e de seda, e de escarlata; e toda a madeira odorífera, e todo o vaso de marfim, e todo o vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore; e cinamomo, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e cavalgaduras, e ovelhas; e mercadorias de cavalos, e de carros, e de corpos e de almas de homens."*

"Os mercadores da terra" são principalmente os atacadistas. Eles têm construído um grande império de importação e exportação. Possuem grande quantidade de produtos estocados, mas agora "ninguém compra a sua mercadoria". Todas as transações comerciais estão paralisadas. A cidade, que é a princesa dos mercadores, chora e lamenta por causa da

destruição do sistema que montara. Eles não lamentam a Babilônia, em si; lamentam a sua própria posição e a perda de seus ganhos materiais.
Infere-se, pois, que a queda de Babilônia será acompanhada por um colapso econômico mundial. Repentinamente, as moedas de todos os países ficarão desvalorizadas. Os bancos fecharão suas portas, pois tudo o que guardam em seus cofres, perderá o valor. Pode ser até que, antes disto acontecer, o mundo venha a adotar um sistema desmonetarizado, ou seja: uma sociedade sem moeda corrente. De uma forma ou de outra, tal sistema entrará em colapso.

A queda de Babilônia será precedida por um período de grande prosperidade, atividades econômicas e excessiva luxúria. Haja vista o balanço, feito nesta profecia, dos bens armazenados pela cidade. A lista do anjo faz-nos lembrar a riqueza de Tiro, quando ainda era a capital dos mercadores do Mediterrâneo (compare Ez 27.5-24; compare também o que Deus fez para prover tais bênçãos materiais em Ez 16.9-13). Um luxo extravagante como este era encontrado também em Roma nos dias de João. Noventa por cento dos produtos do Império Romano eram destinados a enri¬quecer a chamada cidade eterna. A lista representa os produtos que o mundo, no fim desta era, estiver considerando como valiosos. Uma grande parte dos negócios e do comércio, hoje, tem a sua riqueza proveniente de extravagâncias similares.

Na lista fornecida pelo anjo acham-se ouro, prata, pedras preciosas, diamantes e pérolas. Estas coisas, símbolos de riqueza, luxo e posição, tão procuradas, hoje, ninguém as poderá comprar. O estoque de mercadorias inclui também linho fino, usado por pessoas proeminentes no tempo de João. Os tecidos vermelho e púrpura brilhantes eram tingidos com uma tintura extraída de um marisco chamado *"murex"*; o seu preço era tão alto que se limitava ao vestuário da monarquia. A seda e a fazenda escarlata, também de alto preço, eram usadas por oficiais do exército romano. A estocagem de tais itens e produtos significa que nem os ricos e os funcionários do governo terão condições de comprá-los.

Há outros artigos que, igualmente, não podem ser encontrados como, por exemplo, a madeira odorífera (deve ser o *thine* ou *citkon*), cujo fruto é pouco maior que o limão, exala um cheiro agradável e era usada para o fabrico do incenso. Incluem-se, ainda, todo o objeto de marfim, de madeira preciosíssima, artigos e vasos de cobre e bronze. O bronze, mencionado na Bíblia de Almeida, era uma mistura de cobre com outros metais. São mencionados, de igual forma, o ferro e objetos de ferro, mármore e manufaturas de mármores. A maior parte desses objetos era usada para decoração, pois sua beleza era mui apreciada. Eles faziam parte do luxuoso mobiliário das casas e palácios.

A lista continua: especiarias e perfumes, tanto como alimento como para outros usos. A canela é mencionada primeiro entre as especiarias e

perfumes. Na continuação da lista, há perfume, ou odor - incenso para ser queimado, e bálsamo.

Alguns manuscritos gregos antigos incluem como especiaria a *"amomura"*. *"Odores"* aparecem também no plural, incluindo uma variedade de materiais que podem ser usados ou queimados como incenso. "Bálsamo" é uma palavra genérica usada para designar perfumes e a mirra que era guardada em vasos de alabastro (Lc 23.56). Incenso é um líquido branco de fluído grosso, extraído em forma de resina de uma variedade de árvores cultivadas na Arábia. Era usado para fins medicinais e em cerimônias religiosas. A lista de alimentos começa com o "vinho"; depois vem o azeite, flor de farinha, trigo. Entre os animais: gado, cargueiros, cavalgaduras e ovelhas.

Nesta lista, aparecem também os "cavalos e carros", ou carruagens de quatro rodas. Representam os meios de transporte disponíveis aos governantes e à aristocracia abastada. A lista termina com os "escravos", literalmente "corpos" e "almas", incluindo homens e mulheres. A palavra usada, neste caso, significa humanidade.

No tempo de João, os escravos nada mais eram do que corpos e almas de seus mestres. Havia aproximadamente sessenta milhões de escravos em todo o Império Romano, constituindo entre 75 a 80 por cento do total da população. Eram tratados como mercadoria. Ainda que tal tipo de escravidão não seja mais comum em nossos dias, o povo continua a ser tratado como mercadoria.

Apesar de a lista dos versículos 12 a 14 ser parentética (ver vers.15), não deixa de ser importante. Ela foi escrita para chamar-nos a atenção sobre o materialismo do sistema mundial de Babilônia, e para mostrar o amor que o povo tem pelo luxo e o vasto comércio e intercâmbio gerados por esta gana. Ao mesmo tempo, a lista dá a entender que, apesar de os mercadores terem se enriquecido com tais coisas, não se interessavam pelo bem estar do povo. Seu único interesse era dinheiro e riqueza.

VII - A Perda de Babilônia (Ap 18.14)

> *"E o fruto do desejo da tua alma foi-se de ti; e todas as coisas gostosas e excelentes se foram de ti, e não mais as acharás."*

Este versículo é uma declaração generalizada, mostrando como o fruto que o povo tanto esperou e desejou, foi-se embora. Tal fruto é representado por *"iguarias"* - coisas ricas e caras, alimentos importados, objetos elegantes, delicados e reluzentes, vestuário de alto preço, joias etc. Todas estas coisas perderam-se para sempre. Isto indica a ocorrência de um colapso da atual ordem tanto econômica quanto política. Será o colapso final. Deus odeia a avareza e a opressão que caracterizam os negócios e os

governos dos que rejeitam a Deus e a Cristo. Deus punirá os que não tomam a sua cruz para seguir ao Senhor Jesus Cristo.

A ordem mundial presente jamais será restaurada. Em seu lugar, Cristo voltará para estabelecer o reino milenial, um sistema infinitamente melhor, pois estará livre das consequências da maldição da queda do homem. Os materialistas deste mundo presente hão de perecer. A criação que se acha gemendo e clamando por libertação, verá suas expectativas plenamente atendidas (Rm 8.22,23).

VIII - Desolação Total e Repentina (Ap 18.15-19)

"Os mercadores destas coisas, que com elas se enriqueceram, estarão de longe, pelo temor do seu tormento, chorando e lamentando, e dizendo: Ai! ai daquela grande cidade! que estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata; e adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas! Porque numa hora foram assoladas tantas riquezas. E todo o piloto, e todo o que navega em naus, e todo o marinheiro, e todos os que negociam no mar se puseram de longe; E, vendo o fumo do seu incêndio, clamaram, dizendo: Que cidade é semelhante a esta grande cidade? E lançaram pó sobre as suas cabeças, e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo: Ai! ai daquela grande cidade! na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência; porque numa hora foi assolada."

O versículo 15 é uma repetição da lamentação dos mercadores registrada no versículo 11; um estilo que indica serem os versículos precedentes uma passagem parentética.

Como já vimos, os mercadores não demonstram qualquer preocupação para com o bem-estar do povo que comprava suas mercadorias. Só demonstram preocupação por si mesmos; temem cair na mesma desgraça. Apesar de estarem "chorando e lamentando", "permanecem de longe", deixando Babilônia com suas próprias ruínas. Juntamente com os reis do versículo 10, clamam: "Ai, ai da grande cidade!" No seu lamento sobre "a grande cidade", falam os mercadores a respeito dela, como estando vestida de "linho fino, púrpura e escarlata e adornada com ouro, pedras preciosas e pérolas". Notemos, porém, serem tais coisas tão-somente para o seu adorno externo. Não há menção alguma ao seu adorno espiritual. O grande sistema mundial implantado por ela, encontrava-se cheio de toda a sorte de corrupção, crime e pecado. Todas estas misérias eram cobertas com finos vestidos e joias. Tal ostentação é característica das sociedades opressoras.

Todos os sistemas implantados pelo diabo, desde a antiguidade até hoje, foram caracterizados pela hipocrisia. A riqueza enterrada com o rei Tut do Egito, serviu como camuflagem para ocultar a corrupção dos sacerdotes que o assassinaram. A astrologia de Babilônia era, na verdade,

para manter o estatus dos que examinavam as estrelas em busca de sortilégio. A ética medo-persa criou uma ética ambígua. A arte e a filosofia da Grécia glorificavam a humanidade em lugar de Deus. A paz mantida por Roma consistia no endeusamento do militarismo. Embora os nomes dos países tivessem mudado, o sistema implantado con¬tinua o mesmo. Portanto, não resta outra alternativa a Cristo senão destruir tal sistema.

O lamento dos mercadores continua a servir como eco ao lamento dos reis. Ele clamam que, "numa só hora", as grandes riquezas, toda a fortuna e as decorações encantadoras da cidade foram assoladas. Em outras traduções, lemos que tais coisas foram "reduzidas a nada". Quão insensatos foram em confiar nas riquezas materiais! Elas não são duradouras; não proporcionam real satisfação.

A expressão "numa só hora" é repetida no versículo 19. Esta frase é usada frequentemente no Novo Testamento para expressar um curtíssimo período de tempo. O abrupto colapso econômico, aqui mencionado, poderia levar o Anticristo a declarar: "Eu tenho um plano". Ele, pois, usará tal colapso para instituir a marca da besta, pois o seu reino seguirá ao dos sete reis (17.11). Deve-se, pois, distingui-lo do reino da grande Babilônia. Mas, na essência, ambos pertencem ao mesmo sistema. Isto significa que Babilônia cairá antes que o Anticristo estabeleça seu domínio.

Todos os que negociam por mar (comandantes, capitães, proprietários de navios, pilotos, navegadores) ficam ao longe e põem- se a lamentar sobre a grande Babilônia.

A Bíblia enfatiza novamente o clamor continuado dos mercadores da terra, estendendo-o também aos mercadores do mar. Alguns supõem que entre estes acham-se os que mineram o ouro e as pedras preciosas; os pescadores de pérolas; os agricultores; os criadores de ovelhas; os artesãos etc. Enfim, todos os que fornecem mercadorias e serviços. Todos estes choram e lamentam". Vendo Babilônia em chamas, pranteiam: "Que cidade é semelhante a esta grande cidade?" Há admiração e espanto. Não podem acreditar que tal pudesse acontecer à imponente Babilônia. Os que se encontram envolvidos no comércio marítimo, manifestam o clamor do versículo 18: "lançam pó sobre as suas cabeças". Nos tempos bíblicos, colocar cinza sobre a cabeça era sinal de luto (Js 7.6; Lm 2.10).

Eles fazem eco ao que dizem os reis e mercadores: "Ai, ai" ou "Ai de mim". A repetição desses termos reflete a intensidade de seus sentimentos. Sua preocupação e lamento não eram realmente por Babilônia. Sua principal preocupação é consigo mesmos. São como os mercadores do versículo 11. Choram pela perda de um cliente rico, pois haviam se enriquecido às custas de Babilônia; pelas compras que ela fazia de suas coisas finas e dispendiosas. Antes, traziam à cidade o que seus habitantes queriam, resultando no intercâmbio "dos que negociam no mar". A

destruição da cidade significa-lhes que toda a esperança de riqueza foi-se embora. Eles estão arruinados financeiramente.

Jesus advertiu sobre o perigo do materialismo, pois dos prazeres deste mundo faz o único alvo da vida. Se buscarmos o reino de Deus, todas as coisas que realmente necessitamos nos serão acrescentadas (Lc 12.31). Disse Ele também aos seus discípulos: "Não temas, ó pequeno rebanho, pois a vosso Pai agradou dar-vos o reino. Vendei o que tendes, e dai esmolas, fazei para vós bolsas que não se envelheçam, tesouro nos céus que nunca acabe, onde o ladrão não chega e a traça não consome. Pois onde estiver o vosso tesouro, aí estará o vosso coração" (Lc 12.32-34).

Toda a riqueza e glória deste sistema mundial serão consumidas pela poderosa manifestação da ira de Deus, antes de Jesus estabelecer o reino. Como crentes não precisamos ter medo, pois não participaremos dos lamentos dos mercadores da terra. A nossa preocupação é buscar o Reino de Deus. Na medida em que Ele governar nossas vidas e igrejas, o Evangelho continuará a ser o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16).

Temos também a certeza de que não sofreremos durante a destruição que reinará sobre o mundo no período da tribulação, pois o prazer de Deus é dar-nos não somente o reino, mas a salvação e a herança. Ele nos preservará da ira vindoura (1 Ts 5.9).

IX - Um Motivo para Regozijar-se (Ap 18.20)

> *"Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas; porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela."*

Em contraste com o choro e o lamento dos reis, mercadores e poderosos, aparece o regozijo. Todo o céu, especialmente os santos apóstolos e profetas, regozija-se por causa da destruição de Babilônia. Desta forma, o sangue dos servos de Deus é vingado. Tanto o Antigo como o Novo Testamento lembram-nos que a vingança pertence ao Senhor. Não devemos, pois, procurar a vingança por sermos maltratados e perseguidos pelo mundo. Nosso quinhão é realmente o sofrer.

Os apóstolos e profetas; enfim, todo o céu, têm uma boa razão para regozijar-se. Eles foram sobremodo entristecidos por causa do pecado, idolatria, orgulho, avareza e sensualidade, que vem caracterizando a sociedade humana desde a queda do homem. Se Ló atribulava-se com o estilo de vida dos habitantes de Sodoma (2 Pe 2.7,8), quanto mais devem os filhos de Deus estar angustiados por toda a corrupção que grassa no presente século!

X - A Destruição de Babilônia Será Final (Ap 18.21-23a)

> *"E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó, e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada. E em ti não se ouvirá mais a voz de harpistas, e de músicos, e de flauteiros, e de trombeteiros, e nenhum artífice de arte alguma se achará mais em ti; e ruído 'de mó em ti se não ouvirá mais; E luz de candeia não mais luzirá em ti, e voz de esposo e de esposa."*

Um anjo forte executa uma ação simbólica. Apanha uma pedra, qual uma grande mó, e a joga ao mar, onde ela desaparece. Ele profetiza "com igual ímpeto", isto é, de maneira tão violenta como a pedra lançada ao mar: A grande cidade de Babilônia será deitada por terra e nunca mais será achada. A Bíblia é enfática neste ponto: "Nenhum sinal dela será jamais achado". Sua queda será final e irreversível. Tudo no sistema mundial presente será destruído para que melhores coisas sejam implantadas pelo reino milenial de Deus.

Juntamente com a Babilônia política, toda a ordem mundial, que por natureza é contrária Deus, chegará ao fim. Em seguida, o Anticristo fará a sua última tentativa de derrotar o plano de Deus. Seu domínio também chegará ao fim. Daniel capítulo 2 descreve o fim do atual sistema simbolizado pela estátua atingida nos pés por uma pedra cortada sem auxílio de mãos humanas. Em consequência, o ouro de Babilônia, a prata da Pérsia, o cobre da Grécia, o ferro de Roma e o ferro misturado com o barro dos estados nacionalistas foram reduzidos a pó e levados pelo vento. O reino milenial trará uma ordem (ou sistema) completamente novo como o mundo nunca vira antes. A imaginação humana jamais sonhou como será este reino. Contudo, Deus revelou alguns vislumbres disso aos profetas, especialmente Isaías.

Os sons de muitos músicos não mais serão ouvidos em Babilônia. Todas as suas celebrações e regozijos chegaram ao fim. Todos os especialistas (técnicos, artesões, artífices, desenhistas e arquitetos) irão embora e, com eles, as suas profissões e especialidades artísticas. Nem tão pouco "se ouvirá o ruído da mó" (provavelmente o ruído das fábricas).

O som da música e o ruído fábricas nunca mais serão ouvidos na cidade. A luz de candeia jamais brilhará nela. O termo bíblico, aqui, significa uma lamparina de óleo feita de metal ou de cerâmica; velas de cera, ou de sebo, não eram conhecidas no tempo do Novo Testamento. Apesar de a Bíblia mencionar coisas familiares a João, devemos reconhecer que elas eram representativas.

Finalmente, "a voz de noivo e de noiva" nunca mais será ouvida em Babilônia. Isto significa que as coisas boas tem de acabar para dar lugar às

coisas melhores do reino milenial de Cristo. Todo o sistema de Babilônia, e tudo que lhe pertence, será completamente destruído como a estátua de Daniel 2.

XI - Sumário das Razões da Queda de Babilônia (Ap 18.23b-24)

> *"Não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias, e nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra."*

A razão da destruição de Babilônia pode ser assim resumida: Primeiro, os seus mercadores "eram os mais importantes da terra". Todavia, sua grandeza era não lícita, pois cheia de arrogância e orgulho. A Babilônia política e econômica deste capítulo conseguiu o seu domínio controlando a economia e os mercados do mundo. Seu fim, porém, já é chegado.

Em segundo lugar, Babilônia foi destruída por causa da *"feitiçaria"* com que enganou todas as nações (Ap 18.3). Sua feitiçaria incluia o uso de artes mágicas, ocultismo e drogas. Por meio desses métodos, iludiu e desencaminhou os habitantes da terra. Induziu-os a crer que na riqueza, no luxo e no prazer sensual, poderiam achar segurança e plenitude de vida. Tais engodos fazem parte das religiões pagãs. Muitas dessas coisas, infelizmente, infiltraram-se na igreja da Idade Média. E, agora, vêmo-las tornarem-se novamente populares através da Nova Era. Mas nada disso é novo; faz parte do sistema mundial implantado por Babilônia que exalta o ego e leva o homem a construir a torre de Babel (Babilônia).

A terceira razão é que nela foi achado "o sangue dos profetas e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra".

Desde que os profetas não são identificados como pertencentes a um grupo em particular, são incluídos aqui tanto os do Antigo como os do Novo Testamento. Também são incluídos todos os santos martirizados, quer os da Grande Tribulação, quer os de outras épocas. Babilônia será responsabilizada por todos os que foram martirizados por estarem a serviço de Deus.

No versículo 24, vemos que Babilônia será muito mais que uma cidade. Será maior que Roma. Ela será a síntese de todas as cidades, desde a construída por Caim (Gn 4.17) até a última do presente sistema mundial. Que contraste entre ela e a cidade que há de vir, a Nova Jerusalém!

Apocalipse

Capítulo 19

A convocação ao louvor e ao regozijo em Apocalipse 18 e 20 diz respeito a todos os santos, apóstolos e profetas; enfim, a todo o céu. O capítulo 19 começa com um interlúdio que descreve como esses servos de Deus responderam com quatro grandes "aleluias", tributando toda glória e louvor a Deus. Todo o céu regozija-se sobre o julgamento e queda da Babilônia prostituta. Os próximos versículos continuam relatando a derrota final do Anticristo, que culmina com a volta triunfante do Senhor Jesus em toda glória e poder. Ele julgará o Anticristo e seus exércitos, e reinará sobre a terra juntamente com os que foram redimidos por seu sangue.

I - Um Cântico de Aleluia (Ap 19.1,2)

> *"E, depois destas coisas, ouvi no céu como que uma grande voz de uma grande multidão, que dizia: Aleluia! Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor nosso Deus; Porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos."*

"Depois destas coisas". Esta expressão indica que estes eventos são uma outra visão. Os capítulo 17 e 18 trataram primeiramente da queda do sistema mundial babilônico. A visão do capítulo 19 é introduzida não por um anjo, mas pelas vozes de uma grande multidão. O coral celestial louva a Deus com um cântico de "aleluia" por ter o Senhor vindicado a causa dos justos (Ap 18.20). Alguns acham que estes cantores são os mártires que ainda não foram glorificados. Mas há outras coisas que nos mostram que o coral será composto, realmente, por uma companhia inumerável de anjos que se encontram ao redor do trono (Ap 5.11). Hebreus 12.2 refere-se também a uma companhia de milhares de anjos. Aliás, a Bíblia fala com frequência dos exércitos celestiais. Em Apocalipse 18.20, porém, o céu todo é convocado para o louvor.

A palavra "aleluia" é o termo grego à palavra hebraica *"hallelujah"* que, literalmente, significa "louvai ao Senhor!" O termo é aqui usado pela primeira vez no Novo Testamento, e ocorre quatro vezes neste capítulo (1,3,4,6). O povo começou o louvor cantando glórias a Deus, reconhecendo-o como seu Deus pessoal, e atribuindo-lhe "salvação" (que inclui libertação e cura), glória, honra e poder. DEle vem toda a majestade

sublime que haveremos de compartilhar quando estivermos em uma companhia.

No céu, o povo continua dando louvores e honras a Deus pelos seus "juízos verdadeiros e justos". Os juízos de Deus sempre concordam com a sua natureza verdadeira, santa e justa. A Babilônia do Antigo Testamento era essencialmente vil e pecaminosa; adorava deuses falsos e perseguia o povo de Israel. No Novo Testamento, Roma era um poder mundial que se posicionava contra Deus e, com igual ímpeto, maltratava os cristãos. Na Idade Média, a Igreja Romana tentou usurpar o poder político, reprimindo violentamente a todos os que rejeitavam suas doutrinas antibíblicas.

Creem alguns estudiosos que, durante a Grande Tribulação, Babilônia será o reavivado Império Romano. (Vide o comentário de 14.8; 16.17-21; 18.1-3).

O julgamento de Babilônia traz a vingança divina sobre a sua "fornicação", prostituição moral e espiritual. Este julgamento também "vinga o sangue dos seus servos", aqueles martirizados pelo sistema mundial anti-Deus. Quando o quinto selo foi aberto, os mártires que se achavam sob o altar no céu, clamaram por vingança. Foram-lhes dadas, então, cumpridas vestes brancas. Foi- lhes dito também que repousassem por pouco tempo, até que se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que "haviam de ser mortos..." (Ap 6.10,11). Mas a espera chega ao fim. A multidão no céu regozija-se, pois o julgamento divino contra Babilônia é consumado. Eles não podiam vingar-se a si mesmo. Mas serviam a um Deus que declara: "Minha é a vingança; eu retribuirei" (Rm 12.19).

II - O Segundo Aleluia (Ap 19.3)

> *"E outra vez disseram: Aleluia! E o fumo dela sobe para todo o sempre."*

O segundo "aleluia" procede "da multidão no céu". É ainda mais enfática e dramática. É instingado pela totalidade da derrota e julgamento do sistema mundial da grande Babilônia. Este julgamento vem de Deus, apesar de a derrota ser efetuada através da besta e dos dez reis (vide Ap 17.16,17 e comentário). Deus usou a besta e estes da mesma forma como usara a Assíria (Is 10.5-12) e Babilônia para cumprir seus propósitos.
Quando o profeta Isaías lidava com Edom, que representava as nações anti-Deus, suas profecias declararam que "a sua fumaça para sempre subirá" (Is 34.2-5,6,9,10). Babilônia, como representativa do sistema mundial, recebe o mesmo juízo.

E um sinal da justiça divina e da destruição total de Babilônia. Deus faz a sua fumaça "subir para sempre". Alguns acham que esse trecho

significa que, apesar de Babilônia ser destruída, e sumir da terra, a fumaça de sua destruição penetra desde a terra até as mais distantes galáxias para sempre.

III - Uma Resposta em Aleluia (Ap 19.4)

"E os vinte e quatro anciãos, e os quatro animais, prostraram- se e adoraram a Deus, assentado no trono, dizendo: Amém. Aleluia."

No céu, os vinte e quatro anciãos, representando a Igreja redimida, e os quatro seres viventes, representando toda a criação, respondem os "aleluias" da multidão, prostrando-se perante o trono de Deus e o adorando. Confirmam a sua resposta, dizendo "amém", e acrescentando sua própria "aleluia", enquanto juntam-se à multidão para honrar e glorificar a Deus pela sua justiça, e a perfeição do seu julgamento. Nesta última menção deles no Apocalipse, continuam a sua adoração ao Todo-poderoso.

A palavra amém é proveniente do hebraico; é forte e positiva; pode ser traduzida literalmente na maioria dos casos como "verdadeiramente". Ela vem de uma palavra cuja raiz carrega a ideia básica de certeza e sustento absoluto. É a resposta da fé que reconhece ser aquilo que foi declarado absolutamente certo. Hoje, as pessoas consideram às profecias possíveis, porém esperam (com dúvidas) que Deus as cumpra. Elas não têm confiança no cumprimento cabal das profecias. Mas o amém dos vinte e quatro anciãos e dos quatro seres viventes mostra que eles aprovaram tudo o que Deus faz, e têm absoluta certeza de que seus juízos são justos, eternos e infalíveis.

IV - A Continuação dos Louvores a Deus (Ap 19.5)

"E saiu uma voz do trono, que dizia: Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, assim pequenos como grandes."

Outra vez sai à voz do trono (vede 17.17) com a ordem para que todos os servos de Deus continuem a louvá-lo. Alguns acham que a voz pertence a um dos quatro seres viventes que se encontram junto ao trono. ([1]) Outros ainda opinam ser a voz de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus. Porém, se fosse Jesus, certamente teria Ele usado a expressão "meu Deus", e não "nosso Deus". É quase certo que se trata de uma voz angélica. ([2])

"Servo" era uma palavra grega para designar "escravo". Mas neste trecho, serve para identificar "aqueles que o temem", isto é: aqueles que reverenciam, adoram e servem a Deus. São "escravos do amor" com total devoção a Ele.

Há alguns intérpretes que identificam estes servos como um grupo especial distinto da Igreja. Mas a convocação é claramente feita a todos os servos de Deus. ([3]) Assim como o juízo caiu sobre os ímpios, tanto "pequenos" como "grandes" (vede 6.15), também neste trecho os "servos" incluem igualmente os pequenos e grandes que temem a Deus; os humildes como os exaltados em posição. Nota-se que os "aleluias" fazem parte dos louvores celestiais. Isto significa que a Igreja já estará arrebatada com Jesus no céu.

V - O Quarto Aleluia (Ap 19.6)

> *"E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! Pois já o Senhor Deus Todo-poderoso reina."*

O quarto aleluia ressoa consoante a uma ordem saída do trono, determinando que todos louvassem a Deus. (v.5) Este "aleluia" enaltece a Deus por ser Ele o Senhor, o Todo-poderoso. Ele reina! Está sobre o trono, e prestes a começar seu reino milenial sobre a terra na pessoa de Jesus Cristo.

Alguns entendem que o quarto "aleluia" procede dos exércitos angélicos. ([4]) Mas devido à menção de "salvação" (v.l), parece ser mais certo atribuí-lo aos santos arrebatados. ([5]) Assim, todos os crentes estarão nesta grande multidão que responde a ordem do anjo para louvar continuamente o nosso Deus. O louvor aqui é mais forte e alegre que os louvores prévios. Deus é louvado por seu julgamento reto e justo. Ele é aclamado pelo cumprimento de suas promessas, pois seus santos começam a experimentar a plenitude de sua herança.

Consequentemente, o quarto "aleluia" ressoa num volume de som igual às muitas águas e aos fortes trovões. Ele é digno de louvor porque é o Senhor, o nosso Deus pessoal. Ele é o Todo- poderoso! Embora sempre tenha ocupado o trono celestial, começa a reinar agora de maneira diferente.

VI - As Bodas do Cordeiro (Ap 19.7,8)

> *"Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de Unho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos."*

Estes versículos são a continuação do quarto "aleluia" e seu cântico de louvor. Como os demais cânticos, este também celebra a vindicação dos

santos. Só que, desta vez, há uma vindicação mais significativa e importante do povo de Deus. Não se trata somente do julgamento dos inimigos, nem a destruição do sistema mundial anti-Deus. Os efeitos que se seguem são agora singulares, e começam com as Bodas do Cordeiro (um grande banquete que celebra "a união de Cristo e a sua noiva"). Será um banquete como nunca houve; será o cumprimento das parábolas, das profecias, e da tipologia do relacionamento entre Cristo e a sua Igreja. É mais uma razão para todo este regozijo. Quando estiver ocorrendo toda esta grande celebração, todo o Universo saberá que a Igreja é exatamente aquilo que a Bíblia declara: a noiva de Jesus. As bodas do Cordeiro trarão grande honra e glória ao Deus Pai, pois é a culminação de seu grande plano de redenção.

Será um tempo de alegria, cheio de gozo e encanto. Haverá - tremenda satisfação que levará o povo a pular e gritar de alegria. A antecipação deste grande evento fará os crentes regozijarem- se, pois a nossa bem-aventurança já será uma grande realidade.

A noiva é chamada "a esposa" (em muitas traduções), reconhecendo o relacionamento íntimo que ela tem com Cristo. Este relacionamento também é simbolizado quando Cristo é tratado como a cabeça da Igreja (1 Co 12.12-27; Ef 1.22,23; 4.15,16). Quando as bodas do Cordeiro estiverem prontas, a "Esposa" já estará no céu com Ele. Isto mostra claramente que as bodas ocorrem no céu antes que Cristo volte para derrotar o Anticristo e seu exército.

Em 1 Tessalonicenses 4.5, lemos que a Igreja será arrebatada para encontrar-se com o Senhor nos ares. Note no versículo sete como a Esposa tem se aprontado no céu para as Bodas do Cordeiro. Este é o ponto mais importante do versículo sete.

Note também que tudo isto ocorre depois do julgamento da "grande prostituta", a mulher falsa que se contrasta de maneira marcante com a Esposa, a verdadeira Igreja. As bodas do Cordeiro realizam-se no fim da Grande Tribulação. Portanto, a esposa do Cordeiro inclui todos os remidos, inclusive os que morreram como mártires na Grande Tribulação.

O versículo oito descreve a preparação da Esposa do Cordeiro. No céu, ela já está vestida de linho fino, resplandecente e puro, isto é: brilhante, radiante, livre de toda a impureza. O linho fino representa a justiça e retidão dos santos. O grego emprega o plural para a palavra justiça, referindo-se aos "atos justos e retos" dos santos. O linho fino não representa a justiça a nós imputada por Cristo, pela qual somos justificados perante Deus. Aqui, ele representa os atos de fé que praticamos em virtude de nosso relacionamento com Cristo. São o resultado da dádiva de salvação e dos dons do Espírito que temos recebido tão livremente. Embora sejam-nos os dons administrados e operados pelo Espírito Santo, podemos "usá-los" somente à medida que cooperamos com o Espírito! (Compare Mateus

25.35-40 que mostra que todos seremos julgados por nossas obras que são os resultados de nosso amor a Cristo e ao próximo.)

A vestidura branca é mais uma indicação de que os santos estão no céu, precedendo à gloriosa e triunfante volta de Jesus para estabelecer seu reino na terra. Na preparação da "Esposa... vestida de linho fino", vemos o contraste marcante com a rainha falsa (Ap 18.7), a grande prostituta, Babilônia, que corrompeu, seduziu e destruiu a terra com seus atos depravados, imorais, e sua fornicação religiosa. A Igreja mostra-se mui diferente; ela se prepara através das boas obras que glorificam a Deus e testemunham de Cristo (At 1.8; Ef 2.10).

VII - Escreve as Bênçãos (Ap 19.9)

> *"E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus."*

"Disse-me". É uma referência à mesma voz angélica do versículo cinco. Agora, ordena a João que escreva. O evangelista recebe uma palavra especial para entregar às sete igrejas da Ásia. Os grandes e poderosos deste mundo podem ignorar-nos, mas somos verdadeiramente abençoados, pois fomos chamados às bodas do Cordeiro. Compartilharemos de suas delícias que durarão para sempre. Esta é a quarta "bem-aventurada" do Apocalipse.

A palavra "chamada" implica que os bem-aventurados receberam e aceitaram o convite às bodas. Estas celebram a união eterna entre Cristo e a Igreja (2 Ts 4.17). O grande amor de Deus que enviou seu filho Jesus a morrer na cruz pelos nossos pecados, deu-nos o escape do "lago de fogo". E, agora, compartilharemos eternamente da alegria e do triunfo de nosso Senhor Jesus Cristo.

Baseando-se nas parábolas de Jesus, alguns comentaristas fazem distinção entre a Noiva e outros grupos que, supõem eles, estarão presentes nas bodas do Cordeiro. Mas quando examinamos tais parábolas, vemos claramente que Jesus usou diferentes termos, em diferentes parábolas, para expor os diferentes aspectos de nosso relacionamento com Ele. Por exemplo, em Lucas 14.16-24, os convidados incluem a ambos, gentios e judeus. Em Lucas 5.34, os apóstolos são os filhos do Noivo, isto é, os amigos e acompanhantes do Noivo. Contudo, tal designação não os exclui do privilégio de serem também noiva de Cristo.

Em 1 Tessalonicenses 4.16,17, é declarado explicitamente que todos os que estão em Cristo, mortos ou vivos, ajuntar-se-ão num só corpo, e subirão ao encontro do Senhor nos ares. Assim, os termos "corpo", "noiva" e "igreja" são perfeitamente sinônimos na Bíblia. Devemos ter cuidado para não criarmos distinções artificiais na base de terminologia. A coisa mais

importante é que, se aceitamos o convite de Cristo, devemos preparar-nos àquele grande dia.

VIII - Toda Adoração Seja Dada a Jesus (Ap 19.10)

> *"E eu lancei-me a seus pés para o adorar; mas ele disse-me: Olha não faças tal; sou teu conservo, e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus; adora a Deus; porque o testemunho de Jesus é o espírito da profecia. "*

O assombro, a glória e a esperança inspirada por esta visão são tão fortes, que levam João a cair aos pés do anjo numa atitude de adoração. Mas o ser angélico rejeita imediatamente a adoração. À semelhança de João, ele é apenas um servo. E tão-somente alguém mandado a ministrar ao evangelista e aos santos de uma forma geral (Hb 1.14). Somente Deus é digno de adoração. Toda a atenção deve ser dada a Cristo, pois tanto no Antigo como no Novo Testamento, o espírito da profecia focaliza precisamente o testemunho de Jesus.

A declaração: "O testemunho de Jesus é o espírito da profecia" significa que o real propósito da profecia é dar testemunho de Jesus, axaltá-lo e revelar sua obra de redenção. O profeta jamais deve ser exaltado. Quanto à profecia, não se propõe a satisfazer-nos a curiosidade. Sua função é ajudar-nos a ver a glória e a santidade de Jesus, e servir-nos como incentivo para que nos preparemos para nos encontrarmos com Deus. Como está indicado em Romanos 5.5, nossa esperança em Cristo nunca nos deixará confundidos; nunca nos deixará envergonhados por termos colocado nossa fé e confiança nEle. O mesmo Deus que tanto nos amou ao ponto de mandar seu Filho morrer por nós no Calvário, também nos ama tanto que preparou a provisão necessária para levar-nos à glória (Rm 5.6-11; 8.18,26).

IX - A Palavra Viva e Triunfante (Ap 19.11-13)

> *"E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça. E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão ele mesmo. E estava vestido de uma veste salpicada de sangue;, e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus."*

A Bíblia não descreve aqui as bodas do Cordeiro, mas apresenta mais uma visão onde João vê o céu aberto, e Jesus voltando à terra sobre um cavalo branco, que o mostra como um poderoso conquistador, o triunfante

Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ele vem como o Mediador trazendo a vitória e o juízo de Deus a ser executado antes que o reino milenial seja estabelecido. (Compare Mt 13.41-43; 2 Ts 1.7; 2.8).

Como "fiel e verdadeiro", Ele é genuíno e real. Vem para, fielmente, estabelecer a verdade e a justiça. O povo de Deus espera por este momento desde o tempo antigo, quando Deus começou a revelar suas promessas e alianças. O salmista escreveu que "Ele julgará o mundo com retidão, e os povos com a sua verdade" (SI 96.13).

A retidão e a justiça, no Antigo Testamento, são muitas vezes ligadas à fidelidade às alianças de Deus. Jesus vem do céu em retidão e justiça exatamente como cumprimento das promessas e alianças divinas. No Novo Testamento, a retidão refere-se à sua fidelidade. Ele é sempre fiel. Podemos colocar nEle inteira confiança.

Sendo Jesus verdadeiro, faz Ele um contraste com todos os deuses e coisas falsos que o mundo adora, incluindo os falsos profetas e mestres, especialmente o Anticristo e a Besta. A segunda vinda de Cristo, pois, é real; será um evento histórico notório. O Novo Testamento não nos autoriza a espiritualizar o arrebatamento da Igreja. É real e literal! Ele voltará! Ele é o verbo que se fez carne e revelou-nos a natureza de Deus, na sua vida e ministério na terra (Jo 1.14,18). Ele é o mesmo Jesus que, ao deixar este mundo, prometeu um dia voltar (At 1.11).

O primeiro propósito de Cristo, neste trecho, é "julgar e guerrear" (compare com João 5.30; 2 Ts 1.7,8). Mas tudo o que Ele faz está em direta concordância com a verdade e a justiça. Os olhos "flamejantes como fogo" de Jesus não deixará coisa alguma escapar ao seu escrutíneo. Ninguém poderá esconder-se dele.

Seus muitos diademas (coroas reais) mostram que Ele vem como Rei dos reis, fazendo eterno o trono de Davi, e cumprindo as muitas profecias bíblicas que indicam que "Ele reinará sobre a terra". Os diademas também confirmam que Jesus é o cumprimento da tipologia declarada em Zacarias 6.9-15. Ele será chamado o Renovo" (cumprimento de Is 11.1-10). Reinará não somente como rei, mas também como sacerdote. Ele já é o Rei que se acha à destra do Pai, e o será sobre toda a terra.

O "nome (ou nomes: a palavra aqui pode ser coletiva incluindo vários nomes) escrito, que ninguém conhece", fala da glória íntima e da natureza divina que Jesus reparte com o Pai (Lc 10.22; Jo 17.5). O nome provavelmente foi escrito sobre cada um dos diademas. Os nomes de Deus e de Cristo nunca são meros títulos; são designações de sua divina natureza e caráter. A frase "que ninguém conhece senão Ele", não significa apenas que o nome, em si, seja um segredo. O verdadeiro significado implica que nenhum ser humano conhece, ou tem experimentado, o seu real significado. Noutras palavras: nenhum ser humano compartilha destas qualidades inerentes à natureza divina de Cristo.

O "manto tinto de sangue" mostra que Ele é o mesmo Jesus que derramou o seu sangue no Calvário, ressuscitou dentre os mortos e ascendeu para o céu (At 1.9). Explicam alguns que este trecho refere-se à batalha que Cristo travará contra seus inimigos, em consequência da qual ficará com os vestidos salpicados de sangue (Is 63.1-6). Ele é identificado aqui como o Verbo de Deus (Jo 1.1-14).

X - Os Exércitos do Céu (Ap 19.14)

> *"E seguiam-no os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro."*

Os exércitos do céu seguem a Jesus nesta última batalha do Armagedom. Eles estão também montados sobre cavalos brancos, pois já compartilham do seu triunfo. Dizem vários comentaristas serem estes exércitos compostos de anjos, ou que entre eles acham-se seres angelicais. Mas Apocalipse 17.14 identifica-os como os remidos pelo sangue do Cordeiro. Suas vestiduras de "linho finíssimo, branco e puro" identificam-nos como a Esposa do Cordeiro (Ap 19.8). A ênfase sobre as suas vestiduras puras, indica-nos terem sido elas lavadas pelo sangue de Jesus.

A Bíblia assegura-nos que, quando Jesus voltar em glória para julgar as nações, todo crente fiel há de vir acompanhando-o. Temos também a garantia de 1 Tessalonicenses 4.17 de que seremos arrebatados para encontrar o Senhor nos ares, e assim "estaremos para sempre com o Senhor".

XI - Três Retratos do Julgamento (Ap 19.15)

> *"E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regerá com vara de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso."*

Este versículo apresenta três retratos da terribilidade do juízo que Jesus executará quando de sua volta triunfal. O primeiro ilustra o que acontecerá quando a afiada espada sair da boca do cavaleiro montado no cavalo branco. Com ela, Cristo destrói as nações. Esta espada representa a palavra de Deus.

O segundo retrato, paralelo ao primeiro, mostra Cristo destroçando e despedaçando as nações (SI 2.9). A expressão regerá com vara de ferro literalmente ilustra o trabalho de um pastor de ovelhas que, com a sua vara, cuida do rebanho, e destrói todos os seus inimigos (Ap 2.27; 12.5). Tudo isto tem de acontecer antes da implantação do reino milenial. As várias profecias mostram que o reino virá após o julgamento (Hb 13.20; 1 Pe

2.25). O terceiro retrato enfatiza os primeiros dois de uma maneira mais forte: "Pisando o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso". É um quadro da ceifa do juízo, mostrando uma ação contínua e deliberada até que seja completado o julgamento, a ira e o furor de Deus (Is 64.1,2; Zc 14.3,4; Mt 24.29,30). Tudo isto serve-nos para mostrar o quanto Deus abomina o pecado.

Ele verdadeiramente é um Deus amoroso e paciente, mas conhece também os terríveis efeitos do pecado sobre sua criação. Embora longânimo, querendo que todos cheguem ao arrependimento (2 Pe 3.9), não tolera a iniquidade. O dia do juízo chegará (2 Pe 3.10). A Bíblia enfatiza tais coisas para avisar-nos de como é importante aproveitar as oportunidades, e arrepender- nos de nossos pecados antes que seja tarde demais.

XII - Rei dos Reis e Senhor dos Senhores (Ap 19.16)

> *"E no vestido e na sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores."*

Aquele que é a palavra viva, também é "Rei dos reis e Senhor dos senhores". O nome está exposto à vista de todos. Ao apóstolo Paulo já havia sido revelado que este era o nome de Jesus (1 Tm 6.15). E o próprio João declarara em Apocalipse 17.14 que Jesus, como "Senhor dos senhores e Rei dos reis", venceria a todos os adversários.

Alguns intérpretes explicam porque o nome de Jesus acha-se escrito em dois lugares. Sobre o manto, pois era onde os antigos conquistadores guardavam suas espadas; e, sobre a coxa para ser revelado ao abrir do manto. ([6]) Entretanto, a expressão "sobre a sua coxa" indica que o nome estava escrito sobre o manto que lhe cobria a coxa, estando Ele montado sobre o cavalo. O ponto importante aqui é que o nome estava claramente visível a todos.

Os crentes relembram com gozo ter Jesus vindo a este mundo como a criança nascida numa estrebaria para identificar-se conosco em todas as coisas. Lembramos com louvor e gratidão ter Ele morrido por nossos pecados, derramando o seu sangue sobre a cruz. Mas Deus o ressuscitou para a nossa justificação. Agora, Ele voltará em glória. Ele já é o rei. Todo crente que o tem aceitado como Senhor, há de reinar com Ele.

XIII - A Ceia para as Aves dos Céus (Ap 19.17,18)

> *"E vi um anjo, que estava no sol, e clamou com grande voz dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, e ajuntai-vos à ceia do grande Deus. Para que comais a carne dos reis, e a carne*

dos tribunos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que sobre eles se assentam; e a carne de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes."

Esta visão apresenta um contraste marcante com a cena das bodas do Cordeiro. João vê um anjo "em pé no sol". O anjo pode estar realmente dentro do sol, ou estar com a luz do sol focalizada sobre ele. De uma forma ou de outra, sabemos que quase todas as nações pagãs, nos dias de João, consideraram o sol como seu deus maior. Mas aqui, João as vê sendo punidas por Deus através do instrumento de sua adoração.

O anjo anuncia em alta voz outra "ceia do grande Deus". Mas desta vez a ceia é para "todas as aves que voavam pelo meio do céu". Ela é assim chamada porque Deus, na sua grandeza e seu poder, venceu o Anticristo e os seus exércitos. Embora a Bíblia não descreva os detalhes do Armagedom, a visão da "ceia das aves" deixa claro que a batalha chegou ao fim.

A ceia é para todas as aves, mas principalmente aos abutres e outras aves de rapina. Multidões destas aves banquetear-se-ão sobre as vítimas da batalha; limparão a terra dos inimigos de Deus. Isto porá um término a toda crueldade praticada pelos ímpios. (A linguagem usada para descrever esta visão reflete várias profecias do Antigo Testamento, apesar de nem todas se referirem diretamente a esta batalha). (Vede Jr 51.27-36; Ez 39.17,20; J1 3.9-15; Sf 3.8; Zc 14.3-5; Ap 14.14-20; 16.13-16; 17.14).

As aves não farão distinção entre as vítimas do Armagedom. Devorarão os cadáveres dos reis e generais, cavalos e cavaleiros, livres e escravos, "pequenos e grandes". Seja qual for a posição dos que lutaram ao lado do Anticristo, não hão de ser enterrados com honras.' Não haverá túmulos com epitáfios, nem monumentos erigidos às suas memórias. Seus corpos serão deixados para serem devorados pelos abutres.

Como foi profetizado por Isaías (Ap 2.12,17) "o dia do Senhor dos exércitos será contra todos os soberbos e altivos, e contra todo o que se exalta, para que seja abatido. A arrogância do homem será humilhada e o seu orgulho abatido; só o Senhor será exaltado naquele dia".

Notam alguns uma similaridade desta batalha com a batalha de Gogue e Magogue descrita por Ezequiel (39.17-20). ([7]) Porém, há muitas diferenças entre ambas. Os capítulos 38 e 39 de Ezequiel referem-se a uma batalha que se dará no começo da Grande Tribulação. Falam de um poder que "vem do extremo Norte", e que se une com a Pérsia (Irã), Etiópia e outras nações do Norte da África, e algumas da Europa. Apocalipse 19.19, contudo, refere-se a um ajuntamento muito maior e mais generalizado.

XIV - A Derrota do Anticristo e de seus Exércitos (Ap 19.19-21)

> *"E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército. E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre. E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes."*

As aves de rapina são chamadas (Ap 19.17) numa antecipação do desfecho da batalha. Elas estarão prontas e esperando o Anticristo entrar no grande vale ao sul de Nazaré. Este lugar já foi designado em Apocalipse 16.16 como Armagedom, o monte ou a colina de Megido que, em hebraico, significa "o lugar de rebeliões unidas". Há os que o definem como "a cidade ou monte de matança". O profeta Joel (3.12) designou o lugar como "o vale de Josafá", ou seja: "o vale onde Jeová julga".

Megido não é o vale referido em Zacarias 14.4,5, onde Jesus aparecerá quando de sua volta em toda sua glória. Seus pés pisarão o monte das Oliveiras, que será rachado em duas partes, uma metade se movendo em direção ao norte, e a outra em direção ao sul, deixando um grande vale entre o Leste e o Oeste. Depois, aparentemente, irá Ele locomover-se em direção a Megido. (Megido é também o nome do vale de Taanaque (Jz 5.19), que é a Planície de Esdrelom. Foi neste lugar que Débora e Baraque derrotaram os cananeus. Foi aqui que Josias foi morto por Faraó-Neco, rei do Egito (2 Rs 23.29). Não foram poucas as batalhas travadas no vale do Megido).

João vê ainda o Anticristo acompanhado pelo seu falso profeta e os "reis e outros governadores da terra", cujos exércitos haviam sobrevivido à Grande Tribulação. Por haverem se submetido ao Anticristo (Ap 17.13), estes reis finalmente são chamados, e ajuntam-se aos espíritos demoníacos. Os exércitos de todas as nações unem-se sob a bandeira do Anticristo para desafiar a Cristo que estará acompanhado por todos seus verdadeiros seguidores.

As agências demoníacas fazem, nesta hora, exatamente o que Deus quer; preparam-se para a guerra (Jr 25.32,33; Sf 3.8; Zc 14.2,3; Ap 16.12,16). A guerra termina com a derrota do Anticristo e de seus exércitos, mas o julgamento divino afetará todo o resto do mundo (Jr 25.29-33).

Muitos falsos mestres ensinam que o bem gradualmente triunfará sobre o mal; que uma melhor educação trará a paz e a prosperidade ao um

mundo. Até mesmo alguns crentes apegam-se a certas promessas bíblicas que falam de amor e esperança, achando que o mundo mudará antes da volta de Cristo. Sem dúvida, haverá bom solo para receber a palavra de Deus. Haverá arrependimento e mudança de vidas até o tempo da volta de Jesus (At 3.19). Mas é totalmente oposta ao ensino bíblico a suposição de que todos os seres humanos serão eventualmente salvos. Pelo contrário: quase todo o mundo, nesta hora, seguirá o Anticristo, e há de tomar a marca da besta. Consequentemente, quando Jesus voltar para reinar, será necessário, antes de mais nada, julgar os que aqui tiverem ficado.

Embora o capítulo 19 de Apocalipse não descreva esta grande batalha, a aparência de Cristo sobre o cavalo branco há de confundir os exércitos do Anticristo (Ap 6.15-17). A batalha é de pouca duração. O Anticristo e o Falso Profeta serão imediatamente presos.

O Falso Profeta é o último de uma longa fila de falsos cristos e profetas que vêm operando enganos e mentiras (Mt 24.24). Seus milagres haviam enganado os que levavam a marca da Besta. Com os seus feitos, conseguia enganar a muitos (2 Ts 2.9,10; Ap 13.13-15), mas nada disto o ajuda a escapar. Juntamente com o Anticristo, é lançado vivo no "lago de fogo que arde com enxofre". Embora o lago de fogo tenha sido preparado para Satanás e seus anjos, esses seus dois agentes nele perecerão.

Satanás não é lançado imediatamente no lago de fogo (Ap 20.10). Somente o será depois do Milênio. Quando isto acontecer, lá encontrará o Anticristo e o Falso Profeta. Os demais ímpios serão afiançados após o juízo do grande trono branco (Ap 20.15). O lago de fogo é o destino final dos ímpios.

No Novo Testamento, há três palavras traduzidas como "inferno" - *hades, tártaro* e *geena*. *Hades* é usado para referir-se ao estado intermediário, onde os ímpios vão quando morrem (Mt 11.23; 16.18; Lc 10.15; 16.23; At 2.27,31; Ap 1.18; 6.8; 20.13,14). As vezes, é usado para traduzir a palavra hebraica *"sheol"* do Antigo Testamento. "Tártaro" é praticamente sinônimo de *"hades"*, porque também é um estado intermediário entre a vida e o juízo, do qual não há retorno ou possibilidade de mudança (2 Pe 2.4). "Geena", entretanto, é o estado final, *"inferno"*, ou "fogo de inferno" (Mt 5.22,29,30; 10.28; 18.9; 23.15,33; Mc 9.43,45,47; Lc 12.5; Tg 3.6) e refere-se ao *"lago de fogo"*.

"Geena" foi o nome aramaico para o vale de Hinon, onde eram oferecidas crianças em holocausto a Moloque. No Novo Testamento, *"geena"* tinha se tornado o lugar da queima de lixo. Jesus usou-a por causa do seu fogo intenso e contínuo, como um tipo do julgamento divino, e fez deste nome um sinônimo para o fogo do castigo eterno.

Para os outros seguidores do Anticristo, também não há escape. O remanescente dos reis da terra e seus exércitos são mortos. Jesus usará a "espada de sua boca", isto é: falará a palavra de Deus e a "espada do juízo

divino" matará a todos. Estes são os povos que rejeitaram o Evangelho pregado a "toda nação, tribo, língua e povo" pelo primeiro dos três anjos do capítulo 14 durante a Grande Tribulação. Todos os mortos no Armagedom já haviam tido a oportunidade de ouvir o Evangelho. Mas por haverem rejeitado a Cristo, foi-lhes permitido cair em completo engano para que creiam na mentira, e para que sejam julgados todos os que não creram na verdade (2 Ts 2.11,12). Pelo seu modo de viver, já haviam esgotado qualquer possibilidade de herdar o Reino de Deus (1 Co 6.9-11; G1 5.21).
Mais uma vez, João chama a atenção às aves de rapina que agora estão fartas com as carnes dos mortos. Finalmente, não se encontra mais ninguém sobre a terra para impedir o estabelecimento do reino milenial de Cristo.

Apocalipse

Capítulo 20

A destruição do sistema mundial de Babilônia e do Anticristo e seus exércitos ainda não é suficiente para que o Senhor Jesus introduza o reino milenial em toda a sua glória, paz e benção. Satanás também precisa ser amarrado. O capítulo 20.1-10 trata do julgamento de Satanás, que acontecerá em dois estágios. Primeiro, ele será preso por mil anos. Depois, terá um curto período de liberdade para, em seguida, ser lançado no lago de fogo. Entre ambos os estádios, os santos reinarão com Cristo por um período de mil anos. A repetição do número mil por seis vezes enfatiza que tal número deve ser tomado literalmente.

I - Satanás É Preso (Ap 20.1,2)

> *"E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos."*

O primeiro estádio do julgamento de Satanás inicia-se quando um anjo descido do céu, e que traz a chave do abismo e uma grande cadeia, apresenta-se para prendê-lo.

Daniel capítulo 2 mostra que o sistema mundial presente tem de ser completamente destruído antes que a nova ordem do reino milenial de Cristo seja estabelecida na terra. Apocalipse 19 deixa bem claro que a batalha do Armagedom trará o fim ao Anticristo e ao Falso Profeta. E, agora, no capítulo 20, vemos que o nosso principal inimigo é amarrado. Ele é o tentador original de Eva, identificado também como a "antiga serpente"; é o caluniador (Jó 1.9-11; 2.3-5). Como o principal adversário, opõe-se aos crentes em todas as suas batalhas para o Senhor, pela verdade e pelo direito (Ef 6.12-16; 1 Pe 5.8). A terra não pode conhecer as bênçãos do reino milenial de Cristo até que Satanás haja sido daqui removido.

Depois da vitória de Cristo sobre o Anticristo e seus exércitos, Satanás será "amarrado...mil anos". Pelo que João diz, torna-se bem claro que o adversário não será amarrado até o fim da era da Igreja (2 Co 11.14; Ef 2.2; 1 Pe 5.8). Durante este período, ele continuará trabalhando sobre a terra.

II - Satanás E Lançado no Abismo (Ap 20.3)

> *"E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo."*

Depois de Satanás ter sido amarrado, é lançado no "abismo" onde é encerrado completamente. Ou seja: ele é fechado e selado. O selo mostra que a autoridade de Deus é a garantia de que Satanás permanecerá aprisionado pelos mil anos. Não lhe será permitido exercer nenhuma atividade na terra até o final do Milênio. Durante esse tempo, estará incapacitado de influenciar as nações ou qualquer outra coisa no mundo. Consequentemente, o Milênio (termo derivado do latim *mille*, que significa mil) estará completamente livre de todas as mentiras e impulsos maus procedentes do pai da mentira (Jo 8.44).

O Milênio será uma época mui diferente da que vivemos. Deus restaurará Israel à sua terra, e proporcionar-lhe-á também uma restauração espiritual (Is 54.11-14; 58.8; Ez 36.33-38; 37.1 28; Zc 9.16). O deserto será recuperado em fertilidade e beleza (Is 41.19,20; 51.3). Até os animais serão mudados em sua natureza (Is 11.6-9). O Espírito Santo fará uma obra transformadora nos seres humanos. Até a atmosfera ficará livre da poluição.

"Nações" é uma palavra frequentemente usada na Bíblia para designarmos gentios, ou seja: os que estavam alienados de Deus e de suas promessas. As nações aqui mencionadas parecem ser aquelas cujos povos seguem a Jesus, e aceitam o seu ensino, como proclamado pelos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e professores. Lucas usa o mesmo termo em Lc 21.24.

Passados os mil anos, Satanás será solto do abismo "por um pouco de tempo". Ele voltará a praticar o engano, iludindo as nações para que se rebelem contra a autoridade e a vontade de Deus. Aliás, Ele sempre foi o enganador (Gn 3.13; Mt 24.14; 2 Ts 2.9,10). Visto que os crentes já estarão para sempre com o Senhor (2 Ts 4.17), os enganados por Satanás são os que tiverem nascido durante o Milênio.

O abismo é traduzido também, em algumas versões, como "as profundezas" em Lc 8.31 e Rm 10.7. Ele é "sem limites de profundidade"; é insondável para o olho humano; somente Deus conhece os seus limites. Por isso, o Senhor tem capacidade de selá-lo de tal maneira que Satanás não poderá sair dele até que se completem os mil anos.

III - Os Tronos (Ap 20.4)

> *"E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos."*

Os versículos de 4 a 6 falam sobre o reinado de Cristo com os seus santos durante os mil anos do Milênio. Este reinado trará o cumprimento de muitas profecias (SI 2.8; 24.7; Is 9.7; 11.6-10. 35.1,2; 61.3; Jr 23.5,6; Ez capítulos 40 a 48; Dn 2.44; Os 1.10; 3.5; Am 9.11-15; Mq 4.1-8; Zc 8.1-9; Mt 9.28; At 15.16-18; Ap 2.25-28; 11.15).

O versículo quatro trata de dois grupos de pessoas. O primeiro é composto por aqueles que se assentam no trono para julgar, ou governar, como a palavra é usada muitas vezes no Antigo Testamento. Apesar de a Bíblia não identificar este grupo, alguns sugerem seja ele composto pelos vinte e quatro anciãos. Neste caso, porém, eles não são assim identificados pelo evangelista. O mais provável é que estejam eles representando os santos de todos os períodos da Igreja (2.26,27; 3.21). Todos eles hão de retornar com o Senhor Jesus para destruir o Anticristo e estabelecer o reinado milenial (Ap 19.14; compare Mt 13.30, 34-43; 24.31). Junto com eles, estão os doze apóstolos e as doze tribos de Israel (Lc 22.30).

Acham alguns estudiosos que, os que se acham sentados nos tronos, estarão ocupados durante o Milênio cuidando dos detalhes do julgamento divino. ([1]) Outros interpretam a palavra "julgar" com o significado que o Antigo Testamento lhe dava: "governar". Apesar de o derramamento da ira de Deus durante a Grande Tribulação trazer morte a muitos, a destruição final parece aplicar-se, antes de mais nada, aos exércitos do Anticristo. Se assim for, provavelmente haverá milhões de descrentes por esse tempo em todo o mundo.

Provavelmente muitos serão os sobreviventes da Grande Tribulação. Há intérpretes que acreditam que somente os santos estarão presentes no Milênio, e que o termo "reinar" signifique apenas desfrutar os privilégios de reis e sacerdotes para com Deus. Se for assim, então terá de haver uma ressurreição de descrentes no fim do Milênio, para que alguns possam seguir a Satanás. Os crentes, com seus corpos glorificados, já estarão partilhando do triunfo de Cristo, e nunca mais serão tentados por Satanás. Além dos vencedores provenientes da época da Igreja, João vê almas, isto é: pessoas vivas. Este segundo grupo inclui os mártires da Grande Tribulação (Ap 6.9-11; 12.15). Estes também já terão ressuscitado (vede comentário no verso seis).

Os dois grupos se juntarão para reinar com Cristo por mil anos (Mt 19.28; 1 Co 15.23; 2 Tm 2.12; Ap 2.26,27; 3.21; 5.10; 20.4-26).

Nesse tempo, haverá paz e benção, e a justiça prevalecerá em toda parte (Is 2.2-4; Mq 4.3-5; Zc 9.10). O Espírito Santo fará uma obra de restauração completa. Até o mundo natural refletirá a ordem, a perfeição e a beleza que Deus tencionava conceder à sua criação (Is 14.7,8; 35.1,2, 6,7; 51.3; 55.12,13; SI 96.11-13; 98.7-9; Rm 8.18-23). O mundo animal também será mudado (Is 11.6-8; 65.25; Ez 34.25). Todavia, ainda haverá causa para punição e morte (Is 65.17-25). Os que nascerem durante o reino milenial, filhos dos descrentes que tiverem sobrevivido à Grande Tribulação, ainda terão de fazer a sua própria escolha em seguir a Cristo. Mesmo em condições tão ideais, muitos ainda rebelar-se-ão e desobedecerão a Deus. Igualmente serão estes lançados no lago de fogo, juntamente com os outros ímpios que já tiverem morrido ao término do Milênio (Ap 20.9,10, 15). Não há menção da ressurreição dos crentes neste ponto; ela já terá acontecido por ocasião do arrebatamento (1 Ts 4.13-18; Jo 14.3; 1 Co 15.25). Vivos e vitoriosos desde a ressurreição e do arrebatamento da Igreja, eles continuarão a reinar com Cristo. Somente após o término dos mil anos é que Jesus entregará o Reino ao Pai (1 Co 13.24). E o reino de Deus e de Cristo perdurará pelos séculos dos séculos (Ap 22.1-5).

Um aspecto importante do Milênio será o cumprimento das profecias de Ezequiel sobre a restauração de Israel. Os pré e os pós-milenistas adotam sistemas nos quais não há lugar algum à restauração de Israel na terra. Ambos costumam espiritualizar as profecias de Ezequiel e aplicá-las à Igreja. Afirmam ter sido Israel já eliminado do plano de Deus. Todavia, Ezequiel enfatiza a importância do nome do Senhor, que inclui sua natureza santa e sua fidelidade às suas promessas. Ezequiel 36 torna bem claro que Deus restaurará Israel em sua terra, apesar de eles haverem lhe profanado o nome. Depois, Deus fará uma obra de restauração espiritual e derramará do seu Espírito sobre eles (Ez 36.22,23).

Dizem alguns estudiosos que a profecia já se cumpriu quando do retorno dos judeus de Babilônia nos dias de Zorobabel.

Todavia, a visão do vale de ossos secos, em Ezequiel 37, dá a entender que a esperança de Israel tornar-se-ia mui seca antes da restauração futura. Isto não aconteceu quando os judeus achavam-se cativos em Babilônia às margens do rio Quebar, pois as profecias de Jeremias garantiam que eles haveriam de retornar em setenta anos, o que realmente aconteceu. Contudo, depois de Jerusalém haver sido destruída no ano 70 a.D., foram os judeus dispersos e, por muitos séculos, não tiveram mais quaisquer esperanças de voltar à sua terra. Portanto, o cumprimento da profecia de Ezequiel sobre o retorno e a restauração espiritual de Israel, ainda está no futuro.

IV - Duas Ressurreições Separadas por Mil Anos (Ap 20.5,6)

> *"Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos."*

Em continuação, a Bíblia faz uma afirmação clara (porém parentética) a respeito dos "outros mortos". Este grupo inclui todos os que não fazem parte dos dois outros mencionados no capítulo quatro. Compõem-no os mortos que morreram sem jamais terem aceitado a graça salvadora oferecida por Deus. Após o reino milenial, serão trazidos diante do grande trono branco onde sua sentença será lavrada: o lago de fogo!

A frase "esta é a primeira ressurreição" significa que os mencionados no versículo quatro completam a primeira ressurreição. Em Jo 5.29, Jesus falou de duas ressurreições. Identificou a primeira como a ressurreição da vida. Nela, tomam parte os que praticaram o bem; aqueles que fizerem a vontade de Deus em aceitar a Cristo como Salvador, e viveram para Ele. A segunda é a ressurreição para o julgamento. Diz respeito aos que têm praticado o mal em decorrência de sua incredulidade.

Assim como os profetas do Antigo Testamento não revelaram que espaço de tempo haveria entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, o Senhor Jesus age da mesma forma em relação às duas ressurreições. Somente depois de João ter escrito o capítulo 20 do Apocalipse é que lhe é revelado que haveria pelo menos mil anos entre ambas. Naturalmente, Jesus está enfatizando apenas o contraste entre as duas ressurreições com o propósito de encorajar o povo a viver para Deus. O tempo entre elas não é relevante.

Em 1 Coríntios 15.20,23, Paulo compara a primeira ressurreição com uma colheita. O Cristo ressuscitado é as primícias dessa colheita. E o fato de Ele ter ressuscitado é a garantia para o restante da colheita - sua Igreja (Jo 11.25,26; 14.16). A colheita, como um todo, acontece "cada um por sua ordem". Depois da ressurreição de Cristo, e por ocasião de sua vinda, seremos arrebatados para o encontrarmos nos ares (1 Ts 4.17). Nesta ocasião, os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, e os que estiveram vivos (também em Cristo) serão arrebatados em corpos glorificados (Jo 14.3; 1 Co 15.52; 1 Ts 4.14). A Bíblia mostra que os santos do Antigo Testamento serão incluídos no corpo principal da colheita (Is 26.19-21; Ez 37.12-14; Dn 12.2,3). O respigar da colheita serão os mártires da Grande Tribulação; eles completarão o número dos que participarão da primeira ressurreição.

Os que tomam parte na primeira ressurreição, que é a "ressurreição dos justos" (Lc 14.14), são identificados como "benditos" - os que desfrutam da plenitude das bênçãos de Deus. São identificados também como santos - dedicados a Deus e à sua vontade; pois o servem e o adoram em espírito e em verdade. Sua ressurreição é semelhante à de Cristo, ressuscitam para não mais morrer. A "segunda morte" (o lago de fogo) não terá, pois, poder sobre eles. Eles são reis e sacerdotes de Deus, e reinarão com Cristo durante o Milênio.

A ressurreição do crente é uma realidade; não uma situação hipotética (1 Co 15.19). Ao escrever aos Coríntios, Paulo enfatiza que a nossa ressurreição e a de Cristo estão intimamente relacionadas. Havia em Corinto alguns que se achavam sob a influência de ideias gregas e saducéias sobre a ressurreição. Apesar de haverem aceitado a ressurreição de Cristo, negavam fossem os crentes ressuscitar. Tal situação levou Paulo a escrever: "Se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressurgiu. E se Cristo não ressurgiu, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a nossa fé". Consequentemente, seríamos "os mais infelizes de todos os homens". Pois seria lamentável construir nossa fé sobre algo que jamais ocorrerá.

Jesus, porém, ressuscitou! A sua ressurreição é um fato histórico bem comprovado. E, como Ele vive, também viveremos (Jo 14.19). Como Jesus explicou a Marta, Ele é a ressurreição e a vida. Os que creem em Cristo, ainda que morram, viverão, ou seja: voltarão à vida pela ressurreição (Jo 11.24,25). O corpo que teremos após a ressurreição será imortal e incorruptível; nunca mais será tocado pela morte (1 Co 15.43-45).

V - Satanás É Solto (Ap 20.7,8)

> *"E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha."*

O Apocalipse não nos dá maiores detalhes sobre o Milênio, pois o registro dos profetas sobre o assunto já é mais do que suficiente. Isaías, por exemplo, depois de anunciar que haverá um novo céu e uma nova terra, prediz que a Jerusalém presente terá primeiro a sua plenitude num tempo de paz e alegria (Is 65.17- 25), onde a palavra "mas", no começo do versículo 18, é uma forte adversativa que indica um marcante contraste com o versículo anterior. As condições descritas na parte final de Isaías 65 são paralelas às profecias de Isaías 9.7 e 11.1-10, e aplicam-se ao reino milenial, e não à Nova Jerusalém ou ao novo céu e à nova terra.

Passados os mil anos "Satanás será solto". Porque isto tem de acontecer, só podemos conjeturar. Talvez para que a justiça de Deus seja firmemente vindicada. Poderia alguém perguntar, por exemplo, onde está a justiça divina ao mandar pessoas ao lago de fogo sem que estas hajam avaliado o que realmente perderam. Alguém poderia alegar ainda: Com certeza se o povo soubesse quão maravilhoso seria o reino de Cristo, todos o teriam aceitado. No entanto, mesmo depois de um reino tão glorioso, multidões, como a areia do mar, seguirão a Satanás na primeira oportunidade. Isto mostra que, com ou sem o conhecimento de como será o reino de Cristo, a humanidade ainda se rebelará contra Deus. Os que seguirem ao Diabo, pois, serão postos nas trevas exteriores do lago de fogo. Estarão para sempre separados de Deus.

Como o grande enganador, Satanás ironicamente engana-se a si mesmo ao achar-se suficientemente forte para derrotar a Deus. É-lhe, pois, permitido sair da prisão para enganar os que se exaltam a si mesmos, e desprezam o reino de Cristo. Esta será a última rebelião do diabo. Seus seguidores o acompanharão na derrota final. Nunca mais haverá rebelião contra Deus! Seu amor jamais será contestado.

Mais uma vez multidões tomam o "caminho largo" da rebelião. Como nas eras passadas, rejeitam a Deus e à sua palavra; recusam-se a aprender com os julgamentos divinos sobre Adão e Eva, o mundo dos dias de Noé, Egito, Assíria, Babilônia, Roma e sobre o próprio Israel.

As nações rebeladas são aqui identificadas como Gogue e Magogue. Tais nomes são emprestados a Ezequiel 38 e 39. Esta batalha, contudo, será bem diferente. É uma simples comparação para mostrar que os tais agem exatamente como os povos que seguiram a Gogue e Magogue.

VI - A Derrota de Satanás e Seu Destino Final (Ap 20.9,10)

> *"E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu, e os devorou. E o Diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para o todo o sempre."*

Os exércitos de Satanás cercaram o arraial dos santos e a cidade querida - outro nome à Jerusalém milenial. Como e porque os santos de todas as eras se ajuntarão na área de Jerusalém, a Bíblia não explica. Eles são vistos como os fiéis remanescentes. Aliás, tem sempre havido um fiel remanescente. Jesus e os apóstolos previniram que muitos, na era da Igreja, deixariam a fé para seguir falsos mestres e profetas (Mt 24.10-12; 2 Tm 1.15; 4.1-4). Quanto aos fiéis, viverão em justiça mesmo em meio à apostasia. Por isso, reinarão eternamente com Cristo.

Diante da audácia de Satanás, o Senhor Deus manda fogo do céu para devorá-lo juntamente com os demais rebeldes. Os exércitos do mal são completamente destruídos. Mais uma vez suas tentativas em burlar os planos divinos são frustradas. Todas as profecias do Antigo Testamento dizem que o reino de Cristo será eterno; continuará pelos novos céus e nova terra.

Satanás, agora, é lançado no lago de fogo e enxofre para sempre. De lá, jamais escapará. Nunca mais opor-se-á aos planos divinos.

No lago de fogo, Satanás se ajuntará ao Anticristo e ao Falso Profeta. Eles já estão lá por mais de mil anos; são os mesmos e continuam em tormentos. Torna-se claro, pois, que as labaredas do lago de fogo não os limparam, nem os transformaram. Somente o sangue de Jesus Cristo e o poder do Espírito Santo podem transformar o ser humano numa nova criatura.

Juntamente com Satanás, o Anticristo e o Falso Profeta serão atormentados pelos séculos dos séculos.

VII - O Grande Trono Branco (Ap 20.11)

"E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para eles."

Com Satanás fora do cenário, é chegada a hora do julgamento final. O grande trono que João vê é branco, indicando sua pureza, santidade e glória. O que se acha assentado sobre o trono é o Rei dos reis e Senhor dos senhores. O próprio Jesus já o declarara: "O Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo para que todos honrem o Filho, como honram o Pai" (Jo 5.22,23). Jesus assenta-se como o Supremo Juiz.

A glória do trono branco é intensa. O universo físico não pode suster-se diante do' fogo do julgamento. A terra atual, contaminada pela transgressão de Adão, foge da presença daquele que se encontra no trono. A declaração: "Não se achou lugar para eles", indica que os componentes do universo material deixarão de existir. Será a preparação para o novo céu e a nova terra de Apocalipse 21. Muitos comentaristas relacionam esta destruição com os seguintes textos bíblicos: SI 102.25,26; Is 51.6; 2 Pe 3.10-13; Is 34.4; Mt 24.35; Mc 13.31; Lc 16.17; 21.33.

A questão do pecado, que não foi resolvida nesta vida por meio do sacrifício de Cristo, resultará em sofrimento e castigo eterno no lago de fogo. Os efeitos do pecado também serão eliminados. Por esta razão, serão destruídos a Terra, os planetas, o Sol, a Lua, e todas as galáxias e estrelas. Até os céus serão destruídos (Ag 2.6; Hb 12.26-28). É verdade que sempre haverá uma terra, mas não necessariamente a mesma. Há a comparação profética do ato de se mudar de roupa. Assim Deus agirá em relação ao

Universo. Tirará o velho para estabelecer o novo (SI 102.25,26; Hb 1.10-12).

VIII - O Restante dos Mortos São Julgados (Ap 20.12,13)

> *"E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras."*

Diante do trono, acham-se todos os mortos; os perdidos de todas as épocas da história, inclusive "os outros mortos" que não haviam tomado parte na primeira ressurreição. Presentes ainda, os que morreram durante o Milênio. Os mortos são compostos de grandes e pequenos sem quaisquer distinções. Os servos de Deus do Antigo Testamento, a Igreja, bem como os mártires da Grande Tribulação, não se encontram aqui incluídos, pois estão ao lado de Cristo. Eles estarão vivos para sempre, com corpos novos e imortais (1 Co 15.52-54). Os ímpios também receberão algum tipo de corpo na segunda ressurreição para o julgamento, vergonha e desprezo eterno (Dn 12.2; Jo 5.29).

Apesar de os ímpios já terem morrido, apresentam-se agora diante de Deus. E o julgamento é entregue a Jesus. Os livros são abertos, e os mortos julgados de acordo com o registro de suas obras. Quanto aos crentes, os seus pecados, tanto os conhecidos e confessados, como os desconhecidos e não confessados, foram de há muito lançados nas profundezas do mar. Mas não assim com os transgressores. Até mesmo seus pecados secretos virão à tona (Lc 8.17). Sua sentença, sem dúvida alguma, é o lago de fogo.

Alguns questionam a expressão "o livro da vida é aberto" por não entendê-la devidamente. Mas é necessário que tal aconteça para comprovar que os nomes dos injustos realmente não se encontram ali. Outros especulam, dizendo que os não-salvos durante o Milênio podem aparecer aqui para receber sua recompensa. Isto, porém, está em desacordo com a Bíblia. ([2])

Para tornar bem enfático que nenhum ímpio escapará do julgamento final, aparece a expressão "o mar entregou os mortos que nele havia". Embora nem todos os corpos hajam sido preservados, Deus fará com que todos os ímpios tenham uma ressurreição corpórea, e apareçam diante do trono para receber a sua sentença. Atualmente, os espíritos dos os ímpios que morreram acham-se no inferno; nenhum deles permanece no lugar onde morreram ou foram enterrados, no mar ou fora do mar. Como "a morte e o inferno" deram os mortos que neles havia, torna-se claro que

todos os ímpios, mortos em todas as épocas, serão trazidos perante o trono branco para julgamento.

Novamente é enfatizado que todos serão julgados individualmente pelas suas obras de acordo com os princípio do Evangelho (Rm 2.16), e levando-se em consideração os seus motivos (1 Co 13.3). Haverá diferença na sentença e na punição, mas não na duração da pena (Lc 12.47,48). O fogo que arderá no lago de fogo é por natureza inextinguível.

IX - A Segunda Morte (Ap 20.14,15)

> *"E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo; esta é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo."*

Com o juízo final e a remoção de todos os ímpios, e, com o próprio Satanás no lago de fogo, não haverá mais pecado e morte. Consequentemente, a morte e o inferno são lançados no lago de fogo. Este lugar será completamente separado dos novos céus e da nova terra.

Desta maneira, a morte física, como o salário do pecado (Rm 6.23), será o último inimigo a ser vencido (1 Co 15.26). Cristo já é vitorioso sobre a morte (1 Co 15.55-57). Na Nova Jerusalém, a sombra da morte não mais nos ameaçará e a sua tristeza será substituída pelo gozo daquela cidade, onde a glória de Deus é permanente (Is 25.8; 65.20).

Como a morte na Bíblia significa separação, a segunda morte é a separação final de Deus e de tudo o que ele tem preparado para os que o amam e o servem. Em última análise, há somente dois destinos: morte eterna ou vida eterna. Os que não se acham escritos no livro da vida não herdarão a vida eterna, mas terminarão no lago de fogo. Não é de se admirar ter Jesus mandado seus discípulos se regozijarem porque os seus nomes estavam escritos no livro da vida (Lc 19.20).

Jesus usou a palavra "gehenna" como um termo que indica o destino final dos ímpios. "Gehenna" é um termo geográfico oriundo do aramaico para referir-se ao vale de Hinnom, uma ravina estreita situada no Sudoeste de Jerusalém. Aqui, durante o declínio do Reino de Judá, os apóstatas queimavam seus filhos em sacrifício a Moloque, deus dos Amonitas (2 Rs 23.10; Jr 7.31). Como resultado do efeito profanador da idolatria, os judeus do Novo Testamento usavam o vale como aterro sanitário, onde o fogo ardia continuamente. Jesus usou a palavra para exemplificar o fogo do juízo final, que o Apocalipse chama de lago de fogo.

A Bíblia é muito cuidadosa em informar-nos que o destino final dos perdidos é horrível; vai além da imaginação. Envolverá tribulação, angústia, choro e ranger de dentes (Mt 22.13; 25.30; Rm 2.9). É uma fornalha de fogo (Mt 13.42, 50), que resulta em prejuízo e destruição

eternas (2 Ts 1.9). O seu fogo é por natureza inextinguível (Mc 9.43), e a fumaça do seu tormento subirá para todo sempre; não terão descanso (Ap 14.11; 20.10). É neste sentido que a Bíblia diz: "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31). O Novo Testamento incentiva-nos a viver com interesse pelos que estão vivendo no pecado e destinados ao eterno tormento no lago de fogo se não se arrependerem. Esta é a maior razão porque devemos levar as boas novas do evangelho de Jesus Cristo até o fim do mundo. Jesus morreu para que eles não pereçam, mas tenham a vida eterna (Jo 3.16). Ele deixou-nos a Grande Comissão, para que o mundo possa ouvir a mensagem do Evangelho. Além disso o Espírito Santo usa a verdade para tocar seus corações e mentes, e trazê-los ao arrependimento e à fé.

Apocalipse

Capítulo 21

I – Um Novo Céu e uma Nova Terra (Ap 21.1)

"E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe."

Nesta visão, João vê um "novo céu e uma nova terra". Os atuais céu e terra já terão passado. O vocábulo "novo" usualmente significa nunca usado, com a conotação de algo maravilhoso e desconhecido. Alguns pensam, porém, que a expressão seja uma referência à renovação da superfície desta terra. Chega-se a localizar este evento, inclusive, no início do Milênio. Mas aqui temos algo que somente acontecerá depois do Milênio e após o julgamento do grande trono branco.

Alguns apontam passagens como Eclesiastes 1.4 que falam da terra como morada eterna. ([1]) Mas isto significa apenas que haverá uma terra, mesmo que a atual seja trocada por outra. O salmista declara que a presente criação perecerá. Ficará velha como se fosse um vestido, e Deus a mudará como nós mudamos de roupa - colocando uma nova e diferente (SI 102.25,26; Hb 1.10-12). Deus também mostrou o mesmo a Isaías. Ao falar do julgamento da nações, Isaías olhou o futuro, e viu que "todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como pergaminho" (Is 34.4). Ele também viu que "os céus desaparecerão como fumo, e a terra envelhecerá como vestido" (Is 51.6). Deus criará então um novo céu e uma nova terra que hão de permanecer para sempre (Is 65.17; 66.22).

Jesus também reconhece que o céu e a terra que agora existem passarão (Mc 13.31). De igual modo interpretou Pedro (2 Pe 3.10-12). Alguns tomam o "derreterão" (2 Pe 3.10) para significar "ser livre", "solto", "quebrado", e creem que isto seja meramente uma renovação da superfície da presente terra. Mas 2 Pedro 3.12 usa uma palavra diferente para "derreter" que, no contexto, pode significar "derreter até se consumir". A ideia contida é que a matéria total do universo será transformada em calor e energia, algo que a ciência mostra ser perfeitamente possível. Haja vista o que ocorre quando os elétrons e prótons se encontram.

Que a nova terra será completamente diferente é vista no fato de que "não haverá mais o mar". Os oceanos são necessários à oxigenação da atmosfera da terra. A falta de mares, portanto, sugere que toda a economia da nova terra será diferente. Assim como Jesus foi capaz de subir ao céu em seu corpo ressurreto e sem roupas especiais, assim também nós, com os

corpos ressurretos, não teremos as carências e limitações impostas pelo corpo atual.

II - A Nova Jerusalém que Desce do Céu (Ap 21.2)

> *"E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido."*

A nova Jerusalém é verdadeiramente santa, preparada por Deus para uma hora e propósito especiais. Ela já existe no céu (G1 4.26). É a cidade que Abraão buscou, e que todo o povo de Deus continua a buscar. O próprio Deus é o seu arquiteto e fundador (G1 4.26; Fp 3.20; hb 11.10,13,16). É um lugar preparado para um povo devidamente preparado.

III - Deus Habita com Seu Povo (Ap 21.3,4)

> *"E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas."*

"O tabernáculo (habitação) de Deus". A partir daqui, o Senhor Deus estará continuamente com a raça humana na terra. Num certo sentido, céus e terra se convergirão num único ponto. A nova Jerusalém, que estará sobre a terra, será o quartel general de Deus. Não mais estaremos separados. Nós, sobre a teria, e Deus em seu trono. As especiais manifestações de sua presença serão contínuas. Ele estará com o seu povo para sempre (Lv 26.11,12; Jr 31.32; Ez 37.27; Zc 14.9; Hb 8.2; 9.11).

A grande voz vinda do trono continua a ser um maravilhoso conforto e segurança aos vencedores. Deus "limpará toda lágrima", incluindo as lágrimas derramadas enquanto os crentes suportavam os sofrimentos por causa do evangelho de Cristo. Os efeitos causados pelo pecado serão para sempre removidos. Será a consumação última e final de tudo o que foi comprado para nós através da morte de Cristo na cruz, e garantido pela sua ressurreição.

Isto significa que não haverá morte, pois ela é o salário do pecado (Rm 6.23). Esta vitória é um grande triunfo, pois o último inimigo a ser destruído é a morte (1 Co 15.54). A morte envolve separação de Deus, ou de qualquer outro membro do corpo de Cristo. Por conseguinte, não haverá mais pranto, luto, choro, ou dor.

Na Nova Jerusalém, não haverá mais pecado ou coisa alguma que estrague a alegria e a comunhão que compartilhamos com o Senhor. Deus não o permitirá. Em Isaías 35.10, temos uma mostra parcial disto no Milênio, onde "os resgatados do Senhor voltarão e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará suas cabeças; gozo e alegria os alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido". Até a memória das tristezas desaparecerá, embora continuemos a nos lembrar das coisas boas que Deus tem feito (Is 65.17).

O fato de as primeiras coisas já terem se passado, mostra-nos que tudo o que Deus fará, em conexão com a criação dos novos céus e da nova terra, será realmente novo. Tudo o que pertence à primeira criação passará.

IV - Tudo se Fez Novo (Ap 21.5)

> *"E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis."*

O que se acha assentado sobre o trono é o Cordeiro que João vira anteriormente (Ap 5.6). Alguns supõem seja o próprio Deus- Pai, por ser Ele o Criador de tudo. Todavia, tudo o que Ele fez, fê-lo através de Cristo - o Verbo de Deus (Jo 1.3). Por conseguinte, o que fala por Deus é o Senhor Jesus. Tudo Ele faz novo agora. A palavra "fazer" é usada frequentemente para descrever um ato criativo de Deus (Mt 19.4). O que se fala aqui é de uma nova, uma recente criação. É claro que isto não inclui as trevas do lago de fogo preparado para o diabo e seus anjos.

O que está assentado no trono ordena novamente que João escreva (Ap 19.9). Estas coisas não são o produto da razão e da imaginação humanas; são revelações divinas. O próprio Jesus testemunha: elas são de fato verdadeiras e fiéis. Portanto, podemos confiar nEle para fazer com que elas se cumpram. Noutras palavras: a mensagem do Apocalipse é genuína e real. O novo céu e a nova terra serão tão reais como a Nova Jerusalém.

V - A Certeza dos Vencedores (Ap 21.6,7)

> *"E disse-me mais: Está cumprido: Eu sou o Alfa e o ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida. Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho."*

Jesus bradou na cruz: "Está consumado". Mas, agora, Deus declara: "Está cumprido". Isto é: tudo o que tem sido revelado a João é bom e foi feito com a aprovação divina.

Tenhamos certeza de que Deus estará, no fim dos tempos, para garantir a concretização de todos os seus planos. Ele declara ser o Alfa e o Ômega. Alfa é a primeira letra do alfabeto grego, e Ômega a última. Elas combinam-se para indicar perfeição total. A frase "Alfa e Ômega" também indica que Deus (a Trindade total - Pai, Filho e Espírito Santo) é sem princípio ou fim (Cl 1.17). Cristo era antes de todas as coisas. Através dEle todas as coisas subsistem. Sim, Ele é o princípio e o fim; é antes de todas as coisas; o princípio e a origem de tudo. Ele é a fonte de tudo o que é bom; é também o fim, e deve ser o objetivo final de tudo quanto existe. É aquele que fará com que todas as coisas que foram profetizadas se consumam.
Ele fará novas todas às coisas. Aliás, Jesus tem sempre algo novo para nós. Se estivermos sedentos por Deus (SI 42.1,2), seu convite é-nos feito para que tomemos "livremente da água da vida (Jo 4.14; 7.37-39). Veja também Apocalipse 22.1,2, onde o rio e a árvore da vida estão à disposição de todos na Nova Jerusalém. O receber e o continuar a beber do Espírito é o segredo para sermos vitoriosos; a promessa e a herança de Deus são para os que vencerem.

Os que vencerem e perseverarem na fé até o fim, herdarão tudo. Nas cartas às sete Igrejas, Jesus prometeu as mesmas coisas: comer da árvore da vida no paraíso de Deus; não sofrer os danos da segunda morte; alimentar-se do maná escondido; receber uma pedra branca com um novo nome escrito; poder sobre as nações; vestimentas brancas; ter o nome confessado diante de Deus-Pai e de seus anjos; ser uma coluna no templo de Deus; ter em si o nome de Deus, da cidade e de Cristo; sentar com Jesus em seu trono. Agora, todas as bênçãos e alegrias da vida eterna lhes pertencerão, porque pela fé venceram em nome de Jesus.

Tudo nos é assegurado, pois somos filhos e herdeiros de Deus, sendo co-herdeiros com Cristo (Rm 8.16,17). Desde que Cristo é o herdeiro de todas as coisas (SI 2.8; Hb 1.2), o crente como co-herdeiro do Filho de Deus também as herdará (1 Co 2.9,10).

A promessa "eu serei seu Deus, e ele será meu filho" - primeiramente dada a Israel, depois à linhagem de Davi, e então à Igreja, chega aqui ao clímax (Gn 17.7; Ex 19.5,6; 2 Sm 7.13,14,16; 2 Co 6.16,18; G1 3.29; 1 Pe 1.9,10).

VI - A Condenação dos Descrentes (Ap 21.8)

> *"Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicarios, e aos feiticeiros, e aos idolatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte."*

Em contraste com os vencedores, que desfrutam da vida na eternidade, é-nos dada uma lista dos que serão lançados no lago de fogo, que é a segunda morte. No início da lista estão os "tímidos", isto é: os covardes, os que são medrosos por causa da falta de fé. Incluem-se aqui os que deixam que a desaprovação de alguma pessoa, ou da sociedade, os leve a se desviarem de Cristo e da esperança da glória. Eles estão mais preocupados com a segurança pessoal do que com a lealdade a Cristo. São rápidos a comprometer a verdade. Não são vencedores, mas perdedores (Mc 8.35; 1 Ts 2.4; 2 Tm 2.12,13).

Em segundo lugar, vêm os incrédulos; os que menosprezam o Evangelho e as promessas. Acham-se inclusos também os que nunca creram, os que rejeitaram a verdade do Evangelho, e os que, embora tenham crido, voltaram às práticas das velhas obras (G1 5.19-21).

Depois, vêm os "abomináveis"; os que são detestáveis diante de Deus. Tanto o Antigo como o Novo Testamento mostram que, professar a fé em Deus, e continuar a praticar o mal, ou alguma idolatria, é uma abominação aos olhos do Senhor. No Antigo Testamento esta palavra é sempre usada para indicar práticas idolátricas, mas aqui o seu uso é mais generalizado.

Em seguida, vêm os "assassinos"; os que, deliberada e espontaneamente, tiram a vida humana.

Em quinto lugar, estão os impuros; os que praticam algum tipo de impureza ou imoralidade sexual.

Em sexto estão os "feiticeiros"; os que usam venenos, drogas e poções malignas com finalidades religiosas.

Em sétimo estão os idolatras; os que adoram falsos deuses, ou alguma coisa, em vez do Deus Vivo.

Em oitavo, estão todos os mentirosos; especialmente os fraudulentos, como os falsos profetas e apóstolos, assim como os que negam sua fé em Cristo.

Todas estas oito classes de pessoas terão sua parte no lago de fogo eterno. As religiões, cultos, igrejas ou denominações que ensinam que a pessoa pode ser imoral, adúltera, homossexual, ou viver em outras práticas pecaminosas e, ainda assim, ser um filho de Deus, porque já foi salva, ou porque supõe que um Deus de amor não mandaria ninguém para o inferno, colocam-se contra as Escrituras (1 Co 6.9,10; G1 5.19-21; Ef 5.5-7).

VII - A Noiva e a Cidade (Ap 21.9-11)

> *"E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te- ei a esposa, a mulher do Cordeiro. E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que*

de Deus descia do céu. E tinha a glória de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente."

A primeira visão de João sobre a Nova Jerusalém fora muito breve. Agora, um dos anjos, que se achava entre os proclamadores da ira de Deus, mostra-lhe uma nova visão, onde ele vê a glória de Deus na cidade. "Em espírito" (Ap 21.10), indica uma nova e recente visão. Alguns escritores explicam que esta visão refere-se ao Milênio, mas é muito mais provável que se refira a um estado eterno. O contexto indica, aqui, que a Nova Jerusalém só aparecerá após o Milênio e o julgamento do grande trono branco haver terminado.

A promessa de se mostrar a João a Noiva é seguida pela visão da Cidade Santa, a Nova Jerusalém. Pensam alguns que a cidade simbolize a Igreja, e que não seja literal. ([1]) De acordo com a linguagem do Antigo Testamento, porém, uma cidade era frequentemente identificada com seus habitantes. No Novo Testamento, Jesus fez o mesmo quando chorou sobre Jerusalém, pois tinha o povo da cidade em mente (Mt 23.37). Desde modo, a Nova Jerusalém será tão real quanto a atual. A Nova Jerusalém será a cidade da Igreja por toda a eternidade.

O anjo leva João em espírito a um grande e alto monte. A linguagem, aqui, é baseada na experiência de Ezequiel, que fora arrebatado pelos cabelos e levado pelo Espírito em visões de Deus até Jerusalém, onde viu a sua idolatria e corrupção, bem como a glória do Senhor que estava para se retirar dela (Ez 8.3 a 11.23). E também similar à linguagem do evangelista Mateus, onde Satanás leva Jesus a um monte muito alto, e mostra-lhe todos os reinos do mundo e a sua glória (Mt 4.8). Assim, desta alta montanha, João tem uma visão da Cidade Santa, descendo do céu.

"Céu", neste caso, é uma referência ao terceiro céu que se acha além do firmamento, onde se acha o trono de Deus. E chamada a cidade de Deus, porque Ele é o seu construtor e arquiteto. E a mesma cidade vislumbrada por Abraão (Hb 11.10,16). Agora, deste ponto privilegiado, João vê a cidade descendo. Este é um evento importante, pois marca o início da eternidade com Deus.

Quão gloriosa será esta cidade! João a vê como tendo o brilho e a glória de Deus, uma radiância idêntica a uma gema cintilante. Sua luz só pode ser comparada às melhores pedras preciosas que João conhecia. Ele a compara a "uma pedra de jaspe, clara como o cristal". Hoje a compararíamos a um diamante gigante - a mais bela das gemas.

"Tendo a glória de Deus." É uma declaração de que a cidade tem a glória de Deus. Não há nada de temporário na beleza surpreendente da glória de Deus, e na forma como Ele enche a cidade.

Quando Israel terminou a construção do Tabernáculo, uma nuvem o cobriu, e a glória do Senhor encheu completamente o lugar de modo que Moisés não pôde nele entrar (Ex 40.34,35). E tendo Salomão dedicado o Templo ao Senhor, "desceu fogo do céu e consumiu o holocausto com os sacrifícios: e a glória do Senhor encheu a casa. E os sacerdotes não podiam entrar na casa do Senhor, porque a glória do Senhor tinha enchido toda a casa" (2 Cr 7.1,2). A mesma glória achava-se ainda no Santo dos san¬tos do templo visto por Ezequiel. Contudo, a glória abandonou a casa do Senhor, transformando-a num prédio comum, que seria facilmente destruído por Nabucodonosor (Ez 1.18; 11.22,23). Noutra visão, Ezequiel foi levado a uma alta montanha de Israel, de onde viu a restauração milenial da terra. Lá, viu a glória retornando ao Templo (Ez 43.2-5). Não obstante, esta glória era ainda tão-somente uma manifestação parcial comparada à glória que encherá a nova Jerusalém.

Meditando sobre a glória futura, seria bom destacar que a glória das nações vista por Jesus daquele alto monte (Mt 4.8; Lc 4.5-8), nada é comparada à glória de Deus manifestada na Nova Jerusalém. Todas as outras glórias acabam-se quando comparadas a esta. Afinal, como comparar a lâmpada comum à luz do sol do meio dia?

VIII - As Doze Tribos de Israel (Ap 21.12,13)

> *"E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel. Da banda do levante tinha três portas, da banda do norte três portas, da banda do sul três portas, da banda do poente três portas."*

O fato de a cidade ter "um muro grande e alto" fala de semelhança, especialmente aos leitores dos dias de João. Indica ainda que a cidade era real e tinha limites. Os doze portões mostram que há abundância de entradas, isto é: acessos livres para se entrar e sair da cidade. Esta será a casa de todos os remidos, que serão livres para ir a todos os cantos da nova terra. Os habitantes da cidade serão capazes também de explorar e aproveitar tudo quanto existe no novo céu e na nova terra.

Os anjos que se acham em cada portão não tinham a função de guardar a cidade, pois nada de ruim ou de pecaminoso haverá no novo céu e na nova terra. Somente os santos serão qualificados para nela entrar. Os anjos terão a função de dar as boas vindas aos redimidos.

Nos doze portões, estão escritos os nomes das doze tribos de Israel. Isto indica que não haverá mais nenhum muro entre Israel e a Igreja. A cidade estará aberta a todo o povo de Deus (Ef 2.11-22).

Os três portões em cada um dos quatro muros lembram-nos a forma como Israel foi organizado no Sinai e nas jornadas através do deserto. Três tribos ficavam de cada lado do Tabernáculo, pois a adoração e a presença de Deus era central na vida do povo. Assim, os portões aqui indicam que a Nova Jerusalém será central na vida de Israel e de todos os redimidos durante o reino eterno. Ezequiel vira os portões da milenial Jerusalém nomeados de acordo com as doze tribos de Israel. Entretanto, a Jerusalém terrestre é mui pequena (Ez 48.31-35) comparada à celestial.

IX - Os Doze Apóstolos (Ap 21.14)

> *"E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro."*

Os doze fundamentos, com os nomes dos doze apóstolos neles escritos, mostram que a Nova Jerusalém está construída sobre o fundamento dos apóstolos, fazendo da cidade um lugar apropriado à Igreja. O nome de Matias será incluído, visto ter sido ele aceito como a escolha de Deus para substituir a Judas (At 6.2). Eles já estarão julgando, ou governando, as doze tribos de Israel durante o Milênio em cumprimento às promessas de Cristo (Mt 19.28; Lc 22.30). Agora, são reconhecidos como os edificadores da Igreja.

A Igreja acha-se construída sobre o fundamento dos apóstolos e profetas. É a morada de Deus através do seu Espírito (Ef 2.20-22). Fica claro, pois, que os crentes de todas as épocas (tanto do Antigo como do Novo Testamento) estarão unidos num só corpo (G1 3.28). Não haverá nenhuma parede de separação entre Israel e a Igreja. A cidade será aberta a todo o povo de Deus (Ef 2.11-22).

X - A Cidade é Medida (Ap 21.15,16)

> *"E aquele que falava comigo tinha uma cana de ouro, para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro. E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto como a sua largura. E mediu a cidade com a cana até doze mil estádios; e o seu comprimento, largura e altura eram iguais."*

O anjo que falava a João tinha na mão uma "cana de ouro" para medir a cidade, seus muros e portões. Enquanto o anjo mede a cidade, João o observa. O apóstolo, pois, vê uma cidade literal, não meramente um símbolo espiritual da Igreja.

Tudo na cidade é maravilhoso e magnificente. Seria impossível a qualquer arquiteto humano, engenheiro, ou mestre de obra, edificar uma

cidade como esta. O seu arquiteto e construtor é o próprio Deus (Hb 11.10). Sua simetria, tamanho, perfeição e beleza refletem não somente sua glória, mas seu inigualável amor para conosco.

O tamanho da cidade é algo que vai além de nossa compreensão. Haverá lugar suficiente aos crentes de todos os tempos. O texto diz: "Doze mil estádios" (o estádio grego equivale a 1.380 milhas - quase dois quilômetros). Sua área total, pois, seria equivalente a metade do Continente Americano. Quanto à nova terra, chega-se a especular que ela será bem maior que a atual.

A cidade é quadrada. O comprimento, a largura e a altura são iguais. A palavra "quadrada" era usada para indicar as pedras devidamente preparadas às construções e objetos cúbicos. Muitos acham, por isto, que a cidade será um perfeito cubo como o Santo dos santos, onde Deus manifestava sua presença no Tabernáculo e, posteriormente, no Templo (1 Rs 6.20). Por inferência, podemos dizer a cidade será um imenso Santo dos santos. ([3])

Outros ainda acham que a cidade terá a forma de uma pirâmide de degraus, tornando possível ao rio da vida correr através de toda a cidade de um nível a outro. Levemos em consideração, porém, que a primeira pirâmide construída foi a torre de Babel, que se tornaria o modelo dos templos da Mesopotâmia, das próprias pirâmides do Egito e das erguidas na América Central e noutras partes do mundo. Pelo texto bíblico, podemos afirmar que a Nova Jerusalém não terá tal forma.

Há os que pensam, de igual modo, que a cidade será realmente cúbica e estará envolta numa esfera de cristal, que funcionaria como uma lua em permanente órbita em torno da nova terra. ([4]) Contudo, tudo isto são especulações sem fundamentos. O fato de a cidade descer do céu dá-nos a entender que a Nova Jerusalém virá para ficar sobre a superfície da nova terra. Outra indicação disto é o fato de os residentes da cidade entrarem e sairem dela livremente.

Ainda que não possamos dimensionar-lhe a forma, podemos estar certos de que haverá espaço suficiente a todos os salvos.

XI - Os Muros São Descritos (Ap 21.17,18)

> *"E mediu o seu muro, de cento e quarenta e quatro côvados, conforme a medida de homem, que é a dum anjo. E a fábrica do seu muro era de jaspe, e a cidade de ouro puro, semelhante a vidro puro."*

A altura do muro é medida em côvados, e não de acordo com o estádio grego. Como o côvado media aproximadamente 50 centímetros, 144 côvados perfazem o total de 75 metros. Os que acham ter a cidade a

forma de pirâmide, consideram 75 metros uma altura razoável. De qualquer maneira, os níveis superiores da cidade que ultrapassarem tal marca ficam abertos.

"A medida de um homem" significa que, apesar de o muro ser medido por um anjo, usa este medidas humanas para que João e seus leitores possam compreender a visão. Os muros são feitos de jaspe (diamantes). A beleza e o brilho destas pedras são usados para descrever a glória da cidade como um todo (Ap 21.11). Seus muros são construídos com diamantes. Quão belamente,não refletirão eles a glória de Deus!

Internamente, a cidade é construída de um ouro semelhante a vidro. O grego pode também indicar "cristal limpíssimo". Descreve algo superior ao ouro que conhecemos. Este pode ser derretido e entrar em composição com outros materiais, inclusive o vidro. Além do mais, não se consegue obter-lhe a transparência. O que João tenta descrever é algo totalmente novo aos seus leitores; algo indescritível em sua claridade e transparência; algo que reflete a glória de Deus de maneira incrivelmente maravilhosa.

XII - Os Fundamentos do Muro (Ap 21.19,20)

> *"E os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda a pedra preciosa. O primeiro fundamento era jaspe; o segundo, safira; o terceiro, calcedônia; o quarto, esmeralda; o quinto, sardônica; o sexto, sárdio; o sétimo, crisólito; o oitavo, berilo; o nono, topázio; o décimo, crisópraso; o undécimo, jacinto; o duodécimo, ametista."*

Os doze fundamentos do muro que trazem os nomes dos doze apóstolos são também adornados com todo tipo de pedras preciosas. Significa isto que os fundamentos da cidade ficarão expostos e visíveis a todos, pois são gloriosos e belos. Tal decoração aumentará maravilhosamente o esplendor da cidade.

Jaspe é o diamante como atual, mas alguns acham ser a opala. Safira, neste caso, é a antiga pedra chamada lápis lazúli - um azul forte, brilhantes e reluzente. Era muito valorizada na Assíria e no Egito. Caldedônia é um termo generalizado para designar um grupo de pedras preciosas, incluindo a esmeralda, jaspe e ágata. E identificada ainda com o silicato de cobre verde, encontrado perto da antiga cidade grega de Calcedônia, não muito distante da atual Istambul.

A esmeralda é uma pedra preciosa verde e brilhante. Na realidade, trata-se de uma variação do berilo que recebe sua coloração do cromo e não do ferro. Era encontrada no Egito, Chipre e Etiópia. A sardônica, uma das variedades da ágata, era uma combinação do sárdio vermelho com o ônix branco. Os antigos gostavam desta combinação para fazer camafeus.

Quanto ao sárdio, era uma pedra preciosa avermelhada utilizada para o fabrico de jóias.

O crisólito é o topázio amarelo. Dizem ainda ser um jaspe amarelo; pode ser até mesmo um silicato de magnésio e ferro. O berilo é uma pedra preciosa amarela e esverdeada. O topázio, aqui, é imperial. Quanto ao crisópraso, trata-se de uma pedra preciosa translúcida e esverdeada; é uma das variedades do quartzo. E identificada também como uma espécie de calcedônia. O jacinto é uma variação da zircônia. Alguns são azulados; outros, violetas; e, ainda outros, alaranjados. E a ametista é um quartzo de cor violeta.

XIII - Os Portões e as Ruas São Descritos (Ap 21.21)

> *"E as doze portas eram doze pérolas: cada uma das portas era uma pérola; e a praça da cidade de ouro puro, como vidro transparente."*

Em cada uma das portas, havia uma pérola gigante. Nos tempos antigos, a pérola só podia ser adquirida por pessoas muito ricas. Haja vista ter Jesus se referido a uma pérola de grande preço que, para comprá-la, alguém seria obrigado a vender tudo quanto tinha (Mt 13.45,46). As pérolas gigantes serão uma criação especial do próprio Deus.

As ruas da cidade são largas (grego platéia) e feitas de ouro puro e translúcido. O singular "rua" pode também ser usado como coletivo, referindo-se às, mas todas da cidade.

XIV - A Cidade Não Terá Templo (Ap 21.22)

> *"E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro."*

Nos tempos do Antigo Testamento, Deus manifestara sua presença e glória no Santo dos santos - o santuário interno do Tabernáculo e do Santo Templo. Com o advento da Igreja, os corpos dos crentes tornaram-se santuários do Espírito Santo. E, sempre que nos ajuntamos em nome de Jesus, formamos o corpo de Cristo, onde Deus manifesta sua presença através do Espírito Santo. Mas na nova Jerusalém, toda a cidade tornar-se-á o templo, o santuário, e a habitação de Deus e Cristo. A glória divina estará nela presente. Estaremos em contato direto e constante com o Deus Todo-poderoso e com o Cordeiro que nos salvou. Habitaremos no templo; na manifestação da presença de Deus. Os crentes continuaremos a ser o templo santo do Senhor, "no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em espírito" (Ef 2.20-22).

A comunhão da presença imediata de Deus e de Cristo será a maior das bênçãos e alegrias da cidade santa. O salmista Davi reconheceu que, na presença de Deus, há "abundância de alegria" (SI 16.11). Quão maior não será a alegria na nova Jerusalém!

XV - A Luz e a Lâmpada da Cidade (Ap 21.23,24)

> *"E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada. E as nações andarão à sua luz; e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra."*

A plena revelação da glória de Deus na cidade tornará o Sol e a Lua desnecessários. Na terra atual, a maior parte da energia de que precisamos vem-nos do Sol e através da fotossíntese das plantas. Na Nova Jerusalém, Cristo será a luz (literalmente "lâmpada"). Ele será a fonte imediata de todo o poder, energia e luz. Nosso corpos serão como o de Cristo. Seremos capazes de suportar o impacto da glória de Deus (Êx 33.20-23; 1 Jo 3.2). Nenhuma fonte intermediária, como o sol, será necessária. Fortalecidos por Cristo, não mais precisaremos dormir nem necessitaremos da sucessão dos dias e noites. Jesus Cristo, que é espiritualmente a luz do mundo, agora será também a luz da Nova Jerusalém, do novo céu e da nova terra. Ele o será de maneira plena e completa (Jo 1.7-9; 3.19, 8.12; 12.35; 1 Jo 1.5-7).

Isaías teve um vislumbre disto ao olhar além da restauração milenial de Sião: "nunca mais te servirá o sol para a luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te alumiará; mas o Senhor será a sua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória... e todos os do teu povo serão justos... e eu, o Senhor, a seu tempo o farei prontamente" (Is 60.19-22). "Teu Deus e tua glória" é a verdade central desta passagem.

No versículo 24, vemos que a Nova Jerusalém é o quartel general dos crentes. A glória de Deus, que a ilumina, será contínua e inexaurível. Consequentemente, as nações salvas continuarão a andar nesta luz para sempre. Não haverá reis ou capitães exaltando-se a si mesmos, pois a glória de Deus será tudo em todos.

"Nações", apesar de este termo ser frequentemente traduzido por "gentios", não exclui a Israel (At 17.26; Mt 28.19; At 1.8). Até mesmo no Antigo Testamento, a palavra *goyim* (nações, gentios) incluía algumas vezes os judeus. Mas o vocábulo nada tem a ver com o nacionalismo como o conhecemos. Aqui, serve para identificar as pessoas oriundas das mais diversas nacionalidades, mas que, agora, formam um só corpo. São todos salvos e andam na luz da glória divina.

Alguns escritores servem-se deste versículo para ensinar que nem todos os crentes viverão na cidade, e que haverá outras nações e reis

morando fora da Nova Jerusalém. ([4]) Isto pode ser verdade em referência à Jerusalém do Milênio. Entretanto, a Nova Jerusalém é uma cidade totalmente diferente. Nela, todos os salvos hão de morar. Este verso é simplesmente uma informação extra sobre eles: estarão todos juntos, sejam reis ou pessoas comuns. Qualquer que seja a glória, ou a honra, que possuam, eles a trarão à cidade e a apresentarão a Deus.

XVI - Os Portões Nunca se Fecharão (Ap 21.25-27)

> *"E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite. E a ela trarão a glória e honra das nações. E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro."*

Diferentemente das antigas cidades dos dias de João, que mantinham os portões sempre fechados durante a noite, os da nova Jerusalém permanecerão sempre abertos. Lá não haverá noite, e os seus habitantes serão livres para entrar e sair.

O fato de lá não existir noite é uma indicação a mais de que a nova terra será totalmente nova; não será renovada ou refinada.
Após o dilúvio, Deus prometeu: "Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite" (Gn 8.22). Mas, na nova ordem, a única escuridão da eternidade, o único lugar onde não haverá a luz proveniente da presença e glória de Deus, será no lago de fogo.

Apesar de o Salmo 148.6 (como também Jr 33.19-22) parecer uma contradição do que acabamos de dizer, à luz do restante da Bíblia, comprovamos não haver base para afirmarmos que o atual céu e terra não possam ser substituídos por uma nova criação. Como em Gênesis 8.22, os vários aspectos do mundo natural somente serão realidade enquanto a terra existir.

Novamente João enfatiza que a glória e a honra das nações serão trazidas à cidade. Toda essa glória e honra, aliás, sempre pertenceram a Deus e vêm dEle.

Finalmente, os leitores do Apocalipse são advertidos de que, quando a Nova Jerusalém descer do céu, somente aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro é que compartilharão de sua glória. Quanto aos outros, serão lançados no lago de fogo.

Embora os portões da cidade fiquem abertos, três categorias de pessoas nela jamais entrarão: os impuros, os abomináveis e os praticam a mentira. Tudo o Senhor tem registrado: os que podem e os que não podem entrar na Nova Jerusalém.

Apocalipse

Capítulo 22

"Então me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e de outra margem do rio, está à árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos" (Ap 22.1,2).

Dentro da Nova Jerusalém, o anjo mostra a João um rio cristalino que procedia do trono de Deus e do Cordeiro. Trata-se de um rio literal. E o "rio da vida"; é o fluir do Espírito Santo, proporcionando bênçãos e poder espiritual aos santos de Deus (Is 44.3; 58.11; Ez 47.1-12; Jo 7.37-39; Ap 7.17; 21.6; 22.17).

O trono está no meio da cidade; é o local onde o rio tem a sua nascente. Daqui, flui através das grandes e largas ruas de ouro, cortando a cidade em vários níveis.

Ezequiel viu o rio milenial que adoçava as águas do mar Morto (Ez 47.1-12; Zc 14.8). Mas na nova terra, não haverá nenhum mar. O rio é uma lembrete aos habitantes da cidade de que eles, ainda, dependem de Deus e do Cordeiro. De que Jesus é a fonte da vida (Jo 5.26). E, assim, existiremos por toda a eternidade. Jesus compara nossa posição aos galhos da videira. Teremos vida se o rio fluir continuamente em nós (Jo 15.5).

A árvore da vida tem um significado semelhante. Embora venhamos a ter corpos imortais e incorruptíveis, jamais terão vida em si mesmos. Tudo o que temos, ou venhamos a ter, recebemos dele. A árvore é, provavelmente, um substantivo coletivo, pois haverá árvores de ambos os lados do rio.

As folhas da árvore serão usadas para curar as nações. Devido ao fato de Apocalipse 21.4 excluir a idéia de enfermidade, dor e morte na nova Jerusalém, parece que, aí, não haverá necessidade de qualquer terapia. A palavra "cura", portanto, tem o sentido de "saúde". As folhas da árvore indicam que não haverá nada na nova criação que traga fraqueza ou enfermidade física ou espiritual. Elas também nos lembram de que sempre seremos dependentes da provisão de Deus para a plenitude da vida, saúde, força e alegria.

I - Não Haverá Mais Maldições (Ap 22.3)

"E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos o servirão."

Vemos novamente que, na Nova Jerusalém, não haverá mais maldição, nem doenças ou enfermidades. Isto prova que a maldição do julgamento de Adão e Eva será completamente removido. O trabalho executado no jardim do Éden era, inicialmente, uma alegria. Mas, em consequência de seu pecado, Adão foi amaldiçoado com um trabalho árduo e extenuante. Hoje, a maior parte do trabalho traz apenas desapontamento, frustração e cansaço. Mas, na Nova Jerusalém, alegrar-nos-emos por estar na presença de Deus e do Cordeiro, e por servi-lo continuamente.

O servir ao Senhor tem um significado especial no ato da adoração. Seremos reis, sacerdotes e ministros, fazendo-lhe tudo em espírito de devoção. Salomão teve um vislumbre do que isto significa ao reconhecer que nenhum templo terrestre comportaria a manifestação plena da glória de Deus, "visto que até os céus dos céus não o podem conter" (2 Cr 2.6). Isaías viu a mesma coisa, como também Estevão e Paulo (Is 6.1; 57.15; At 7.48-50;17.24-28). Podemos ter, igualmente, uma antecipação desta glória através do Espírito Santo.

Alguns supõem que passaremos o tempo todo tocando harpas. Mas este é apenas um dos aspectos da vida que Deus nos tem reservado. Ele tem muito mais para nós. Haverá sempre coisas novas e maravilhosas para executarmos por toda a eternidade.

II - Uma Relação Mais Profunda (Ap 22.4)

"E verão o seu rosto, e nas suas testas estará o seu nome."

Sim, contemplaremos a face do Cordeiro, mas não poderemos ver a face de Deus pois Ele é espírito (Jo 4.2). No Antigo Testamento, foi dito a Moisés que ninguém poderia ver Deus e viver (Êx 33.20). Neste presente século, nossa adoração sofre as limitações do corpo físico. Mesmo assim, o Espírito Santo revela-nos Cristo e seu amor para conosco. No céu, porém, nossa adoração será ilimitada, cheia de alegria. Veremos a face do Senhor Jesus, e experimentaremos o impacto total de sua glória. A escuridão não esconderá sua face de nós; as nuvens jamais obscurecer-lhe-ão a glória. Seremos dEle para sempre.

Não haverá alegria ou benção maior do que estar entre os puros de coração que verão a glória divina (Mt 5.8; Jo 14.9; 1 Jo 3.2; compare Êx 33.20,33; Is 33.17).

"O seu nome estará em suas frontes." A expressão mostra que os crentes pertencerão a Ele para sempre. Mostra também que seremos como Ele, com a plenitude da imagem de Deus restaurada em nós. Esta imagem é expressa em justiça e santidade (Ef 4.14; Hb 1.3). Baseados em 1 Co 11.7 e Ez 1.26-28, alguns estudiosos ensinam que a imagem de Deus, na humanidade, pode ser tanto física como espiritual. Contudo, Deuteronômio 4.15 deixa claro que Deus não tem uma forma para que se possa definir-lhe a imagem. Todavia, a Bíblia deixa claro que precisamos de um corpo para que a nossa natureza tenha plena expressão. Como Cristo é também Deus, e possui corpo desde a encarnação, poderemos contemplar-lhe a glória por toda a eternidade (1 Co 15.40-49).

III - Não Haverá Mais Noite (Ap 22.5)

> *"E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia; e reinarão para todo o sempre."*

A Bíblia novamente enfatiza de que lá "não haverá noite". Não haverá necessidade também de "luz da candeia" (literalmente "lâmpada), nem "sol"; isto é: não haverá necessidade de luz artificial ou natural. Deus será a fonte de toda a luz.

IV - Uma Esperança Certa e Abençoada (Ap 22.6,7)

> *"E disse-me: Estas palavras são fiéis e verdadeiras; e o Senhor, o Deus dos santos profetas, enviou o seu anjo, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer. Eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro."*

Com o versículo seis, começa o segmento conclusivo do Apocalipse. A esperança e as promessas de alegrias e comunhão na Nova Jerusalém, dadas aos santos, são "fiéis e verdadeiras", absolutamente certas.

As promessas são confirmadas a João por um mensageiro angélico da parte do Senhor Deus dos profetas, isto é: do autor e fonte das verdadeiras revelações e profecias. Incluem estas as profecias referentes à primeira e à segunda vindas de Cristo, e às demais coisas futuras. Brevemente, todas elas serão cumpridas.

Ensinam alguns intérpretes de que o anúncio de Jesus, dando conta de que Ele breve virá, significa que o Senhor virá de maneira inesperada. Entretanto, a palavra grega tem o sentido de "pouco tempo". Devemos

entender, pois, que, à luz de 2 Pe 3.8,9, Ele não está retardando sua vinda, mas quer que todos cheguem ao arrependimento.

Vivamos, por conseguinte, em prontidão, pois a "nossa salvação está agora mais próxima do que quando no princípio cremos" (Rm 13.11). Tenhamos em mente que as estações e os tempos estão sob o controle do Pai (At 1.7). Nossa responsabilidade é cumprir Atos 1.8 e Mateus 28.18-20. Somos capacitados pelo poder do Espírito a realizar a tarefa da Grande Comissão. O Espírito Santo acha-se sempre pronto a outorgar-nos os dons à edificação da Igreja. Ocupemos dos assuntos do pai até que Ele venha (Lc 19.13). Quando Jesus vier, seremos transformados num momento, num abrir e fechar de olhos (1 Co 15.51,52).

O Apocalipse começa com uma benção àqueles que leem em alta voz (em grego *anagoinoskou*, "aquele que estão lendo em voz alta") e àqueles que ouvem e guardam as palavras destas profecias.

V - O Anjo Rejeita a Adoração de João (Ap 22.8,9)

> *"E eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo- as ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que, mas mostrava para o adorar. E disse-me: Olha não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus."*

João não necessita ser convencido da verdade das visões que acabara de receber. O anjo que lhe traz a revelação acha-se tão cheio da glória e do poder de Deus, que João cai diante dele em atitude de adoração, pois fica extasiado com tudo o que vê.

Mas o anjo não permite que João o adore. Como mensageiro de Deus, é ele apenas um conservo do evangelista - serve ao Senhor como João e os demais profetas. Ele assim age para encorajar-nos a servir a Jesus. Em seguida, o anjo ordena a João que adore a Deus. Somente Ele merece adoração.

Jesus, na tentação, respondeu aos pedidos de adoração de Satanás, lembrando-lhe o que está escrito: "Adorarás ao Senhor teu Deus, e somente a ele servirás" (Mt 4.10; Lc 4.8; Dt 6.13).

Somos sempre tentados a adorar o que admiramos. O centurião Cornélio caiu aos pés de Pedro, quando este chegou à sua casa com a Boas Novas do Evangelho. Mas Pedro recusou a adorarão: "Levanta-te, porque eu também sou homem" (At 10.26). Em Listra, quando da cura de um paralítico ocasionada pela pregação de Paulo, a população aclamou o apóstolo e a Barnabé como deuses (At 14.12-18). O mundo precisa aprender as lições dos Dez Mandamentos, e adorar somente a Deus.

VI - Não Seles o Livro (Ap 22.10)

> *"E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo."*

A mensagem do livro de Apocalipse não deve ser selada, o livro deve ficar aberto, pois as suas profecias devem ser proclamadas (compare Dn 12.4).

O ponto central da mensagem entregue pelo anjo é de que o tempo está próximo. A profecia do livro, portanto, não deve ser selada, pois Jesus breve virá. Isto significa que os eventos preditos terão imediatamente lugar. Mas como esclarece Pedro, aos olhos de Deus mil anos são como um dia (2 Pe 3.8). O apóstolo ainda nos lembra que Deus não é "tardio", esquecendo suas promessas. Ele é longânimo para conosco, não desejando que alguém se perca, mas que todos cheguem ao conhecimento da verdade, e se arrependam (2 Pe 3.9). Eis porque o o Dia do Senhor ainda não veio.

VII - Uma Advertência para Todos (Ap 22.11)

> *“Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.”*

Tendo em vista a vinda do Senhor, hoje é o dia da salvação. A oportunidade ainda está aberta. Mas um dia virá quando será tarde demais.

Num certo sentido, as pessoas determinam seus destinos com suas próprias escolhas. "Aquele que é injusto", isto é, os que desagradam a Deus, desprezam-lhes os ensinamentos e advertências, são os que também perseguem, ou simplesmente ignoram os crentes em Cristo.

O imundo é aquela cujos hábitos e conversações são sujos e tolos. Ele não está preocupado com a pureza e a decência; rejeita as exortações da Bíblia. Consequentemente, continua em seus pecados. Quando Jesus vier, será muito tarde.

Por outro lado, o Apocalipse é um grande conforto aos crentes - os justos e santos que continuam em santidade, aguardando o retorno de Cristo. Quem se dedica ao serviço divino, possui hábitos que agradam a Deus; é uma pessoa justa, correta, hones¬ta e boa. É alguém purificado pelo sangue de Jesus. Tenta ser como Jesus. Procura fazer o que é certo aos olhos de Deus.

O versículo 11 deve também ser entendido à luz do versículo 12. Quando Jesus vier, será determinada então a recompensa de cada um. Jesus ensinou esta mesma verdade na Parábola das Dez Virgens (Mt 25.11,12).

Não haverá segunda chance se desperdiçarmos as oportunidades, escolhendo o que é contrário à Palavra de Deus e à sua vontade.

VIII - Vindo com a Recompensa (Ap 22.12,13)

> *"E, eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra. Eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro."*

Esta é a quinta vez no Apocalipse que Jesus diz que breve virá (Ap 2.5,16; 3.11; 22.7). Repete mais uma vez: "Eu venho sem demora". É uma expressão que tem por finalidade desenvolver uma atitude que Deus quer que toda a Igreja possua no desenrolar de sua história: estar sempre pronta para o iminente retorno de Cristo.

Esta é a última hora (1 Jo 2.18). É a última dispensação. O próximo grande evento no programa profético de Deus é o retorno de Cristo para levar sua noiva (1 Ts 4.16,17).

Quando Jesus vier, trará consigo o seu galardão. Tanto no julgamento do tribunal de Cristo, como no julgamento do grande Trono Branco "cada um receberá de acordo com a sua obra" (1Co 3.15; 2 Co 5.10; Rm 2.16; Ap 20.12). O julgamento será baseado não na quantidade de obras, mas no espírito, motivação e amor que a pessoa demonstrou para com as coisas de Deus (Mt 18.23-35; 25.14-30; 1 Co 3.13-15; 13.3).

O que Jesus disse é confirmado posteriormente por sua declaração: Ele é o "Alfa e o Ômega", o Deus eterno. Ele é "o princípio e o fim, o primeiro e o último". Ele é chamado de princípio porque "todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). Portanto, Ele foi antes de todas as coisas (Cl 1.17). É o fim, porque nEle tudo se consuma.

IX - Duas Escolhas, Dois Destinos Diferentes (Ap 22.14,15)

> *"Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas. Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idolatras, e qualquer que ama e comete a mentira."*

Nos versículos 14 e 15, dois destinos diferentes são colocados outra vez diante de nós. Como pano de fundo (v.17), Jesus chama-nos a atenção à Nova Jerusalém. Os que obedecem aos seus mandamentos, amam a Deus e ao próximo. Eles terão permissão para entrar na cidade (Jo 14.15,21; 15.9-14; 1 Jo 2.3,4; 3.22,24; 5.2,3). Lá, espera-os plenas bênçãos de Deus.

Eles terão direito à árvore da vida. Novamente é enfatizado que eles sairão e entrarão livremente pelos portões da nova Jerusalém.

Alguns manuscritos antigos trazem a seguinte versão: "Aqueles que lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro", em vez de "aqueles que guardam os seus mandamentos". O significado e o resultado final serão na realidade os mesmos (Ap 2.14-17).

"De fora" significa ser lançado no lago de fogo, onde ficarão os "cães". Segundo a Lei de Moisés, o cão era considerado imundo. Fora ficarão também os falsos mestres; os feiticeiros, incluindo os que usam drogas; os que se prostituem, incluindo todas as imoralidades sexuais; os homicidas; idolatras; e "aqueles que amam e praticam a mentira", incluindo os fundadores e seguidores das falsas religiões.

Foi uma mentira de Satanás que provocou a queda da raça humana (Gn 3.1-5; Jo 8.44). Assim, quando alguém desvia-se das verdades do Senhor, tira a Deus do trono da sua vida, e coloca-se a si mesmo no trono, tornando-se idolatra. Toda idolatria é um tipo de mentira, uma negação da verdade divina. Todo o que pratica a mentira está enganando unicamente a si mesmo.

A mentira é o último pecado condenado na Bíblia. A advertência contra aqueles que amam e praticam a mentira é o clímax de uma série de advertências em Apocalipse 21 e 22. Fica claro, nestas passagens, que os mentirosos serão lançados no lago de fogo (Ap 21.8). Ninguém que pratique a mentira poderá entrar na Nova Jerusalém (Ap 21.27). Os que amam e praticam a mentira ficarão eternamente do lado de fora.

X - A Mensagem do Anjo é Confirmada por Jesus (Ap 22.16)

> *"Eu, Jesus, enviei o meu anjo, para vos testificar estas coisas nas igrejas: eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã."*

Jesus confirma ter enviado seu anjo "para testificar estas coisas às Igrejas". Ele quer que a mensagem espalhe-se por todos os lugares até à sua vinda. Semelhante convite, já fizera quando ministrava na terra (Mt 11.28).

A seguir, Jesus identifica-se como "a raiz e a geração de Davi", o cumprimento das promessas divinas feitas ao filho de Jessé quanto a um trono eterno (Is 11.1-12; Rm 1.3). Ele é também "a resplandescente estrela da manhã". A estrela da manhã talvez seja uma referência ao próprio Sol, e não ao planeta Vênus. O Antigo Testamento vê o Sol como a estrela que traz a manhã. Sim, Jesus é o prometido Sol da justiça (Ml 4.2; SI 84.11; Mt 17.2; 2 Pe 2.19; Ap 1.16).

XI - Um Convite Insistente (Ap 22.17)

> *"E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida."*

Este capítulo já tem destacado o Pai (Ap 22.6,9) e o Filho (Ap 22.16). Agora a atenção é voltada ao trabalho do Espírito Santo. Esta última menção do Espírito Santo, na Bíblia, sublima o seu grande trabalho e ministério na Igreja. O Espírito Santo inspira a Noiva a juntar-se a Cristo. Tal imagem fora utilizada por Isaías (Is 55.1-11).

O evangelismo que precisa ser feito ante do retorno de Jesus, somente será efetuado por crentes cheios do poder do Espírito Santo (At 1.5-8; 2.4). Para que o convite produza frutos, a Igreja deve contar com a cooperação do Espírito Santo.

XII - Não Acrescentes nem Retires Nada do Livro (Ap 22.18,19)

> *"Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele às pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro."*

Devido ao fato de o próprio Jesus testificar acerca da veracidade do Apocalipse, deveríamos ser mui cuidadosos quanto à forma com que o tratamos. A advertência final é um contraste com as bênçãos dadas no início. Aqui, são prometidas bem- aventuranças aos que leem e ouvem a profecia. Mas, agora, são deixadas advertências. O livro, pois, não pode ser tido como algo comum, pois é a Palavra de Deus.

Se alguém adicionar qualquer coisa ao livro, seja proveniente de seu próprio raciocínio ou especulação, ser-lhe-ão acrescentadas "as pragas que estão escritas neste livro". Isto é: não serão arrebatados juntamente com a Igreja, mas ficarão para trás, e hão de ser enganados pelo Anticristo. Sofrerão todas as pragas descritas nos capítulos 9 a 16 do Apocalipse.

Tendo em vista os falsos profetas, tal advertência faz-se mui necessária (Mt 24.11). Falsos mestres e profetas pervertem o significado das Escrituras deliberadamente. Já no tempo de Paulo, agiam assim, quanto mais agora (G1 1.6-8). Mas à semelhança dos bereanos, precisamos examinar cuidadosamente a Bíblia para que jamais venhamos a ser enganados (At 17.10,11).

Deve ser observado também que a advertência de Jesus não é concernente as diferentes traduções da Bíblia. Cada língua humana possui uma maneira específica de dizer uma mesma coisa. Mesmo assim, nossos tradutores devem primar pela fidelidade aos originais. Quanto aos que torcem a Palavra de Deus, muito cuidado! Lembremo-nos de que o texto fora de seu contexto dá sempre ocasião aos erros e heresias. Os que assim procederem, Deus tirará a sua parte da herança prometida; seus nomes serão riscados do livro da vida; não poderão entrar na Nova Jerusalém. O destino dos tais será o lago de fogo.

Apesar de os versículos 18 e 19 lidarem especificamente com as profecias do Apocalipse, o mesmo princípio aplica-se a toda a Bíblia. Moisés falou ao povo de Israel: "Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem nada diminuireis dela, para que guardeis o mandamento do Senhor vosso Deus, que eu vos mando" (Dt 4.2). Jesus fez igual advertência: "Até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido" (Mt 5.18).

XIII - A Promessa Final (Ap 22.20)

> *"Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho, Amém. Ora vem, Senhor Jesus."*

O próprio Jesus testificou ser tudo verdadeiro o que se acha escrito no Apocalipse. "Certamente" poderia ser traduzido por "sim, de fato". Sua última promessa repete a certeza de que Ele cedo virá. Sua chamada é urgente. Ele deseja que vivamos aguardando seu iminente retorno. Andemos, pois, na luz (Is 2.2-5). Purifiquemo-nos a nós mesmos "assim como ele é puro" (1 Jo 3.2,3).

Respondamos, pois, como João: "Ora vem, Senhor Jesus". Além de ser uma expressão que demonstra o anseio pela volta de Cristo, esta oração é um reconhecimento de que, realmente, estamos esperando pela sua vinda para completar-nos a redenção. Teremos de esperar por sua vinda para gozarmos a plenitude de nossa herança. Quando Ele vier, o mal e o pecado serão derrotados. E as promessas das boas coisas do Reino de Deus hão de se concretizar.

Os que amamos a Jesus, amamos consequentemente a sua volta. Esperemos, por conseguinte, pelo seu breve retorno. Que esta visão jamais se apague.

Estejamos certos quanto às verdades proféticas deste livro, porque aquEle que testifica é o Verbo Deus (Jo 1.1,14; Ap 19.13). Ele é a resplandecente estrela da manhã (Ap 22.16), o Sol da Justiça (Ml 4.2). Virá para levar os crentes à casa do Pai (Jo 14.1-3; 1 Ts 4.16-18). Também virá para reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores (19.16). Mantenhamos

viva esta esperança, amando e desejando o seu retorno até que o dia amanheça (2 Tm 5.8; 2 Pe 1.19).

Que os descrentes achem estranho o fato de não nos juntarmos a eles em seus desejos, imoralidades e outros excessos. Não nos ajuntamos a eles, pois sabemos que devemos prestar contas a Cristo, que julgará os vivos e os mortos (1 Pe 4.3-5). Não nos ajuntamos a eles, porque temos em vista uma maravilhosa e gloriosa recompensa. Nossos corações acham-se plenos do amor de Cristo, que deseja converter os pecadores dos seus maus caminhos. Temos tido, de igual modo, uma experiência real com Jesus. Seu retorno é certo. É a convicção de nossos corações. Num mundo onde o mal, a corrupção, a violência e todos os tipos de perigos aumentam, esta certeza é a esperança que nos mantêm em pé.

XIV - A Bênção (Ap 22.21)

"A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém."

O Apocalipse termina com uma benção, assegurando-nos que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo estará conosco até que Ele venha. Sua graça inclui não somente seu favor imerecido, que providencia o perdão de nossos pecados, como também poder para vivermos uma vida santa até o final (Tt 2.11-14). Acrescentemos, pois, o nosso "amém" a esta bênção.

Notas

Introdução

(1) R.C.Charles, A Criticai and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John, 2 volumes. The International Criticai Commentary. S. R. Driver, A Plummer, and C.A. Briggs (Edinburgh, United Kingdom: T. and T. Clark, 1920), mostra o que os escritores entre o sétimo e o nono século disseram sobre os escritos de Papias.

(2) Ibid., 367

(3) Ibid.

(4) Anthony A. Hoekema, The Bible and the Future (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1979),235.

(5)Ernest S. Williams, Systematic Theology (Springfield, Mo.: Gospel Publishing House, 1963), 3:224,233.

Capítulo 1

(1) Eusebius, The Ecclesiastical History, Kirsopp Lake and J. Oulton (Cambridge: Harvard University Press, 1970), 3.20.9; 3.23.4; 3.31.2.

(2)A maioria dos dicionários gregos mostra que o significado da palavra é incerto. Pode ser que seja uma mistura natural de ouro e prata.

(3)Isbon T. Beckwith, The Apocalypse of John (New York: Macmillan, 1919), 445.

Capítulo 2

(1) Ibid., 450.

(2) Irenaeus, *Against Heresies, em The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenaeus*, volume 1, The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts and James Donaldson (Edinburgh, 1867; reimpressão, Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co.; 1973), 26:3.

(3) *The Martyrdom of Polycarp, em The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenaeus*, volume 1, The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh, 1867; reimpressão, Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1973), 13.

Capítulo 3

(1) Robert H. Mounce, *The Book of Revelation, New International Commentary on the New Testament*, ed. F.F. Bruce (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1977), 117, sugere que, tendo em vista ser a congregação pequena, não tinha um impacto maior na cidade.

(2) William Barclay, *The Revelation of St. John, 2 volumes. The Dayle Study Bible*, 2 ed. (Philadelphia: The Westminster Press, 1960), 1:165.

(3) Beckwith, 482.

Capítulo 4

(1) George Eldon Ladd, *A Commentary on the Revelation of John* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co.,1972), 75.

(2) Ibid., 89.

(3) Martin Kiddle, *The Revelation of St. John*, vol.17, *The Mojfatt New Testament Commentary*, ed. James Moffatt (London: Hodder and Stoughton, 1963), 89.

(4) Charles, 1:119.

(5) Agostinho, The Harmony ofthe Gospels, em St. Augustine: Sermon on the Mount, Harmony ofthe Gospels, Homilies on the Gospels, vol.6, The Nicene and Post-Nicene Fathers, ed. Philip Schaff (Edinburgh, 1867; reimpressão, Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1956), 6.9.

Capítulo 5

(1) Mounce, 142.

(2) G.R. Beasley-Murray, *The Book of Revelation, New Century Bible* (Greenwood, S.C.: The Attic Press, 1974), 120-123.

(5) Uma expiaçao limitada é ensinada principalmente pelos calvinistas.

Capítulo 6

(1) Tim Lahaye, Revelation, rev. ed. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1975), 98.

(2) Henry M. Morris, The Revelation Record (Wheaton: Tyndale House Publishers, 1983), 112.

(3) E. W. Bullinger, The Apocalypse (Greenwood, S.C.: Atticc Press, 1972), 252.

(4) Kiddle, 119.

(5)Mounce, 139, sugere que estas vestes são, na verdade, corpos glorificados ou espirituais dados antes da ressurreição. John F. Walvoord, The Revelation of Jesus Christ (Chicago: Moody Press, 1966), 134 ff., diz que, no estado intermediário, as almas possuem um corpo provisório. Mounce, 160, sugere que eles são símbolos de bênçãos e pureza da justificação. Ver também J.A. Seiss, The Apocalypse (Philadelphia: Westminster Press, 197:7), 148.

(6) Beckwith, 528; Philip E. Hughes, The Book ofRevelation (Leicester, England: Intervarsity Press, 1990), 90.

Capítulo 7

(1) Beckwith, 535; Ladd, 114.

(2) Walvoord destaca que tanto Charles Hodge, um pós- milenista, e William Hindrickson, um amilenista, interpretam os 144.000 como as primícias da nação de Israel. São os hebreus restaurados espiritualmente.

(3) Beckwith, 539.

(4) Beasley-Murray, 147.

Capítulo 8

(1) Kiddle, 146.

(2) Ladd, 125.

(3) Bullinger, 296.

(4)Morris, 146ff.

(5) G. H. Lang, The Revelation of Jesus Chríst (London: Oliphanst Ltd., 1945), 169.

(6) Caird, The Revelation of St. John the Divine, Harper's New Testament Commentaries, ed. Henry Chadwick (New York: Harper and Row, 1966), 117.

Capítulo 9

(1) Bullinger, 316.

(2) Hughes, 108.

(3) Beckwith, 561.

(4) Joseph M. Gettys, How to Study the Revelation (Richmond, Va.: John Knox Press, 1946), 57.

(5) Ladd, 132.

(6) Charles, 1:243.

(7) Mounce, 196.

(8)Donald Grey Barnhouse, Revelation: An Expository Commentary, God's Last Word (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1971,) 169-171.

(9) Kiddle, 158.

(10) Henry Barclay Swete, Commentary on Revetation (London: MacMillan ,1911; reprint, Grand Rapids: Kregel Publications, 1977), 118.

(11) Cf. LaHaye, 137 .

(12) Beckwith, 563 .

(13) Beasley-Murray, 163.

(14) Ladd, 135.

(15) Cf.Morris, 165.

(16) Gettys, 58.

(17) Caird, 123.

Capítulo 10

(1) Barnhouse, 179.
(2) Beasley-Murray, 170.
(3) Gettys, 64.
(4) Barclay, 2:66.
(5) Hughes, 117.
(6) Ladd, 145.
(7) Charles, 1:68.
(8)Earl Palmer, The Communicator's Commentaray,l ,2,3 João, Revelation (Waco, Tex.: Word Books, 1982),191.
(9)Cf.F. Blass And A. DeBunner, A Greek Gramar of the New Testament and Other Early Christian Literature , trad. Robert W. Funk (Chicago: The University of Chicago Press, 1974), 123.

Capítulo 11

(1) Ladd, 150-152.
(2) Kiddle, 193ff.
(3) Morris, 194ff.
(4) Beasley-Murray, 183.
(5) Beckwith, 591.
(6) Walvoord, 181.
(7) Morris, 199-201.
(8)Ver W. A. Bauer, William F. Arndt, and Wilbur Gingrich, A Greekenglish Lexicon of the New Testament and Other Eary Christian Literature (Chicago: The University of Chicago Press, 1979), tachus.

Capítulo 12

(1) Charles, 1:320.
(2) Walvoord, 189.
(3) LaHaye, 167ff.

Capítulo 13

(1) Beckwith, 635ff.
(2) Bauer, Arndt, Gingrich, "charagma" 876.
(3) Seeg. Adolf Deissman, "Bible Studies", trad. Alexander Grieve (Edinbugh: T. Clark, 1923; reprint 1979),240-247
(4) Gettys, 74;Beckwith, 400-411

Capítulo 14

(1) Gettys, 80.
(2) Ibid.,81; Beckwith,657.

Capítulo 15

(1) Bauer, Arndt, Gingrich, nãos.

Capítulo 16

(1) Ver Marvin H. Pope, The Anchor Bible, eds. W.F. Albrightand D.N. Freedman (Garden City, N.Y.: Doubleday and Company, Inc., 1973), 15:21 Edouart Dhorme, A Commentary on the Book of Job, trad. Harold Knight (Nashville: Thomas Nelson Publisjiers, 1984), 18.

(2) Hughes, 173; Kiddle, 318 ; William E. Biederwolf, The Second Coming Bible (Grand Rapids: Baker Book House, 1972), 657.

(3) Cf. Beasley-Murray, 241.

(4) Charles, 2:44; Berckwith, 680.

(5) Biederwolf, 657.

(6) Beckwith, 680.

(7) Biederwolf, 657.

(8) Swete, 205.

(9) Cf. Beckwith, 685; Richardson, 140 ff; Pieters, 275-291.

(10) Charles, 2:52.

(11) Bullinger, 492, 550; e, outros, como Hughes, 127, 179, o tomam para interpretar o mundo como Babilônia.

(12) Cf.Barnhouse, 307.

(13) Vide Theological Dictionary of the Old Testament zakhar,4:69-72.

Capítulo 17

(1) Biederwolf, 678.

(2) Beasley-Murray, 251.

(3) Gettys, 86ff; Beckwith, 690f

(4) Cf. Beckwith, 407, 690-696; Pieters, 222-242.

(5) Esta derivação é sugerida por aquilo que a Bíblia diz. Alguns eruditos anteriormente tinham Babel (ou Bab-ilim) como tradução acadiana de kadinga. Estudiosos modernos crêem que Babilim tenha sido uma forma popular posterior de Babil, mas demonstram incerteza quanto ao seu significado. Ver Oan Oates, Babylon, vol. 94, Ancient People and Places, ed. Glyn Daniel (London: Thames e Hudson, Ltd., 1979), 94:60.

(6) Alguns defendem que havia grandes montes outros menores em Jerusalém; cf. Bierderwolf, 667.

(7) Wilfrid J. Harrington, Understanding the Apocalypse (Washiton: Corpus Books, 1969),120ff.; Charles,2:69.

(8) Hans Lilje, The Last Book of the Bible, trad. Olive Wyon (Philadelphia: Muhlenberg Press, 1957),227.

(9) Barnhose,329; Morris,337.

(10) Hugles, 186.

(11) Barnhouse,330.
(12) Ladd, 231ff.; Beckwith,700.

Capítulo 18

(1) LaHaye, 238ff.
(2) James B. Prichard, ed., Ancient near Eastern Texts Relating to the Old Testament, 2nd ed. (Princeton University Press, 1955), 315. John Bright, The Kingdon of God (N.Y.: Abinbdon- Cokesburgury Press, 1953), 157. Charles F. Pfeiffer , Old Testament History (Grand Rapids:Baker Book House, 1987),473.
(3) John A. Broadus Lectures on the History of Preaching (New York: Sheldon & Co.,1876),181.

Capítulo 19

(1) Ladd, 245.
(2) Walvoord,269.
(3) Swete, 244.
(4) Ibid., 242.
(5) Outros incluem tanto anjos como crentes; cf. Hugles, 199.
(6) Beasley-Murray 283ff.
(7) Barnhouse,362.

Capítulo 20

(1) Biederwolf, 695ff.
(2) Ibid,707.

Capítulo 21

(1) Alguns postulam que, desde que foi Deus quem criou a terra, esta deve ser eterna. Mas a mesma premissa daria base para afirmarmos que a salvação é universal e independe da fé em Jesus. Cf. Hughes, 222.
(2) Kiddle, 41 lff.
(3) Ibid., 429.
(4) Cf. LaHaye,312.
(5) Cf. Biederwolf, 715-718.

SÉRIE
Comentário Bíblico

APOCALIPSE

As coisas que brevemente devem acontecer

Stanley M. Horton

"Conheço pessoalmente o irmão Stanley Horton há bastante tempo. Ele é considerado pelos eruditos um dos maiores teólogos da atualidade. A presente obra contém uma exposição detalhada, exegética e devocional do Apocalipse - um dos livros mais difíceis da Bíblia. Com total segurança no manejo da Palavra de Deus, o Dr. Horton expõe e elucida os fatos e verdades sobre as últimas coisas."

ANTONIO GILBERTO
Editor da *Bíblia de Estudo Pentecostal* em português
e Consultor Teológico da CPAD

O AUTOR

Professor do Central Bible College e do Seminário Teológico das Assembléias de Deus em Springfield, Missouri. Autor dos livros: *O que a Bíblia Diz sobre o Espírito Santo, 1 e 2 Pedro* (Série Comentário Bíblico), *Doutrinas Bíblicas* e *Teologia Sistemática*.

ISBN 85-263-0332-5